



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

DAYANNE SOUZA FIGUEIREDO

**O ARROCHA: O “NOVO” RITMO NORDESTINO – Uma
discussão sobre desvalorização social.**

São Cristóvão/SE

2015

DAYANNE SOUZA FIGUEIREDO

**O ARROCHA: O “NOVO” RITMO NORDESTINO – Uma discussão
sobre desvalorização social.**

Dissertação apresentada como requisito final para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal de Sergipe.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha

São Cristóvão/SE

2015

COMISSÃO JULGADORA

Dissertação da Discente: **DAYANNE SOUZA FIGUEIREDO**, intitulada **O ARROCHA: O NOVO RITMO NORDESTINO – Uma discussão sobre desvalorização social**, defendida e aprovada em 31/08/2015 pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Michelle Menezes Wendling
(Examinadora externa ao programa – UERJ)

Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho
(Examinador interno)

*Aos amados familiares e amigos; Ao meu pai (In
memorian).*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e ao universo por proporcionarem a proteção e a força suficiente, me permitindo conseguir chegar até o final da concretização de uma das etapas mais importantes da minha carreira profissional.

A realização deste trabalho não se tornaria possível sem a orientação e o apoio do Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha, o qual possibilitou incontáveis aprendizados durante esses dois anos. Agradeço à Dra. Vera Malagutti Batista pela contribuição durante a qualificação desse trabalho, à Prof.^a Dra. Michelle Wendling e ao Prof. Dr. Daniel Coelho por aceitarem fazer parte da banca de defesa do mesmo. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento prestado à pesquisa. Agradeço também aos funcionários e servidores da Universidade Federal de Sergipe, em especial, ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Aos colegas do mestrado, agradeço pela troca de experiências e aprendizados, companhia e cafés semanais.

Agradeço aos participantes da pesquisa, aos "arrocheiros" e todas as pessoas que possibilitaram a coleta de dados para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço imensamente à minha família por todo o suporte e encorajamento que me deram. À minha mãe por todo o amor e companhia. A Eduardo, que se disponibilizou para que eu pudesse fazer as viagens necessárias à pesquisa. Obrigada ao meu irmão Diego pelas conversas e ideias semeadas.

Obrigada, May, por sempre estar ao meu lado, obrigada Tia Jane e toda essa família que esteve ao meu lado em todos os momentos, dando o suporte necessário. Obrigada aos queridos amigos do Teatro por me divertirem e tornarem todo esse período o mais leve possível. Agradeço especialmente ao querido Samuel, por ter me apoiado desde o início da pesquisa, disponibilizando o seu material de captura de áudio e me ajudando com tabelas e gráficos, sendo um amigo surpreendente e prestativo.

Que todo o amor, os abraços, os sorrisos e as caminhadas sejam sempre ao lado de vocês. Muito obrigada!

“Trata-se de um movimento social focado nas classes inferiores. Assim como no Rio, os bailes de Arrocha acontecem geralmente em clubes sociais de bairros mais humildes de Salvador e das cidades do interior da Bahia e de outros estados do nordeste...” (PORTAL DO ARROCHA, s/d)

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o ritmo musical genuinamente nordestino e de origem baiana, o Arrocha, inspirado na música brega, bem como, sobre a sua vinculação a determinado segmento social, como por exemplo, classes trabalhadoras com remunerações menos favorecidas, tais como feirantes, empregadas domésticas e pedreiros, conforme mencionado por alguns entrevistados. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, tem-se como basilar as obras de Vera Malaguti, Gilberto Freyre, Paulo Cesar de Araújo, Durval Muniz Albuquerque e Hermano Vianna, além da utilização de reportagens e páginas online para o desenvolvimento das entrevistas e pesquisa de campo. Para tanto, parte-se da definição do Arrocha descrita em uma página online que apresenta uma comparação deste ritmo com o Funk Carioca, visto que ambos são criticados por muitas pessoas, fato que podemos observar com facilidade em comentários disponíveis em redes sociais, mas em contrapartida, têm um público significativo e atingem grande sucesso de vendas. Partindo da ideia de que o Arrocha é voltado para as classes populares, nesta pesquisa qualitativa foi utilizada a pesquisa de campo com observações, entrevistas e fotografias, tendo como objetivo desenvolver análises e discussões sobre o local que o Arrocha ocupa na sociedade brasileira, suas convergências, divergências e os possíveis motivos das mesmas entre o Arrocha, o Funk Carioca e outros ritmos brasileiros. Foram discutidos também os motivos da desqualificação, marginalização ou desvalorização dos mesmos por parte da sociedade e os possíveis vínculos entre tal desqualificação ao público a que se destina e que lhe garante tanto sucesso. Com a experiência da pesquisa, os dados produzidos explicitaram a relação entre o preconceito de classes disfarçado de preconceito musical ou estético, além de ressaltar a necessidade de maiores explorações científicas sobre a manifestação cultural, Arrocha.

Palavras-chave - Arrocha; Funk Carioca; Sociedade; Preconceito; Desqualificação; Marginalização.

RÉSUMÉ

Cet article s'occupe d'un rythme véritablement provenant du Nord-Est brésilien, plus spécifiquement de la Bahia. C'est l'Arrocha, lequel est inspiré par la musique collante. D'ailleurs, cet étude s'agit du rapport entre ce rythme et un groupe social particulier, celui des classes ouvrières dont les rémunérations sont plus défavorisées tels que des forains, des servantes et des maçons, comme mentionné par certains répondants d'une enquête. Les oeuvres fondamentales qui ont servi d'appui à cet article sont celles de Vera Malaguti, de Gilberto Freyre, de Paulo Cesar de Araujo, de Durval Muniz Albuquerque et d'Hermano Vianna. En outre, on a utilisé des reportages et des pages en ligne pour développer des entrevues et la recherche sur le terrain. A cet égard, l'Arrocha est décrit dans une page en ligne par moyen d'une comparaison avec le Funk Carioca, puisque les deux rythmes sont critiqués par les gens, ce qui peut être aperçu facilement dans les commentaires disponibles dans les réseaux sociaux. En revanche, l'Arrocha et le Funk Carioca ont une audience considérable et atteignent grosses ventes. Cette recherche qualitative part de l'idée selon laquelle l'Arrocha est destiné à la classe ouvrière et pour cette raison nous avons utilisé la recherche sur le terrain avec des observations, des interviews et des photographies en envisageant développer des analyses et des discussions sur le site occupé par l'Arrocha dans la société brésilienne, les convergences et les différences avec d'autres rythmes. En plus, on discute les raisons de la disqualification, de la marginalisation et du mépris de l'Arrocha par la société et même des possibles liens entre la désapprobation publique du rythme et son succès. À partir de l'expérience de la recherche, les données produites explicitent que le préjugé social est déguisé en préjugé esthétique, et soulignent le besoin de continuer les explorations scientifiques sur cette manifestation culturelle, l'Arrocha.

Mots-clés - Arrocha; Funk Carioca; Société; Préjugé; Disqualification; Marginalisation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo 1 - APRESENTAÇÃO DO ARROCHA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	19
1.1 – O ARROCHA E A DESVALORIZAÇÃO DO RITMO.....	25
1.1.1 – É SOM DE PRETO? – Para Além do Arrocha – Os ritmos musicais originados na periferia.....	30
1.1.1.1- A Música Brega.....	30
1.1.1.2 – O Funk Carioca	34
1.1.1.3 – O Samba.....	40
1.2 – A DESQUALIFICAÇÃO ESTÉTICA, O PRECONCEITO SOCIAL E OS QUESTIONAMENTOS DA PESQUISA	44
Capítulo 2 - O PERCURSO METODOLÓGICO E A INSERÇÃO NO CAMPO:	49
2.2 – ETAPAS DA PESQUISA	51
2.2.1 - Conhecer o Portal do Arrocha	51
2.2.2 – Conhecendo o arrocha de perto.....	54
2.2.4 Conhecendo o público do arrocha.....	64
2.2.5 Vivendo as festas de <i>arrocha</i>	69
Capítulo 3 - AS DESCOBERTAS PROPORCIONADAS PELO TRABALHO DE PESQUISA	73
3.1 AFINAL, O QUE É O ARROCHA?.....	73
3.2 DA PERIFERIA BAIANA PARA TODO O BRASIL – O ARROCHA, O NORDESTE E O PRECONCEITO.....	78
3.2.1 – “Perna Dentro De Perna” - A Sensualidade Selvagem Dos Cafonas	85
3.2.2 – “Tá Na Sofrência” – O Sentimentalismo “Brega” e a Desvalorização Dos Ritmos	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97

APÊNDICES	100
APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO UTILIZADO	101
APÊNDICE B - ENTREVISTAS	102
APÊNDICES B.1 - ENTREVISTAS VIA E-MAIL	155
APÊNDICE B.2 – ENTREVISTA VIA SKYPE	159
APÊNDICE C – DIÁRIO DE CAMPO.....	171
APÊNDICE D – FOTOGRAFIAS	176
APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DISPONIBILIZADO NA INTERNET	181
APÊNDICE E.1 - RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO:	182

INTRODUÇÃO

Pesquisar sobre o Arrocha foi uma possibilidade que surgiu diante do meu interesse e curiosidade sobre o lugar da música na sociedade. Sabemos que os ritmos musicais são manifestações culturais que surgem em contextos sócio-histórico-culturais determinados e servem como opção de lazer para muitas pessoas. Porém, cada ritmo musical possui a sua história e sua ligação com determinada cultura, assim como o Arrocha, que apesar de ser um ritmo baiano, tem sido tocado com muita frequência em Sergipe e vem ganhando espaço em todo o Brasil.

O Arrocha surgiu em Candeias, na Bahia, inventado pelo cantor Pablo. É um ritmo influenciado pelas músicas bregas de seresta que mistura letras românticas com uma dança sensual. Após um tempo de surgimento, o arrocha ganhou espaço nas rádios FM do Brasil e começou a conquistar público, atraindo milhares de pessoas para os shows de artistas que trabalham com a veiculação de músicas desse ritmo. Porém, apesar do seu grande sucesso e da sua visibilidade em meios midiáticos, o Arrocha recebe diversas críticas e ainda é desvalorizado por muitas pessoas, assim como o Funk do Rio de Janeiro que embala várias festas em todo o Brasil.

Por outro lado, podemos encontrar um exemplo das críticas recebidas pelo Arrocha, no site Bahia Notícias¹, que divulgou uma matéria sobre as críticas proferidas pelo cantor e compositor Jorge Vercillo, afirmando que as músicas sertanejas, do arrocha e do axé, denominados pelo cantor como “mal feitas”, “têm poluído as praias pelo Nordeste, Norte e todo país”. Ainda segundo a matéria divulgada, o cantor e compositor afirmou que critica sim “a péssima qualidade da maioria das músicas que têm sido compostas nesses estilos, e que por escolha dos programadores, artistas e público, essas têm se destacado mais no país” e finalizou declarando que essa era apenas a opinião “mesquinha e individualista” de um burguês.

Parece que há um tipo de deslegitimação do Arrocha como parte da cultura brasileira, mas essa suposta desqualificação seria de fato relacionada ao Arrocha como

¹ Entrevista disponível em: <http://www.bahianoticias.com.br/cultura/noticia/21258-vercillo-critica-sertanejo-arrocha-e-axe-mal-feito-tem-poluido-as-praias-pelo-nordeste.html>.

estilo musical ou estaria ligada ao povo que esse estilo de música representa? A hipótese relacionada com a possibilidade dessa deslegitimação do Arrocha se dá nas contradições encontradas durante observações e pesquisas antes e durante o trabalho de campo realizado.

Tanto o Funk Carioca quanto o Arrocha, são ritmos provindos das camadas mais populares da sociedade. Há uma música do Funk Carioca que fala sobre o seu público - “É som de preto, de favelado, mas quando toca ninguém fica parado...” -, e essa “descrição” levou à curiosidade voltada para o Arrocha, pois, se o Funk Carioca é “som de preto e de favelado”, a quem pertence o som do Arrocha?

Ao decorrer do curso de mestrado em psicologia social, buscamos formas de como pesquisar o objeto “arrocha”, não no sentido estético e musical, mas encarando-o como manifestação cultural e expressão de determinados segmentos da sociedade brasileira. Foi realizado trabalho de campo, composto por entrevistas, viagens, idas a shows e tudo o que mais fosse necessário para mapear e compreender o “mundo do arrocha”.

De acordo com Silva (2004), pesquisar sobre algo ligado ao social, nos coloca frente ao problema da naturalização dos fatores sociais. Dessa forma, torna-se necessário problematizar a noção de sociabilidade, deixando de encará-lo como uma evidência do senso comum e passando a enxergá-lo como um campo passível de problemas a serem investigados e pesquisados, pois o social se dá de forma histórica, é construído ao longo do tempo e não para de se transformar, visto que é constituído pelas diversas práticas da humanidade.

Seguindo esses pressupostos de pesquisa social apresentados por Silva (2004), buscou-se engendrar este trabalho se baseando em fatos históricos a partir de uma pesquisa qualitativa, ou seja, investigamos e pesquisamos sobre a história do arrocha e as suas raízes. Inicialmente, a pesquisa seguiu de forma bibliográfica e midiática, por meio de sites, blogs e páginas online. Porém, houve a necessidade de irmos além e, a partir daí, foram feitas entrevistas e pesquisa exploratória, para assim mapearmos o histórico do arrocha como expressão cultural.

A metodologia utilizada percorre referenciais bibliográficos e pesquisa de campo, com a utilização de observações, fotografias e entrevistas com pessoas que compõem o

“mundo do arrocha”, com o intuito de “investigar” as questões do objeto de pesquisa, além de mapear o histórico do ritmo. As referências utilizadas vão das obras de Gilberto Freyre às obras de Vera Malaguti Batista, Paulo César de Araújo, Durval Muniz de Albuquerque, Hermano Viana, Ana Rieper, entre outros.

A ideia da pesquisa é vislumbrar pela perspectiva social o movimento “arrocha” como um ritmo que de alguma forma representa parte da sociedade, para assim buscarmos entender e investigar as possíveis razões por que tal movimento provoca uma espécie de rejeição e ao mesmo tempo, atrai multidões para as suas festas. A possível rejeição sofrida pelo arrocha é encontrada em alguns discursos dos entrevistados, fazendo com que a discussão sobre essa bilateralidade entre sucesso x preconceito/rejeição que envolve o arrocha se torne plausível.

Devido à escassez de pesquisas acadêmicas relacionadas especificamente ao Arrocha, o caminho do estudo sobre o ritmo baiano e a sua relação com a sociedade acompanhou as obras de referência sobre o funk, brega e o samba. Estes ritmos se assemelham com o arrocha no seu processo de surgimento, como também, passaram por algum tipo de discriminação e desqualificação, assim como pudemos encontrar em alguns materiais midiáticos disponíveis na internet e em bibliografias, tais como as histórias dos ritmos presentes nas obras de Hermano Vianna² e Paulo César Araújo³. Dessa forma, como já foi descrito, o histórico do Arrocha foi traçado mediante pesquisa de campo e os referenciais teóricos sobre o brega também serão utilizados como base, visto que o mesmo é conhecido por muitos como a grande influência para o nascimento do ritmo contemporâneo, o Arrocha.

Faz parte dessa pesquisa, além de investigar a história, investigar o lugar do Arrocha na sociedade brasileira contemporânea e as motivações que engrenam as críticas sobre os aspectos que compõem o ritmo, como também, compreender e discutir a possibilidade de um preconceito de classes ou de região, velado e “disfarçado” de desqualificação musical direcionado ao Arrocha. De acordo com o conteúdo do

² VIANNA, Hermano. O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos, 1987.

³ ARAÚJO, Paulo Cesar de. Eu Não Sou Cachorro, Não Para Ser Tão Humilhado – Música Popular Cafona E Ditadura Militar, 2002.

resultado da pesquisa de campo realizada, tornou-se possível observarmos fatos e discursos variados que nos conduzem para a consideração de tal hipótese.

Faz-se necessário informar aqui que além de pesquisadora pelo mestrado em psicologia social, também trabalho com música nas horas vagas. Desse modo, a inserção no campo permitiu maiores possibilidades dentro da pesquisa, porém, por muitas vezes também foi um dos maiores desafios, já que, em alguns momentos era preciso desvincular-me do papel de musicista para assumir o olhar e a perspectiva de pesquisadora. Era preciso que eu mesma lembrasse a todo o tempo que esta pesquisa não retrata formas estéticas da música, muito menos uma crítica musical ao ritmo pesquisado. Sendo assim, as observações feitas durante a pesquisa foram divididas entre observação simples e observação participante, conceitualizadas por Gil (1999).

Durante o trabalho de campo conversei com muitas pessoas e entrevistei alguns músicos e produtores musicais que trabalham com o arrocha, visitei alguns shows exclusivamente como pesquisadora, e outros a trabalho como musicista (backing-vocal), mas me focando na pesquisa e observando atentamente o espaço da festa nesta perspectiva. Dentre esses dois espaços, foi possível perceber que o discurso que desvaloriza o arrocha como algo simplesmente comercial, está presente também no meio artístico.

Foi utilizado o diário de campo em alguns desses shows para descrever todo o ambiente percebido, para que com as fotografias dos mesmos, pudéssemos ilustrar as festas que possuem, dentre as suas atrações, artistas que trabalham com o arrocha, objetivando compreender e observar o espaço preenchido pelo arrocha e o público que frequenta tais festas.

Os desencontros e as tentativas de contato sem sucesso foram os desafios encontrados no processo das entrevistas, pois, geralmente as pessoas não tinham tempo para a gravação, visto que as entrevistas feitas pessoalmente foram gravadas em áudio. Muitos dos artistas ou produtores residem em outra cidade, o que impossibilitou a realização da entrevista pessoalmente com muitos deles. Outro fator foi a falta de recursos financeiros para arcar com os gastos de todas as viagens que se fizessem

necessárias, o que demandou a necessidade de mais tempo para concluir o trabalho de campo.

Alguns artistas, como por exemplo, Pablo do Arrocha, foram entrevistados mediante um questionário por e-mail, devido à impossibilidade de entrevista-lo pessoalmente. O formato de entrevista por questionário também foi utilizado com o público, assim, pessoas que de alguma forma têm contato com o arrocha participaram da pesquisa por meio de um aplicativo online de formulários. Além das técnicas utilizadas já mencionadas para a coleta de dados, também foram utilizados o diário de campo e fotografias.

Apesar das críticas recebidas pelo ritmo, Pablo, um artista do arrocha, hoje em dia é considerado uma celebridade, fato este que explicita uma contradição entre esses dois pontos: a possível desvalorização do ritmo e o grande sucesso. O que faz com que as pessoas critiquem o arrocha, mas ao mesmo tempo, ele seja tão divulgado e consumido? Devido às limitações da pesquisa para tentar responder os questionamentos como esses, serão priorizadas as falas das pessoas envolvidas no arrocha.

Com todo o trabalho de coleta de dados feito na pesquisa de campo, junto às pesquisas de revisão bibliográfica, objetiva-se com o presente estudo, correlacionar as ideias centrais do funk, do arrocha e de outros ritmos que se originaram em comunidades populares, tais como o samba e o brega, partindo da problemática correspondente à intrigante contradição entre sucesso e crítica relacionada ao Arrocha, que impulsionou o interesse sobre este ritmo, visto que atrai milhares de pessoas e ao mesmo tempo é negado por muitas outras. Objetiva-se também, entender o que define o arrocha e conhecer um pouco mais a história do ritmo, bem como qual seria a relação do arrocha e a possível desvalorização desse ritmo. Recorrer aos ritmos aqui mencionados além do arrocha, se dá pela ausência de bibliografia sobre esse ritmo, e também, devido aos discursos e conteúdos observados durante a pesquisa de campo.

Pudemos encontrar em alguns discursos pessoas que escutam frequentemente músicas do arrocha e, no entanto, não se consideram fãs, não frequentam ou nunca frequentaram um show do ritmo. A questão que envolve essas contradições permeia não só o público, mas também o meio artístico e durante nosso trabalho esbarramos com

músicos que trabalham com o arrocha, mas que afirmam que não deixariam um familiar frequentar o ambiente do show de arrocha, o que nos leva a questionar sobre o que impossibilita o ritmo ser vislumbrado com orgulho por grande parte dos seus ouvintes.

Na página oficial do programa televisivo “Música Boa Ao Vivo”⁴, na imagem de divulgação do Pablo do Arrocha como uma das atrações, é possível encontrar comentário de um telespectador que pergunta onde está a música boa. Porém, também é possível encontrarmos dados que mostram o sucesso do ritmo, como por exemplo, os dados sobre a quantidade de acessos ao site específico de arrocha⁵, que chega a mais de 39 milhões de acessos, como também, sobre a estimativa de público em um show de Pablo, a voz romântica, que em 2014 chegou a atrair 10 mil pessoas⁶, e em 2013 vendeu mais de um milhão de cópias⁷ do seu disco.

Além da introdução e das considerações finais, o trabalho será dividido em três capítulos, em que o primeiro apresentará o problema de pesquisa, apresentando o objeto, nesse caso, o arrocha e as questões que o envolvem, tais a hipótese de desvalorização, bem como, será também apresentado neste capítulo, o problema de pesquisa, ou seja, os questionamentos sobre as possibilidades referentes à relação entre desvalorização e o arrocha. Neste capítulo também discutiremos sobre a história do arrocha e sobre a sua relação junto à história de outros ritmos brasileiros que também já foram alvos de algum tipo de preconceito, tais como o funk, o brega e o samba. Sabemos que tanto o samba, quanto a música brega e o funk foram marginalizados e foram motivos de chacota ou sinônimo de baixa cultura em alguma época da história do país. Será que ainda existem resquícios dessa desvalorização para com esses ritmos? Qual a semelhança entre esses ritmos e o Arrocha?

No segundo capítulo descreveremos todo o processo de realização da pesquisa de campo e os recursos utilizados para tal, bem como sobre a estrutura metodológica deste trabalho, seus percalços e todo o conteúdo colhido nessa pesquisa. Busca-se aqui superar os desafios de lidar com um objeto de pesquisa sem referência bibliográfica

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/MusicaBoaAoVivo/>

⁵ Dados disponíveis em: <http://www.portaldoarrocha.com.br/index.html>

⁶ Dados disponíveis em: <http://noticiasdeparauapebas.com/pablo-arrocha-faz-show-de-abertura-da-fap-2014/>

⁷ Dados disponíveis em: <http://redeglobo.globo.com/se/tvsergipe/forroza/noticia/2013/04/pablo-voz-romantica-vai-colocar-galera-forrozeira-para-arrochar.html>

precedente, ou seja, o Arrocha, apesar de ter surgido há quinze anos, não foi “apreendido” como objeto de pesquisas acadêmicas. As viagens, as entrevistas, os acessos aos sites como coleta de dados serão apresentados nesse tópico como fontes sobre a história do arrocha. Dessa forma, destina-se também à reapresentação do arrocha, retratando a sua história narrada por algumas falas dos entrevistados, bem como por alguns recortes de entrevistas publicadas na internet.

O terceiro capítulo traz os resultados encontrados durante as entrevistas e a inserção no campo, conteúdos que mais chamaram a atenção por revelarem quesitos semelhantes aos apresentados anteriormente, tais como, as possíveis relações entre arrocha, preconceito e sensualidade e abordará os temas principais discutidos durante toda a pesquisa.

Como já foi mencionado, o arrocha é um ritmo genuinamente nordestino. A história regional do “berço do arrocha”, Candeias/BA, será descrita, porém, diferentemente do primeiro capítulo, aqui destrincharemos a história do seu lugar de origem, intercalando com os pontos da história do ritmo apresentados no primeiro capítulo. Tal fator nos levou a considerar necessário retratar o Nordeste e o preconceito de classes ou região, o qual será apresentado de acordo com o que foi pesquisado. Aqui buscaremos discutir as possíveis discriminações e rejeições sofridas, por povos e consequentemente por produtos culturais provindos da mesma região.

É importante destacar que a necessidade de investigar essas possíveis relações se deu pela origem do ritmo ser no Nordeste e pela região ser uma das que mais sofre preconceito no país. Além disso, esse é um ritmo que possui uma dança considerada sensual e contém músicas de duplo sentido que sugerem conteúdos sexuais no repertório de determinados artistas de arrocha. Será que de fato esses quesitos se relacionam com a possibilidade do arrocha sofrer preconceito ou rejeição por parte da sociedade?

Além do que já foi mencionado anteriormente, neste terceiro capítulo também discutiremos sobre a sensualidade, abordando alguns conteúdos de duplo sentido colhidos durante a pesquisa. Ilustrando com trechos de músicas tocadas por bandas que se denominam do ritmo arrocha e algumas falas dos entrevistados a respeito do tema

“sensualidade/sexualidade e arrocha”, com o intuito de dinamizar a discussão e enriquecer o conteúdo apresentado ao decorrer da dissertação. Utilizando bibliografias, tais como a de Gilberto Freyre para alinhar essa discussão sobre os ditos e não ditos da sensualidade/sexualidade do Arrocha e o preconceito de classes que sempre se fez presente na sociedade brasileira. Neste capítulo, um dos maiores desafios discutidos será o “tabu” que envolve o tema sexualidade e sensualidade, e que de certa forma se mostrou como um assunto que os entrevistados não se sentiram muito à vontade para falar.

Nas considerações finais, discutiremos os pontos de encontro e desencontro dos conteúdos abordados ao decorrer da dissertação, com o intuito de reconsiderar os resultados encontrados a respeito do tema pesquisado. Ainda nesse capítulo iremos abordar de forma breve o termo “sofrência” e a sua relação com o arrocha, visto que, o sentimentalismo presente nas músicas de arrocha foi um fator também encontrado de forma relevante nos conteúdos colhidos durante a pesquisa de campo. Sem a intenção de chegar a alguma conclusão concreta, aqui buscamos inferir questionamentos que sugerem a necessidade de maiores pesquisas para a compreensão de todos os fatores discutidos durante o trabalho a respeito do Arrocha.

Sendo assim, partindo da hipótese de que a desqualificação citada anteriormente é uma forma de desvalorizar o seu público e a sua origem, busca-se fazer uma discussão dos temas mencionados acima com a utilização de entrevistas a pessoas que compõem o “mundo do arrocha”. Numa perspectiva social, faz-se necessário também esclarecer que esse trabalho não busca chegar a alguma conclusão fechada. A sociedade vive em constante movimento e conseqüentemente os produtos e fatores que a permeiam, tal como o objeto dessa pesquisa, o Arrocha, que ao decorrer do tempo foi passando por mudanças, as quais acarretaram em uma maior dificuldade para abordar o tema e pesquisar sobre o mesmo.

Capítulo 1 - APRESENTAÇÃO DO ARROCHA E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

“...Venha aprender a nova dança que é sucesso na Bahia. Surgiu no brega de caroba em Candeias, na terra da alegria...” (Melô do Arrocha – Márcio Moreno)

A ideia de se trabalhar com o Arrocha como movimento ou manifestação cultural provém da grande veiculação dos produtos relacionados ao ritmo, bem como, da grande população atraída pelo mesmo, seja por curtirem as músicas, frequentarem as festas ou por se sentirem representados pelos grandes nomes da música do arrocha, como por exemplo, o cantor Pablo.

A página oficial do cantor Pablo, a voz romântica, possui mais de dois milhões de curtidas na rede social, facebook⁸. Além disso, uma das músicas mais tocadas nas rádios do país⁹ é uma música do ritmo, a música “Vai Vendo”, do cantor e ator Lucas Lucco, que apesar de ser conhecido por muitos como um cantor da música sertaneja, traz refrãos e melodias que carregam a influência do arrocha, assim como podemos perceber no refrão da música mencionada anteriormente, que diz: “Esse arrocha é pra você que achou que eu tava aqui sofrendo...”¹⁰.

Observamos no site Portal do Arrocha¹¹, que Sergipe é um dos estados que mais reproduz o Arrocha, mas em contrapartida, a crítica vinculada a este ritmo é comumente disseminada não só nesse estado, como também, em todo o Brasil, como podemos observar nos recortes de algumas matérias midiáticas disponíveis na web, as quais serão

⁸ Página oficial disponível em: <https://www.facebook.com/pages/Pablo-A-voz-romantica>

⁹ Lista das músicas mais tocadas em 2015 disponível em: <http://top10mais.org/top-10-musicas-mais-tocadas/>

¹⁰ Letra disponível em: <http://letras.mus.br/lucas-lucco/vai-vendo/>

¹¹ Dados disponíveis em: <http://www.portaldoarrocha.com.br/index.html>

descritas ao decorrer do trabalho, tais como uma entrevista divulgada pelo site impressão digital126¹²:

“Polêmico, o repórter do caderno de cultura do Jornal A tarde, Chico Castro Junior, defende que certos valores, hoje massificados, sejam revistos. “Eu não sou Regina Casé para cair nessa de achar que tudo que vem da periferia é bonito e é gostoso. Não, é legítimo, isso eu não discuto”, critica. Outro ponto destacado por Chico é o fato de as produções culturais terem se tornado meramente mercadológicas, em detrimento da expressão artística. “Os empresários que lidam com estes gêneros (arrocha, sertanejo, brega) têm grana para poder comprar os espaços, e, com isso, não sobra espaço para os artistas livres, que não querem só entreter as pessoas”, diz.” (Impressão Digital126 –FACOM /UFBA, s/d)

A grande quantidade de artistas que, embora não se denominem como artistas do Arrocha, colocam em seus repertórios músicas desse ritmo, a quantidade de vendas de discos no mercado paralelo dos discos ditos piratas, o sucesso do arrocha, e ao mesmo tempo, a sua classificação como um ritmo não merecedor desse sucesso nos fez questionar qual a motivação das críticas em relação ao Arrocha. Será que as pessoas que desvalorizam esse ritmo baiano, o fazem exclusivamente por não se identificarem com o som musical produzido pelo mesmo, pela suposta básica qualidade estética e musical ou por preconceito contra a população que esse ritmo representa, ou ao menos contra a população que era vinculada ao Arrocha no início do seu surgimento?

Para compreendermos todas essas questões, iniciamos nossa busca por fontes bibliográficas que nos traziam material para a descrição do Arrocha, porém, o material disponível sobre a história do ritmo não era suficiente para esta pesquisa, fato que nos levou à necessidade de uma pesquisa exploratória e de campo, a fim de investigar as questões que envolvem o Arrocha.

É importante ressaltar, que os questionamentos que relacionam preconceito e arrocha, desvalorização e arrocha, apareceram inicialmente de forma superficial, pois, não havia uma pesquisa anterior que considerasse tal hipótese, embora a mesma seja quase da ordem do sendo comum. Ao mesmo tempo, contudo, a definição encontrada

¹² Disponível em: <http://impressaodigital126.com.br/?p=5518>

sobre o Arrocha, disponível no maior site do ritmo, relaciona o mesmo com as classes populares e o compara ao Funk Carioca:

“...Trata-se de um movimento social focado nas classes inferiores. Assim como no Rio, os bailes de Arrocha acontecem geralmente em clubes sociais de bairros mais humildes de Salvador e das cidades do interior da Bahia e de outros estados do nordeste. Atualmente esse movimento começa a se espalhar também para o centro-sul do Brasil. Por tratar-se de um estilo musical apreciado pela população da periferia, começou logo a ser recriminado pela parte elitizada da sociedade, que marginalizou o Arrocha rebaixando o ritmo/movimento restrito ao povo "ignorante das feiras populares". Esse foi o começo do Arrocha... Hoje, assim também como o Funk no Rio, o Arrocha já conseguiu mais espaço na mídia e vem ganhando mais adeptos em outras classes sociais principalmente por se tratar de um produto que vende e que faz muito sucesso.” (PORTAL DO ARROCHA; s/d.)

Sabendo que o funk carioca chegou a ser criminalizado e que ainda sofre preconceito e desvalorização, o problema de pesquisa que encontramos está no questionamento se a desvalorização do arrocha como manifestação cultural e o fato de ser criticado por muita gente, não estariam exclusivamente ligados não a uma questão estética, mas sim, ao preconceito contra segmentos da população brasileira que esse ritmo representa devido à sua origem e história. Ou seja: teríamos, no caso do Arrocha, um preconceito de classes velado e travestido de opinião e gosto musical?

O Arrocha é um ritmo musical originário da Bahia, nascido no Distrito de Caroba na cidade de Candeias, proveniente da seresta, influenciado pela música brega e pelo estilo romântico, com modificações que o tornaram, segundo seus adeptos, mais sensual.

Na página online do cantor Pablo, conhecido como Pablo do arrocha, no tópico sobre a sua biografia, o gênero musical é definido como:

“Ritmo romântico de pegada dançante e sensual, o Arrocha veio proveniente da seresta (festa que acontece em barzinhos do nordeste). O estilo musical originário da Bahia nasceu em Candeias, cidade de Pablo.” (PABLO – A VOZ ROMANTICA – SITE OFICIAL, 2014)

Ainda de acordo com o site, foi o cantor Pablo quem criou o arrocha de forma “acidental”, pois nos seus shows, para incentivar o público a curtir as suas músicas românticas, Pablo dizia “Arrocha!”¹³, e de tanto repetir esse bordão, o verbo virou o gênero musical que passou a ser conhecido por muitos artistas já de renome nacional, como por exemplo, Ivete Sangalo, Cláudia Leitte, Daniela Mercury, entre outros.

No mesmo site, ainda é possível ter acesso à história de vida do cantor, que passou por várias dificuldades para conseguir sobreviver, fato que reforça a relação da classe social popular junto ao histórico do arrocha.

Aos 6 anos, Pablo começou a cantar na noite, ao lado do pai, em Candeias (BA), onde nasceu. Quando completou 13 anos, a família se mudou para Lagarto (SE). Descontente com a mudança, ele saiu de casa com a desculpa de visitar a sua irmã na cidade onde morava. Lá, encontrou um amigo, que o convidou para cantar enquanto tocava teclado. O jovem nunca aceitou, mas voltou para casa. Depois de um tempo, o seu companheiro foi embora e, sem o tecladista, começou a sua luta para sobreviver. Neste período, vendeu picolé, frutas e verduras para conseguir se manter. Aos 15 anos recebeu um convite para ser integrante, como vocalista, da banda Asas Livres. Foi neste conjunto que Pablo firmou o seu nome com a criação do ritmo arrocha. (PABLO – A VOZ ROMANTICA – SITE OFICIAL, 2014).

Após alcançar a fama, Pablo chegou a vender mais 1 milhão de cópias do seu trabalho, saiu de uma produção independente e foi contratado pela Som Livre, gravadora do mesmo grupo empresarial da Rede Globo de Televisão, fez parceria com o Grupo Arrocha, projeto e banda que acompanha Pablo, passou a receber convites para se apresentar em programas de tv, como por exemplo, o Domingão do Faustão da Rede Globo, entre outros. Pablo tem mais de um hit conhecido pelo seu público, dentre eles, os mais conhecidos são: *A Casa ao Lado*, *Fui Fiel*, *Pecado de Amor*, *Porque Homem Não Chora*, etc. Curiosamente, a maioria das músicas mais conhecidas de Pablo são construídas com letras que falam de perdas e de relações amorosas, ainda que seja importante ressaltar que nem todas as músicas interpretadas pelo cantor são composições suas.

¹³ Arrochar, de acordo com o Dicionário do Aurélio online, significa: “apertar com arrocho, apertar muito”. Disponível em: www.dicionariodoaurelio.com.br/arrochar

Sabemos que Agenor Apolinário, mais conhecido como *Pablo do Arrocha* ou *Rei da Sofrência* é o mais conhecido como percussor do Arrocha, mas existem outros nomes importantes no desenvolvimento e divulgação do ritmo. O cantor Márcio Moreno, atualmente cantor evangélico, cantava uma música chamada “Melô do Arrocha”, a qual conta a história do ritmo de forma breve.

Venha aprender a nova dança que é sucesso na Bahia/Surgiu no brega de caroba em Candeias/ Na terra da alegria/ As piriguetes tão dançando tão/E as lacraias arrochando tão/Mas os homens tão adorando/Porque a moda é dançar arrochando/Arrocha,arrocha,arrocha,arrocha (...) E vai descendo bem gostoso bem gostosinho até matar painho(...) E o Prefeito aprovou/ e a Policia liberou/Até Varela e Casemiro sobre essa dança outro dia brigou/Mas ela é das piriguetes/E dos putões também./Venha pro brega de Caroba arrocha com a gente também (...) (MORENO, 2003)

A letra traz um resumo do que significaria o ritmo Arrocha, que além de se tratar de um ritmo musical, se configura também em um estilo de dança, fato que vai conquistando o público cada vez mais, sendo relacionado também à sexualidade. O “melô do arrocha”, no trecho em que fala que o arrocha é “das piriguetes e dos putões também”, trouxe o questionamento sobre quem representa esse ritmo? Além disso, para crescer e ser divulgado como um ritmo musical ou manifestação cultural, seria de fato necessária a aprovação do prefeito e a liberação da polícia, assim como a letra da música traz?

No site *Salvador Notícias*¹⁴, encontramos uma entrevista de 2008 feita com Márcio Moreno, conhecido também como *Rei do Arrocha* na época. No conteúdo de introdução a entrevista, consta que o Arrocha surgiu em Candeias no ano 2000 arrastando multidões dos bairros das periferias “da classe CDE” da Bahia, sendo um ritmo provindo da seresta e composto por uma batida de bumbo e um compasso de três no teclado. Márcio Moreno lançou cinco CD’s no mercado da pirataria, até ser chamado pela mesma gravadora que gravou o trabalho de *Pablo do Arrocha*, a gravadora *Pato Discos*. O trabalho de Márcio Moreno, que de soldado de polícia há 11 anos, passou a ser conhecido como cantor de arrocha, chegou a ficar entre os 50 títulos mais vendidos

¹⁴ Disponível em: <http://www.salvadornoticias.com/2008/06/o-rei-do-arrocha-do-brasil.html>

do país, sendo que ele foi destaque do carnaval de 2004 e nomeado o cantor revelação na micareta de Feira de Santana/BA no mesmo ano.

Sobre quem inventou o Arrocha e qual banda iniciou a divulgação do mesmo, apesar de existir mais de uma versão, como as duas que mencionamos anteriormente, (A versão que apresenta Márcio Moreno como percussor do ritmo e a apresentada pelo Portal do Arrocha que se refere ao Pablo como o criador do arrocha.) a história de que o ritmo foi criado pelo cantor Pablo enquanto fazia parte da banda *Asas Livres* é a que prevalece. A banda Asas Livres existe desde 1986, mas só com a entrada de Pablo e com a repetição da palavra “arrocha” em seus shows, em meados dos anos 2000, o ritmo ficou conhecido como tal, e o título de percussor do arrocha foi vinculado a *Pablo do Arrocha*.

Dentre os nomes ligados ao início do Arrocha, além de Márcio Moreno, Pablo do Arrocha e Banda Asas Livres, também estão os nomes de Nira Guerreira, Nara Costa e Silvano Salles, artistas que se tornaram conhecidos tendo as suas músicas veiculadas a partir do mercado informal de discos. Apenas em 2004, depois de um público de 100.000 pessoas¹⁵, na festa “Reino do Arrocha” no parque de exposições de Salvador, as rádios mais populares da capital baiana começaram a veicular as músicas do ritmo.

Hoje em dia, o Arrocha está com novas reformulações, tais como Arrocha Sertanejo ou Arrocha Universitário, estilo que faz Pablo, precursor do arrocha, se sentir um pouco responsável por essa nova onda. Como podemos perceber na entrevista veiculada pelo site *Ig*¹⁶, em postagem feita pela colunista Marília Neves de novembro de 2012:

“O arrocha que está surgindo no sul, como o ‘Camaro Amarelo’, músicas de Gustavo Lima, Michel Teló, que fazem aquele arrocha mais para frente, não é o arrocha da Bahia. Mas fico feliz, porque é sinônimo de que é uma coisa boa. Se você está gravando, cantando, é porque é uma coisa bacana. É uma música que está contagiando. Se fosse ruim não estaria sendo cantado por outros gêneros”, comentou o cantor, que acredita que a inserção do arrocha no sertanejo ajudou a fortalecer os dois ritmos. “O espaço está aí para todo

¹⁵ Dados disponíveis no site do Jornal Massa: <http://www.jornalmassa.com.br/imprimir.jsf?id=20671>

¹⁶ Entrevista disponível em: <http://sertanejo.ig.com.br/index.php/tag/arrocha/>

mundo. A gente tem nosso público, sertanejo tem o público deles. O Michel Teló gravou música de Pablo, grandes artistas também gravando em ritmo de arrocha. Isso só serviu para fortalecer. Todo mundo crescendo junto”.

Desde então, como mencionado anteriormente, o movimento arrocha vem crescendo e sendo incorporado a outros ritmos, tais como o sertanejo. Porém, há diversas entrevistas em que o preconceito contra o ritmo é abordado. Como vimos anteriormente, o início do Arrocha se deu nas periferias baianas e tinha como público as pessoas dessas periferias e frequentadoras dos clubes que animavam as noites com bandas de seresta e arrocha.

1.1 – O ARROCHA E A DESVALORIZAÇÃO DO RITMO

“Por tratar-se de um estilo musical apreciado pela população da periferia, começou logo a ser recriminado pela parte elitizada da sociedade, que marginalizou o Arrocha rebaixando o ritmo/movimento restrito ao povo "ignorante das feiras populares".” (PORTAL DO ARROCHA; s/d)

A citação acima afirma que houve discriminação para com o arrocha, pelo fato do mesmo ter sido apreciado pela população da periferia. Este fato nos causou inquietação pela possibilidade do arrocha ser criticado por muitos, não por um fator de estética musical, ou por “uma questão de gosto”, mas sim, por um preconceito de classes, por uma razão social que estaria por trás dessa marginalização do ritmo ou movimento arrocha.

Em uma busca realizada pela internet, foi possível encontrar material significativo a respeito da relação entre arrocha e preconceito, ou arrocha e desvalorização. Em uma entrevista realizada por Fernanda Figueiredo pelo Coluna Holofote¹⁷, com a cantora Nara Costa, a primeira mulher a ser conhecida como a *Rainha do Arrocha*, a questionaram sobre a relação entre o arrocha e a população mais humilde:

¹⁷ Entrevista disponível em:
http://www.bahianoticias.com.br/app/imprime.php?tabela=holofote_entrevistas&cod=126

NC: É porque o arrocha em si, é um estilo que pega mais o povão, é um ritmo que o povão mesmo abraçou. Então, a gente toca muito na Suburbana, nos bairros periféricos, quando tem as grandes festas no Parque de Exposições, no Wet'n Wild... Então, a gente está sempre na ativa e o foco maior da gente é interior e fora. Então, a gente não se preocupa muito com a mídia da capital, de estar dentro da capital sempre, mas o “boom” realmente foi no início de 2004 até 2006. Mas a galera toda continua aí na ativa, todo mundo trabalhando bastante, graças a Deus, com as suas agendas movimentadas e eu garanto a você que a gente não tem do que reclamar, não.

CH: Você disse há pouco que o povão abraçou o arrocha. O que você acha que ocasionou essa identificação?

NC: Eu acho que foi a forma que o arrocha entrou na cidade. Porque, na verdade, o arrocha veio do Recôncavo Baiano, onde o arrocha era estourado. E quando o arrocha chegou em Salvador, ele veio através do Subúrbio, veio através da galera dos táxis, dos ônibus e dos barzinhos e o povão abraçou. Porque existe uma certa carência, na verdade.

CH: Carência de quê?

NC: A galera mais humilde é um pouco carente e quando a gente chegou, foi com aquele estilo falando de amor, com aquela coisa de tocar o coração. Você chega nas festas de arrocha e você não vê briga. Então, eu acho que foi o casamento assim, que deu muito certo: do público com a gente do arrocha. (BAHIA NOTÍCIAS, s/d)¹⁸

Na mesma entrevista, a cantora Nara Costa afirma ainda que a população mais humilde se identifica com o ritmo por ser um ritmo romântico, com músicas que falam de amor. Porém, muitas críticas que o ritmo recebe são em relação também a sua dança, como podemos visualizar em uma entrevista¹⁹ também realizada por Fernanda Figueiredo pelo Coluna Holofote, com o cantor de arrocha, Silvano Salles:

CH: A dança do arrocha já foi muito criticada. Alguns diziam que não era dança sensual, e sim, sexual. Essas críticas persistem? O que você tem a dizer sobre isso?

S.S: Primeiro que eu não acho que seja assim. Está certo que tem algumas pessoas que apelam, quer dançar daquele jeito todo, entendeu? Mas é uma dança sensual, sim. Mas, nem todas as pessoas dançam de forma sensual. Algumas pessoas dançam de forma sexual mesmo (risos). Mas eu afirmo que é uma dança sensual, apesar de ainda terem algumas pessoas que extrapolam.

¹⁸ Disponível em:

http://www.bahianoticias.com.br/app/imprime.php?tabela=holofote_entrevistas&cod=126

¹⁹ Entrevista disponível em:

http://www.bahianoticias.com.br/app/imprime.php?tabela=holofote_entrevistas&cod=69

Relacionar o arrocha à sexualidade remete também à semelhança com o sentido dado aos funkeiros, dançarinos ou mc's que, além de representarem um ritmo musical também provindo da periferia, trazem como conjunto uma dança com movimentos pélvicos e que remetem ao ato sexual. Sabemos que a sexualidade, seja ela qual for a sua expressão, se faz presente na vida de qualquer pessoa, mas, em contrapartida, é um tema que quando é utilizado em alguma manifestação cultural ou artística, vira alvo de críticas. Além disso, como podemos perceber no discurso da cantora durante a entrevista relacionada acima, o que estabelece certa hierarquia entre os termos sensual e sexual?

A relação entre arrocha e preconceito aparece ainda nas entrelinhas dos comentários disponíveis nas redes sociais, tais como no Facebook. Nessa rede social, em uma página do programa *Música Boa Ao Vivo*, apresentado pelo cantor Thiaguinho, foi divulgada a propaganda da participação do cantor Pablo do Arrocha junto à banda Aviões do Forró e à dupla sertaneja Zezé de Camargo & Luciano. Nos comentários da publicação, encontramos a pergunta: “Mas onde está a música boa”?

Poderíamos encarar essas críticas apenas como questão de gosto musical ou opinião pessoal com a qual não poderíamos discutir e nem questionar, mas a vinculação entre o Arrocha, o Brega e o Funk parece ir muito além de semelhanças históricas, da mesma forma que as críticas voltadas para esses ritmos, denotam um “quê” a mais, algo não apenas relacionado ao gosto musical subjetivo.

Para Bourdieu (2008), o que chamamos de “gosto” em relação a expressões artísticas ou manifestações culturais está diretamente ligado ao conceito de capital cultural e ao consumo dos produtos culturais que ultrapassam o olhar estético. Segundo o autor mencionado, as necessidades individuais e grupais estão incorporadas nas expressões de cultura, o que faz com que se torne necessária a socialização diante destas, seja na apreciação ou na construção de um movimento artístico ou cultural.

Esse fato faz com que busquemos entender as ideias de alta cultura e de subcultura, pois a ideia de que o gosto cultural, ou seja, a identificação ou escolhas em relação aos aspectos referentes às culturas da sociedade, como por exemplo, filmes, músicas, jeito de se vestir e etc, se referem ao que define a classe social do indivíduo, na concepção de Bourdieu (2008).

Para Sá (2010), alta cultura e subcultura são oposições simbólicas, em que uma eleva e enriquece, e a outra idiotiza; a primeira está ligada ao intelectual e a outra, relacionada ao lúdico, sensual ou emocional. Podemos perceber aqui, que com as características encontradas sobre o Arrocha, de acordo com o que vimos até agora, ele seria um ritmo denominado por muitos como parte da chamada “subcultura”.

O arrocha surgiu em um tipo de festa chamado de seresta ou brega, assim como também foi criado tendo como maior influência a música conhecida como música brega. Ariano Suassuna (1927 – 2014), um renomado dramaturgo, romancista, poeta da literatura brasileira, ao proferir uma palestra no Teatro Municipal da cidade de Santo André/SP no ano de 2013, expôs diversas críticas à banda Calypso, banda do ritmo calipso e brega pop, oriunda de Belém do estado do Pará, da região Norte do Brasil. No site do apresentador de tevê, Carlos Magno²⁰, é possível assistir ao vídeo no qual Suassuna analisa matérias jornalísticas que afirmam que a banda Calypso é uma preferência nacional e é considerada a verdade do povo brasileiro, o que ele considera um insulto.

Em uma das suas críticas, ao discordar de uma das matérias analisadas, Suassuna afirma que a banda Calypso é “um superbrega que é a cara do país” e responde ao responsável pela matéria: “A cara do Brasil não é feia, nem superbrega”. Essa fala de Suassuna demonstra o teor pejorativo que a palavra “brega” carrega, e o quanto a banda referida foi desvalorizada pelo escritor. Assim como a banda Calypso, outras bandas e estilos musicais considerados da vertente brega, tal como o arrocha são criticados, apesar de conquistarem milhares de fãs e de fazerem uma grande quantidade de shows pelo país.

O que se aprecia, a música que se ouve, as festas e ambientes que frequentam caracterizam qual tipo de cultura está sendo vivenciada, de acordo com a Teoria da Legitimidade Cultural estudada por Sá (2010). Talvez por esse motivo, possa existir a contradição entre sucesso e rejeição em relação ao arrocha.

²⁰ Disponível em: <http://www.carlosmagno.com.br/>

Na continuação da entrevista com Silvano Salles realizada pelo Coluna Holofote do *Bahia Notícias*²¹, já mencionada anteriormente, o cantor é questionado sobre como ele enxerga a relação do artista do ritmo arrocha com o rótulo de brega e o preconceito.

S.S: É, o cantor de arrocha tem um rótulo de brega. Mas eu não sofro preconceito e nem nunca sofri porque eu me considero um cantor de arrocha romântico e até agora, graças a Deus, ninguém nunca chegou para mim e disse “ah, sua música é brega, não presta”. Até agora ninguém falou isso para mim e eu também nunca soube de alguém que tenha dito isso. E o que eu fico mais surpreso é que minhas músicas são curtidas por crianças, adultos, jovens e idosos. Se fosse uma música imoral, isso não aconteceria.

CH: Muita gente demonstra um certo preconceito com uma festa que só vai ter brega e arrocha. O que você tem a dizer a essas pessoas?

S.S: Lembro-me que, em 2004, o show de arrocha que teve foi um dos maiores públicos do Parque de Exposições, que na época foi o Reino do Arrocha. Eu sei que existem os preconceitos, mas a mídia está aí, vão ter vários artistas como Silvano Salles, é uma festa legal, vai estar cheio, porque já existe o público mesmo da gente e eu queria convidar essas pessoas que têm preconceito e que ainda não tiveram a oportunidade de curtir o show, que elas apareçam lá. Porque é bom elas irem para ter uma noção do que é a festa. Mas é isso aí, tudo na vida tem preconceito. (BAHIA NOTÍCIAS, 2009)

Embora o cantor afirme que se o que ele cantasse fosse música imoral, não existiria tanta variação no seu público, sabemos que esse fato é contraditório quando se encontra com facilidade na internet vídeos de crianças coreografando músicas com conteúdo sexual. Mas o que podemos considerar uma música imoral? O brega pode ser considerado imoral? Como já vimos durante o texto, há pessoas que consideram a dança do arrocha, uma dança sexual. Para quem e por que um conteúdo que remete à sexualidade ou sensualidade pode ou deve ser considerado imoral?

Silvano Sales também comenta sobre o preconceito que algumas pessoas têm contra as festas que têm como atrações, bandas de brega ou arrocha. Ele faz um convite para que essas pessoas compareçam ao show e vejam o quanto a festa de arrocha pode ser bacana, mas finaliza, “tudo na vida tem preconceito”. Vimos então, que o termo “brega”, conteúdos que sejam considerados “imorais”, ritmos que sejam provindos da

²¹ Disponível em: <http://www.bahianoticias.com.br/holofote/entrevista/69-silvano-salles-nao-se-mete-em-briga-de-nara-e-marcio-moreno-e-diz-estar-em-sua-melhor-fase.html>

periferia, podem ser fatores explicativos para a possível rejeição ou discriminação relacionada ao arrocha. Além disso, ao afirmar que “Graças a Deus” ninguém nunca chamou a música dele de “brega”, poderíamos considerar que o próprio artista tem preconceito com esse ritmo?

Sabendo que o brega inspirou o arrocha, e o arrocha, assim como o funk, nasceu nas camadas mais populares da sociedade, buscaremos entender o que pode haver de comum entre o arrocha e esses ritmos, mas buscaremos um terceiro elemento, que será o samba, para visualizarmos as possíveis razões que levaram esses ritmos a serem marginalizados e sofrerem preconceito em alguma época ao decorrer das suas histórias.

1.1.1 – É SOM DE PRETO? – Para Além do Arrocha – Os ritmos musicais originados na periferia

1.1.1.1- A Música Brega

Diante da precariedade bibliográfica a respeito da história do arrocha, aproximamo-nos da música brega, tida como alicerce para o surgimento deste ritmo. Assim como Cymrot (2013) fala das letras dos funks conhecidos como *proibições*, os quais tinham um conteúdo semelhante ao das letras de rap, permeados de retratos das favelas e comunidades, gritos de protesto contra a fome, exploração sexual, exclusão e racismo, na história da música brega, é possível enxergar o papel da música como porta voz da realidade social do seu público.

De acordo com Araújo (2002), autor do livro “Eu não sou cachorro, não para ser tão humilhado – música popular cafona e ditadura militar”, as canções populares românticas só foram nomeadas como bregas no início dos anos 80, e no período em que fez a pesquisa, esse tipo de música recebeu o adjetivo de “cafona²²”, sinônimo de humilde, vilão e/ou tolo.

²² Pessoa que se caracteriza pela falta de bom gosto ou pelo gosto estragado, principalmente no trajar e nas coisas da vida cotidiana. 2 Pessoa sem modos, acafajestada. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=cafona>

Divulgada no Brasil principalmente pelo jornalista e compositor Carlos Imperial, a expressão "cafona" subsiste hoje como sinônimo de "brega", que, segundo a Enciclopédia da Música Brasileira, é um termo utilizado para designar "coisa barata, descuidada e mal feita" e a "música mais banal, óbvia, direta, sentimental e rotineira possível, que não foge ao uso sem criatividade de clichês musicais ou literários". (ARAÚJO, 2002, p.16)

Para o autor citado, nos anos de 1968 a 1978 os artistas das músicas conhecidas como brega se destacavam pelo Brasil e apareciam como os que mais vendiam discos e tinham as suas músicas mais tocadas pelas rádios da época. Durante esse tempo, muita gente cresceu ouvindo músicas desse gênero musical nas vozes de Odair José, Waldik Soriano, Agnaldo Timóteo, entre outros. As músicas que faziam sucesso na época eram "Eu não sou cachorro, não", "Pare de tomar a pílula", "Vou tirar você desse lugar" e muitas outras que até hoje são lembradas por muitas pessoas, fazendo parte do patrimônio cultural e afetivo da população do país, principalmente pela população das camadas populares.

Ainda de acordo com Araújo (2002), a vertente da música brega também teve canções censuradas no período da ditadura militar a partir da decretação do AI-5, no ano de 1968, porém, parece que esse fato é esquecido pela história da música do Brasil. Para ele, isso se dá devido ao fato "silenciador" que atinge a geração desses artistas do gênero brega. Além disso, no seu livro, ele chama a atenção para três aspectos do universo do grupo de cantores e compositores do estilo brega:

Em primeiro lugar, a mensagem de suas canções: grande parte delas traz a denúncia do autoritarismo e da segregação social existentes no cotidiano brasileiro. O segundo aspecto é a relação entre esta produção musical e o momento histórico: a maioria de seus autores e intérpretes alcança o auge do sucesso entre 1968 e 1978, período de vigência do Ato Institucional nº 5, sendo também proibidos e intimados pelos agentes da repressão do regime. E o terceiro aspecto, a origem social do público e dos artistas: ambos oriundos dos baixos estratos da sociedade e boa parte deles tendo vivenciado uma das grandes mazelas do nosso país, o trabalho infantil. (p. 12 – 13)

Dessa forma, podemos ver aproximações entre brega e arrocha, pois ambos possuem a origem nas camadas populares da sociedade. Bandas e artistas que trabalham

com músicas derivadas do ritmo brega, do forró – e de suas variações, como por exemplo, o forró eletrônico, o Techno Brega do Pará e outros gêneros populares – geralmente fazem shows nas mesmas festas e dividem as mesmas dificuldades dentro do mercado da música, visto que a maioria deles recorre à produção independente. Parece que tal fato explicita que os ritmos musicais mais regionais ou populares ficam à margem dos elogios estéticos e midiáticos por algum motivo, o qual ainda não sabemos ao certo.

Para contar e explicar parte da história da música brega, me detive ao livro “Eu não sou cachorro, não para ser tão humilhado – música popular cafona e ditadura militar”, como já foi dito anteriormente.

Araújo (2002) afirma que a historiografia da MPB (música popular brasileira) esqueceu da música brega, pois, quando publicavam algo referente à década de 70, apenas mencionavam os grandes nomes: Chico Buarque, Elis Regina, Gilberto Gil e etc. e os seus respectivos discos.

Sabemos que esses últimos cantores eram e são reconhecidos de forma merecida, mas as suas músicas eram e continuam sendo consumidas, majoritariamente pela classe média, ou seja, por um público mais restrito e que não representa a maioria da população. Sendo assim, o que fazia com que o gênero brega fosse de certa forma, excluído? O brega, tanto quanto os outros segmentos musicais nacionais, como por exemplo, a bossa nova e o tropicalismo que sempre nos deram orgulho, faz parte da nossa cultura, e como ainda afirma Araújo (2002), merece ser analisado e pesquisado, pois o que ficou gravado na memória social do Brasil como música popular, foram as músicas preferidas pela elite.

É importante ressaltar que a sigla MPB era relacionada às músicas mais populares, tachadas como cafonas por muitos e utilizada como forma nacionalista de lutar contra a americanização das músicas que também faziam sucesso na época. Porém, em 1967, as guitarras elétricas foram incorporadas ao tropicalismo com a influência dos gêneros musicais internacionais, tais como o rock, o blues, soul e também influenciados pelo trabalho de Roberto Carlos que já utilizava essa “inovação”. Porém, a sigla MPB continuou representando o estilo musical que era tachado de “cafona” ou de “música de

empregadas”, que representava as músicas nacionais, sem americanizações ou estrangeirismos, ou seja, era um estilo de música rejeitado por parte da sociedade, que consideravam apenas os artistas como o Chico Buarque, criador de uma boa música popular, restringindo então o termo “música popular” aos artistas e gêneros musicais consumidos pela elite e fazendo com que os cantores de músicas românticas tachadas como bregas e de maior popularidade ficassem com o adjetivo “popularesco”. (ARAÚJO, 2002)

Ainda de acordo com Araújo, o mercado discográfico foi segmentado e isso, do ponto de vista do público, serve como um fator para diferenciar gostos e status social. O escritor ainda aponta que em meados de 1968/1978, existiam duas principais vertentes na música popular urbana do Brasil, sendo elas, a dos artistas da MPB e do outro lado, a dos artistas denominados “bregas”, que pertenciam às classes sociais mais populares, os quais também lutaram contra a censura da ditadura, tanto quanto os outros artistas dos outros gêneros musicais, como por exemplo, o tropicalismo.

No decorrer do seu livro, Araújo (2002) vai tecendo as histórias de vida de grandes nomes da música para demonstrar o quanto eles vivenciaram a diferença social do país e que assim como os seus fãs e ouvintes, eram oriundos das classes mais pobres.

Agnaldo Timóteo, por exemplo, trabalhou de engraxate, vendedor de pastéis, lavador de automóveis e, a partir dos 9 anos, auxiliar de torneiro mecânico, ocupações que o impediram de prosseguir nos estudos. (...) O cantor Waldik Soriano também ficou fora da escola, pois desde pequeno, de enxada em punho, foi batalhar na lavoura com seus irmãos, exercendo mais tarde os ofícios de garimpeiro, faxineiro, engraxate, servente de pedreiro e camelô.(...) Os irmãos Dom (Eustáquio Gomes de Faria) e Ravel (Eduardo Gomes de Faria) ainda pequenos deixaram a cidade de Itaiçaba, interior do Ceará, e seguiram com a família a mesma rota de tantos outros nordestinos: o sul do país. Dom foi ser office-boy e Ravel aos 14 anos vendia picolés e engraxava sapatos nas ruas de São Paulo. (...) Por fim, o cantor Paulo Sérgio, que se iniciou muito cedo como aprendiz de alfaiate e aos 12 anos já era praticamente um profissional do ramo, ofício que exerceu até às vésperas da gravação do primeiro disco. (ARAÚJO, 2002, p. 13 – 14)

Em suma, Araújo (2002), descreve em seu livro as faces da história da música brega e dos seus representantes, atribuindo-lhes a devida importância e os igualando aos

tantos outros artistas dos gêneros musicais venerados pela sociedade. Com a leitura, é possível perceber o quanto o gênero musical está ligado aos ouvintes por uma espécie de identificação, por luta social ou origem de classes. Além disso, o silêncio que calou grande parte da música brega parece ter tido o início nas lutas sociais, na força das classes dominantes que não simpatizavam com as músicas dos ex-engraxates, ex-vendedores de picolé e que eram venerados pelas empregadas domésticas. Cantores e compositores que cantavam as dores não só causadas pelos afetos e desafetos da vida, mas também, dores causadas pela grande desigualdade social que abarcava aquele povo. Porém, será que esse preconceito deixou de existir?

Embora a época do estudo sobre o brega tenha sido outra, hoje em dia ainda é possível notar que a palavra “brega” é usada por muitos com sentido pejorativo, além das suas músicas continuarem sendo rejeitadas, principalmente (pelos chamados formadores de opinião), pelas pessoas mais favorecidas economicamente. Em contrapartida, o arrocha vem conquistando recentemente o gosto do público não só da periferia, mas também de classes mais favorecidas economicamente. O que faz com que o arrocha alcance esse grande número de público? Grande número de artistas famosos do gênero musical conhecido como Sertanejo Universitário, consumido por uma gama de estudantes universitários, passou a interpretar e disseminar as músicas dos artistas do estilo arrocha. Será que esse fator tem relação com esse sucesso recente junto a novos públicos? Levantamos aqui esses questionamentos.

1.1.1.2 – O Funk Carioca

Vale ressaltar que este capítulo não diz respeito a uma crítica sobre a estética musical, mas ao seu decorrer será possível perceber que os estilos musicais aqui mencionados são apresentados como desvalorizados por determinados segmentos da sociedade, principalmente o funk, o que nos faz discorrer sobre os motivos dessa possível desqualificação social. Com isso, esperamos compreender melhor o arrocha, já que não há material e estudos sobre esse movimento musical, como no caso do funk.

Para Silva (2004), estudar o social levando em consideração toda a sua dimensão histórica, é problematizar o objeto e desnaturalizá-lo, é mostrar como os fatos que acontecem na sociedade foram construídos historicamente.

No apanhado histórico do funk no Brasil, a maioria da referência utilizada foi o estudo feito por Hermano Vianna (1987), o qual apresenta na sua pesquisa que por volta dos anos 30/40, devido à grande migração da população negra da região sul para os centros urbanos do norte dos Estados Unidos da América, o *blues* que era um estilo musical rural, tornou-se eletrificado e assim, produziu o *rhythm and blues* que era tocado por diversos artistas famosos e em vários programas de rádio, passando a agradar os jovens brancos, como Elvis Presley, que adotou o ritmo, não só no estilo de cantar, como também no de se vestir e etc. (KEIL, 1966; BANE, 1982 apud VIANNA, 1987).

Após o sucesso do *rhythm and blues*, surgiu o Soul através da sua junção com a música gospel (música eletrificada descendente do espiritual e protestante negra), que fez com que os protestantes acusassem muitos músicos do *blues* de pacto com o demônio. James Brown, considerado o padrinho do funk, foi o homem que ficou conhecido como o mais importante do soul. (SZWED, 1970 apud VIANNA, 1987).

O *funky* foi se construindo aos poucos, porém o seu nome era visto de forma pejorativa. Como afirma Medeiros (2006), o termo “*Funky*” tem a sua origem associada ao sexo, visto que se tratava de uma gíria que se referia ao odor que o corpo exala durante as relações sexuais. Esse peso sexual que o funk carrega é responsável por boa parte do seu conteúdo, na sua música ou dança, na qual o movimento da região pélvica é o mais levado em consideração, como também em grande número dos “contos” em cânticos eróticos, como por exemplo, a música “Mama - Então mama, pega no meu grelo e mama, me chama de piranha na cama. Que é isso, caralho?”.²³ As músicas de funk, “recheadas” de sexualidade, são até hoje alvo de críticas e de preconceito, como também, de censura midiática.

²³ Mama – Valesca Popozuda e Mr. Catra.

Somente nos anos 60, o significado da palavra “funky” deixou de ser pejorativo, o *funk* passou a ser visto como mais um produto cultural e além da música, passou a ser um estilo de ser, de vestir-se e etc. Ao decorrer do tempo e com diversas transformações musicais, foram surgindo outros modos de expressão *black*. Paralelo ao grande sucesso da música “disco” nos Estados Unidos em meados dos anos 70, o hip hop já estava tomando corpo, com a utilização de equipamentos e aparelhagens de som, festas comandadas por Dj’s, realizadas na periferia e o uso de rimas que acompanhavam as batidas e etc, que tiveram grande influência do funk carioca. (VIANNA, 1987).

Embora neste trabalho não seja prioridade explorar o movimento hip-hop, a sua influência na construção do movimento funk no Brasil parece ter sido importante, apesar de alguns impasses entre hip-hoppers e funkeiros. Leal (2007, p.246) apresenta alguns embates entre músicos do movimento hip-hop em relação ao funk carioca e, dentre os discursos escritos no livro, podemos perceber que o funk é colocado como um ritmo musical vulnerável à manipulação empresarial:

Os funkeiros são pretos e vivem nas favelas como quase todos nós do hip-hop, sofrendo as mesmas injustiças sociais e raciais. Só não há a busca pela informação – como ocorre entre muitos nós hip-hoppers – tornando-se assim, vulneráveis à manipulação dos empresários do segmento... Leal (2007, p.246)

O caminho do funk foi longo até tomar formas brasileiras, e foi no Rio de Janeiro que ele tomou corpo de uma brasilidade, adentrando a cultura local, fazendo parte da diversão e do trabalho de muitos cariocas.

No final dos anos 70, o funk invadiu a periferia carioca e se tornou o ritmo que embalou festas do Rio de Janeiro e de muitas outras cidades do Brasil. Porém, como afirmou Vianna (1990), apesar de os bailes funk serem populares como meio de diversão, eles não são totalmente reconhecidos como parte da cultura popular carioca, como o samba e o futebol. Seria um paradoxo? O que torna o funk tão popular e, ao mesmo tempo, rejeitado por parte significativa da sociedade?

Apesar de o funk ter conquistado a periferia do Rio de Janeiro, foi na zona sul, na casa de show conhecida como “Canecão” que os bailes de funk se iniciaram. Esses bailes só duraram até a ascensão da MPB em meados dos anos 70, transformando os bailes de música funk idealizados pelo *Big Boy* e Ademir Lemos, em bailes itinerantes que aconteciam em bairros diferentes, com nomes diferentes para cada festa. (VIANNA, 1987). Podemos perceber que o ritmo difundido por negros e suburbanos não teve prioridade diante da MPB apreciada por pessoas de outras classes sociais.

Medeiros (2006) afirma que o funk dominou a cena musical nos anos 80, quando as equipes de som reproduziam músicas em inglês, em forma de “melôs”, nas quais o público fazia as suas próprias versões das músicas das paradas de sucesso, o que transformou a onda do “melô” em um sucesso nacional. DJ Marlboro, ao participar de um concurso de Dj’s em Londres, buscou por novidades no intuito de criar um funk genuinamente brasileiro e ao ganhar de presente uma bateria eletrônica do jornalista, historiador e crítico musical Hermano Vianna, inovou nos bailes funks com o uso de letras nacionais, criação de batidas, sendo que quando lançou o disco “Funk Brasil” em 1989, chegou a fazer grande sucesso e ganhar espaço na mídia, em 1990, ao trabalhar como Dj fixo no programa Xuxa Park. (ESSINGER, 2005).

Junto com o sucesso dos hits de funk, vieram as críticas e o preconceito da sociedade e da mídia. Não associar o ritmo ao povo da periferia e aos grupos de jovens deste lugar, era impossível. Embora o funk tenha tomado forma nacional, a sua história no Brasil se assemelha muito à história do funk norte-americano, criado e difundido por uma maioria negra, mulata e provinda da periferia. Além disso, assim como o funk “gringo”, o funk carioca e os seus subgêneros, desde o seu nascimento enfrentam preconceitos e desqualificações. Sabemos que mesmo com a fama de muitos Mc’s e funkeiros, como por exemplo, Mc Leozinho, Mc Gui, Mc Guimê, Valesca Popozuda, Tati Quebra-barraco, Mc Ludmilla, entre outros, podemos encontrar facilmente, pessoas que afirmam que funk não é música, apesar do seu grande sucesso servir de “inspiração” para o surgimento de outras vertentes.

Assim como o funk norte-americano, o funk brasileiro também representa jovens das camadas populares e parece que isso provocou uma perseguição inicial contra o ritmo, tido como inferior, de baixa qualidade e subproduto cultural. Contudo, o aspecto

mais forte do preconceito contra o funk pode ser visto no processo de criminalização dos bailes funks na cidade do Rio de Janeiro, quando o ritmo, a população da periferia e os frequentadores dos bailes funk passaram a ser associados a práticas criminosas e atrelados à noção de perigo, devido às rixas entre facções criminosas nos bailes de funk, além das letras das músicas que retratavam a realidade social dos morros, ilustrando o funcionamento do tráfico de drogas, da presença da violência e da prática sexual, assim como veremos a seguir.

Em alguns artigos, como por exemplo, o escrito por Danilo Cymrot (2013), podemos entender a associação da violência ao funk, devido às brigas que aconteciam com frequência nos bailes conhecidos como bailes de corredor.

(...) A diferença entre o baile normal e o baile de corredor estava no tempo e no espaço destinados ao confronto entre as galeras, grupos de amigos que moram na mesma comunidade e saem juntos pela cidade em busca de lazer. Na maioria dos bailes normais, as brigas eram vetadas. Havia outras atrações, como sessões de músicas lentas, românticas e eróticas, shows de MCs (os cantores do funk) e gincanas. Na minoria dos bailes normais em que a briga era permitida, o tempo dela era limitado severamente pelos organizadores. Durante o evento, os seguranças reprimiam qualquer esboço de briga, mas, quando o baile chegava ao final, se afastavam e ocorria o que se convencionou chamar de quinze minutos de alegria, momento em que temporariamente o baile ficava dividido em dois territórios e as galeras se enfrentavam em um corredor. Já nos bailes de corredor, que eram minoritários e sofreram a influência dos quinze minutos de alegria, a briga era a tônica da festa e organizada pelas equipes de som e DJs. O espaço do baile era dividido em dois territórios, lado A e lado B, para que as galeras se confrontassem abertamente. (...) (CYMROT, 2012 p. 171)

Era nos bailes de corredor que as facções disputavam os territórios, e quando essas brigas não eram resolvidas no baile, eram estendidas para outros espaços. Segundo Guimarães (2003 *apud* Cymrot, 2012), o lazer era o principal atrativo dos bailes, mas as brigas faziam parte desse atrativo e era o que constituía a festa, pois, muitas identidades eram forjadas ali, diante da negação do outro.

Da mesma forma que, como apresenta Medeiros (2006), os bailes de corredor, também eram conhecidos como baile lado A e lado B, pois, a festa era dividida em dois lados pela facção pertencente à comunidade em que o baile era realizado. Os

frequentadores desses bailes veneravam as facções Comando Vermelho ou Terceiro Comando como se fossem times de futebol, porém, não pertenciam de fato a essas facções. As brigas que aconteciam nesse tipo de baile serviam de diversão, uma forma de extravasar e conquistar as meninas que frequentavam o lugar. Porém, muitos frequentadores saíram mortos desses bailes. Esse tipo de baile e a veiculação desses acontecimentos feita pela mídia foi um dos motivos da associação entre violência, crime e funk.

De acordo com o *Folha Online*, as facções Comando Vermelho e Terceiro Comando foram as duas facções principais dentre três grandes facções criminosas do Rio de Janeiro. O referido site apresenta de forma breve a história dessas duas facções:

O Comando Vermelho foi criado em 1979 no presídio Cândido Mendes, na Ilha Grande (RJ), a partir do convívio entre presos comuns e militantes dos grupos armados que combatiam o regime militar. Surgiu a partir da Falange Vermelha, com o lema "Paz, Justiça e Liberdade" e institucionalizou o mito das organizações criminosas no tráfico do Rio. A cocaína foi a responsável pela grande ampliação do poder do CV, na virada dos anos 70 para os 80. O Brasil entrou definitivamente na rota da droga, como ponto de distribuição para a Europa e como mercado consumidor do produto de baixa qualidade. Também trouxe armamento pesado, como pistolas, metralhadoras, fuzis, granadas e armamento antiaéreo. Além de dominar morros e favelas, o Comando Vermelho ainda está organizado nos presídios do Rio, como Bangu 1. O TC (Terceiro Comando) surgiu nos anos 80 como dissidência do Comando Vermelho, a principal organização criminosa do país e do qual se tornou o grande rival, e tem realizado ações marcadas pela extrema violência para tomar os domínios. A prisão de Mauro Reis Castellano, o Gigante, líder do tráfico nas favelas da Maré, resultou em brigas internas no CV. O TC se fortaleceu e passou a dominar comunidades. (www1.folha.uol.com.br)

Em outubro de 1992, o olhar da mídia voltou-se para o funk quando grupos de funkeiros de duas facções se encontraram na Praia do Arpoador e pela manhã, reproduziram as lutas que aconteciam nos bailes de corredor. Isso fez com que as famílias de classe média alta em sua maioria branca, sem saber o que de fato estava acontecendo, achassem que aquela movimentação fosse um assalto. Esse episódio ficou conhecido como arrastão, devido a uma má interpretação do fato, fazendo com que o termo “funkeiro” ganhasse uma conotação de violência. (MEDEIROS, 2006)

A constante violência provinda desse tipo de baile resultou na abertura de diversas CPI's, como por exemplo, a que foi aberta em 1996 na Câmara Municipal do Rio de Janeiro (resolução nº 27), com a intenção de investigar a ligação do funk com o tráfico de drogas, levando à criminalização do funk de uma forma geral. (CYMROT, 2012).

Devido a fatores, como a criminalização do funk, mencionada acima, é importante observar que de um modo geral, o funk que fala da realidade social das comunidades ou o que “expõe” a sexualidade, acabam perdendo gradualmente espaço para os funks mais melódicos, fator que parece explicar o grande sucesso de artistas como Claudinho que fazia dupla com Buchecha, Anita e outros que apesar de serem criticados, ganham mais espaço frente aos funkeiros como Tati Quebra Barraco, Mr. Catra e Valesca Popozuda, que mesmo fazendo tanto sucesso quanto os citados anteriormente, são mais aplaudidos dentro das comunidades do que fora delas, fator este que remete aos estudos de Batista (2003) sobre o medo disseminado na sociedade contra os negros e a população das classes menos favorecidas, fazendo com que os mesmos fossem vistos como sinônimos de desordem. Além disso, podemos associar aos estudos feitos por Freyre (2003) a respeito da associação à selvageria sexual estar relacionada aos menos favorecidos da sociedade, assim como veremos no tópico sobre a sensualidade inerente ao *arrocha*.

1.1.1.3 – O Samba

Assim como em relação aos outros ritmos, a intenção é visualizar possíveis semelhanças com o *arrocha*, para que possamos aos poucos, ir traçando as possíveis razões do preconceito sofrido pelo *arrocha*.

O samba surgiu diante de circunstâncias sociais geradas pela marginalização da população negra, de origem pobre e periférica que faziam parte da população do Rio de Janeiro em meados do final do século XIX e do início do século XX. Dentro da comunidade negra que fazia parte dessa população mencionada, iniciaram-se as interações sociais e a cultura das tradições afro, dentre elas o samba, devido ao fato deste ter sido marginalizado em sua origem, ser relacionado provavelmente com a origem e condição social dos seus representantes, provindos das camadas mais

populares da região: pessoas negras, imigrantes, moradores dos morros e favelas, marginalizados pela sociedade. (SÁ, 2010)

Um processo de higienização iniciado no início do séc. XX foi o responsável pela expulsão dos negros para os morros, motivados por uma nova política implantada pelas pessoas da classe dominante que almejavam um desenvolvimento urbano. O samba, além do que conhecemos hoje em dia como tal, se referia a vários tipos de músicas e danças praticadas por escravos, e por isso, há uma dificuldade em traçar o surgimento do ritmo. (SÁ, 2010)

Segundo Trotta (2007), o samba foi elaborado em um meio formado por uma maioria de ex-escravos e descendentes, e por isso, o samba sempre esteve associado a um convívio em comunidade. Um ambiente preservado pelas ideias de festividades, convívio em família e amigos, etc. e talvez por isso, predomine no imaginário popular a relação do samba com as ideias de morro, favela, escola de samba e elementos afins.

Podemos perceber aqui a semelhança da história do samba com a história do *funk* apresentada e discutida por Batista (2003), ao abordar sobre a hegemonia elitista e a discriminação contra os espaços ocupados pelos criadores do funk, provindos também da periferia.

Essa identificação com os conteúdos culturais que envolvem o samba, como já citado anteriormente, acabou produzindo preconceitos contra o mesmo, o qual foi atacado e criticado, perseguido pela polícia e associado a atos de delinquência. (TROTТА, 2007)

Como podemos perceber, houve discriminação, expulsão e perseguição contra a população negra que manifestava o samba culturalmente, e conseqüentemente, a área geográfica onde se localizava essa população, foi marginalizada. Quando esse ritmo foi consolidado, o Rio de Janeiro ainda era a capital da república, povoada em sua maioria por negros africanos ou baianos pós-abolição, que já traziam em sua bagagem cultural, o costume da musicalidade baiana. Cada vez mais, a migração de negros para o Rio de Janeiro ia se intensificando devido à queda da cultura cafeeira no interior carioca e na zona mineira após a guerra de Canudos, ocupando assim os morros e o centro da cidade do Rio de Janeiro. (CABRAL, 1996 *apud* SÁ, 2010)

Apesar da primeira música de samba ter sido gravada nos anos 30, foi nos anos 50 que as marchinhas de carnaval alcançaram sucesso como a vertente mais popular da música brasileira. Porém, nessa época, os ritmos estrangeiros, como por exemplo, o bolero e o tango ganhavam mais espaço nas rádios. Foi após alguns homens ligados à imprensa carioca perceberem que a música nacional não estava com o espaço midiático suficiente, que se notou a necessidade de valorizar a cultura nacional. (NAPOLITANO E WASSERMAN, 2000)

Trotta (2007) nos diz que o samba sofreu eventuais preconceitos provindos das elites intelectualizadas, pois é um ritmo que saiu dos morros cariocas. Porém, o mercado sempre conseguiu conviver bem com o imaginário expressado pelas composições que se referem às favelas, morros e barracões. Apenas no final da década de 50 esse convívio começou a ser modificado, por conta das reuniões musicais feitas pelos músicos jovens da classe média, como por exemplo, Ronaldo Bôscoli, Roberto Menescal e Carlos Lyra, as quais resultaram nos novos lançamentos da chamada MPB, com arranjos feitos apenas com voz e violão.

O surgimento da bossa nova após as reuniões musicais já mencionadas transformaram o mercado da música em uma nova fase, de busca por novos elementos musicais que dariam uma nova roupagem ao samba, dando uma cara mais moderna ao ritmo, caminhando junto ao novo momento político-cultural da época desenvolvido pelo governo de Juscelino Kubitschek. Segundo Trotta (2007), o Brasil vivenciava uma época de otimismo e esse novo ritmo retratava essa nova era, a partir de temas como o barquinho, o mar, o sol e o amor.

Para Fernandes (2010), o surgimento das novas vertentes do samba acabou provocando uma preocupação nos sambistas que afirmavam não terem compromisso com o sucesso comercial. Pois, apesar das diferenças entre o samba e os seus subgêneros, eram os críticos e especialistas que corroboravam com a “autenticidade” do samba.

Essa luta contra as reformulações do samba é descrita no artigo de Trotta (2007, n.p.), publicado pela revista de história²⁴:

Desde a década de 1960, o gênero samba vive disputando mercado com uma ampla gama de músicas “modernas”. Na zona de prestígio, a “modernidade” da bossa nova transborda para diversas estéticas que circulam pela sociedade através da MPB, sempre num patamar hierárquico mais vantajoso que o do samba. Na área comercial, o rock, o pop, o reggae e várias outras estéticas internacionais “modernas” que por aqui aportam encontram no samba uma antítese nacional com a qual disputam território midiático e parte do público. Avesso a essa modernidade (tanto do lado da quantidade quanto no da qualidade), o samba se abraçou à sua “tradição” e andou peitando brigas e mais brigas: contra o rock, contra a MPB, contra o pop e, genericamente, contra o “mercado”. Assim, desenvolveu uma relação conflituosa com as instâncias desse mercado e também com representantes de outras práticas musicais.

É interessante ressaltar que o preconceito que envolvia o samba, acabou prejudicando a sua veiculação, e como afirmou Fernandes (2010), para que os artistas obtivessem mais glamour, teriam que ser o mais indefinido possível quanto ao seu gênero musical no início de carreira. Beth Carvalho, Adoniran Barbosa e Clara Nunes passaram por essa fase e artistas como Zeca Pagodinho desenvolveram outra variação do samba, a qual foi muito criticada por ser denominada como “pagode comercial”, chegando a lucrar de forma totalmente superior comparado a anteriormente.

O samba, então, começou a perder espaço para as suas novas reformulações, que foram acontecendo ao decorrer do tempo, porém, a luta para a permanência do gênero musical permaneceu e o samba retomou maior visibilidade a partir dos anos 90.

Somente no fim da década de 1990 é que, ainda sem avançar muito no patamar hierárquico, o samba foi capaz de equilibrar a disputa com os critérios de modernidade, ocupando esferas significativas do mercado através de uma inédita diversidade estética no interior do próprio gênero. Aí as disputas migraram para dentro dele, numa acirrada discussão sobre os critérios de definição do gênero representada nos rótulos “samba de raiz” e

²⁴ Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/pobre-samba-meu>

“pagode romântico”. Tais transformações são reveladoras da dinâmica cultural da nossa música e da importância de um gênero que continua a levar alegria a “milhões de corações dos brasileiros”. (TROTTA, 2007, n.p.)

1.2 – A DESQUALIFICAÇÃO ESTÉTICA, O PRECONCEITO SOCIAL E OS QUESTIONAMENTOS DA PESQUISA

Todos os ritmos vistos anteriormente possuem uma história semelhante quanto ao seu surgimento e a sua origem, fato que nos faz levantar a possibilidade de o preconceito contra o ritmo estar intimamente ligado ao preconceito contra o lugar e o povo representado pelo mesmo.

Segundo Silva e Barbosa (2005 apud Medeiros, 2006), em 1897, aconteceu o marco nas formas de habitação do Rio de Janeiro, quando os cortiços e as casas de cômodo foram fechadas e o Cabeça de Porco, o maior cortiço da cidade, foi demolido na gestão do prefeito Pereira Passos (1902-1906), resultando na mudança dos pobres para os morros, sendo a favela, naquele momento, a principal alternativa habitacional. Com isso, a periferia passou a ser conhecida como sinônimo da desordem social e os seus moradores conhecidos como capoeiras, assassinos e ladrões.

A busca constante da “pureza” e higienização da sociedade faz com que a cultura dos “diferentes” ou populares seja diminuída e até assassinada pela população elitista e conservadora, gerando maiores conflitos entre classes sociais e criminalização dos mais desfavorecidos. (BATISTA, 1999).

Em consequência dessa tentativa de higienização da população mais carente ou menos favorecida, parece que o modo de se expressar e se colocar no mundo dessa parte da sociedade acaba sendo colocado à margem, inferiorizadas diante das práticas culturais da população mais elitizada.

Vimos anteriormente neste capítulo que tanto o funk quanto o arrocha e o samba, foram criados em ambientes periféricos e povoados por pessoas das camadas mais populares da sociedade. Além disso, o samba e o funk foram associados a delinquentes

e criminosos, um fato que, de certa forma, apesar de destoar da história do arrocha, remete a algumas falas observadas ao assistir a um show de arrocha na cidade de Nossa Senhora do Socorro/SE, como por exemplo, a fala de um rapaz que desistiu de entrar na festa, afirmando que “estava muito novo para morrer”.

De acordo com Batista (2003), a hegemonia conservadora do Brasil sempre trabalhou pautada no medo, o qual foi disseminado desde a época escravista até a formação da república. Entre as décadas de 30 e 50 do século XIX, aconteceram diversas rebeliões e movimentos, lutas de classes, que acabaram transformando o povo em novo ator político da época, porém, esse povo brasileiro passou a ser visto como portador do caos e da desordem.

Os três ritmos brasileiros aqui mencionados e descritos, possuem uma base histórica bastante semelhante, reafirmando. Todos esses ritmos foram difundidos inicialmente por pessoas negras e que lutaram contra a pobreza nas suas vidas para conseguirem alguma visibilidade. Vale dizer ainda que tais ritmos, ao decorrer do tempo, foram sendo reformulados para agradar parte da população que não estava inserida nas suas comunidades de origem e que geralmente os criticava.

Na revolta dos Malês em 1835, a qual tinha os militares como alvo, foi produzido o medo no Brasil e no Rio de Janeiro, o medo da rebelião escrava, medo que foi disseminado pela imprensa da época. Além disso, aconteceu também a revolta do Haiti, em que os negros dessa colônia francesa lutaram até as últimas consequências pela ideia de igualdade, liberdade e fraternidade, produzindo então, o medo do haitinismo. (BATISTA, 2003).

Seguindo os estudos de Batista (2003), diante desse medo disseminado haveria a necessidade de identificar qual era a demanda por ordem de uma sociedade escravocrata. As rebeliões do povo negro eram consideradas um fato criminoso, não político e esse povo negro era visto pela sociedade como pessoas de fora que ameaçavam o social com a desordem e com o crime, delimitando então, o inimigo como alguém de fora, resultando na necessidade de duras medidas de controle, como por exemplo, o mapeamento das cidades para controlar os negros.

De acordo com Facina (2009), a criminalização do funk, que resultou no fechamento da maioria dos bailes dos clubes, gerando dificuldades econômicas para seus artistas e o desaparecimento de grande parte das centenas de equipes de som, que balançavam os funkeiros em todos os cantos da cidade, é parte desse processo histórico mais amplo.

Sabendo que o funk carioca é o estilo musical que mais remete aos morros do Rio de Janeiro e à sua população, podemos tentar discutir os possíveis motivos da sua desqualificação por essa via, visto que, como afirmou Batista (2003), o Rio de Janeiro foi reconhecido como a maior sociedade africana das Américas. Para a autora mencionada, a proibição dos bailes de funk se pautou na noção de que eram eventos imorais e perigosos, assim como qualquer outra produção cultural ou política que viesse a representar uma classe pobre e de maioria negra, tal como a capoeira e o samba, também alvos de discriminação.

Vianna (apud Medeiros, 2006) afirma que se as instituições do governo e da mídia não tivessem agido de forma preconceituosa ao longo de todo o tempo do funk como diversão no Rio de Janeiro, ou seja, se tivessem agido de forma colaborativa junto aos bailes funk, poderia ter sido evitada a morte trágica do repórter da Rede Globo, Tim Lopes, assassinado por traficantes, após ter sido flagrado em um baile funk fazendo uma investigação jornalística na Penha (Rio de Janeiro/RJ).

Batista (2003) fala da formação social que recebemos, a qual foi construída em cima de uma hegemonia conservadora e da utilização do medo contra a periferia e o povo desse âmbito social enquanto estratégia para justificar políticas autoritárias e de controle social em campos econômicos, políticos, entre outros.

Essa fala de Batista (2003) nos remete ao conceito de distinção desenvolvido por Bourdieu (2008), o qual denomina a importância dos conteúdos culturais da sociedade, vistos que são os acessos a estes ou à falta dos mesmos que incluem ou excluem determinado indivíduo em determinada classe social. Poderíamos então, afirmar que desvalorizar um ritmo desenvolvido na periferia, acabaria por cristalizar o mesmo ao acesso somente ao povo deste lugar, não permitindo assim a unificação das classes?

Após a criminalização do funk, apesar do passar do tempo, as marcas da discriminação continuaram a rondar o mundo do funk, a associação entre funk, crime e violência tomou uma proporção generalizada, passando a prejudicar as comunidades e funkeiros que viviam desse movimento cultural. As críticas feitas ao funk são voltadas para a sua estética que carrega a sexualidade, a realidade social de um povo e essa desqualificação faz com que o mercado do funk tente se adaptar ao que é bem aceito pela dita classe média alta.

Embora o arrocha não retrate em suas letras a realidade social, a sexualidade da sua dança, os conteúdos sentimentais e de valorização do prazer e consumo, abrem um grande espaço para as críticas e rejeições, mas por outro lado, são fatores que acabam igualando as pessoas de diferentes níveis sociais.

No artigo de Cymrot (2015, n.p.), divulgado pelo site *Carta Capital*²⁵, ele critica a programação de artistas do palco Arouche da virada cultural de São Paulo, o qual apesar de pregar a diversidade, não abre espaço para artistas difundidos nacionalmente e admirados por determinada parte da sociedade:

Fazendo um retrospecto da programação desse palco, verifica-se que as atrações mais populares que nele cantaram ao longo das edições da Virada firmaram suas carreiras nas décadas de 1970 e 1980: é o caso de Reginaldo Rossi, Wando, Katia, Bartô Galeno, Márcio Greyck, Rosana, Sidney Magal, Elymar Santos, entre outros. No entanto, caminhando pelas ruas do centro na madrugada de sábado para domingo, os artistas que mais se escutam no circuito off-Virada, saindo de caixas de som de botecos e de sistemas de som de carros, são cantores sertanejos como Eduardo Costa, bandas de forró eletrônico como Aviões do Forró e Calcinha Preta, o arrocha e a sofrência de Pablo. Se o funk já foi contemplado na Virada Cultura – e o pagode dos anos 90, em doses homeopáticas –, o mesmo não se pode dizer destes artistas.

Alonso (2015, n.p.), também escreve um artigo publicado no site *Carta Capital*²⁶, que retrata a rejeição dos ritmos consumidos atualmente, como o arrocha,

²⁵Disponível em: <http://farofafa.cartacapital.com.br/2015/06/22/o-democratico-arouche-e-o-brega-de-raiz/>

²⁶ Disponível em: <http://farofafa.cartacapital.com.br/2015/06/26/existe-sertanejofobia-em-sp/>

relacionando à exclusão desses artistas nas programações dos eventos culturais das cidades, como, mais uma vez, a virada cultural de São Paulo.

E São Paulo continua ignorando não apenas os universitários. Os organizadores da Virada Cultural ainda não foram capazes de convocar uma banda já entronizada no imaginário cultural nordestino-paulistano como a Banda Calypso. O gênero que hoje anda comendo pelas beiras a música popular brasileira (inclusive atravessando o sertanejo), o arrocha baiano, tampouco foi lembrado. Por que não chamar o Pablo, do arrocha? “Brega bom é brega morto”, como demonstrou Danilo Cymrot em seu ótimo texto aqui no Farofafá. Além desses, não custa lembrar a ausência histórica da música religiosa, de Padre Zezinho a Aline Barros, que também faz parte da memória afetiva de milhões de paulistanos.

Capítulo 2

O PERCURSO METODOLÓGICO E A INSERÇÃO NO CAMPO:

Definir o “Arrocha” e traçar a sua história não é tão simples, pois se trata de um movimento relativamente recente. De acordo com os discursos encontrados, durante a fase inicial da pesquisa, pudemos encontrar a informação de que o ritmo mencionado é reconhecido como tal há aproximadamente quinze anos. Porém, o reconhecimento nacional do Arrocha se deu recentemente, e, além disso, até agora nunca foi objeto de pesquisa acadêmica específica.

Desse modo, antes de explicarmos o que é o Arrocha de acordo com as palavras dos entrevistados, faz-se necessária a explanação do percurso metodológico utilizado na pesquisa de campo, para que seja possível visualizarmos como será apresentada a história e o conceito do arrocha, além do que já vimos até aqui.

Com a pesquisa bibliográfica, os estudos sobre o preconceito de classe envolvendo ritmos musicais foram acessados, sendo imprescindíveis no levantamento das hipóteses desta pesquisa, referentes à ambiguidade entre sucesso e desvalorização que envolve o Arrocha. Vimos que há muitas questões a serem respondidas, tais como: há, de fato, um preconceito ou desvalorização contra o arrocha? O que, no arrocha, serve como justificativa para a sua desqualificação? Esse preconceito ou desvalorização está relacionado ao segmento social que esse estilo representa ou já representou? Tal desvalorização está ligada a sua história, a como e onde ele surgiu?

A pesquisa que foi feita baseada em fontes bibliográficas e de mídia disponível na internet não nos permitiu chegar perto de algum tipo de resposta, embora tenha indicado direções para a pesquisa, como por exemplo, a associação sugerida com o funk. Esclareço aqui que tal fase da pesquisa foi primordial para o levantamento das hipóteses já descritas e levantadas anteriormente neste trabalho. Após o trabalho de qualificação da dissertação, foi vista a necessidade de um trabalho maior, que permitisse uma visão panorâmica do objeto de pesquisa e, para isso, a pesquisa de campo abarcaria tal necessidade, junto a um cunho exploratório sobre “o mundo” que compõe o Arrocha.

Para Gil (2008), a entrevista é uma técnica que proporciona ao investigador ou pesquisador uma interação social que viabiliza a obtenção de informações. As entrevistas realizadas nesta pesquisa foram por pauta, ou seja, com um tempo livre, com um tema específico e certo grau de estruturação, em que os pontos de interesse da pesquisa são explorados ao longo da entrevista. Esse tipo de entrevista foi realizado pessoalmente, gravado em áudio e transcrito, posteriormente.

Além desse tipo de entrevista, também foi utilizado o questionário para aquelas realizadas via email, com alguns artistas que não puderam participar pessoalmente, bem como, houve a criação de um questionário que ficou disponível online para que as pessoas (público indireto ou direto do arrocha) participassem da pesquisa. O link deste questionário foi disponibilizado na rede social Facebook, em grupos específicos de festas e bandas de arrocha, como também na página pessoal da pesquisadora.

Além dos métodos e técnicas mencionadas, houve a utilização da observação que, de acordo com Lakatos e Marconi (2003), é uma técnica que serve para coletar dados e informações, através da utilização dos sentidos para captar aspectos da realidade a ser estudada, examinando fenômenos ou fatos. Junto à necessidade de realizar uma pesquisa de campo sobre o Arrocha, o método utilizado para tal foi a pesquisa qualitativa de cunho exploratório. Para a utilização desse método de pesquisa, há o englobamento de algumas técnicas e práticas relacionadas ao método mencionado e que são utilizadas por diversas áreas do conhecimento.

Reforço aqui que existem várias bandas e artistas que disseminam o arrocha, mas por conta da dificuldade de encontrar material bibliográfico sobre o seu histórico, iremos nos deter ao material colhido com as entrevistas e observações realizadas durante a pesquisa de campo, as quais ocorreram por etapas, como veremos no tópico seguinte.

2.2 – ETAPAS DA PESQUISA

A pesquisa de campo foi dividida em etapas²⁷, bem como podemos observar a seguir.

2.2.1 - Conhecer o Portal do Arrocha

O trabalho de campo sobre o arrocha iniciou com esta etapa, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2015, com a viagem feita à Feira de Santana/BA, lugar onde reside Juninho França, cantor de arrocha na dupla Juninho França & A Desejada e criador do Portal do Arrocha, considerado o maior site de arrocha disponível em toda a rede da internet com o maior acervo de músicas e álbuns de bandas de arrocha disponíveis para download.

Durante essa etapa, o objetivo foi compreender a definição do arrocha disponível no site, a qual compara o arrocha ao funk, com o intuito de buscar detalhar as informações disponibilizadas e entender os motivos que pautam tal comparação, de acordo com o criador do site.

Em busca do objetivo traçado para essa etapa, fez-se necessário ir até Feira de Santana/BA entrevistar o criador do Portal do Arrocha, visto que foi a primeira fonte de informação sobre o ritmo encontrada na internet com um conteúdo sobre a história do arrocha que apontava a comparação com o funk, além de permitir, através dessa perspectiva, vislumbrarmos hipóteses, tais como, a relação entre o arrocha e a desvalorização social.

Para que acontecesse o trabalho de pesquisa nessa etapa, primeiramente, o entrevistado assinou o termo de consentimento livre e esclarecido e, como metodologia, foi utilizada a pesquisa exploratória com a entrevista aberta e semiestruturada, gravada em áudio, na qual o único entrevistado foi Juninho França, o criador do site mencionado. Sendo assim, foi definida de forma seletiva a amostra relacionada à coleta de dados sobre o site Portal do Arrocha. A utilização da entrevista aberta e gravada em áudio com esse participante da pesquisa justifica-se pela maior possibilidade de

²⁷ O conteúdo colhido em todas as etapas está disponível nos apêndices deste trabalho.

quantidade e qualidade dos conteúdos disponibilizados, através do discurso do entrevistado.

A necessidade de definir essa etapa como necessária para o trabalho de pesquisa se deu pelo fato de ter sido no site “Portal do Arrocha” que encontramos a definição mais completa do ritmo pesquisado, bem como, é neste site que se encontra a comparação do arrocha com o funk e a sua relação com a discriminação e a origem suburbana do arrocha.

Ir até Juninho França e entrevistá-lo permitiu buscar entender a definição do arrocha divulgada pelo mesmo no site da sua autoria, bem como compreender e coletar informações sobre a história do arrocha e a sua possível relação com a sexualidade, o preconceito, a desvalorização e o sucesso. A entrevista realizada foi esclarecedora, no sentido de possibilitar a coleta dessas informações mencionadas. E, embora tenha sido feita pessoalmente, houve a necessidade de reentrevistar esse participante, pois algumas das respostas dadas pelo mesmo não foram tão esclarecedoras, inicialmente. Porém, diante das impossibilidades financeiras e pessoais, a segunda entrevista foi realizada via Skype, um recurso online de conferência de áudio e vídeo, método de entrevista tão válido quanto os supracitados, como afirma Gil (2008).

Ao ser questionado sobre a história do ritmo, Juninho França falou sobre a sua vivência com o ritmo e como enxerga essa história.

O arrocha ele começou em 2001, ele em 2001 teve sua criação na cidade de Candeias. E, pra gente iniciar o papo do arrocha eu acho que a gente tem que ir na raiz, né.. e a raiz é onde tudo começou. O arrocha ele veio influente da música brega, da seresta, da.. da música que já era tocada através de voz e teclado, na época de Valdick Soriano, Fernando Mendes, esses grandes ícones da música, é... da seresta, digamos assim. E começou com um dos cantores que hoje tem uma grande importância no cenário musical brasileiro, que é o cantor Pablo. E o arrocha ele veio, é... a criação do nome, do arrocha veio a partir do momento que o cantor Pablo, ainda cantando na banda Asas Livres, ele.. ele induzia, digamos assim, falando né.. na fala, pra o homem dançar com a mulher no sentido de arrochar, né.. apertar, amassar, mais ou menos assim... e aí veio o arrocha. Aí ele ficava repetindo a palavra arrocha, arrocha, nos shows dele e começou a pegar. E aí como o ritmo ele já vinha da questão da seresta, que é uma seresta, na época chamava de bolero como ainda existe hoje, mas um bolero mais acelerado. Aí foram criados passos novos, danças novas, é.. tem o tradicional arrocha, que o povo chama de dois pra lá e dois pra cá, que é um rebolado mais ou menos fazendo um, um.. um ângulo de 180 e depois 360 como tem algumas músicas no mercado dizendo sobre isso. Só que começou daí, veio a palavra arrocha, arrocha nos shows e pegou. E o público aderiu a esse ritmo que nasceu em Candeias, é...

com Pablo, e veio outros grandes nomes da música do arrocha depois, é.. aprimorando o ritmo e, digamos assim, em relação até a velocidade do bolero, que Pablo ainda cantava um pouco mais lento, veio outros acelerando um pouco o ritmo, fazendo com que o arrocha ficasse mais dançante ainda do que é.

A ideia de identificar as raízes do arrocha foi colocada em prática, após informações tão ricas cedidas pelo entrevistado a respeito da história do ritmo. Identificamos aqui, após essa fala, que o Arrocha teve a sua raiz nas serestas e, antes de ser nomeado como tal pelo cantor Pablo, era chamado de *Bolero*, mas, com uma aceleração nesse ritmo, foi se transformando no que hoje conhecemos como *Arrocha*.

D: É... e pra você, como que você define, o que é que você pensa do arrocha?

JR: Eu acho que o arrocha é hoje um dos principais ritmos musicais brasileiros. É... é importante frisar que ele é muito importante pra cultura nordestina, é... hoje ele, ele vai.. leva a música, a gente chama de baiana, mas é uma música nordestina que a gente sempre... tem que deixar claro que a Bahia não é diferente de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco, é tudo nordeste. E a gente tem que defender a nossa região. E quando o arrocha vai pra região sudeste, vai pra região sul, chegando forte agora no centro oeste, ele é muito querido. Primeiro porque também tem muitos nordestinos lá no sul, né... mas também é muito abraçado, o público gosta muito. E hoje o arrocha é uma grande força nacional. Hoje eu vejo o arrocha como um ritmo que leva a cultura nordestina sim, de certa forma, não com traços tão, tão.. digamos assim, fortes como o forró, que mostra mais a imagem do sertão; o forró tradicional, né... o forró, a forma mais antiga. Só que ele leva sim um pouco do, do.. da questão... eu não sei se a palavra certa seria, é... favela. Mas, é como se fosse um ritmo que veio de um pessoal mais carente, mais... de uma estrutura financeira, digamos assim, menor, que curti isso mais em bairros mais populares, bairros mais pobres. E hoje não se vê isso, hoje vc vê grandes pessoas, grandes artistas principalmente na música nacional, aderindo, botando música de arrocha no ritmo. Tem muito.. muito, hoje você vê muito filhinho de papai, né.. como o povo diz, tocando arrocha no carro, em casa, nos bares... ou seja, é um ritmo que ta crescendo muito, não só cresceu como vai crescer ainda mais na minha opinião dentro desses próximos anos.

Ao falar do gênero musical Arrocha, o entrevistado atribui ao mesmo uma função de divulgar a cultura nordestina, afirmando que esse ritmo pode ser considerado uma grande força nacional, mas que também é um ritmo que leva um pouco da favela, por ter sido um ritmo criado e voltado para o público mais carente. Esse conteúdo da entrevista realizada com o criador do Portal do Arrocha nos traz mais um quesito sobre

a história do ritmo, que o remete à ligação do mesmo com parte da sociedade pertencente às camadas mais populares.

Dessa forma, além de possibilitar a coleta de dados que enriqueceram o conteúdo sobre o histórico do arrocha, essa etapa possibilitou também o desenvolvimento da hipótese de que há relação entre o preconceito contra o arrocha e a desvalorização social, além de nos trazer a questão da representatividade do nordestino através do *arrocha*.

2.2.2 – Conhecendo o arrocha de perto

Sabendo-se que o arrocha foi iniciado em Candeias-BA, vimos a necessidade de buscarmos a sua história em seu berço de nascença, para observar e compreender qual o público do ritmo e como funcionavam as festas. Por indicação do primeiro entrevistado citado anteriormente, fui entrevistar e conhecer o estúdio de gravação de um produtor musical local, conhecido por ser o responsável por lançar e gravar muitos artistas do ritmo.

Com o objetivo de conhecer a história do surgimento do arrocha em Candeias/BA, como também, buscar entender a possível relação entre o preconceito do arrocha e a desvalorização das classes mais populares, procuramos também observar o funcionamento do mercado da música do arrocha na sua cidade de origem.

Por ter sido uma viagem mais longa, demandando 5h de ida e 5h de volta, me hospedei em um hotel na cidade e decidi ficar mais um pouco para observar a região. Em dois dias, entrevistei o produtor musical, conheci o mercado local e conversei, sem gravador, com alguns trabalhadores do varejo no ramo de pirataria musical.

A metodologia utilizada para buscar conhecer a história do surgimento do arrocha e entender a possível relação entre o preconceito contra o arrocha e a desvalorização das classes mais populares foi a entrevista aberta e semiestruturada, gravada em áudio, após a autorização por parte do entrevistado ao assinar o termo de consentimento livre e esclarecido. Já a observação, foi utilizada para compreender o funcionamento do mercado musical do arrocha na feira popular da cidade, mas, além da

observação, também foi utilizada a captura de imagens para ilustrar melhor o ambiente e os produtos vendidos nas barraquinhas da pirataria de CD's e DVD's.

O fato de buscar observar e conversar com pessoas do local permitiu uma maior visualização da possível representatividade que o arrocha possa ter para aquele local. Além disso, tentar compreender se a caracterização inicial que denominou o arrocha como um ritmo voltado para as camadas mais populares da região condiz com o contexto da cidade na qual o ritmo foi criado.

O objetivo de coletar informação sobre como foi o início do arrocha em Candeias/BA foi alcançado, diante do tempo disponível para tal coleta. Na entrevista com o produtor musical Ademir, pudemos observar como resultado dessa etapa a confirmação da origem humilde do ritmo aqui estudado.

D: E sobre a história do arrocha, o que você tem pra falar assim? Que lhe vem à mente?

A: A história do arrocha... aí você me pegou, hein... a história do arrocha começa justamente assim: a gente tocava normalmente em barzinho, tocava normalmente em barzinho, a gente foi colocando e cada um fazendo seu ritmo. Eu fiquei mais conhecido porque eu fazia a programação da maioria dos tecladistas da cidade, eu fazia os ritmos de teclado, aí todo mundo me procurava pra fazer um ritmo novo, um ritmo diferente. – “ah, Ademir, mas eu não quero assim, quero de outro jeito” – e aí a popularidade foi aumentando, e as pessoas sempre me pedindo um ritmo diferente, um ritmo diferente e a maioria dos ritmos que eu fiz, graças a Deus, fizeram sucesso. Como o de Tayrone, como o de Silvano, como Nara Costa, como... Asas livres, como... perdi a conta, viu. Muita gente, muita gente. Esses são os mais conhecidos, mas muita gente mesmo. Não sei se tenho mais coisa assim pra dizer.

D: E como é que foi o surgimento do arrocha aqui em Candeias?

A: O surgimento do arrocha, voltando a dizer, ele começou num barzinho, aí depois passou pra clube quando um determinado grupo se destacava, aí colocava num clube onde o produtor que fazia o evento ele tinha condição de ter uma renda, né... melhor, colocando em um clube, deixando de ser num barzinho, que no barzinho seria de graça, ninguém pagaria nada, entendeu? Aí dessa forma, vendo que tendo condição, a popularidade aumentando, ele foi saindo de Candeias e foi ganhando a Bahia toda, entendeu?

Além do que foi mencionado acima, Ademir descreveu como enxerga o Arrocha e como descreve o ritmo:

A: Olha, o que eu sei do arrocha é que, na verdade, o arrocha foi uma evolução do ritmo chamado bolero, e ele foi... o termo regional que se usa

aqui era seresta. E depois eu acrescentei alguns elementos de percussão ao ritmo que ele colocou, que ele ficou, se chamou de arrocha.

(Mô, depois você vem cá por favor?) Interferiu, a esposa do entrevistado.

A: Onde eu tava?

D: Que é popularmente conhecido como seresta... formação com o bolero...

A: Formação com o bolero inicialmente e depois se tornou o arrocha, colocando alguns elementos de percussão, colocando com que o ritmo ficasse mais dançante, tendo um bumbo na frente e um simbal constante.

Pudemos alcançar informações a respeito do início do arrocha em Candeias, bem como conseguimos informações sobre a história desse ritmo, como já mencionamos. Como resultado, percebemos a origem humilde do arrocha e o seu desenvolvimento ao decorrer do tempo.

Com as observações e conversas informais realizada com feirantes, vendedores de CD'S e DV's piratas, tivemos também como resultado, a informação de que os CD's mais vendidos por lá são de bandas de forró ou arrocha, fato este que nos remete a retroalimentação da cultura local. Dessa forma, foi possível notar a importância do mercado informal da música para a divulgação dos artistas do arrocha, bem como, a relevância e real vinculação entre o arrocha e as pessoas das periferias.

Além disso, as fotos que tirei da cidade de Candeias/BA puderam ilustrar a sua semelhança aos morros e comunidades do Rio de Janeiro, mas infelizmente, em decorrência do assalto do qual eu fui vítima, perdi a maioria dessas fotografias. Porém, também podemos vislumbrar as paisagens da terra do arrocha, visualizando imagens disponibilizadas pela internet, como as imagens disponíveis no apêndice deste trabalho.

Sendo assim, as vivências em Candeias/BA possibilitaram o alcance dos objetivos traçados durante essa etapa, favorecendo a ideia de que os ritmos periféricos, tais como o arrocha, são valorizados em seu lugar de origem, como também, podemos perceber que a semelhança entre a região de Candeias/BA e os morros e comunidades do Rio de Janeiro pode ser um dos motivos que pautam a comparação entre o arrocha e o funk.

2.2.3 - Conhecendo as pessoas que fazem o *arrocha*

Embora a história de Pablo, A Voz Romântica seja importante para entendermos o percurso do *Arrocha*, faz-se necessário ampliarmos a versão dessa história para o conteúdo dos dados colhidos que nos foi apresentado pelos produtores e artistas entrevistados a respeito da história do *arrocha*, justificando assim, a importância dessa etapa da pesquisa.

Objetivando buscar responder as questões sobre a história do ritmo e identificar a possível relação entre preconceito e *arrocha*, com o intuito de dar voz aos protagonistas do tema, as pessoas que trabalham com o ritmo, foi necessário procurar pessoas que se disponibilizassem a participar dessa etapa da pesquisa, na qual foi utilizada entrevistas abertas e semiestruturadas gravadas em áudio, após autorização do entrevistado via termo de consentimento livre e esclarecido. A amostra selecionada ocorreu de forma estratificada, na qual o requisito para tal era trabalhar ou já ter trabalhado com o ritmo *Arrocha*. Nessa etapa, também se fez necessária a utilização de questionários aplicados via e-mail com artistas difíceis de serem entrevistados pessoalmente devido à distância e à agenda de shows movimentada.

As entrevistas que aconteceram pessoalmente eram marcadas previamente com o participante, o qual recebia informações gerais sobre o funcionamento da pesquisa. No local, dia e horário marcado, a entrevista acontecia e tinha seu áudio gravado. Todos os entrevistados pessoalmente são pessoas que residem em Aracaju/SE, as quais foram encontradas via pesquisa por internet ou por indicação do entrevistado anterior que indicava uma outra pessoa para ser entrevistada posteriormente.

Uma das maiores dificuldades no trabalho de campo foi conseguir entrevistar artistas e produtores do ritmo. Consegui um total de sete entrevistados. Após muita tentativa de contato sem resposta ou com respostas negativas, tive que me deter à qualidade do conteúdo colhido e não à quantidade de entrevistado.

Dentre os entrevistados, alguns foram entrevistados pessoalmente, como já foi mencionado, e outros entrevistados via e-mail, assim como apresentado no quadro a seguir:

Tabela 1 – Lista de artistas e produtores entrevistados

ENTREVISTADOS	
Entrevistados pessoalmente	<ul style="list-style-type: none"> • Chiquinho (Músico – Reboco do Arrocha) • Taisa (Produtora Musical) • Marcelo Bonfá (Produtor Musical, Radialista e contratante de Pablo do Arrocha em Aracaju)
Entrevistados via e-mail	<ul style="list-style-type: none"> • Nira Guerreira (Cantora – <i>Rainha do Arrocha</i>) • Pablo do Arrocha (Cantor – <i>Rei do Arrocha</i>)

Fonte: Dados colhidos durante a pesquisa realizada

Uma das entrevistas com conteúdos mais inesperados foi realizada pessoalmente, com o tecladista da banda Reboco do *Arrocha*, o qual, apesar de trabalhar com o ritmo, ao ser questionado sobre a história do mesmo, afirmou não saber nada sobre ele.

F: Então, sobre o *arrocha* eu não sei nada. Não sei nada porque eu nunca fui de gostar do *arrocha*, não vou dizer assim: nunca fui de gostar, porque na verdade, eu gosto da música. Então qualquer ritmo, estilo de música que vier hoje é algo novo, né.. é música. Você vai tá vivendo aquilo ali. Queira ou não, qualquer lugar que você passar você vai ter que escutar qualquer tipo de música. Seja no rádio, seja na esquina, num boteco, dentro de casa, no banheiro... você vai escutar qualquer estilo, na televisão e por aí vai. Então, como foi que eu cheguei até o *arrocha*... como eu falei, né, como a música tá em toda parte, primeira vez que eu escutei o *arrocha* foi quando eu saí com um grupo de amigos, paramos no bar e... você sabe que essas músicas começam sempre de lugares pequenos, um barzinho, tipo boteco e começou a tocar aquelas batidas meio estranha, não sei nem especificar o que é, se é uma mistura de pagode com forró, não sei. É *arrocha*.. é *arrocha*. Então, é aquela coisa, por mais que você não goste, você acaba batendo o pezinho, acompanha o compasso e vai levando aquilo ali como algo natural...

É intrigante encontrar alguém que fale em uma entrevista que apesar de gostar de trabalhar com música, afirma não gostar do ritmo com o qual está trabalhando. O vasto conteúdo colhido nas entrevistas com os artistas e produtores que trabalham com *arrocha*, permitiu detalhar a história do ritmo, como também permitiu visualizarmos a contradição que tanto falamos desde o início da pesquisa, o sucesso do *arrocha* e a sua possível rejeição.

Outro entrevistado foi o radialista Marcelo Bonfá, o qual contou a história do *arrocha*, desde o início do surgimento do ritmo.

M: A história do *arrocha*, nasceu ali em Candeias, né.. muitos consideram como berço. Aquela região ali da Bahia, ali próximo a Salvador. E ali tinha o Asas Livres, que o vocalista era o Pablo, muito novo, né.. tinha o Tayrone, a Nara. Foram os nomes que encabeçaram inicialmente esse processo. No início não era *arrocha*, era uma seresta diferenciada, né.. as pessoas, eles pegavam músicas de Fagner, de Ana Carolina, músicas que estavam na boca do povo, músicas bem executadas no rádio, com bom posicionamento no rádio e colocavam no rimo ali do teclado, que a estética era essa: teclado, uma guitarra e um sax. É como se fosse o Luiz Gonzaga criando o pé de serra, aquela estética do Luiz Gonzaga, né: sanfona, triângulo e zabumba. Tem um pouco disso aí. E aí, o Pablo, que eu acho que é o grande expoente disso tudo, ele até se deslocou desse movimento. Pablo hoje, na minha concepção, Pablo hoje não é mais *arrocha*, ele já venceu essa barreira. E o Pablo, nos shows ele falava: “*Arrocha! Arrocha!*”. E eu participei disso desde 2002, quando eu conheci o trabalho do Asas Livres e em Salvador, e eu ouvi a voz do Pablo – uma voz com muito magnetismo, muito bem colocada, muito bem afinada. Eu gostei disso e falei pro Orlando da Pato discos da gravadora – foi quem primeiro lançou um cd gravado com selo, foi essa gravadora chamada Pato discos, do Orlando Barros, lá de Salvador, um grande amigo da gente. E eu falei pro Orlando: “se prepare que isso vai dar muito dinheiro!”. Eu só precisei ouvir uma música: “tudo azul, lindo como a cor do mar, doce como o mel da flor..”, só ouvi essa música só. Aí: “me dê uma cópia que eu vou levar pra Aracaju”. Ele falou: “Não, calma! Isso aqui é a matriz, eu vou mandar pra São Paulo e logo quando chegar eu vou lá em Aracaju pra gente fazer o nosso contrato, eu representar o Asas Livres aqui em Sergipe”. E assim foi. Eu comecei a trabalhar o cd. O Orlando me mandou uma caixa com 25 cds, ele poderia ter mandado uma caixa com mil, dois mil cds e mandou uma caixa com 25 cds. Imagine como o Orlando é mão fechada, viu! E aí.. mas eu fiz, fui fazendo o trabalho.

O entrevistado conta a história do *Arrocha* desde o início do sucesso da banda Asas Livres, onde Pablo começou a cantar com 15 anos de idade, e um dos primeiros Estados a receber os shows da banda mencionada, foi Sergipe. Durante o início da

divulgação do ritmo, de acordo com o entrevistado, muitas pessoas encaravam o *arrocha* como um ritmo passageiro.

Coincidiu que na época eu tava fazendo campanha política e com a campanha política eu pude viajar o estado todo. E onde eu ia, eu deixava um cd. Muito ceticismo, ouvi muito isso. Ouvi muito: “isso não dura três anos”. Tudo isso eu ouvi, e o povo abraçou esse movimento. Porque eu trabalho com música há 27 anos, eu já vi muitos grupos nascerem, muitos, muitos. Eu tenho um estúdio de gravação também, já vi muita gente chegar querendo gravar um cd, aí vai pra um show, pra uma casa noturna e não consegue vender 200 ingressos. A gente no começo já vendia 1500, 2000 ingressos, 2800 ingressos. O primeiro show de Pablo em Estância, de Pablo não, do Asas Livres, foi em Estância. Eu também não conhecia o show, porque o cd é uma coisa – o cd você tem todo o aparato do estúdio, você tem pessoas, você pode afinar voz, enfim... você tem uma gama de tecnologia e de pessoas à disposição pra produzir um bom cd. Aí eu fui ao show lá em Estancia, eu que vendi o show, aí falei: “eu quero ver o que que é isso”. E uma coisa que me impressionou, primeiro que vendemos quase três mil ingressos, foi sucesso!

Por ter presenciado o caminho da carreira de Pablo do *Arrocha*, o entrevistado demonstra certo orgulho e entusiasmo ao falar da história do ritmo. Focou mais uma vez no descrédito que o *arrocha* sofria por parte de algumas pessoas, que não acreditavam que o estilo musical iria durar por muito tempo.

O primeiro show em Sergipe foi na cidade de Estancia, na AABB de Estancia – é AABB aquilo ali? – foram quase três mil ingressos vendidos, fora as cortesias, enfim. Foi uma loucura! E quando tocou, quando foi passar o som, aí o tecladista que era Jai – o Jai que é o dono do Asas Livres, é o detentor da marca Asas livres – ele soltou o teclado, “tutu.. tutu.. dois pra lá, dois pra cá”. O povo endoidou! Só naquilo ali! Eu falei “meu Deus do céu!” e fiquei olhando, eu fiquei bem de frente mesmo, pra mim sentir a reação do povo, pra mim ver, pra mim... entender aquilo ali. Aí quando passou, tá passado e tal, aí tava todo mundo distante do palco. Quando fez isso, o povo já começou a descer. Aí quando o locutor começou a falar “bererê, barara, tal, tal”... aí chamou: “com vocês, o fenômeno Asas Livres!” aí começou e bem com essa música Tudo azul. Eu acho que foi essa, que ele abriu o show com ela. Uma loucura! Eu saí de Estancia extasiado, meu Deus do céu! E a gente saiu de Estancia e vinha fazer um show aqui, em Aracaju.

Além do que já foi apresentado até aqui, as entrevistas via questionário com artistas do *arrocha* também aconteceu, uma delas, foi com o próprio Pablo do *Arrocha*, como já mencionamos anteriormente. Um contato que inicialmente foi feito via

assessoria de imprensa, até que, a resposta por email foi enviada e assinada pelo próprio Pablo, o qual falou com as suas palavras sobre o início do gênero que inventou.

1) Como você pensa e define o *Arrocha*?

O *arrocha* veio de uma expressão que eu falava na Seresta. “*Arrocha*” para os casais dançarem agarradinho. A partir disso o pessoal deixou de falar vamos na seresta, e sim, vamos ao *arrocha*. O gênero ficou, e hoje, graças a Deus, expandiu para o Brasil e mundo inteiro.

2) Você pode nos contar um pouco a história do *Arrocha*? O que você conhece dessa história?

Como falei acima, eu “inventei” o *arrocha* acidentalmente, há 15 anos atrás na seresta, através de um termo, hoje, virou gênero e está essa explosão. Até outros gêneros, estão adaptando o *arrocha* ao repertório. Mas, o *arrocha* original, em minha opinião é o *arrocha* romântico. Aquele criado em Candeias.

Quando o entrevistado Marcelo Bonfá falou sobre a descrença de algumas pessoas em relação ao possível sucesso do *arrocha*, ele também menciona um diálogo que teve com um colega, afirmando que o ritmo faria sucesso no mundo inteiro, pois “o povo é povo no Brasil todo”.

E a gente vivia um problema aqui em uma casa noturna e eu cheguei pros meus sócios e falei: “esse menino aí, pelo que eu vi em Estancia, esse menino vai salvar a gente!”. Descrédito total, ninguém acreditou. Eu costumo dizer assim, uma das coisas que eu sempre agradeço a Deus todos os dias, é que ele me deu uma percepção muito boa, principalmente pra música. Pra música eu tenho essa percepção. E foi isso que eu vi e isso que aconteceu. Hoje quando eu vejo Pablo no Jô, no Danilo, no Ratinho, tem programas que ele nem vai porque a agenda não dá. Eu fico assim: meu Deus do céu, tudo que eu vi naquele dia lá se concretizou e mais do que eu imaginei. Porque eu não imaginava isso, né? Aí teve um dia que eu falei a Orlando, eu falei: Orlando, vamos embora, cara. Isso é sucesso na Bahia, vai ser sucesso no Brasil todo! Porque o povo é povo no Brasil todo! Porque ele se conecta de alguma forma com os meios de comunicação, e hoje mais ainda, com a internet e tal... naquela época a gente não tinha internet, tinha mas muito incipiente. Então foi assim, trilhamos esse caminho, no começo a gente fazia show, entre aspas, pra empregada, era o nosso público, pro servente de pedreiro, pro pedreiro, pro carregador, pro carroceiro e foi, foi, foi... vencemos todas as barreiras, graças a Deus

De acordo com o recorte da entrevista citada acima, o ritmo era voltado para um público de trabalhadores das classes populares, dos serventes de pedreiros, das empregadas domésticas e do carroceiro. Segundo o entrevistado, as pessoas que trabalham com o *arrocha* venceram “essa barreira”, mas que barreira seria essa? Permanecer ligado ao público que era atraído pelo *arrocha* no início da difusão do mesmo?

Nira Guerreira, uma das primeiras mulheres a cantar *Arrocha* no Brasil, foi entrevistada via email, e igualmente aos outros entrevistados, também falou um pouco sobre a história do ritmo:

1) Como você pensa e define o *Arrocha*?

Ritmo dançante, alegre, contagiante.

2) Você pode nos contar um pouco a história do *Arrocha*? O que você conhece dessa história?

O *Arrocha* é um ritmo musical originário da Bahia ele veio proveniente da seresta, influenciado pela música brega e o estilo romântico, com modificações que o tornaram, segundo seus adeptos, mais sensual. Estilo musical originário da Bahia, nasceu no Distrito de Caroba na cidade de Candeias. Não é necessário ser tocado por uma banda completa. Normalmente são usados: um teclado arranjador, um saxofone e uma guitarra. O *arrocha* que tem arrastado multidões reinventou antigos ritmos, com uma roupagem mais, digamos, moderna. É uma reinvenção da música brega, da seresta, do estilo romântico. Conheço também: Surgiu de uma brincadeira que o cantor Pablo na época falava nos shows a palavra " *Arrocha Arrocha* " aí surgiu a dança.

Pudemos ver através da definição do *arrocha* que o mesmo começou sendo disseminado nos bailes realizados nos bairros mais humildes. Apesar de eu não falar aqui sobre razões estéticas e nem me debruçar sobre as questões da indústria cultural em relação à música, me propus a mencionar o que Adorno fala sobre as músicas que não são “meros produtos” da indústria cultural. Adorno e Horkheimer (1985), afirmam que o desenvolvimento artístico é decorrente da expressão da capacidade intelectual do indivíduo, como também, por exemplo, as emoções e sensações humanas, fazendo com que a música seja um meio perfeito de adentrar nas realidades sociais. Porém, mesmo que a música possua a capacidade de penetrar a alma humana, os encantamentos causados por ela passam a ter um sentido artificial diante da indústria cultural.

Um dos entrevistados, ao falar sobre a possibilidade do *arrocha* sofrer algum tipo de preconceito e mencionou a possibilidade da rejeição contra o *arrocha* ser mera questão de “gosto”.

Eu penso assim, né.. eu sou eclético, gosto de todos os estilo musical e hoje eu tô vivendo dentro do *arrocha* por acaso: uma questão de brincadeira que, queira ou não, tá dando, entre aspas, tá dando certo. Temos nossas composições e que a intenção é fazer o pessoal se divertir, a pessoa que tá escutando o *arrocha*, se divertir. A gente escolheu o *arrocha* porque é algo que muita gente gosta, tá certo? Vamos ter vários estilos de gosto, né.. vários tipos de gosto: rock, pop, pagode, seja lá o que for, é que nem futebol, é que nem religião, e essas coisas assim, meio complicadas da pessoa discutir, que cada um tem seu gosto. E por exemplo, vou falar um pouco do que, qual é o nosso projeto: como eu falei, a intenção é fazer o pessoal se divertir e dançar. Porque o pessoal hoje em dia, entre aspas, gosta do que não presta. Tudo que não presta o pessoal gosta. Não vou dizer que o *arrocha* não presta, pra quem gosta, é algo que preste. Entendeu? É uma coisa que o pessoal se sente bem, tá ali escutando, tá vivendo, tá curtindo. Ninguém é obrigado a gostar do que outra pessoa gosta. Ah, se o cara gosta de rock, não.. você tem que gostar. Vai brigar por causa disso? Não! É o gosto dele e acabou.”

Quando o entrevistado fala que as pessoas hoje em dia gostam do que não presta, apesar de se justificar logo depois, que essa opinião não vale para quem gosta do ritmo, o entrevistado afirma que o projeto no qual trabalha, tem a intenção de divertir o público. Quando uma manifestação artística tem a intenção apenas de divertir, de evocar o gozo, o prazer, esse tipo de manifestação perde o seu valor perante a cultura? A sua legitimidade é desvalorizada? Esses questionamentos foram percorrendo o trabalho de campo até o momento final do mesmo.

A produtora entrevistada falou sobre ter sido preconceituosa inicialmente, ao ser convidada para trabalhar com artistas do *Arrocha*, pois, segundo ela, associava as festas e o ritmo ao “povão, confusão e briga”.

T: Porque... eu acho que eu era preconceituosa, na verdade. Porque o *arrocha*, geralmente... quando iniciou, era tipo... eu acho que, tipo... a gente pensa logo em povão. A gente acha que é povão, que é confusão e que é briga. E na verdade, quando eu vim trabalhar com o *arrocha* foi que eu fui ver que, na verdade, é uma mistura de povo, de multidão. É multidão, é uma mistura de pessoas. Não tem realmente uma classe social, né? Então eu era, na verdade, preconceituosa. E eu achava que a música também não soava muito bem no meu ouvido, porque eu tava já acostumada a outro estilo musical. E aí foi quando eu fui, e fui vendo que realmente o *arrocha* é uma mistura de pessoas de todas as classes sociais. Gostei de ter trabalhado, foi um estilo musical que me surpreendeu porque eu não vi muita confusão nos shows, o pessoal é muito pacífico, não briga... entendeu? E assim, eles se envolvem muito com o cantor. Eu acho que tem essa parceria entre o cantor e a multidão. Eu acho que eles se identificam muito e todas as classes sociais, eu acho que não tem preconceito. Então, acho que nas outras linhas existe mais um preconceito de classe social, e no *arrocha* não, é uma mistura que hoje explodiu. Na verdade, que tem esses cantores agora, da moda, né? Pablo mesmo, que tá estouradíssimo, né... então acho que hoje firmou realmente, não existe classe social. É todo mundo, todo mundo gosta, todo mundo sofre, né? E todo mundo vai pra os shows mesmo, né?

2.2.4 Conhecendo o público do arrocha.

Esta etapa da pesquisa aconteceu com o intuito de estabelecer um contraponto às entrevistas com os músicos e produtores do arrocha, além de levantar novas questões sobre o ritmo. Com o objetivo de compreender qual a relação da sociedade com o arrocha, bem como tentar mapear qual o público do arrocha, o questionário aplicado ao público apareceu como uma abordagem secundária diante das estabelecidas anteriormente.

O questionário²⁸ aplicado via internet em uma amostra por conveniência através da disponibilização do questionário em páginas do facebook sobre o ritmo pesquisado, foi a metodologia utilizada. A aplicação desse questionário justifica-se pela possibilidade de visualizar de forma mais ampla o arrocha pela perspectiva do receptor do ritmo, seja ele direto ou indireto, além de ser um método mais prático e viável para alcançar um número considerável de participantes da pesquisa. É importante ressaltar que, embora haja um gráfico e uma contabilização de alguns dados colhidos durante essa etapa, o foco da mesma é a pesquisa exploratória e de cunho qualitativo.

²⁸ Questionário completo nos apêndices.

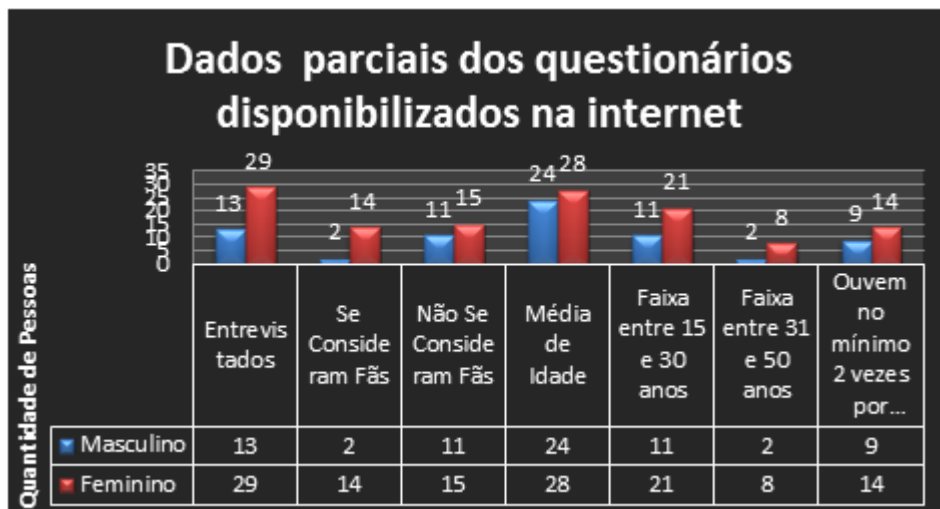
Nas entrevistas realizadas com o público, foi disponibilizado um questionário na internet e divulgado pela rede social, em páginas de cantores de *arrocha*, conta pessoal da pesquisadora, grupos de fã clubes de *arrocha*, obtendo um alcance de 42 questionários respondidos até o mês de junho do ano corrente. A amostra foi definida de forma aleatória, a intenção foi disponibilizar na rede social (facebook), na minha página pessoal e nos grupos e páginas de fã-clubes, artistas, sites e bandas de *arrocha* (Pablo, A Voz Romântica; Polentinha do Arrocha; Portal do Arrocha, entre outros) tentar mapear o perfil do público do *Arrocha*, investigar qual a visão do público perante o ritmo e se para a sociedade há de fato uma relação entre o preconceito de classes e o preconceito contra o *arrocha*, como também, tentar identificar se há de fato a contradição entre o grande sucesso do ritmo e a quantidade de críticas que o mesmo recebe.

Tabela 2 – Total de questionários respondidos

<p>• Total de questionários respondidos: 42</p>
<p><u>Feminino:</u> 29 entrevistadas</p> <p><u>Masculino:</u> 13 entrevistados</p>
<p><u>Média de idade:</u> Entre 15 e 50 anos de idade (Sendo a maioria na faixa etária entre 20 e 33 anos de idade).</p>
<p><u>Consideram-se fãs do <i>arrocha</i>:</u> 17 entrevistados</p> <p><u>Não se consideram fãs do <i>arrocha</i>:</u> 24 entrevistados</p> <p><u>Não souberam responder:</u> 1 entrevistado</p>
<p><u>Ouvem músicas de <i>arrocha</i> no mínimo 2 vezes por semana:</u> 23 entrevistados</p>

Fonte: Próprio autor

Imagem 1 – Gráfico de dados parciais dos questionários disponibilizados na internet.



Fonte: Próprio autor

Encarando os dados já mencionados como um recorte do público do *arrocha*, poderíamos afirmar que esse público se refere a uma maioria feminina, a qual escuta músicas do ritmo no mínimo duas vezes por semana, porém não se consideram fãs desse estilo de música. É interessante apontar que apesar dos dados aqui apontados, é a maioria representante de cada “sexo” ou gênero que não se consideram fãs do *arrocha*, contrapondo assim a grande execução do ritmo diante do que afirmaram no questionário.

As perguntas disponíveis nesse questionário eram referentes aos dados pessoais, tais como idade, profissão, sexo e logradouro, com o objetivo de traçar o perfil do público. Além dessas, também fizeram parte do questionário as perguntas específicas referentes ao *arrocha*, a fim de pesquisar e responder as questões levantadas neste trabalho, tais como sobre o preconceito contra o *arrocha*, como a pergunta que podemos ver na tabela a seguir.

Tabela 3 – Questão sobre o preconceito contra o arrocha (Questionário).

Existe preconceito contra o arrocha? Se sim, de que forma isso aparece?
Sim. É tratado como um ritmo "inferior", não é de aceitação geral e sempre tem quem argumente que não é um tipo de cultura.
Sim! Especialmente pela associação ao público, considerado "inferior", "menos culto", por diferirem do padrão estipulado pelas classes de nível econômico mais elevado. Há uma relação direta com o que se ouve, por exemplo, uma pessoa que ouve Chico Buarque já está "culturalmente" em vantagem se comparada a quem ouve funk ou arrocha, embora todos eles façam parte da nossa cultura.
Sim. Como mencionado no texto, é tido como algo baixo, de pessoas sem cultura, e os lugares que são destinados à shows de arrocha são, muitas vezes, associado à marginalidade.
Sim, os críticos e intelectuais consideram o estilo musical pobre de criatividade;
Eu acho que não
Deve existir, assim como em qualquer coisa. Pelo pouco que sei, existe o preconceito porque associam o arrocha às classes menos favorecidas.
Sim. Presume-se que quem aprecia esse estilo musical tem algum problema grave, seja de ordem social, psicológica, cognitiva, entre outras. Já eu acredito que mau gosto qualquer um pode ter, por mais "normal" que seja.
Sim. Creio que o ambiente de origem do ritmo faz com que muitas pessoas designem o ritmo como pertencente a uma determinada classe, dificultando sua dinamização e fazendo com que pessoas ditas "cultas" não se permitam conhecer o ritmo.
Sim. Quando associam o ritmo às classes menos favorecidas, como se estas não tivessem bom gosto e que os ritmos a serem valorizados são os elitizados e chamados cults.
Se existe, apenas com relação ao público que chama em lugares de periculosidade como disse anteriormente. Apenas
sim, apesar de q hj muitas pessoas de classe econômica considerada boa estão à curtir esse ritmo, mas o preconceito existe, talvez pela sua origem, nas periferias baianas
Sim... Dizem que só quem escuta é quem sofre de amor...
Claro. Arrocha é coisa de empregada doméstica e pedreiro. Arrocha é coisa de puta que vai pros "bar" se "esfregar" "nozomi" casado. Ouço isso sempre, fora outras inúmeras piadinhas sobre o arrocha, e quando digo que gosto todos parece se espantar, ou achar que to 'tirando onda'
sim, pessoas mais idosas nao gostam da "sofrença" e odeiam fenômenos como pablo
Talvez, entretanto, não chega até mim, pois, todo meu círculo de amizade tem o mesmo gosto, e ouvir arrocha é estar atualizado.
Sim, na verdade existe um preconceito contra a maioria dos movimentos oriundos de classes econômicas baixas, e com o arrocha não é diferente. Algumas letras de arrocha podem ter o mesmo conteúdo que algumas letras de Caetano Veloso, Chico Buarque, Marisa Monte e etc, mas no momento a maioria das pessoas que conheço julgam o arrocha como um ritmo baixo, de "Baixa qualidade" e pobre musicalmente.

As pessoas riem de quem curte esse ritmo
Sim , na correlação a pobreza
quem nao gosta
Existe. O público de um show de arrocha msm que contendo outras bandas q possuem outros ritmos é de uma galera mais classe baixa. Tem gnt de outras classes tbm, mas a maioria é baixa. Assim em pagode, arrocha chama o povão.
existe um conceito, é só andar pelas ruas para notar que a música é espalhada de forma desordenada e gritante a quem quer escutar e a quem não quer. Infelizmente esse conceito termina prejudicando quem gosta e escuta só pra si.
Sim. Embora tenha se popularizado, muitos ainda enxergam o arrocha como um estilo de música inferior aos demais.
não
dizem q é brega
Sim... qnd retratam esse ritmo como música de empregada ou pobre em geral
Acho que existe mais preconceito em relação a alguns lugares específicos em Aracaju que tocam arrocha e são frequentados por pessoas de diversas classes sociais, mas não em relação ao ritmo.
Sim. Em forma de piadas, ironizandk o estilo.
Acho que não é preconceito é gosto, estilo musical
sim
tem gente que acha que o arrocha e musica de corno
Sim. Quem gosta de arrocha geralmente não tem acesso a estilos musicais como MPB, música erudita, rock progressivo, dentro outros.
Não.
Existe, bastante! Muitas pessoas, como o próprio Portal do Arrocha alegou, desmerecem o ritmo tão somente por não vir de um contexto histórico tão "politizado" como as músicas populares brasileiras (MPB) ou até mesmo a bossa nova. No entanto, ela tem representação social e isso a caracteriza como parte da cultura, ter preconceito frente ao ritmo é, em meu ponto de vista, boçalidade e desrespeito ao gosto musical do outro.
Existe. Como existe em outros estilos musicais. Acho que isso aparece mais quando aqueles que gostam obrigam os outros a ouvirem também, o que é de costume, eles colocam o som bem alto... mas se você falar mal estará sendo preconceituoso? Independente do ritmo creio que cada um ouve o que quer, mas não se pode obrigar alguém a ouvir o que não quer. E desde que não agrida o outro (como eu fiz eu uma questão anterior, desculpa) cada um tem o direito expressar sua opinião sobre algo.
Nao sei
Acredito que não. Existe pessoas que não gostam desse ritmo, da mesma maneira que não curte outros ritmos.
Não
Não vejo esse preconceito. Esta ai outra diferença com o Funk que sofre muito preconceito tanto pela dança quanto pelas letras.
so tem preçoçito quem nao sabe o que musica
Hoje não mais.

Fonte: Próprio autor

Dessa forma, o questionário²⁹ disponibilizado na internet apresentou um conteúdo amplo permitindo uma gama de escolhas sobre o que retratar no trabalho de pesquisa. Dentre os entrevistados, sobre a história do ritmo, a grande maioria apenas sabe que é um ritmo que surgiu em Candeias/BA e que foi criado pelo cantor Pablo do *Arrocha*.

Os questionários possibilitaram a visualização de diversos pontos de vista sobre as hipóteses e questionamentos aqui mencionados, como também, permitiu visualizarmos de forma panorâmica um possível perfil do público do *arrocha*.

Com os dados colhidos nessa etapa pudemos observar a clara relação entre o preconceito contra o *arrocha* e a associação às pessoas das classes mais populares. Além disso, tornou-se possível visualizarmos uma hipótese sobre a qual público o *arrocha* atende, como também, sobre como o ritmo é visto pelo público e sociedade em geral.

2.2.5 Vivendo as festas de *arrocha*.

Vivenciar algumas festas do ritmo aqui pesquisado objetivou responder as perguntas sobre qual o público do *arrocha*, bem como ter a experiência semelhante a das pessoas que produzem o *arrocha* e dos fãs do *arrocha*. Além disso, mapear o funcionamento e a estrutura dessas festas também se fez presente como objetivo desta etapa da pesquisa de campo, a fim de aprofundar a leitura das etapas anteriores.

Para trabalhar durante essas vivências, utilizou-se a observação participativa, onde me coloquei como público em algumas festas, e em outras, me tornei presente como parte de bandas que possuem nos seus repertórios, músicas do ritmo *Arrocha*. Para Gil (1999), a observação mencionada anteriormente se caracteriza por ser uma técnica que possibilita o conhecimento do objeto de pesquisa estudado a partir do interior dele mesmo, ou seja, através desse tipo de observação, o pesquisador passa a

²⁹ Todo o conteúdo presente nas respostas do questionário, mantiveram-se como as respostas cedidas pelos participantes, sem que houvesse alguma correção ortográfica, no intuito de manter a maior fidedignidade possível.

fazer parte do grupo que pertence ao objeto de pesquisa. Além da observação, nessa etapa da pesquisa também foi utilizada a captura de imagem das festas por fotografias.

Fui ao show *Arrocha Vip* que aconteceu em março de 2015, na praça de eventos do mercado municipal da cidade de Aracaju, tendo como atração principal, o cantor Pablo do *Arrocha*. Tal festa teve como um dos principais organizadores, o produtor Marcelo Bonfá, um dos entrevistados. A festa *Arrocha Vip* teve a sua estrutura montada no mercado municipal de Aracaju, na mesma praça de eventos onde ocorrem os maiores festejos juninos da capital e teve o público dividido entre pista, área vip e camarote. No camarote aconteciam shows de outras bandas nos intervalos das atrações da festa, dentre quais estavam as bandas: Ponney do *Arrocha*, Alma Gêmea, Rafael Gonçalves e Pablo do *Arrocha*. Dentro do camarote, os shows foram com a banda Forró dos Vip's e banda X-10.

Fui ao show sozinha chegando aproximadamente às 21h30 da noite, eu ainda não havia comprado o ingresso da festa, os quais tinham os preços variados entre 30 reais e 70 reais se fossem comprados de forma antecipada. Ao chegar no local da festa, passei mais ou menos uma hora caminhando entre as barraquinhas de drinks, carrinhos de cachorro quente e espetinhos, observando o movimento daquele lugar. Com um gravador de voz dentro da bolsa procurando uma oportunidade para conversar com alguém que autorizasse ser gravado, o que infelizmente, não aconteceu.

Conheci um rapaz o qual expliquei a ele sobre a pesquisa que eu estava fazendo, e que estava ali como pesquisadora. Segundo as palavras dele, iremos chama-lo aqui de R.: “para saber o que é o *arrocha*, é preciso sentir, e não só olhar”, referindo-se à necessidade e o prazer de dançar o *arrocha*. R. jogava dinheiro pelo chão, mas o pegava de volta, pagava bebida para os amigos, esbanjava a sua tatuagem no pescoço com o símbolo do cifrão “\$”, repetindo várias vezes a palavra “ostentação”. Além disso, se gabava por não brigar com ninguém em festas, pois, segundo ele, é melhor “matar logo”.

Confesso que essa interação interpessoal que eu tive com R. e as observações que fiz na festa *Arrocha VIP*, me surpreenderam, pois foram fatos que não condiziam com o conteúdo da entrevista que realizei com a produtora musical, T. A produtora

mencionada, trabalhava para um cantor de *arrocha* da cidade de Aracaju, e elogiou as festas do ritmo, por serem “festas tranquilas, sem brigas”. De fato, comparada às micaretas de músicas de axé e pagode, a quantidade de brigas que vi acontecerem nas festas de *arrocha* que frequentei são mínimas, porém, não menos perigosas.

Além do *Arrocha VIP*, fui à gravação do DVD de Raquel dos Teclados, uma das artistas mais famosas em Sergipe, por cantar músicas de *arrocha* e dançar de forma, digamos, diferenciada, mesclando movimentos pélvicos com balanços de pernas em seus shows. A gravação do DVD aconteceu no estacionamento de um shopping em Nossa Senhora do Socorro/SE. Nunca havia me sentido tão encurralada em uma situação, quanto eu me senti nesse show, ao ficar no camarote observando a festa, e de repente uma briga que começou entre duas pessoas que estavam no camarote se estendeu pra todo o show quando uma pessoa da área que fica fora do camarote jogou uma latinha de cerveja em direção ao camarote, iniciando assim uma “guerra” de latinhas entre um ambiente e outro, enquanto eu tentava me proteger entre uma latinha e outra.

Escolhi essas duas festas para observá-las, por terem sido as maiores festas de *arrocha* que aconteceram na cidade entre Março e Junho do ano corrente. Porém, além dessas festas tive a oportunidade de comparecer em outros shows com atrações musicais do ritmo *arrocha*, mas, como parte de uma das bandas que estavam entre as atrações da noite. Por eu estar em momento de trabalho, não pude ficar fotografando ou buscando pessoas para serem entrevistadas, utilizando apenas da técnica de observação para a obtenção de informações e coletas de dados. No ambiente dos músicos, é comum ouvir críticas em relação ao *arrocha* ou ao ambiente da festa de *arrocha*, como por exemplo, “eu que não deixo minha mulher em um ambiente desse”, embora muitos dos músicos afirmam que tocariam, por exemplo, com Raquel dos Teclados, devido a sua agenda repleta de shows, o que significa maior número de cachês e conseqüentemente, um maior salário ou renda. Além disso, há os artistas que não se denominam artistas do *arrocha*, mas que incluem músicas do ritmo no seu repertório.

Foi através dessa técnica que pude observar grupos de músicos conversando e se referindo ao *arrocha* como algo que faz sucesso no momento, sendo almejado por parte dos músicos com o intuito de captar recursos financeiros. Porém, ao se referirem ao

ambiente das festas, alguns músicos se referem ao público em tom de chacota, ao comentarem sobre a estética da maioria das pessoas que comparecem aos shows desse ritmo.

Sendo assim, com as festas tornou-se possível obter como resultados, a diversidade do público apesar dos locais dos shows visitados serem considerados, lugares perigosos, como por exemplo, o Mercado Municipal de Aracaju Sergipe, o estacionamento de um Shopping na cidade de Nossa Sra. do Socorro na grande Aracaju. A relação do público com a bebida, o sentimentalismo das músicas e as danças sensuais são os fatores que mais chamaram atenção, sendo explicitados nos discursos do público em forma de bordões que dizem: “Tô sofrendo”, “vamo beber que amar tá difícil”, etc.

Em suma, a grande quantidade de informações e conteúdos colhidos durante as fases da pesquisa de campo e a impossibilidade de abordar com profundidade todos os aspectos percebidos durante estas, iremos nos deter na análise dos resultados aos discursos relacionados ao histórico do *arrocha*, a possível relação entre o *arrocha* e a desvalorização e o preconceito, a relação entre o preconceito contra o *arrocha*, o preconceito contra o nordestino e a relação entre *arrocha* e sexualidade/sensualidade. Em todas as etapas foram utilizadas técnicas de coletas de dados, como por exemplo, entrevistas, aplicação de questionários e observação.

Capítulo 3

AS DESCOBERTAS PROPORCIONADAS PELO TRABALHO DE PESQUISA

O trabalho de pesquisa de campo, como vimos no capítulo anterior, permitiu através de diversas formas de coleta de dados, tais como entrevista, questionários e observação participante em festas e viagens, mapear de forma panorâmica o histórico do Arrocha e a sua possível desvalorização.

Podemos afirmar que, de acordo com os resultados colhidos, há de fato um preconceito relacionado ao ritmo, o qual, na maioria das vezes, está ligado à representatividade do Arrocha junto ao público das camadas populares, primeiro e principal público a ser atraído pelo ritmo. Além disso, a sensualidade da dança do arrocha foi vista como algo que também está relacionada ao preconceito.

Muitos entrevistados que trabalham com o mercado fonográfico do Arrocha mencionaram que com o passar dos anos o ritmo passou por modificações, sendo incorporado a outros estilos musicais e sendo ainda, hoje em dia, um dos ritmos brasileiros que mais faz sucesso.

Diante de todas as informações colhidas e resultados alcançados, tais como os descritos anteriormente, esse capítulo tem o intuito de fazer um alinhavo entre o que foi colhido por meio do trabalho de campo, as hipóteses iniciais da pesquisa, as teorias e referências bibliográficas, como também apresentar possibilidades de pesquisas futuras em função do que foi percebido, mas que, devido à sua amplitude, demanda um trabalho mais aprofundado e específico.

3.1 AFINAL, O QUE É O ARROCHA?

Ritmo nascido nos anos 2000 no recôncavo baiano, localizado no Nordeste brasileiro e voltado para a periferia, o Arrocha iniciou nas serestas de Candeias/BA, sendo caracterizado pela batida do bolero e influenciado pelas músicas conhecidas

como música brega. Aos poucos, o ritmo foi difundido no estado baiano e em estados vizinhos, como por exemplo, em Sergipe.

Boa parte da divulgação das bandas de Arrocha foi feita através do mercado informal, como podemos observar na matéria divulgada no site *Overmundo*³⁰ sobre o sucesso da banda *Ninjas do Arrocha*, uma banda Sergipana que ficou conhecida em 2007. Na entrevista com o idealizador da banda, Macedo Brilho, o mesmo explicou como funcionava a divulgação do trabalho da banda.

A estratégia para alcançar este sucesso foi peculiar. Para popularizar o trabalho da banda, Macedo imprimiu mais de 200 mil capas de CDs e DVDs em papel couché e os distribuiu para pirateiros das cidades onde mantinha contatos, para que os produtos tivessem uma melhor apresentação e, portanto, mais credibilidade. Foram entregues juntamente com cópias master para serem deliberadamente reproduzidas e comercializadas, sem custo algum para os pirateiros. “Eu chego pro pirateiro, dou um CD ou DVD e dou as capas, então ele já se sente gratificado porque não vai fazer xerox, xerox é caro, então ele bota no mercado. Se a pessoa chega e vê um produto com uma impressão dessa ela já compra, já vê qualidade melhor, e pra mim em gráfica isso sai barato. Se eu chegasse só com o CD ou DVD dos Ninjas e desse, ele não teria interesse”, justifica.

Tal como podemos encontrar na obra de Lemos (2008), a pirataria acaba sendo um modelo próprio de negócio para os artistas divulgarem seus trabalhos. De acordo com o que foi pesquisado pelo autor, segundo dados da Associação Brasileira dos Produtores de Discos – a ABPD³¹ (*apud* Lemos,2008), com a fusão entre as gravadoras Sony e BMG, cerca de 30% do catálogo dos artistas foi reduzido, alcançando o total de apenas 52 artistas em 2004 e 35 em 2007, e essa dificuldade no mercado da música acabou provocando as mudanças no meio de veiculação dos produtos, em que a maioria das músicas passou a ser disponibilizadas para download, ou veiculadas no mercado informal.

Ao decorrer do tempo, devido às mudanças no mercado musical, o arrocha passou a ser incorporado a outros ritmos musicais e foi sofrendo modificações,

³⁰ Matéria disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/quando-arrocha-e-coisa-de-familia>

³¹ www.abpd.org.br

passando também a se tornar inspiração para a criação de subgêneros do ritmo, assim como podemos conferir na fala cedida por Ademir, produtor musical em Candeias/BA.

E também o arrocha também tem uma evolução, né.. virou um arrocha com arrochadeira, misturou o arrocha com pagode, e aí teve Bonde do Maluco, Toque novo, Piriripompom, piriripompom... tudo veio do arrocha também. Não tem aquele estilo que botaram a caixa? Botou um ritmo que já virou meio que um pagode misturado com arrocha, entendeu? Aí chamaram de arrochadeira. E teve, e aí tem também grandes nomes aí que já tá colocando, misturando um pouquinho do funk com o arrochadeira, pra você ver como essa coisa já tá ficando mutante, né? É o arrochadeira misturado com funk que já tá fazendo arrochadeira ostentação com Neto Lx e aí já vai, né... coisa misturando uma com a outra. Aí daqui a pouco já é outro ritmo já.

Além da semelhança com o *funk*, devido as suas raízes nas periferias, o Arrocha também passou a ter o subgênero inspirado no *Funk Ostentação*, como vimos na fala citada anteriormente. Além do entrevistado já citado, o músico e criador do site *Portal do Arrocha* também falou sobre as modificações do Arrocha e a criação dos seus subgêneros.

E hoje. hoje eu posso citar que tem três tipos de arrocha: tem o arrocha romântico, que é o tradicional, que é como cantores Pablo, Asas Livres, como a minha banda também Juninho França e a desejada, que a gente tá com um projeto novo; tem o Arrochadeira, que é um ritmo que veio, digamos assim, da mistura do arrocha com o pagode baiano, que muita gente, muitas pessoas, é...falavam que o nome do ritmo era Pagorrocha, é.. Pagobrega, se não me engano, alguma coisa assim, e a gente com o Portal do arrocha, a gente sempre fortaleceu a ideia que o nome era Arrochadeira, porque tinha que ter arrocha no nome, porque a essência, além da essência ser como eu falei do som eletrônico do teclado, ele também leva a essência do ritmo do arrocha, o arrocha romântico. Então, tem o arrocha romântico, o arrochadeira e esse arrocha aí agora, o arrocha universitário, que é o arrocha de banda, de bateria.

É importante ressaltar aqui a semelhança com os ritmos discutidos no primeiro capítulo desse trabalho, o samba e o funk, os quais foram passando por reformulações ao decorrer do tempo e se adequando aos poucos, de certa forma, ao tipo de música

veiculado pelas gravadoras. O arrocha, um ritmo que de início falava apenas de paixão, amor, traição, passou a falar também da ostentação, de bebidas, mulheres, carros e de todo um conteúdo que remete ao consumismo predominante na sociedade atual.

Um ritmo que segundo os entrevistados, sofre preconceito por ter surgido na periferia, por tratar de sentimentalismo e por ter sido vinculado aos carroceiros, pedreiros e empregadas domésticas, nos faz pensar o quanto uma produção cultural também pode passar por uma hierarquização se, como afirma Trotta (2007), toda produção cultural está sujeita a um julgamento de valor.

O arrocha, embora tenha surgido sem intenção de ser um novo ritmo, possui uma história, a qual remete a uma população e já faz parte do cotidiano de muita gente. Dessa forma, poderíamos considerá-lo um produto cultural, genuinamente baiano, nordestino. O ritmo arrocha, assim como todos os outros ritmos musicais ou produtos culturais, é carregado de significados e sentidos e é dessa forma, por via de diferentes acessos por parte da sociedade aos produtos culturais, que segundo Trotta (2007), esses produtos passam a se transformar em um produto que luta pela qualidade estética e que remete a discussões que envolvem pensamentos, ideias e diferentes formas de enxergar o mundo.

Um ritmo com 15 anos de existência, mas que ainda sofre com os preconceitos dentro do próprio meio musical, assim como descreveu Juninho França, sobre o assunto.

Seria a rejeição. É...o você, hoje, hoje... eu falo até um lado como artista, como cantor do arrocha, a gente quando vai enfrentar grandes palcos, como eu já tive a oportunidade com minha banda, e vai tocar com o nosso teclado, a gente é visto com aquele olhar assim, de lado... principalmente pelas bandas que tem a estrutura de palco de vários instrumentos, como se o teclado fosse um vilão. Mas não é essa a imagem, a imagem do teclado é justamente porque a gente quer levar a bandeira do arrocha verdadeiro pra o público, a gente toca um ritmo que a gente gosta, esse instrumento faz parte daquele ritmo que a gente quer levar pra o público. A mesma coisa é o Trio Nordestino, por exemplo, que tem zabumba, sanfona e triângulo. Hoje tem várias bandas de forró com praticamente vários instrumentos, mas nada modifica o som que aqueles três instrumentos fazem. A mesma coisa é o arrocha de teclado, então a gente... esse preconceito que você abordou, como é que acontece? É isso, quando a gente chega em alguns palcos, quando a gente chega em rádio pra falar sobre “ah, como é a sua banda? A estrutura da sua banda?”, a gente diz “não, a gente tem uma estrutura menor em relação a músicos”, mas a gente faz praticamente o mesmo som que outras bandas fazem com maior estrutura, e às vezes fazem, fazemos, alguns artistas,

algumas bandas até são maiores e com mais qualidades do que algumas bandas que estão no mercado. Então o preconceito vai mais ou menos por aí.

Devido às críticas e deboches provindos dos próprios artistas, juntamente com a tecnologia e equipamentos de som, instrumentos musicais mais elaborados e de qualidade superior aos utilizados há 15 anos, o Arrocha passou a ser adepto da inclusão de mais instrumentos musicais, além do teclado, embora alguns artistas do ritmo permaneçam utilizando apenas o teclado para acompanhar a voz do cantor e embalar os shows de arrocha.

Durante a entrevista com Juninho do Portal do Arrocha, foi possível reafirmar ainda as mudanças e surgimentos dos subgêneros do Arrocha e a aproximação desse ritmo com o *funk*.

A gente do Portal do arrocha a gente divulga um artista chamado Neto LX, que ele recentemente teve num programa, se eu não me engano foi Mais você, da Globo, e ele disse que cantava o arrocha funk, ele mesmo denominou, né... que é um arrocha justamente levando por esse lado da luxúria, que é.. da ostentação, que é aqueles cantores com cordões de ouro enormes no pescoço, e que levam músicas também com uma pegada eletrônica semelhante um pouco... não é que seja semelhante, é mais é um pouco que lembra o funk. E até em algumas músicas que a gente chegou a divulgar no site, tinha um começo com a batida do funk, tinha um começo com algumas músicas de funk e depois trazendo pra o ritmo tradicional da banda.

A semelhança ente o funk e o arrocha ultrapassou, então, a relação entre o local de origem desses ritmos, tornando-se mais evidente a partir do surgimento do subgênero do arrocha que conta com elementos do funk nas suas músicas. Durante a pesquisa, muitos dos entrevistados afirmaram que o preconceito contra o arrocha está ligado ao fato do ritmo, de certa forma, representar pessoas da periferia. Relembrando que, de acordo com a história do brega, samba e arrocha encontramos informações de que todos esses ritmos citados foram criados na periferia, nos morros e favelas, povoados por ex escravos e seus descendentes provindos do Nordeste. Sabendo-se que a desvalorização

da cultura do Nordeste pode estar relacionada à possibilidade de ser vista como uma cultura periférica em relação ao que é produzido na região sul/sudeste do país, poderíamos vincular o preconceito contra o Arrocha com o fato de ele ser um ritmo proveniente do Nordeste? Qual a relação entre o Arrocha e o preconceito contra esse ritmo?

3.2 DA PERIFERIA BAIANA PARA TODO O BRASIL – O ARROCHA, O NORDESTE E O PRECONCEITO.

O Arrocha “nasceu” no município de Candeias/BA, em um dos maiores estados do Nordeste brasileiro. O Nordeste é a região do Brasil conhecida por muitos como lugar de festas e com a maior população negra e indígena do país. Dessa forma, torna-se importante falarmos sobre a região, para buscarmos entender a ligação entre o preconceito contra o nordestino e a hipótese do preconceito contra o arrocha enquanto forma de desqualificar o sujeito que o ritmo representa.

Ao pesquisar sobre a história do município baiano de Candeias foi possível acessar no site da biblioteca online do IBGE³², que a origem deste município se deu em meados do século XVI, nas terras conhecidas como Matoim, onde estavam os maiores engenhos da região, Engenho de Cabôto e Engenho Freguesia de origem da terra do Engenho Pitanga e do Engenho Freguesia de Nossa Senhora do Passé: localidades importantes e que foram marcadas pela época do Ciclo da Cana-de-Açúcar, de fundamental relevância na formação da Bahia, no recôncavo baiano principalmente, e na formação da cultura e estrutura étnica da população da localidade aqui descrita, como também das estruturas socioeconômicas da mesma.

A cidade baiana de Candeias é formada por sete distritos, sendo eles, Candeias, Caboto, Caroba, Madeira, Menino Jesus, Passagem dos Teixeiras e Passé. Conhecida por muitos como “berço da música”, embora seja presenteada por uma variedade de ritmos musicais, é o Arrocha que é conhecido como a “prata da casa”, mais um ritmo

³² (Instituto Brasileiro de Geografia e Pesquisa)

musical genuinamente brasileiro que venceu boa parte dos muros do preconceito, saindo da denominação de um ritmo musical apenas voltado para periferia e ganhando espaço em todas as classes da sociedade, assim como afirma uma matéria especial dos 55 anos de Candeias, em um site de notícias da Bahia³³, em 2013.

Sabemos, por outro lado, que a região hoje denominada de Nordeste, nem sempre foi assim conhecida, sendo delimitada como esta região e conhecida como tal apenas no século XIX, pois antes dessa época, o Brasil era dividido apenas entre Norte e Sul, em que a região norte abarcava toda a Amazônia, o norte e a região que hoje é conhecida por nordeste. De acordo com Albuquerque Júnior (2009), foram os homens que delimitaram e criaram as fronteiras para o “surgimento” das regiões, sendo assim, podemos dizer que o nordeste nem sempre foi nordeste, e que sua constituição é resultado de decisões políticas movidas por interesses diversos.

Albuquerque Júnior (2009) afirma que com a invenção do nordeste ocorreu a invenção de uma identidade, foi o recorte de um espaço e a nomeação do mesmo, a partir do período colonial que as imagens da grande seca foram veiculadas, provocando uma homogeneização da região, na qual a maioria das pessoas possui a imagem de que na região nordeste existe uma cultura à parte do restante do país.

Com as elites da região, hoje conhecida como nordeste, perdendo espaço na exportação da agropecuária, houve o declínio político e também econômico. Quando, no século XIX, a produção de café foi dominada por fazendeiros de São Paulo e de Minas Gerais, o nordeste foi sendo planejado voltado para o passado, motivo o qual até a atualidade a imagem de que o nordeste é puramente rural, artesanal e folclórico ainda é alimentada e reproduzida pelas grandes mídias. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2009).

Em 2014, em uma entrevista cedida para o programa de entrevistas “Entre um café, uma prosa” transmitido em vídeo e disponível na internet, na página da TV Caatinga ligada à Universidade Vale do São Francisco em Petrolina/PE, Durval Muniz

³³Matéria disponível em: <http://www.bahianoticia.com.br/index.php/blog-de-noticias/categorias/policial/item/837-especial-candeias-ba-55-anos-de-hist%C3%B3ria-e-pol%C3%ADtica-e-pluralidade.html>

de Albuquerque Júnior, falou sobre a concentração da mídia brasileira, a qual se localiza apenas no centro-sul do país, fato que dificulta a democracia, pois, apenas dez famílias comandam esses veículos de informação e entretenimento, desde o começo do século XX, e é através dos produtos culturais veiculados pela grande mídia que a imagem pejorativa e caricata de um nordeste feito por um povo que, segundo as palavras do historiador, “vota pelo estômago”, reproduz o discurso de vitimização do nordestino, alimentando, assim, o que mantém a vida das elites.

Albuquerque Júnior (2007), em sua obra sobre o preconceito contra a origem geográfica e de lugar, discorre a respeito da imagem do nordestino que migra para outros estados, principalmente estados do sudeste, como por exemplo, São Paulo. Uma imagem de flagelado, cangaceiro ou retirante, reforçada pelas elites que encontraram no problema da seca, a “mina de ouro” para a arrecadação de recursos e promessas políticas que vem manter essa elite no poder.

Em 2010, o censo do IBGE apurou que “a maior concentração de negros, 75%, está nas regiões Norte e Nordeste. A Bahia, por exemplo, que recebeu grande fluxo de africanos, tem a maior população negra (17,1%)”. Ou seja, estamos falando do Estado com a maior população negra do país que fica na região com a maior população de negros.

Sabendo que a maioria dos nordestinos é composta por negros, é impossível não atrelar a imagem cristalizada e preconceituosa ao passado histórico dos negros no Brasil, e assim, como a difusão da ideia de que o nordestino acarretaria prejuízos em outros estados, a cultura do medo para a manutenção da diferença de classes também foi utilizada contra os negros.

Albuquerque Júnior (1999) fala do papel das produções culturais, das linguagens lúdicas, como por exemplo, a música, que funciona não só como algo voltado para o lazer, pois representa uma forma de produção ou reprodução de realidades sociais. Vimos essa reprodução de realidade social nos ritmos como o funk, o samba e o brega, mas embora no arrocha não exista essa vinculação com letras de músicas que retratam a realidade social de um povo, o imaginário relacionado ao Arrocha e a sua origem pode estar estreitamente ligado ao público que esse ritmo inicialmente representou.

Segundo o entrevistado em Candeias/BA, todos os artistas que iniciaram a veiculação do ritmo Arrocha vieram das classes populares.

É porque Pablo também, é como eu tô te falando, ele também tocava em barzinho, o pai dele tocava teclado e ele que cantava também, entendeu? Aí ele já tocava em barzinho. Aí todo mundo chama a seresta de arrocha, porque ele já tocou até seresta. Antes ele tocava seresta, aí evoluiu pro arrocha. Aí ele foi tocar com Jai, que é o menino do Asas Livres, que montou o Asas livres e aí ele comprou o teclado em minha mão. E aí ó, foi e aí fez sucesso também. Uma novidade também que era um menino cantando música de velho, vamos dizer assim. Entendeu? Aí, pô a galera curtia demais. Aí, daí também que deu a primeira banda também a estourar foi o Asas livres. Aí depois veio Silvanno, veio Nara, veio Marcio Moreno, veio gente pra caramba. Veio Tayrone, Tayrone veio depois de todo mundo, aí o Tayrone Cigano. Ninguém botava muito fé, a história de Tayrone também era: pobre também, ele pobre veio aqui, fez um cd comigo. Não tinha teclado, eu peguei o teclado, fiz o ritmo, botei, ele tocou, gravou o cd, foi... ia tocar, não tinha teclado, alugava o teclado em minha mão pra ir tocar. E hoje ele e Pablo virou ícone, ele, Pablo, Silvanno, é o ícone do arrocha hoje.

Artistas que vieram da periferia criaram um ritmo que acabou se voltando também para a periferia. Cativaram o público por identificação, inicialmente com músicas românticas, as quais deram ao ritmo a característica de falar sobre o sentimentalismo, sendo que, teoricamente, em suas festas não haveria brigas, como acontecia nos bailes de música funk. Porém, presenciei durante a pesquisa de campo, pessoas que discriminavam os shows de arrocha referindo-se aos preços mais acessíveis, ao público atraído, que em sua maioria, provém dos bairros mais humildes, e aos locais em que os shows estavam sendo realizados, como por exemplo, no mercado municipal de Aracaju. Presenciei também, pessoas que desistiram de entrar no show afirmando que “estavam muito novas para morrer”. O que será que fez com que essas pessoas associassem o local da festa com a probabilidade de serem mortos ali?

Podemos relembrar aqui a fala de Batista (2003), que pontuou que a política da hegemonia conservadora do Brasil sempre trabalhou pautada no medo desde a época da escravidão até a formação da república. Será que podemos afirmar que esse medo continua instaurado na sociedade brasileira?

Quando Batista (2003) menciona a revolta dos malês, de 1835, a qual tinha os militares como alvo e foi um dos eventos responsáveis pela instauração do medo da rebelião escrava disseminado pela imprensa no Brasil, como também o medo do *haitinismo*, devido às lutas dos negros haitianos de uma colônia francesa que buscavam liberdade, igualdade e fraternidade, ousou questionar se o medo instaurado no brasileiro contra os negros e pobres é o que provoca certa rejeição por parte dos ouvintes do arrocha que evitam frequentar os shows do ritmo, ou, quando frequentam, optam apenas pelo ingresso mais caro, o do camarote, ambiente este que pode representar simbolicamente as diferenças de classes dentro de um espaço micro, dentro de um evento festivo, teoricamente democrático.

Como podemos perceber, além do ser nordestino, há a identidade de provir de origem negra ou indígena, de uma posição subalterna ou pobre que reforça as possibilidades da “produção” e reprodução do preconceito contra o povo do nordeste, e conseqüentemente das suas produções culturais. Fator este que só é modificado quando acontece algum tipo de veiculação em massa pelas grandes mídias nacionais que possibilitam o olhar mais atento ao outro. O arrocha traz nas raízes, não só da sua história, como também, na história dos artistas que trabalharam arduamente para levar o ritmo ao reconhecimento nacional, a luta contra as dificuldades provindas das diferenças de classes, bem como afirmou o entrevistado em Candeias/BA sobre a origem humilde dos artistas.

(...) De Silvanno, ele vendia, ele vendia verdura na feira de São Joaquim. Tayrone é cigano, né... e era pobre ainda, tem cigano que é rico, ele era o pobre! E foi o empresário dele chamado Cirnani que chegou e deu uma força, veio aqui, pa.. a gente fez um cd por um custo simbólico. A gente fez um cd “não, Ademir, não precisa agonia não, isso aí é só pra gente comer água” e daqui a pouco foi... crescendo, né. “Não, Ademir, um rapaz chamou pra gente tocar ali, coisa e tal, papa.. e eu vou”. O cara tava pagando a ele, ele quase que o dinheiro que o cara tava pagando a ele foi o dinheiro que ele alugou o teclado pra tocar. Ia tocar de graça, aquela coisa de tocar, né.. de querer tocar. Pablo veio de uma família humilde, muito humilde mesmo, que ele o pai chegava com o violão, nem teclado tinha, tocava com o violão e ele cantava. Depois pegou um tecladozinho pequeno e as pessoas dava dinheiro a ele, ele tocava na frente de um bar, ninguém cobrava nada. O pessoal chegava lá e dava um, vamos dizer, um couvert ali pra ele, entendeu? E assim, ele veio de uma classe muito pobre. Eu acho que ele é um dos mais pobres que teve foi Pablo. E hoje merecidamente virou o ícone do arrocha. Sofreu, muita gente fala que sorte, que sorte, viu. Sofreu. E ele também canta bem pra caramba.

Ele canta bem. Desde pequeno já mostrava afinação, mostrava tonalidade, harmonia, tempo de música, que isso pra pessoa que não tem, moço, pra você botar no eixo é complicado. E todo mundo, né.. praticamente todo mundo que virou sucesso aí é humilde, sempre tentando, querendo chegar no sucesso, né?

Dessa forma, da mesma maneira que Fanon (2008) descreve, tendo como referência a luta dos negros contra a opressão e a “necessidade” de existir para o outro, o uso da máscara branca, poderíamos entender as reformulações do arrocha e a sua luta contra a redução voltada para o seu público, bem como a sua luta pelo espaço nacional para além do nordeste, como um uso da “máscara” nas suas roupagens para assim então conquistar o povo de outras regiões e classes sociais?

O arrocha, como já apresentamos no decorrer deste trabalho, passou por modificações estéticas e foi se incorporando a outros ritmos musicais, como por exemplo, ao sertanejo. Artistas como Gustavo Lima, Cristiano Araújo (falecido em 2015), Lucas Lucco, Gabriel Gava e Israel Novaes trabalham como cantores da música sertaneja, do conhecido Sertanejo Universitário, mas “preenchem” os seus repertórios com músicas do atual Arrocha Universitário, como por exemplo, a música interpretada por Lucas Lucco que traz um refrão que diz: “Esse arrocha é pra você que achou que eu tava aqui sofrendo!”.

Porém, embora sejam músicas e artistas comumente veiculados pela mídia, as críticas em relação a esses ritmos, o arrocha e seus subgêneros, são justificadas pela ideia de que essas são músicas pobres, óbvias e para pessoas “sem cultura”. A apresentadora de tv Mônica Iozzi, no programa *Video Show* fez um pedido aos jovens em 2015, “Esse pessoal mais novinho que não conhece, vamos ouvir Cazua, gente. Vamos deixar o sertanejo universitário de lado e ouvir um pouquinho de Cazua para deixar o mundo melhor?”.³⁴

³⁴ Vídeo e conteúdo relacionado disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2015/07/08/monica-iozzi-comentario-polemico-monica-guedes-sertanejo-universitario/>

As críticas voltadas para o ritmo falam de uma inferioridade relacionada aos que escutam e admiram esses estilos musicais, tais como o funk, o arrocha e o sertanejo, como se quem escutasse tais ritmos fosse, de alguma forma, inferior às pessoas que ouvem Cazuza, Chico Buarque, Renato Russo e tantos outros. O que torna um ritmo musical mais “cultural” que o outro?

Bourdieu (2008) discute o gosto e a hierarquia das culturas como algo construído, criticando assim a noção de que o gosto é algo natural, ou seja, afirma que nos processos de socialização, a necessidade da sociedade em hierarquizar as classes é totalmente impressa através das artes e da cultura. A distinção se dá devido à necessidade de se aproximar das manifestações de culturas conhecidas como mais elaboradas e de rejeitar modos de cultura associados a segmentos populares.

Como situar o arrocha perante as noções de alta e baixa cultura? Partindo da ideia apresentada por Sá (2010) de que os produtos da baixa cultura são de fácil acesso, ao contrário das manifestações culturais da alta cultura que só são acessadas por privilegiados e vislumbradas como um ideal estético, poderíamos classificar o arrocha como manifestação de cultura popular, de baixa cultura, como já mencionamos neste trabalho.

Porém, é preciso pontuar que independentemente do arrocha ter a sua raiz na periferia, o ritmo vem conquistando pessoas de diversas classes sociais, apesar das críticas. De acordo com uma entrevista feita com o pesquisador e crítico musical Chico Castro Júnior, publicada no site *impressão digital126*³⁵ da UFBA, o sucesso do arrocha se dá pela busca da aceitação do ritmo que trabalha pautado nas abordagens dos temas mais comuns da sociedade atual, como por exemplo, festas, bebidas, paixões e desilusões amorosas.

Para Chico Castro Júnior, repórter de cultura do jornal A Tarde e crítico musical, o sufixo “universitário”, incorporado por algumas produções, pode ter dado o passe livre para que esses jovens se sintam à vontade não só para consumir esses ritmos, mas para que esse consumo seja em grupos e não se sintam reprimidos em curtir a fan page daquele cantor de arrocha, ou daquela

³⁵ Conteúdo disponível em: <http://impressaodigital126.com.br/?p=5536>

outra banda sertaneja. “Essa é uma forma de proceder uma assepsia em uma coisa que veio do povão. O arrocha e o pagode vieram do povão e, para conquistar o público universitário, eles precisam dessas roupagens, para que a patricinha possa ir para esses espaços sem medo, porque não vai estar rodeada de gente ‘pobre e feia em volta’, acha ela”, critica Chico.

A fala acima nos remete ao que foi estudado por Batista (1999), que fala sobre a busca da “pureza” e da higienização da sociedade, a qual provoca rejeição, desvalorização e até o assassinato das culturas mais populares, tidas como “inferiores” por parte da elite conservadora.

3.2.1 – “Perna Dentro De Perna” - A Sensualidade Selvagem Dos Cafonas

Por outro lado, é interessante mencionar o quanto, durante o trabalho de pesquisa, a diferença entre sensual e sexual apareceu nos discursos das pessoas que buscam defender o movimento arrocha como um ritmo não vulgar, apesar de sofrer preconceito também por esse motivo. Seria uma tentativa de “purificar” o arrocha dessa possível ideia de que o ritmo pode ser imoral por ter danças que remetem aos atos sexuais, com movimentos pélvicos e rebolados sensuais?

Sabendo-se da possível crítica e rejeição do arrocha e da sua relação com o sentimento, tanto quanto da sua dança sensual, buscamos nos apoiar na obra de Gilberto Freyre (2003), quando ele questiona as razões da associação entre selvageria sexual e negros, de forma análoga a que nos referimos ao tratar da violência, sobretudo quanto ao processo de criminalização dos bailes funks. Muito além do “ser negro”, pois, a mesma denotação era dada aos índios, o que entra em questão é o ser escravo, de estar em um patamar inferior, subalterno e passivo frente à vontade dos senhores da “casa-grande”. Sendo ainda, por inferior, culpado e responsável por toda forma de caos e selvageria, o que fez com que os grandes senhores fossem inocentados ou vitimados diante de tanta sensualidade desenfreada e tentadora dos negros.

Como já foi mencionado, Albuquerque Júnior (2007) afirma que quanto ao nordestino, ainda há associação com os adjetivos de retirante, flagelado, migrante, pau-de-arara, entre outros. Além disso, ainda segundo o autor, os nordestinos são vistos por

muitos com o olhar de desprezo ou medo e a imagem caricata do nordestino como alguém do sertão, cangaceiro e diminuído perante o restante da sociedade, é cristalizada e espalhada no imaginário popular. Dessa forma, poderíamos dizer que o preconceito existente contra o nordestino e as produções culturais dessa região estaria ligado à associação feita entre os adjetivos e estigmas carregados pelos nordestinos, tais como os mencionados anteriormente, vinculando assim regiões como o Norte e o Nordeste, como responsáveis pela “selvageria” presente no país.

Em uma entrevista cedida ao *Coluna Holofote* do site Bahia Notícias, a cantora Nara Costa fala sobre a sensualidade presente no arrocha:

CH: O arrocha é uma dança sensual e você dança o tempo todo em seus shows. Algum fã já te paquerou?

NC: Vááááááriossss. Uma vez eu estava num show, que o palco era um pouco baixo e, nos meus shows, a maioria das vezes, na frente do palco fica só mulher. E elas choram, e elas gritam e, nesse dia, um homem conseguiu romper a meninas e veio para beliscar aquele lugar, sabe? Aí eu botei a perna na frente, coloquei a banda para parar e dei aquela “mijada” nele. Mas eu já passei por várias situações dessas, em função do meu corpo: de beliscão na bunda a puxão de cabelo, pegada no peito. Mas a gente consegue dividir o assédio dos fãs, com o assédio imoral daqueles que querem só tirar uma lasquinha.

CH: Você disse que o arrocha é sensual, mas há quem diga que é vulgar...

NC: Eu tenho uma teoria em relação a isso. Se a gente fosse falar de vulgaridade, em relação à música baiana – porque o arrocha não deixa de ser um ritmo genuinamente baiano - , a gente deveria falar também do pagode, que é uma coisa que eu adoro, no meu repertório tem pagode... Então, assim: o arrocha não tem nada a ver com vulgaridade. Simplesmente é a sensualidade no remexer do quadril. Tem pessoas que botam a mão na cabeça, que fecham os olhos, que mordem os lábios, mas é aquela coisa da sensualidade. Porque quando você viaja na música, vem uma música dizendo que ama uma mulher, que ela é linda e a pessoa entra na história da música e viaja naquilo, começa a dançar, vai no embalo da letra da música. Então, eu não vejo vulgaridade.

Embora a prática sexual esteja presente em todas as classes sociais, há um pudor que nega a presença do teor sexual, como se tal fator diminuísse ou desvalorizasse a manifestação cultural vivenciada. Considero que esse seja um dos motivos da

contradição que há entre o grande sucesso do arrocha e, ao mesmo tempo, a grande quantidade de críticas contra o ritmo.

Freyre (2003), ao estudar a sociedade patriarcal e a relação entre “casa grande e senzala”, percebeu que os aspectos sociais tidos como errados ou inaceitáveis pelos conservadores, tais como o excesso de relação sexual com várias pessoas, sensualidade excessiva, como também, aspectos violentos eram sempre relacionados ao povo da senzala, embora os fatos comprovassem, muitas vezes, o contrário. Essa relação entre senzala e os fatores mencionados se dava pela condição de servo, de inferior, considerando assim as pessoas à margem da burguesia como “selvagens”, incapazes de controlarem os seus instintos.

Muitas músicas do ritmo arrocha tratam dos aspectos referentes ao sexo de maneira descontraída, assim como o entrevistado Chiquinho, afirmou ao falar sobre a proposta do projeto musical com o qual trabalha.

F: Porque veja só, a questão de você se divertir com elas. Até mesmo a gente se diverte com as letras, porque a gente entende meio mundo de besteira. Porque hoje em dia você fala uma coisa, o pessoal entende outra, muita gente maliciosa, às vezes você tem que ter cuidado até com o que brinca, com o que fala, que a pessoa tá ali: “hummm”. Entendeu? Tá olhando pra você de.. sei lá, com malícia. E tem muita gente que não sabe separar as coisas, confunde demais as coisas, entendeu? Isso no geral. Qualquer tipo de assunto hoje, você tem que ter cuidado até com o que fala. Então a ideia do duplo sentido, assim, pelo menos agora nesse projeto, nesse cd - de repente a gente pode até mudar -, mas por enquanto é fazer música que faça divertir o pessoal.

D: Mas é um duplo sentido voltado pra o sexual? Como é que seria o duplo sentido?

F: Tudo. Tudo. Tudo, entendeu? Vai ser tudo. A pessoa entende como quiser, entendeu? A gente pode dizer uma coisa e entender outra.

Embora o discurso do entrevistado afirme que o “duplo sentido” das músicas seja em relação a qualquer tema, o teor sexual em uma das músicas da banda *Reboco do Arrocha*, na qual o mesmo é um dos músicos, podemos perceber que, em função de tal conteúdo, aquela pode ser considerada uma música sexual.

Bata, bata, bata uma pra mim, segure no pau de selfie e bata uma foto pra mim. Comprei um negocinho que é sensacional, pra você tirar uma foto vai ter que pegar no pau. Chamei minhas amigas, foi uma sensação, elas adoraram segurar no meu bastão. (Pau de Selfie – Reboco do Arrocha)

Já T., a produtora musical entrevistada diz que não há vulgaridade no arrocha, a dança sensual ou vulgar depende de quem dança, pois não é algo que seja representado pelo ritmo, em sua opinião.

D: Então pra você a sensualidade que tá presente no arrocha não tem relação com o ser vulgar, né?

T: Não, não. Eu acho que é comportamental isso aí. Você sabe que você tá fazendo isso aí, então eu acho assim, que o arrocha pode existir como pode não existir; o axé pode existir como pode não existir. Não é questão da música em si, eu acho que é questão da pessoa, entendeu? Eu acho que é questão da pessoa, porque tem pessoas que são sensuais, mas não são sexuais, né? Elas são... eu digo que a mulher tem que ser sexy, a mulher tem que ser sexy, por exemplo, dançando. Não tem que ser vulgar. Você não precisa dançar e ser vulgar, você pode dançar e ser sexy. Você pode dançar perfeitamente bonito. E tem mulheres que não dançam, elas querem escrachar e chamar atenção, como tem homem também, né. Então assim, eu acho que você tem que ser sexy sendo sensual, não sexual.

A sensualidade está presente no “sexual”, a nomenclatura do ritmo sugere “apertar, amassar” o parceiro ou parceira nas danças, mas também, tem quem goste de dançar sozinho, repetindo os movimentos de quadril, denominado por muitos, como sensual.

Apesar de a entrevistada não atribuir ao Arrocha o teor sexual, acredito que por estar se referindo ao Arrocha Romântico, aquele veiculado por Pablo, *A voz Romântica*, aqui aparece novamente uma sobreposição entre o sensual e o sexual, o que dá a entender que dentro do próprio ritmo possa haver certa comparação “hierárquica”, um subgênero, por ser o considerado “de raiz” falar apenas de amor, sentimentos e o outro, falar de conteúdos sexuais, materiais, ostentação, festas e bebidas.

3.2.2 – “Tá Na Sofrência” – O Sentimentalismo “Brega” e a Desvalorização Dos Ritmos

“Tá na sofrência, na carência, tentando esquecer o que te fez sofrer. Tá perdida, desiludida, descontando o mau do amor na pobre da bebida.” (Tayrone Cigano)

Pablo, quando questionado em uma entrevista compartilhada no seu site oficial³⁶ sobre o que inspira o sofrimento contido nas músicas interpretadas por ele, afirmou que nunca sofreu por amor e que é apaixonado pela sua família, mas o fato de “cantar de dentro” é o que faz com que ele cante o amor romântico. Segundo Pablo, ele canta com sentimento, como se tivesse vivido o que a música retrata, e afirmou que muitos dizem que suas músicas retratam a histórias de algumas pessoas.

A questão do sentimento ligado ao ritmo arrocha apareceu o tempo inteiro nos discursos observados e colhidos durante o trabalho de campo, bem como, a “bipolaridade” entre ouvir ou trabalhar com músicas de arrocha e não se considerarem fãs ou não frequentarem shows do ritmo. Ainda sobre os conteúdos colhidos, alguns dos entrevistados mencionaram a voz dos cantores como um fator importante para justificar o que faz com que as pessoas escutem músicas de arrocha.

Buscando compreender a relação entre o sentimentalismo das músicas de arrocha com a possibilidade do preconceito e, ao mesmo tempo, da identificação com o ritmo, é importante retomarmos a relação entre o Arrocha e o Brega, ritmo que inspirou o Arrocha e que também era criticado por conter, além de questões sociais, conteúdos relacionados ao sentimentalismo, a dor de ser traído e etc., os quais sempre prevaleceram no conteúdo das músicas desse estilo.

O documentário “Vou rifar meu coração” foi utilizado como uma referência sobre os discursos dos ouvintes da música brega e a história de algumas músicas desse

³⁶ Conteúdo disponível em: <http://pabloavozromantica.com.br/>

gênero contada pelos seus intérpretes e compositores. É um vídeo que carrega nas suas imagens e áudios, o imaginário afetivo, tendo com trilha sonora e texto, o som da alma da música brega.

O famoso cantor de música brega Lindomar Castilho, conhecido pelas suas músicas, como por exemplo, a música *Você é doida demais*, deu um depoimento para o documentário dirigido por Rieper (2011):

O que me ocorreu acontece e pode acontecer com qualquer pessoa. Como disse, a gente espera que jamais aconteça, mas é passível tanto ele quanto ela desse erro, mas que tenham a certeza que existe, isso existe sim, existiu, existe e existirá, porque faz parte do sentimento de ambos (...) eu não tô dizendo que faça nada, não, eu tô dizendo que o ser humano é passível de ter um amor e um ciúme exacerbado, de repente ele não é capaz de segurar o ciúme dele, isso acontece. Aquela pessoa é minha, acabou, ela tem que ser minha, ela vai ser minha, e vamo dar um jeito dela ser minha, e pronto. Aí o cara vive atrás da outra pessoa e faz isso, faz aquilo, faz besteira, faz qualquer coisa.”

Ao passar esse depoimento do cantor Lindomar Castilho, a trilha sonora que acontecia no documentário neste momento era a música “Julgamento” do cantor Amado Batista, que diz o seguinte:

.Momentos que eu vivi...noites que eu não esqueci
 Mas um dia ao voltar pra casa cedo
 Ao entrar eu tive medo, algo não estava bem
 Em nossa cama aquela quem eu mais amava
 Totalmente se entregava nos braços de outro alguém
 Desesperado pelo golpe que sofri nem sequer eu percebi
 Que atirava sem parar
 Ao ver os corpos abraçados e sem vida
 vi nascer uma ferida no meu peito a machucar
 Naquela hora como eu sofri...
 De certa forma eu também morri
 Senhor juiz eu peço a sua atenção
 Para a minha explicação
 Minha única defesa
 Naquela hora eu estava inconsciente, mas agora no presente
 Não suporto essa tristeza
 Como agiria cada um que me condena se assistisse a mesma cena
 Estando ali em meu lugar
 Por isso eu peço ouvir o grito da razão
 Ninguém sofre uma traição e se cala pra pensar

As músicas com conotação sentimental e que retratam a tristeza ao perder um amor, se sobressaem nos estilos de músicas aqui mencionados, tanto no brega, quanto no arrocha. De acordo com Amado Batista, no documentário dirigido por Rieper (2011),

“Quando você está sofrendo de amor, você acaba fazendo músicas melhores, você acaba colocando pra fora mais o que você sente e as músicas saem com mais verdade. Duvido que tenha alguma musica que tenha feito sucesso e que não tenha verdade nela. Eu acho que todo mundo tem essa tendência do romantismo, todo mundo, independente de cor, raça, condição social, o amor está nas pessoas independente disso.”

Um dos fatores interessantes apresentados na fala do cantor mencionado anteriormente vincula a proximidade e identificação do público diversificado às músicas românticas, pelo fato de ser algo que faz parte do ser humano independente da classe social. Porém, além do romantismo, outros temas também traduzem verdades cotidianas e se transformam em porta voz do imaginário e da realidade do público, assim como as músicas que falam sobre sexo, bebidas e festas.

O Arrocha Universitário traz as letras do romantismo com uma batida mais eletrônica, com o intuito de relacionar o sentimentalismo à bebida, farra e sexo, bem como podemos observar na letra da música da dupla *Munhoz & Mariano*, que cantam em ritmo de arrocha, sobre ter sido rejeitado, e ter superado após herdar um *Camaro amarelo*, um carro de luxo da marca Chevrolet.

Quando eu passava por você na minha CG
 Você nem me olhava
 Fazia de tudo pra me ver, pra me perceber
 Mas nem me olhava
 Aí veio a herança do meu 'véio',
 Resolveu os meus problemas, minha situação
 E do dia pra noite fiquei rico
 Tô na grife, tô bonito
 Tô andando igual patrão
 Agora eu fiquei doce igual caramelo
 Tô tirando onda de camaro amarelo
 Agora você diz: "Vem cá que eu te quero!"

Quando eu passo no camaro amarelo
 Agora você vem, né? E agora você quer, né?
 Só que agora vou escolher, ta sobrando mulher

Quando questionados sobre a relação do ritmo arrocha com o termo “sofrência”, alguns dos entrevistados, através do questionário online³⁷, expressaram suas opiniões a respeito do tema, demonstrando de fato, a ligação entre o termo citado e o conteúdo sentimental das músicas de arrocha.

Como você enxerga a relação do ritmo Arrocha com a palavra “sofrência”?
Acho que a <u>sofrência</u> pode ser uma “ramificação” do arrocha, mas não um novo ritmo.
A meu ver, “ <u>sofrência</u> ” foi uma derivação de “sofrimento”, ao que as músicas se referem... um termo utilizado mais pra o marketing do que, de fato, pra fazer apologia a algum sentimento negativo.
Acho <u>cômico demais</u> essa <u>sofrência</u> mencionada no arrocha... Arrocha é pra se dançar, curtir, brincar... Mas tem dado atenção a uma vertente mais <u>sufredora</u> e tem sido bem <u>sucessido</u> porque as pessoas se identificam e começam a curtir sua própria dor.
A relação está nas letras, que em sua maioria, são sobre casos amorosos mal resolvidos.
Sim
Enxergo algo muito bizarro e fútil. Sem conteúdo também.
Total.
A meu ver, a “ <u>sofrência</u> ” designa uma forma de expressão do ritmo <u>Arrocha</u> .
Modismo.
<u>Não</u> uniria essas palavras, <u>ja</u> que nem todos os cantores de arrocha cantam a denominada “ <u>sofrência</u> ”
<u>pela</u> letra das músicas que sempre remete aos amores q de uma certa forma n deram certo
Geralmente os fãs desse ritmo são pessoas que já sofreram por amor (nem todas as pessoas), e tentam afogar as magoas escutando esse ritmo, por isso a relação com a palavra “ <u>sofrência</u> ”.
<u>Pq</u> as músicas só falam de <u>traição</u> <u>troca</u> de amores... etc
Totalmente relacionado um com o outro. As músicas do arrocha falam do amor <u>sufrido</u> , de <u>rompimentos</u> , de <u>traição</u> e tudo mais. Isso seria a <u>sofrência</u> .
<u>sofrência</u> vem de <u>sofrimento</u> e as músicas de arrocha normalmente falam sobre <u>traição</u> ou amor não correspondido

Fonte: próprio autor

Embora haja opiniões diversas sobre a relação entre o termo “sofrência” e *arrocha*, alguns dos entrevistados³⁸ acham que essa relação se dá devido ao conteúdo das músicas que falam sobre acontecimentos resultantes de relações amorosas, sejam bem ou mal sucedidas. Conhecido como *sofrência* em muitos estados do sul e sudeste do Brasil, a música “Porque Homem Não Chora”, chegou a ser trilha sonora da novela

³⁷ Questionário completo disponível apêndice deste trabalho.

³⁸ Conteúdo disponível no apêndice deste trabalho.

das 19h da Rede Globo de televisão, contextualizando a cena de um personagem que trai a namorada, mas não aceita o término do relacionamento.

A possibilidade da música do arrocha cativar grande público está relacionada ao seu “poder” de traduzir e ser trilha sonora do modo de vida de muita gente e nos faz pensar ainda sobre a ideia de que a música exerce o poder de traduzir sentimentos e de funcionar como um “porta-voz” da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há nada tão poderoso quanto o gosto musical para classificar os indivíduos...(BOURDIEU, P. 1979. p.17).

A ideia de pesquisar o arrocha como um movimento cultural, inicialmente trazia como fator a ser pesquisado apenas a sua história e a relação entre o arrocha e o funk, divulgada pelo Portal do Arrocha. O corpo que a pesquisa foi tomando ao decorrer do tempo, foi surpreendente no sentido de possibilitar visualizarmos que o Arrocha poderia nos mostrar muito mais do que a sua história e a sua relação com outro ritmo musical. A pesquisa sobre o arrocha permitiu vislumbrarmos o quanto a veiculação de um ritmo musical pode falar sobre aspectos da sociedade.

A pesquisa bibliográfica utilizada conversou com os dados colhidos e, durante a pesquisa de campo, nos proporcionou a constatação de que a relação entre o consumo do arrocha, bem como o preconceito contra esse ritmo, estariam ligados intimamente ao fato das suas raízes periféricas e histórico-sociais imbrincadas na periferia e no Nordeste, locais denominados por muitos como reduto de pobreza cultural e selvageria.

Apesar de inicialmente termos buscado compreender o histórico do arrocha e a sua possível relação com o preconceito e desvalorização, a partir desse ponto de partida, pudemos vislumbrar as semelhanças entre o ritmo pesquisado e outros ritmos importantes e conhecidos na cultura brasileira, os quais também passaram por percursos históricos e desvalorizações semelhantes aos do arrocha, tais como, o samba, o funk e a música brega.

Percebe-se que a relação da sociedade com determinado ritmo musical ultrapassa as questões do “gosto”, pois, o que se é referenciado ou desvalorizado por uma sociedade pode falar muito sobre o funcionamento da mesma perante as vivências e experiências sócio-históricas, as quais explicam os preconceitos reproduzidos pela sociedade, principalmente o preconceito entre classes.

A relação entre o preconceito de classe e a desvalorização do arrocha apareceu como uma ponte com o preconceito contra o nordestino, visto que, de certo modo, o

ritmo divulga e retrata a cultura do Nordeste devido a sua representatividade diante da sociedade nordestina, principalmente a das periferias, nas quais o ritmo começou a ser difundido, tendo como público principalmente as pessoas das classes mais populares da sociedade.

Esta dissertação apresentou-se como um desafio em termos metodológicos, visto que a sua maior referência se deu a partir dos trabalhos da pesquisa de campo para tentar responder as questões colocadas em pauta a respeito do tema aqui estudado.

Um dos maiores desafios foi desbravar um campo ainda desconhecido pelo meio acadêmico: o Arrocha como um movimento cultural e representativo para parte da sociedade brasileira. Além disso, ser pioneira nos estudos a respeito desse ritmo esbarrou em diversas dificuldades, inclusive, as referentes ao acesso a grande quantidade de artistas do ritmo, seja pela sua grande rotatividade e demanda, seja pela impossibilidade financeira apresentada durante a pesquisa de campo para alçar vôos até os mais renomados artistas do arrocha.

Buscar mapear o público desse ritmo também foi desafiador, diante da grande e real contradição e diferença entre ouvir as músicas do arrocha e se considerar fã do ritmo. Esse fator curioso possibilitou o alcance de uma amostra diversificada sobre tal público, permitindo assim também a compreensão do mercado da música.

A imensa quantidade de material colhido durante as etapas da pesquisa de campo, apesar de possibilitar a visão panorâmica a respeito do assunto, também se apresentou como um grande desafio a ser superado. Saber como lidar e compilar tanto material diante das limitações de um trabalho de dissertação, delimitar um foco dentro do objeto e problema de pesquisa já delimitado, a fim de responder questões tão complexas. Porém, foi através dessa amplitude que vários pontos de discussão dignos de futuras pesquisas se apresentaram.

A semelhança entre o arrocha, o funk, o brega e o samba retratou um recorte da relação entre o preconceito e desvalorização dos ritmos musicais estarem intimamente ligados ao preconceito de classes e desvalorização social, encobertos por discursos justificados pautados no “gosto” pessoal, que na realidade, de pessoal não tem nada. Como afirmou Bourdieu (2009), isso ocorre por conta dos padrões estéticos nas artes que divergem de uma classe social para outra, devido ao condicionamento social produzido pela distinção.

Se retratar o sentimentalismo ou o romantismo em suas músicas fosse, de fato, uma razão para o arrocha e a música brega serem tratadas como cafonas, o que faz com que bandas como, por exemplo, Los Hermanos, que apesar de tratarem dos mesmos temas em suas músicas não sejam rebaixadas ou desvalorizadas como esses ritmos provindos da periferia?

Foi possível perceber o quanto o arrocha pode funcionar como porta voz não só dos sentimentos das pessoas, mas também, dos estilos de vida da sociedade moderna. Desse modo, seria interessante evidenciar, a possibilidade de futuras pesquisas em relação ao tema, junto à perspectiva psicanalítica diante do papel da música perante a sociedade.

Diante do que foi apresentado e discutido, com uma proposta sem intuito de classificar ou julgar a estética de algum ritmo, essa pesquisa não se esgota por aqui. A gama de temas capturados como relevantes e relacionados ao arrocha e a desvalorização se mostram como possibilidades de continuação de pesquisa ou propostas para pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. ; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.
- ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Eu Não Sou Cachorro, Não Para Ser Tão Humilhado – Música Popular Cafona E Ditadura Militar**. Rio de Janeiro –RJ /São Paulo-SP: Record, 2002.
- BATISTA, Vera M. **O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história**. Revan. Rio de Janeiro, 2003.
- BATISTA, Vera M. Medo, genocídio e o lugar da ciência. In: BATISTA, Nilo et. al. **Discursos Sediciosos: crime, direito e sociedade**. Rio de Janeiro. Instituto Carioca de Criminologia. Freitas Bastos Editora, ano 3, n. 7 e 8, p 135 – 142, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- CYMROT, Danilo. **Ascensão e declínio dos bailes de corredor: O aspecto lúdico da violência e a seletividade da repressão policial**. Sistema Penal e Violência. Porto Alegre-RS. Vol. 4, n.2, pp 169-179, 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/12364> . Acesso em: Julho/2014.
- CYMROT, Danilo. Proibição de colarinho branco. In: FACINA, Adriana et. al. **Tamborzão: Olhares sobre a criminalização do funk**. Criminologia de Cordel 2. Revan. 1 ed. Rio de Janeiro, 2013, pp. 73 – 104.
- ESSINGER, 'S.'(2005). **'Batidão..Uma.História.do.Funk**. Rio de Janeiro: Record.
- FACINA, A. **Funk e criminalização da pobreza**. V ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2009.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad: Renato da Silveira; Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: www.geledes.org.br. Acesso em: Abril, 2015.
- FERNANDES, Dmitri, C. **A Inteligência da Música Popular – A Autenticidade no Samba e no Choro**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós – Graduação do Departamento de Sociologia – USP (Universidade de São Paulo), 2010. Disponível

em:http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-15092010-171819/publico/2010_DmitriCarbonciniFernandes.pdf . Acesso em: Agosto, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Casa - grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Apresentação: Fernando Henrique Cardoso, Ed. Global, 48 ed., São Paulo, 2003. Disponível em: <http://minhateca.com.br>. Acesso em: Outubro, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LEAL, Sérgio José de Machado. Rap vs. Funk Carioca. In: **Alerta hip-hop! : Despertando um movimento em transformação**. Rio de Janeiro/RJ, Aeroplano, 2007, pp.244 – 254.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEDEIROS, Janaina. **Funk carioca: crime ou cultura? : o som dá medo e prazer**. [S.l.]: Editora Terceiro Nome, 2006.

NAPOLITANO, Marcos and WASSERMAN, Maria Clara. **Desde que o samba é samba: a questão das origens no debate historiográfico sobre a música popular brasileira**. Rev. bras. Hist. [online]. 2000, vol.20, n.39, pp. 167-189. ISSN 1806-9347. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882000000100007>. Acesso em: Agosto, 2015.

PABLO A VOZ ROMANTICA – SITE OFICIAL: <http://pabloavozromantica.com.br/>. Acesso em: Agosto, 2014.

PORTAL DO ARROCHA: <http://www.portaldoarrocha.com.br>. Acesso em: Agosto, 2014.

RIEPEP, Ana. **Vou Rifar Meu Coração**. Amado Produção, 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=wluc5qktu3Y>. Acesso em: Julho/2014.

SÁ, Thiago Antônio de Oliveira. **Quem não gosta de samba, bom sujeito não é: consumo e apropriação cultural**. Dissertação apresentada ao mestrado de sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2010. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8TFHXL/disserta_o_thiago_pdf.pdf?sequence=1 . Acesso em: Julho, 2015.

SILVA, Rosane Neves da. **Notas Para Uma Genealogia Da Psicologia Social**. Psico. & Sociedade; UFRS, Rio Grande do Sul-RS. 16 (2), pp 12 – 19, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n2/a03v16n2>. Acesso em: Outubro, 2014.

TROTTA, Felipe. **Juízos de valor e o valor dos juízos: estratégias de valoração na prática do samba.** Revista Galaxia, v.7 n. 13. São Paulo: PUC-SP, 2007 Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/download/1470/935>. Acesso em: Julho, 2015.

VIANA, Lucina Reitenbach. **O Funk no Brasil: Música desintermediada na cibercultura.** Sonora; Unicamp. São Paulo-SP. Vol 3, n. 5, pp 1-21, 2010. Disponível em: <http://www.sonora.iar.unicamp.br/index.php/sonora1/article/viewFile/32/31>. Acesso em: Agosto/2014.

VIANNA, Hermano. **Funk e Cultura Popular Carioca. Estudos Históricos.** Rio de Janeiro. Vol. 3, n.6, pp 244-253, 1990. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2304> . Acesso em: Abril/2014.

VIANNA, Hermano. **O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos.** (em português) UFRJ. Museu Nacional, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO UTILIZADO

TERMO DE CONSENTIMENTO**Aracaju, Fevereiro de 2015****À EQUIPE – PABLO DO ARROCHA**

Convidamos o (a) Senhor (a) a participar da Pesquisa referente ao Arrocha como movimento cultural sob a responsabilidade da pesquisadora Dayanne Souza Figueiredo, a qual pretende investigar o histórico do arrocha e a sua possível representação social sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha.

Antes de concordar em participar, é muito importante que o (a) senhor (a) compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A pesquisadora deverá responder todas as suas dúvidas, se houver.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista via email, na qual serão feitas algumas perguntas relacionadas ao tema. O (a) senhor (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração.

Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefício direto para o (a) senhor (a). Também não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica.

Se depois de consentir em sua participação o (a) senhor (a) desistir de continuar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu _____ estou de acordo em participar desta pesquisa.

Este documento é emitido em duas vias, que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data ___/___/____

Atenciosamente,

Dayanne Souza Figueiredo
(Mestranda – Pesquisadora responsável)

Prof. Dr. Eduardo Leal Cunha
(Orientador)

APÊNDICE B - ENTREVISTAS

ENTREVISTA – ADEMIR

LOCAL: CANDEIAS/BA

D: Bom, Ademir, boa tarde! Eu queria saber qual sua profissão, idade?

A: Eu sou produtor musical, tenho 42 anos, eu trabalho na área da música já há mais ou menos 18 anos, mais ou menos na música. E tocava teclado, hoje não toco mais, sou só produtor musical.

D: Como nossa conversa é sobre o arrocha, eu queria que você falasse um pouco o que você sabe do arrocha e o qual é o seu envolvimento com o ritmo.

A: Olha, o que eu sei do arrocha é que, na verdade, o arrocha foi uma evolução do ritmo chamado bolero, e ele foi... o termo regional que se usa aqui era seresta. E depois eu acrescentei alguns elementos de percussão ao ritmo que ele colocou, que ele ficou, se chamou de arrocha.

(Mô, depois você vem cá por favor?) Interferiu, a esposa do entrevistado.

A: Onde eu tava?

D: Que é popularmente conhecido como seresta... formação com o bolero...

A: Formação com o bolero inicialmente e depois se tornou o arrocha, colocando alguns elementos de percussão, colocando com que o ritmo ficasse mais dançante, tendo um bumbo na frente e um simbal constante.

D: E sobre a história do arrocha, o que você tem pra falar assim? Que lhe vem à mente?

A: A história do arrocha... aí você me pegou, hein... a história do arrocha começa justamente assim: a gente tocava normalmente em barzinho, tocava normalmente em barzinho, a gente foi colocando e cada um fazendo seu ritmo. Eu fiquei mais conhecido porque eu fazia a programação da maioria dos tecladistas da cidade, eu fazia os ritmos de teclado, aí todo mundo me procurava pra fazer um ritmo novo, um ritmo diferente. – “ah, Ademir, mas eu não quero assim, quero de outro jeito” – e aí a popularidade foi aumentando, e as pessoas sempre me pedindo um ritmo diferente, um ritmo diferente e a maioria dos ritmos que eu fiz, graças a Deus, fizeram sucesso. Como o de Tayrone, como o de Silvano, como Nara Costa, como... Asas livres, como... perdi a conta, viu. Muita gente, muita gente. Esses são os mais conhecidos, mas muita gente mesmo. Não sei se tenho mais coisa assim pra dizer.

D: E como é que foi o surgimento do arrocha aqui em Candeias?

A: O surgimento do arrocha, voltando a dizer, ele começou num barzinho, aí depois passou pra clube quando um determinado grupo se destacava, aí colocava num clube onde o produtor que fazia o evento ele tinha condição de ter uma renda, né... melhor, colocando em um clube, deixando de ser num barzinho, que no barzinho seria de graça, ninguém pagaria nada, entendeu? Aí dessa forma, vendo que tendo condição, a popularidade aumentando, ele foi saindo de Candeias e foi ganhando a Bahia toda, entendeu?

D: E como você enxerga o público do arrocha, o pessoal que ouve, que frequenta os shows?

A: Antes. Antes o público do arrocha, vamos dizer assim, uma classe média baixa pra média. Hoje, ta de uma forma que ta pegando todo tipo de público, entendeu? Hoje não tá somente na popularidade, naquela menina que limpa casa, naquela menina... ta em todo mundo agora.

D: E pra você, o que é que fez com que mudasse, com que ampliasse o público assim do arrocha? Que alcançasse outras classes?

A: O que fez com que alcançasse outras classes, pra mim eu acho que foi a popularidade, né.. quando você aumenta o público, todo mundo começa a gostar, isso... me perdi... isso aumenta a... como é que vamos redimir isso... pra aumentar a popularidade, aumentando a popularidade, tendo assim as bandas tendo sucesso... aí aumenta a popularidade!

D: Mas assim, pra você, o que é que você acha que faz com que o arrocha cative as pessoas? O que faz com que o pessoal procure ir a um show ou escute música ou goste de ouvir, enfim, ou dance?

A: Por ser talvez um estilo diferenciado, porque a gente tá sempre em busca de novidade. Um ritmo diferenciado, além de ser romântico, não ser tão agressivo como é o axé, como o pagode, agressivo em termos, né... a possibilidade de você dançar agarradinho, isso contagia mais as carícia, como dizia assim, né...e o romantismo nas pessoas eu acho que aumenta mais com música romântica, né? Eu acho que é por aí.

D: Entendi. E como é que você enxerga as danças do arrocha?

A: A dança de toda forma é como uma pessoa... isso não vai me comprometer não, né?... isso como eu falo seria como as pessoas que é mais, vamos supor, de uma classe mais baixa, por não ter experiência e não ter... experiência não, por não ter... vamos dizer assim, uma cultura melhor, aí a pessoa começa a vulgarizar um pouco, né? E aí como o pagode, como o axé, como qualquer coisa as pessoas também começa, como funk, as pessoas começam... também tem aquela dança que não é que nem o tango que é sensual, mais requintado, né.. e os outros não, já começa na boquinha da garrafa, já começou daí... e aí já vai tetetê... e aí começa esse mexe mexe demais, ta entendendo? É meio complicado falar sobre isso.

D: Entendi. Você falou: assim como o funk... você enxerga alguma semelhança do arrocha com o funk?

A: De modo regional, enxergo sim. Porque todo estilo que ele pega aquela região como o arrocha hoje tá pegando o Brasil, mas alguns, mas tem muita gente como o arrocha tem também, ta entendendo? Não acho semelhança, mas o estilo assim, vamos dizer, regional, a maneira das pessoas se divertir, teve sim a semelhança entre o funk e o arrocha.

D: No caso, regional seria...?

A: Bahia, São Paulo, Rio... isso que falo regional.

D: Não, o funk não chega muito na Bahia, entendeu? Não chega muito na Bahia. Na Bahia não tem muito sucesso isso. Apesar de chegar em televisão e ter mídia, mas não chega na Bahia. Se você fizer uma festa, ninguém vai. Por exemplo, por aqui assim não tem muita popularidade, a menos que você bote na rua, aí não tem jeito, vai!

D: Entendi. Quando a gente tava conversando sobre as danças você ficou um pouco, assim, sem jeito pra falar... o que é que te causa assim mais...

A: Não, é porque quando fala assim em danças, tem várias maneiras que as pessoas também dança, né? Como tem pessoas que dançam por ta se divertindo, outros já dançam porque já comeu uma água demais e já tá doido, ta entendendo? Já tá doido e aí já começa e todo mundo “eee!”, e aí todo mundo já achou bonito. Uma pessoa que não bebeu, tá sóbria, acha que aquilo foi bonito e já começa também fazer. Mas aquela pessoa tava bêbada! Tava fora de si! E aí começa a fazer e daqui a pouco uma criança também já tá dançando, ta entendendo? Uma criança também já tá dançando e aí isso vai crescendo e acaba dizendo que foi aquilo ali que é o arrocha agora, ta entendendo? Muda radicalmente assim, às vezes uma cena faz com que todo mundo contagie a todo mundo e todo mundo começa a fazer a mesma coisa, sem saber que foi um ato de loucura de uma pessoa.

D: Entendi. Você consegue ver alguma relação do arrocha com a sensualidade? Ou não?

A: Em alguns momentos sim, algumas músicas sim. Como... não sei se é sensualidade, né.. mas tem sim alguns momentos sim quando a... determinado público, é com relação a público também, ta entendendo? Público e como você tava falando, classe social também. As pessoas mais humilde elas se diverte e não ta nem aí, as pessoas que tem uma (?) “não, isso não pode, o que é que fulano vai achar”, ta entendendo? As pessoas (?) “na vida eu não tenho nada mais pra perder”, ta entendendo? Aí não tem nem mais vergonha também.

D: Então, pra você existe essa diferença de comportamento de classe social...

A: Acho que sim, jovem. Acho que sim. Também quem sou eu pra dizer algo, entendeu? Mas acho que sim. Tem a ver com classe social, porque normalmente onde você vê isso? É em favela. Normalmente onde você vê isso é onde você vê um público... menos favorecido, vamos dizer assim. Normalmente você vê isso. Quando você chega em um teatro, pra ver uma peça, uma coisa assim que é... você não vê muita gente dessa classe lá, ta entendendo? Às vezes é porque... não é que é caro, é que não tem a cultura disso. Não tem a cultura de ler algo, não tem a cultura de fazer determinadas coisas que isso que eu coloco como ser a educação, né? E só.

D: E você acha que o arrocha sofre algum tipo de preconceito?

A: Sofreu sim, até com a mídia muito tempo. Como eu te falei, eu toco isso mais ou menos há uns 18 anos e a mídia teve resistência pra colocar isso na mídia, ta entendendo? Pra você tocar lá com o teclado? Você é doido, rapaz?! Não vai prestar! Rapaz, você é doido? As pessoas tinha até vergonha, vai tocar com teclado e vai ter televisão. Você é doido, rapaz?! Ta entendendo? Tinha essa coisa e a resistência também do axé, os grandes do axé não deixava chegar. Não deixava e isso tinha aquele... quando pegou, porque a gente até então chegou no topo, né? Pra mostrar pra todo mundo. Quando pegou de baixo pra cima não teve jeito mais, ta entendendo? Às vezes a gente quer chegar no topo pra mostrar pra todo mundo, você do alto “olhe, tô aqui!”, você vim de baixo e tchuuu.. contaminar todo mundo e chegar em cima. Isso aconteceu com o arrocha, pra ele chegar foi sofrido. E hoje ta todo mundo fazendo, hoje ta todo mundo, o sertanejo ta fazendo, Ivete já tá fazendo, todo mundo já tá fazendo, não tem jeito mais. Agora eu vou fazer o quê? Vou brigar com o povo, quem paga meu cd? Entendeu? Aí tem coisas que, na verdade, não é porque você gosta, é porque às vezes ta dando dinheiro isso. Muita gente também, eu vejo aqui no estúdio, nascer pessoas que nem sabe cantar. Eu tenho que fabricar ele no melodine (?).. pronto, ta bom ele! O cara ao vivo? Vish! Mas o cd bom pra caramba. Entendeu? Acontece muito isso. E por falta desse profissionalismo também que a mídia também ficou meio receosa em dar espaço a essas pessoas e também não tem experiência. Eu, por exemplo, não fiz música pra tocar, eu sou autodidata, quem me ensinou foi um rapaz tocando violão, meu irmão, me ensinou tocando violão que ele não sabia tocar teclado. Assim que eu aprendi. Com essa dificuldade eu fiquei muito mais curioso e aprendi programar, aprendi muita coisa que

as pessoas que sabe, às vezes tocar mais que eu não pegou, não sabe. “Rapaz, como muda... quero mudar esse timbre, eu queria fazer... eu queria botar uma percussão aqui, onde é que vai, onde é que vai”. Devido a minha dificuldade eu consegui chegar mais rápido que ele, que tem mais experiência, vamos dizer assim, com música.

D: E pra você como é que era, Ademir, a busca do pessoal da música pelas suas programações de teclado?

A: Pra mim, eu por também não ter muito interesse, pra mim eu fazia isso mais pra ajudar, pra ajudar um, pra ajudar outro. Eu não cobre de ninguém, não registrei, não patentei os ritmos, nenhum, até a Roland colocou num teclado dele de fábrica um ritmo feito por mim e eu olhei e fiquei... não posso fazer nada, eu não registrei, não patentei, não fiz nada, não posso fazer nada. E também não posso chegar e dizer: eu é que sou... não posso mais. Agora já foi, tem tanta gente aí que estourou, vou fazer agora como? O que? De que? Vou ter que sair procurando todo mundo que já tocou comigo em mil novecentos e abobrinha, e vai ser “ah, foi? Foi!” e acabou. Não tem como a gente reivindicar nada. Foi isso mesmo que você perguntou? Ou eu já tô em outro assunto?

D: Não, foi isso mesmo. Como é que foi pra você a busca, né.. do pessoal pelo...

A: Isso, isso, isso. É muito grande. O pessoal... e também quando você faz... até mesmo de gravação, de gravação... de gravação as pessoas... pô, eu fazer Silvano, Nara, Asas Livres, Tayrone, as pessoas que eu gravo também e fazer sucesso, as pessoas vem de fora. Vem Osnir Alves, veio de São Paulo pra gravar aqui comigo. Tem um Pônei, de Pernambuco, que vem gravar aqui também comigo. Deixe eu ver quem mais... tem um rapaz do Amazonas que agora não vem o nome, não sei se ele estourou também, mas gravou aqui comigo. Tem... tem muita gente. Não tenho o nome de todo mundo assim de cabeça não, mas tem muita gente. Devido assim, isso, o pessoal pensa assim: um cd fez sucesso com ele, o meu também vai fazer. Ta entendendo? Às vezes pensa isso também.

D: Então, assim.. você falou que não gosta de mídia e tal, mas você poderia ser considerado ou você não gosta disso assim, a pessoa por trás do arrocha?

A: Eu... não tem jeito, o pessoal me colocou e me taxou como eu ser o precursor do arrocha, vamos dizer assim. Mas eu não gosto muito de mídia e nem boto em rede social, como muita gente faz, bota em rede social “tal, pa.. hoje aqui, ta, ta, eu que fiz, tal, tal”. Tem um menino mesmo que cria sample de coisa e tal, ele tem até um

sitezinho: railan, railan dos teclados, faça seus samples. Que nem o de Silvano, que nem de Nara Costa, quer dizer, ele faz os ritmos tudo e sampleia também, né? Aí ele coloca lá e já tem essa divulgação. Já eu não, se alguém me procurar eu faço, se não procurar ta tudo certo também. Não sou uma pessoa assim, vamos dizer assim, ambiciosa tanto não. Ta entendendo? Pretendo crescer como todo mundo sim, ter um estúdio top, grande.. mas... chego lá!

D: Entendi. É.. voltando lá pro começo do arrocha, o nome arrocha, pra você explicar um pouco.

A: O nome arrocha, eu não sei muito bem te explicar isso. Mas o nome arrocha, a gente vem tirando de rodeio, em rodeio tinha muito isso: “arrocha!”. Aí na festa a gente olhando as pessoas dançando e às vezes também fazendo aquela cena porque ta tomando uma e coisa e tal, os peão aí no palco também vai contagiando, vai brincando também: “arrocha!”, daqui a pouco, pronto, o nome do estilo virou arrocha. Ta entendendo? O nome do estilo foi arrocha. De uma mensagem, uma coisa que a gente falou e o nome vira arrocha. Não sei também... por exemplo, todo mundo chama pagode de axé. Qualquer música que é da Bahia é de axé, mas o estilo e o ritmo não é axé. Ta entendendo? Às vezes o cara toca um pop rock, mas é da Bahia? É axé. Tocou um pagode? É axé. Toca qualquer coisa que é da Bahia, o pessoal chama como axé, entendeu?

D: Hoje em dia tão chamando o arrocha de Sofrência, né? Você vê alguma relação com isso? O que é que pra você, o que foi essa mudança aí?

A: Daí é que vem a.. essa coisa do que a gente fala. Uma entrevista, eu acho que foi com Tayrone, uma entrevista com Tayrone, uma moça chegou e falou assim: eu gosto das músicas dele, porque ele canta música de sofrência, de sofrência. Aí a repórter falou: sofrência? O que é que é isso? É uma música romântica, uma música assim, que a gente ta sofrendo, tomou um corno, uma coisa assim, ta entendendo? Aí, daí já botaram o nome de sofrência, não é mais arrocha. Aí cada coisa que a gente vai falando, vai virando ritmo. E é a mesma coisa. Mas a pessoa vai mudando o ritmo com tudo que a gente vai falando. Entendeu?

D: Entendi. Surgiu na seresta, né?

A: Foi, foi um pouco da evolução do bolero. Mas regionalmente chamava aqui de seresta, não sei se em todo o Brasil se chama de seresta música romântica tocada tem

que ter aqueles bolerozinho, né? Com o teclado. Aí começou assim. Daí foi evoluindo, já tem gente com banda, já tem gente que era só voz e teclado, já colocaram uma guitarra, colocaram sax, colocaram backing vocal e aí a coisa vai crescendo, ta entendendo? De acordo, o grupo também vai crescendo na mídia.

D: Como é que você enxerga esse crescimento do arrocha?

A: Eu enxergo como uma novidade, vamos dizer assim. Tudo que se chega de novo e que todo mundo quer experimentar como um dia foi o xote, como um dia foi o baião, como um dia foi o forró. Novidade. Antes a gente só ouvia falar mesmo era em bolero, a gente só ouvia falar mesmo era em rock. O Brasil era muito conhecido que era rock, pop rock, tinha Titãs e essas coisas, né? Só isso que era... depois foi ter... aí tem outros estilos como Caetano, Gil, essas... pessoal todo também foi criando cada um, um ritmo, que aí também contaminou o Brasil com vários ritmos. E aí cada vez que chega uma novidade, como o forró, como o forró, como o valneirão, como... vai chegando uma novidade, né? Aí vai fazendo sucesso. O arrocha tem muito ainda a crescer, mas eu não sei até onde ele chega não. Não sei até onde chega.

D: Você falou que já tem 18 anos que toca isso...

A: É, que eu toco isso aí mais ou menos. Já tem mais ou menos isso aí. Agora seresta tem muito tempo, viu? Tem muito, muito tempo. E é tocando seresta que eu comecei, né? Tocando seresta e foi evoluindo, na época que eu tocava seresta tinha um grupo com meu irmão, chamado grupo Voyage. Era eu, meu irmão, a gente botava um blazer, tinha um rapaz do sax, os três de blazer, e a gente tocava todo estilo de música. Todo estilo de música a gente colocava no teclado e fazia. Fazia música lenta também, cantava algumas músicas internacional tal, a gente já virou um grupo também diferente de todo mundo. Porque antes só tinha violão de ouro, era Diógenes, aí a gente também já foi um grupo que já foi diferente de todo mundo. Cantava música internacional, cantava música lenta, o pessoal pô.. cantava os anos 60, aquela batida... já foi um grupo diferente. E nisso também eu sempre procurei fazer alguma coisa que se destacasse, né... que fizesse algo diferente... tem que fazer alguma coisa diferente. Fazendo isso, não, porque você chega ali, quando se você pegar um teclado e você compra um teclado, ele já vem com o ritmo dele de fábrica. Se todo mundo tocar a mesma coisa, tudo igual. Tudo igual, ta entendendo? Aí chega um e coloca e pega aquele ritmo que tem essa possibilidade de fazer um ritmo no teclado e fazer, e fazer o ritmo, né? No teclado eu fiz um ritmo

diferente, pronto, todo mundo fez: não, tem alguma coisa diferente naquele dali, viu? Aí você começa a se destacar, entendeu, quando você faz algo diferente.

D – Uma pergunta, também, que eu queria fazer é assim: aqui em Candeias, como é que tá o arrocha, hoje em dia?

A – Em Candeias, mesmo, pelo fato também da crise, em Candeias não tem muito festa, Candeias não tem muito festa, Candeias não tem muito arrocha, em Candeias tem muito grupo, sim, pequeno, chegando, chegando, mas assim, pra se destacar, não tem mais não. Tem uma banda aí, chamada Dois Amores. Já ouviu falar?

D – Já.

A – Dois Amores, só essa aqui de Candeias, que tá chegando, devagar. Fora isso, aqui em Candeias, mesmo, não tem nem festa.

D – É mesmo?

A – Em Candeias mesmo, não tem mais festa assim, como antes. Antes, todo final de semana tinha uma festa. É todo final de semana, sexta e sábado, sexta e sábado, sexta e sábado. Hoje Candeias, não tem mais não. Nenhuma festa. Se você quiser ir pra uma festa, você tem que ir pra São Sebastião, próximo daqui, se você quiser ir pra uma festa, você tem que ir em Madre de Deus, que é perto daqui também, mas em Candeias, não tem. Aqui tinha dois clubes, Ideal e Brasil Esporte Clube, todos dois tá fechado, praticamente, não tem festa, assim. Aí, vamo dizer assim: a fonte secou.

D – E pelas redondezas, o pessoal busca, ter festa de arrocha? Tem muita divulgação de festa de arrocha?

A – Tem sim. Tem festa. Por fora aí, tem muita festa. Agora, a região aqui, a região aqui de Candeias é que é um pouco devagar mesmo, pra festa. Acabou mesmo, assim. Deu aquela freada.

D – Entendi. Mas, antigamente, era todo final de semana?

A – Não, todo final de semana, sexta e sábado, sexta e sábado, e eu tocava toda sexta e sábado, toda sexta e sábado, num lugar diferente: São Francisco, Candeias, São Sebastião, direto, tinha, aqui, pra mais de seis casa de show, aqui em Candeias, não, sete casa de show. E tocando uma coisa, outro tocava outra, outro toca, toca, toca, todo mundo tocando. Daí, também, a coisa que saiu de Candeias, porque aqui tava fervendo mesmo, isso, e vinha gente até pra cá, e rapaz tem um arrocha em Candeias, tem um

arrocha em Candeias, tem um arrocha em Candeias, pronto aí, o pessoal vinha pra cá, pronto, aí... tsss... inchou demais, né... derramou a panela e espalhou a Bahia toda.

D – Você vê alguma diferença das festas da época de seresta, que era chamada de seresta e, hoje em dia, das festas que tem arrocha?

A – A diferença, é a seguinte: é o púbrico, né? O púbrico da seresta era mais coroa. Se vai pra seresta uma menina nova, ir pra seresta, a galera fazendo gozação dela: fulana tava na seresta com a mãe dela, com a avó... Entendeu? Fazia muita gozação. E hoje, também, vai de menino, se você botar um arrocha aí, e botar um menino novinho aí, ele vai cantar, ele já canta, ele já bota a mão na cabeça, ele já dança... tá entendendo?... a criança hoje já é contagiada com isso, e antes, isso era só música de velho, vamo dizer assim, né? Aí, o púbrico também vai mudando, também agora é mais jovem, né?

D – Por ter vindo também do bolero, tem alguma relação com o brega, como é essa...?

A – O brega a gente vai inserindo aos pouco, porque, o que é brega, hoje a gente nem sabe mais o que é brega e o que é chique, né? Porque dizer que a música de Amado Batista é brega, aí a gente canta a música de Amado Batista, aí pronto, é música brega. Aí a gente canta música de Reginaldo Rossi, é brega... tá entendendo?... Aí vai de acordo com a música que a gente cantar. E se a gente pega, a gente pega uma música e canta uma música de Claudinha Leite, aí já não é mais brega. E se a gente tá tocando do mesmo jeito, e é o mesmo estilo, o mesmo ritmo... tá entendendo?... isso vai a pessoa mesmo que vai dizendo se é brega, porque a gente tocou uma música de um cara que é brega e ele é brega. Dizendo que é brega, que eu não sei, quem é brega, quem é chique.

D – Como você enxerga essa palavra? O que pra você é o brega?

A – Brega, pra mim, vamo dizer assim no popular, brega é coisa de pobre e chique é coisa de rico, pronto. Tá entendendo? O que dizer de estilo, seria isso aí. Mas, falando assim, de músicas, é como eu tô te falando, seria você tocar música de determinada pessoa e a pessoa, pronto, se eu chego assim e toco uma música de calipso, a pessoa fala, eu tocando arrocha e o cara tá dizendo que eu tô tocando calipso. Só porque eu tô tocando uma música de calipso, mas o ritmo eu não mudei... tá entendendo?... o ritmo continua tocando a mesma coisa, ele falando que eu mudei o ritmo, e eu não mudei o ritmo... entendeu?...aí a pessoa fala que é brega. Garçom aqui, nessa mesa de bar... o cara tocando uma música brega da zorra, véio, o cara só toca música brega, pronto. Tá entendendo?

D – Entendi. E o arrocha, em geral, você encaixaria, em brega, chique ou não? No qual?

A – O arrocha eu encaixaria no lugar dele, de arrocha, mesmo. Ele seria a mistura disso tudo. De arrocha, chique, tudo. E a gente classifica mais a música, assim, quando ela pega o púbrico em geral, né? Ela já pegou púbrico brega, chique, já virou um estilo, já, vamos dizer assim, popular, a música popular, virou uma música popular. Quando ela tá nessa classe de mais de brega, é quanto ele tava mesmo... e o que dizer de brega, também? É que quando as pessoas falam música brega, é porque normalmente,... já tá acabando o tempo?

D – Não, pode falar.

A – Normalmente, a maioria dessas músicas é mais tocada num bar ou numa boate que, hoje o pessoal chama também de brega, né?... mas numa boate, onde o pião tá ali porque perdeu a mulher, a mulher jogou as roupa tudo dele na rua, ele tá ali, a música tá tocando num brega, aí o pessoal já diz que ali é música brega. Aí, daí, o pessoal colocou também o nome de música brega. E o arrocha, eu acho que já é música popular. Não sei se ele é brega, não sei porque a gente toca vários estilos, também, na noite.

D – Como é que tá nas rádios, o arrocha, aqui, em Candeias? Como eu cheguei hoje, então não sei assim como é que tá, não tive como...

A – Olhe, toca, mas eu te digo assim, que toca só as bandas que estão em evidência. Não tem assim, uma rádio que toque, assim, vamos dizer, gente nova, não, vai tocar na rádio, você só vai escutar Silvano, Tayrone, Pablo... só. Dois Amores que tá tocando também, mas por trás disso, tem um bocado de banda. Tem Ardente Paixão, tem Love Hits, tem, tem banda pra caramba que nem você nunca ouviu falar, tá entendendo?... tem muita gente, tem Ireneo, tem Johnny Paixão, tem Garra da Paixão e até os nomes, você já vê também, que é pessoal coloca também algo que seja romantismo, tá entendendo? Garra da paixão, Ardente paixão, sempre algo assim. E aqui em Candeias sim, toca mas pouco, vamos dizer assim, a elite do arrocha toca, entendeu? Vamos dizer.

D: Na história de Pablo diz que o arrocha surgiu aqui, né... como você falou já...

A: É porque Pablo também, é como eu tô te falando, ele também tocava em barzinho, o pai dele tocava teclado e ele que cantava também, entendeu? Aí ele já tocava em barzinho. Aí todo mundo chama a seresta de arrocha, porque ele já tocou até seresta. Antes ele tocava seresta, aí evoluiu pro arrocha. Aí ele foi tocar com Jai, que é o menino do Asas Livres, que montou o Asas livres e aí ele comprou o teclado em minha mão. E

aí ó, foi e aí fez sucesso também. Uma novidade também que era um menino cantando música de velho, vamos dizer assim. Entendeu? Aí, pô a galera curtia demais. Aí, daí também que deu a primeira banda também a estourar foi o Asas livres. Aí depois veio Silvanno, veio Nara, veio Marcio Moreno, veio gente pra caramba. Veio Tayrone, Tayrone veio depois de todo mundo, aí o Tayrone Cigano. Ninguém botava muito fé, a história de Tayrone também era: pobre também, ele pobre veio aqui, fez um cd comigo. Não tinha teclado, eu peguei o teclado, fiz o ritmo, botei, ele tocou, gravou o cd, foi... ia tocar, não tinha teclado, alugava o teclado em minha mão pra ir tocar. E hoje ele e Pablo virou ícone, ele, Pablo, Silvanno, é o ícone do arrocha hoje.

D: A maioria desse pessoal geralmente veio de baixo?

A: Todo mundo. Todo mundo. De Silvanno, ele vendia, ele vendia verdura na feira de São Joaquim. Tayrone é cigano, né... e era pobre ainda, tem cigano que é rico, ele era o pobre! E foi o empresário dele chamado Cirnani que chegou e deu uma força, veio aqui, pa.. a gente fez um cd por um custo simbólico. A gente fez um cd “não, Ademir, não precisa agonia não, isso aí é só pra gente comer água” e daqui a pouco foi... crescendo, né. “Não, Ademir, um rapaz chamou pra gente tocar ali, coisa e tal, papa.. e eu vou”. O cara tava pagando a ele, ele quase que o dinheiro que o cara tava pagando a ele foi o dinheiro que ele alugou o teclado pra tocar. Ia tocar de graça, aquela coisa de tocar, né.. de querer tocar. Pablo veio de uma família humilde, muito humilde mesmo, que ele o pai chegava com o violão, nem teclado tinha, tocava com o violão e ele cantava. Depois pegou um tecladozinho pequeno e as pessoas dava dinheiro a ele, ele tocava na frente de um bar, ninguém cobrava nada. O pessoal chegava lá e dava um, vamos dizer, um couvert ali pra ele, entendeu? E assim, ele veio de uma classe muito pobre. Eu acho que ele é o de mais pobres que teve foi Pablo. E hoje merecidamente virou o ícone do arrocha. Sofreu, muita gente fala que sorte, que sorte, viu. Sofreu. E ele também canta bem pra caramba. Ele canta bem. Desde pequeno já mostrava afinação, mostrava tonalidade, harmonia, tempo de música, que isso pra pessoa que não tem, moço, pra você botar no eixo é complicado. E todo mundo, né.. praticamente todo mundo que virou sucesso aí é humilde, sempre tentando, querendo chegar no sucesso, né? Nara também era de um estilo, ela cantava mpb com um menino, partiu pro arrocha meio cismada - “será que vai? será que presta?”, depois do sucesso, gostou. Não sai mais. E também o arrocha também tem uma evolução, né.. virou um arrocha com arrochadeira,

misturou o arrocha com pagode, e aí teve Bonde do Maluco, Toque novo, Piriripompom, piriripompom... tudo veio do arrocha também. Não tem aquele estilo que botaram a caixa? Botou um ritmo que já virou meio que um pagode misturado com arrocha, entendeu? Aí chamaram de arrojadeira. E teve, e aí tem também grandes nomes aí que já tá colocando, misturando um pouquinho do funk com o arrojadeira, pra você ver como essa coisa já tá ficando mutante, né? É o arrojadeira misturado com funk que já tá fazendo arrojadeira ostentação com Neto Lx e aí já vai, né... coisa misturando uma com a outra. Aí daqui a pouco já é outro ritmo já.

D: E como é que você vê esse arrojadeira, o arrocha ostentação, essa variação do arrocha?

A: É isso. É como eu tava te falando, né.. isso é uma necessidade também do mercado. O mercado às vezes vai achando que o arrojadeira já tá enjoado, você tem que colocar alguma coisinha. Aí o peão às vezes não tem dinheiro nem pra pagar a micheline que ele ta dizendo ali que é de ouro, mas ele tem que mostrar pra todo mundo que ele ta rico! Tem que chegar numa concessionária, alugar um carro e sair com carrão, com o braço do lado de fora, dizer que é rico, tá entendendo? Mostrar uma coisa que talvez ele não é, mas pra sociedade isso é importante – “pô, fulano já tá barão, viu?” – ta entendendo? A sociedade pra você que é rico você parece que tem mais valor do que quem é pobre, entendeu? Aí todo mundo visa desse jeito, aí vem funk ostentação, vem arrojadeira ostentação e aí vamos, né?

D: E por que será assim que o pessoal se aproxima desse tipo de arrocha ostentação, como você falou, por valorizar quem mostra que tem...

A: Olhe, essa pergunta aí eu já não sei te responder por quê que fazem isso. Mas as pessoas até mesmo quando você chega em um lugar pra ser atendido, se você não tiver bem vestido, se você não tiver bem... tendo que chegar com a chave do carro rodando, ninguém nem te dá atenção. Você pode ta ali com o bolso cheio de dinheiro, mas ninguém nem te dá atenção. Mas se chegar um peão que é ladrão e chegar bem vestido, coisa e tal, tirar o óculos assim duas vezes, o pessoal – “Sim, sim. Diga, senhor. Diga, senhor” – ta entendendo? As pessoas só enxerga, na verdade, quem tem. Isso não sou eu que tô dizendo não, viu? É uma realidade. E por esse fato que eu acho que as pessoas também ficam, às vezes, mostrando que tem e às vezes nem tem. Porque quem tem fala – “ô, meu filho, me ajude aí pelo amor de Deus, tô sofrendo”, cheio de dinheiro! Quem

tem. Agora quem não tem fala - “não, dinheiro não é problema!”, esse não tem dinheiro. Que dinheiro é um problema! E é assim.

D: Só pra gente terminar, você quer falar, dar um geral sobre o arrocha, sobre o que você enxerga dessa mudança do arrocha, dessa relação do que ta acontecendo, como você falou, é uma realidade as pessoas valorizarem quem tem ao invés de quem não tem... dar um geral sobre tudo que a gente conversou, pra poder a gente encerrar.

A: Ê, minha jovem, agora você me pegou. Eu não sei te dizer assim o que eu tenho assim pra dizer e resumir essa história. Mas eu digo que o arrocha tem muita gente, muitos empresários ganhando dinheiro com isso, certo? E por isso às vezes a gente tem que às vezes fabricar uma pessoa que nem tem talento. Às vezes também a gente por, tudo por causa do dinheiro. Hoje você não valoriza uma pessoa – “não, mas ele é feio, ele canta bem, mas ele é feio”, “ah, uma pessoa ou outra... “ah, não, mas ele é pequeno.. ah, mas ele não tem 1,60m, braço torado, não é um cara forte, não vai ficar legal no palco não”... mas o cara tem potencial, Nelson Nedes mostrou isso, que ele pequenininho conseguiu chegar longe, ta entendendo? E o que eu vejo do arrocha também foi que uma coisa, vamos dizer assim, uma receita que deu certo. Em outro lugar do mundo você tem acarajé? É uma coisa que deu certo, pense que aquilo ali foi elaborado, uma coisa que a gente faz assim do nada e daqui a pouco dá certo, né? Assim eu vejo, o arrocha é uma coisa que deu certo. E sucesso pra todo mundo! Eu acho que é por aí, minha jovem.

D: Ta bom, então.. obrigada, viu? Pela conversa.

A: De nada.

ENTREVISTA – CHIQUINHO (MÚSICO TECLADISTA - REBOCO DO ARROCHA)

LOCAL: ARACAJU/SE

F: Então.. meu nome é Francisco, tô na música desde os 15 anos. Toco de todos os estilos, quer dizer, na verdade não toco, eu tento fazer o máximo de mim porque não sou virtuoso. Queria ser um cara que executasse um instrumento perfeitamente, mas eu gosto de fazer que nem dizem, né.. o básico, o feijão com arroz.

D: Bom, então... vou fazer a primeira pergunta, você pode ficar à vontade pra responder. Que é o seguinte: eu queria saber o que é que você sabe sobre o arrocha. Como você teve acesso ao arrocha? O que é que você acha dele como estilo musical?

F: Então, sobre o arrocha eu não sei nada. Não sei nada porque eu nunca fui de gostar do arrocha, não vou dizer assim: nunca fui de gostar, porque na verdade, eu gosto da música. Então qualquer ritmo, estilo de música que vier hoje é algo novo, né.. é música. Você vai tá vivendo aquilo ali. Queira ou não, qualquer lugar que você passar você vai ter que escutar qualquer tipo de música. Seja no rádio, seja na esquina, num boteco, dentro de casa, no banheiro... você vai escutar qualquer estilo, na televisão e por aí vai. Então, como foi que eu cheguei até o arrocha... como eu falei, né, como a música tá em toda parte, primeira vez que eu escutei o arrocha foi quando eu saí com um grupo de amigos, paramos no bar e... você sabe que essas músicas começam sempre de lugares pequenos, um barzinho, tipo boteco e começou a tocar aquelas batidas meio estranha, não sei nem especificar o que é, se é uma mistura de pagode com forró, não sei. É arrocha.. é arrocha. Então, é aquela coisa, por mais que você não goste, você acaba batendo o pezinho, acompanha o compasso e vai levando aquilo ali como algo natural. Eu penso assim, né.. eu sou eclético, gosto de todos os estilo musical e hoje eu tô vivendo dentro do arrocha por acaso: uma questão de brincadeira que, queira ou não, tá dando, entre aspas, tá dando certo. Temos nossas composições e que a intenção é fazer o pessoal se divertir, a pessoa que tá escutando o arrocha, se divertir. A gente escolheu o arrocha porque é algo que muita gente gosta, tá certo? Vamos ter vários estilos de gosto, né.. vários tipos de gosto: rock, pop, pagode, seja lá o que for, é que nem futebol, é que nem religião, e essas coisas assim, meio complicadas da pessoa discutir, que cada um tem seu gosto. E por exemplo, vou falar um pouco do que, qual é o nosso projeto: como eu falei, a intenção é fazer o pessoal se divertir e dançar. Porque o pessoal hoje em dia, entre aspas, gosta do que não presta. Tudo que não presta o pessoal gosta. Não vou dizer que o arrocha não presta, pra quem gosta, é algo que preste. Entendeu? É uma coisa que o pessoal se sente bem, tá ali escutando, tá vivendo, tá curtindo. Ninguém é obrigado a gostar do que outra pessoa gosta. Ah, se o cara gosta de rock, não.. você tem que gostar. Vai brigar por causa disso? Não! É o gosto dele e acabou.

D: Então, você falou que o seu projeto com seus amigos começou em uma brincadeira. Queria que você falasse um pouco mais de como é que surgiu isso, o porquê que pra você tá com o arrocha é uma brincadeira... como é que foi que surgiu esse projeto.

F: Então... eu sempre toquei com banda. Entendeu? Comecei tocando teclado. Vou começar de quando eu iniciei teclado: minha mãe tocava teclado, minha avó tocava piano e minha irmã, mais nova do que eu, ela tinha uns 5 anos por aí, ganhou um pianinho de madeira. Então aquele piano tava sempre guardado em casa, ninguém mexia, minha mãe não deixava eu tocar no teclado dela, mas eu sempre tinha vontade, tinha curiosidade e quando foi com uns 14, 15 anos eu comecei a bater os dedos no piano da minha irmã, pianinho de brinquedo, mal dava pra bater os dedos. Então o que foi que aconteceu: fui tirando música de ouvido e meu pai olhou assim e percebeu que eu tinha um dom. Que da primeira vez que ele escutou eu tirando uma música – vou até falar assim, eu não toco perfeitamente – mas a primeira música que eu insisti em tirar de ouvido foi o Brasileirinho, eu achava muito bonito e insisti e consegui tirar o Brasileirinho, o solo do Brasileirinho todinho no piano, entendeu? No pianinho de brinquedo, na verdade. Então aquilo ali foi um incentivo a mais pra eu ter curiosidade de procurar saber outros ritmos, então fui estudando sozinho em casa, comprando revista de banca e tudo. Tentei fazer aula mas não tinha tempo, aula de teclado, piano, não consegui. Então foi assim, fui juntando com amigos na brincadeira, violão, vizinho cantando e assim vai. No que eu tocava nesse pianinho, meu pai viu e me deu um teclado de presente. Pronto, aí foi daí que amigos meus foram indicando: “óh, eu conheço um rapaz que toca teclado. Não, chame ele pra cá!”... você sabe como é, né? O pessoal sempre quer montar banda de pagode. Eu nunca gostei de pagode, mas eu fui porque gostava da música. Porque eu gostava de tocar meu instrumento, o teclado. Eu vou só resumir, porque senão...entendeu? Daí eu fui tocando com esse pessoal, fui me desenvolvendo, fui insistindo e conhecendo outras pessoas no meio da música. Por sinal, tive sorte de conhecer pessoas que tavam sempre ligadas com a mídia e foram portas pra que eu desenvolvesse ainda mais. Entendeu? Então de um estúdio e outro, além de assim – eu sou suspeito a falar da minha pessoa – mas além da música, eu tinha meu comportamento bom, né? Assim, eu era muito comunicativo, ainda sou comunicativo, tratava o pessoal super bem. Até hoje eu acho que não tem uma pessoa que reclame de mim, da minha pessoa, então, como eu falei eu sou suspeito pra falar,

quem me conhece sabe o que eu tenho, então... Daí fui indicado pra outras bandas, pessoas mais conhecidas aqui e eu olhava: poxa, fulano... sempre via aquela banda tocando e com o tempo, por acaso cheguei a tocar com essa pessoa que tocava na banda que um dia eu vi de longe e digo “poxa, essa banda é massa!”. Entende? Então foi daí, eu sempre saindo de um ponto e indo pra outro por indicação, pelo pessoal, não era nem por minha musicalidade na questão de execução de instrumento, era mais a questão de tipo.. a pessoa e o simples que eu fazia. Eu gostava de fazer coisa simples, eu não gostava de mostrar, de dizer: eu toco. Não porque hoje eu não toco, eu faço o básico feijão com arroz. Entendeu? Então, daí veio essa questão de tocar com banda, toquei vários anos com pessoas assim em festa de formatura, casamento. Até um dia que eu tive que viajar a trabalho, passei um tempo fora, tava com saudade de tocar e comprei um teclado arranjadador. Então eu comecei a brincar com ele, ensaiando com ritmos, vários ritmos e um deles foi o arrocha. E como várias pessoas elas assim, por mais que tenha um teclado e um cara cantando, a pessoa muitas vezes tem essa discriminação: ih, vai rolar um arrocha, vai rolar uma seresta. Levando sempre por esse lado, mas não, minha intenção quando eu comprei o teclado era tocar dance, era pra tocar o pop, porque eu gosto dessas coisas. Só que muitas vezes, na visão de muitas pessoas, eles não veem isso, eles veem que a pessoa ta ali com o teclado pra tocar arrocha. Arrocha, forró, seresta. Na verdade, a pessoa toca o que quiser. Ta certo que a grande maioria toca assim, arrocha é sempre um teclado, um cantor, uma guitarra, entendeu? Hoje você vê famosos do arrocha e famosos tocando músicas de arrocha, mais famosos ainda tocando música de arrocha. Um exemplo é Pablo, né... Ivete cantando com Pablo. E por aí vai, vários. É tanto que tem cantor sertanejo cantando, regravando músicas de arrocha. Então eu não vou dizer que me espelhei nele. O grupo montado resolveu fazer o ritmo de arrocha em questão de, como eu falei, de divertir as pessoas. As letras são.. tem algumas músicas nossas, gravamos um cd com 12 faixas e 7 são nossas, a maioria com a questão de duplo sentido, a pessoa entende como quer. Nós sabemos o que é que tá dizendo a letra, mas a pessoa entende como quer, entendeu? Tem algumas letras que saem assim meio pesadas, mas é como eu falei, a pessoa entende como quer. Então, até na gravação do nosso cd foi meio interessante porque as músicas, assim, são criadas na hora. A gente da o tom, o tom.. tá rolando ali a batida do teclado e o pessoal vai fazendo, fazendo, pronto: cria a música, cria o arranjo, grava. Então nessa

brincadeirinha aí gravamos um cd com 12 faixas, colocamos num site na internet e em menos de 5h já tinham 300 download. As músicas que a banda gravou foi direcionado ao pessoal que curte paredão, porque é um.. tem sempre aquelas pessoas dançando e a intenção foi essa, de fazer música pra tocar no paredão. É tanto que rolou a questão do nome, né.. da banda que foi uma brincadeira, sou da área da construção civil, então arrocha, reboco pra tocar no paredão, Reboco do arrocha pra tocar no paredão. Então, tanto que no dia que rolou isso aí o pessoal se acabou de rir... aí disse: ah, não vai dar certo! Ah, vai dar certo! Ah, não vai! Vai dar certo! Pronto, ficou! Até o pessoal gostou, o pessoal do estúdio e por aí continuou assim, e é Reboco do arrocha. É meio estranho, mas de repente pega. Tem outras bandas com nome diferente, mas assim, cada um cria o que quer, né? então, que mais posso dizer que você quer saber?

D: Então, você falou que tipo, as músicas de vocês são mais puxadas pro duplo sentido, né? mas, foi uma ideia, vocês já queriam essa banda com músicas de duplo sentido? Como assim?

F: Sim, sim. Até porque veja só, é como eu falei, a ideia da banda era montar algo que fizesse com que as pessoas não só dançassem com as letras, mas se divertissem com as letras. Infelizmente a gente por mais que diga assim: ah, eu não quero copiar ninguém. A gente acaba tirando um pouquinho de alguém, mesmo sem querer. Entendeu? A ideia foi essa. É tanto que o nome da banda também é duplo sentido. Como eu falei, né.. eu sou da área da construção civil, a questão do Reboco do arrocha pra tocar no paredão, a pessoa pode chegar e diz: poxa, reboco do arrocha é o nome da banda, pra tocar no paredão, pra tocar no paredão do som. Mas quem vai entender, pra tocar no paredão de parede, de casa, de alvenaria. É um reboco, entendeu? Então o nome tem duplo sentido. É tanto que na logomarca que não foi ainda editada, a gente tá com as ideias ainda pra fazer a logomarca, e assim, banner de divulgação da banda com paredões tanto de som como parede mesmo de muro, entendeu? A ideia é essa pra ter o duplo sentido: o paredão com duas caixas de som e por aí vai. Entendeu? E o reboco, porque o reboco é... tipo, o cara vai entender assim, por exemplo, que nem na vinheta o cantor mesmo diz bem assim: pra tocar.. reboco do arrocha, pra tocar no paredão, rebocando seu paredão. Ou seja, rebocar o paredão pra ele, ele tá querendo dizer que é pra fazer o reboco. Ou seja, pra dar uma melhorada, pra transformar aquilo ali. Porque se você tem uma parede que não ta acabada, você faz o que? Você reboca ela, pinta e ela fica

perfeita. Então a ideia da gente é querer fazer algo parecido, entendeu? E.. você me perguntou o que do..?

D: Não, das músicas. Se é intencional esse duplo sentido, o porquê de ser duplo sentido.

F: Porque veja só, a questão de você se divertir com elas. Até mesmo a gente se diverte com as letras, porque a gente entende meio mundo de besteira. Porque hoje em dia você fala uma coisa, o pessoal entende outra, muita gente maliciosa, às vezes você tem que ter cuidado até com o que brinca, com o que fala, que a pessoa tá ali: “hummm”. Entendeu? Ta olhando pra você de.. sei lá, com malícia. E tem muita gente que não sabe separar as coisas, confunde demais as coisas, entendeu? Isso no geral. Qualquer tipo de assunto hoje, você tem que ter cuidado até com o que fala. Então a ideia do duplo sentido, assim, pelo menos agora nesse projeto, nesse cd - de repente a gente pode até mudar -, mas por enquanto é fazer música que faça divertir o pessoal.

D: Mas é um duplo sentido voltado pra o sexual? Como é que seria o duplo sentido?

F: Tudo. Tudo. Tudo, entendeu? Vai ser tudo. A pessoa entende como quiser, entendeu? A gente pode dizer uma coisa e entender outra.

D: E como é que você percebe o público do arrocha? Até dos paredões que escolhem tocar o arrocha no paredão ou quem vai, enfim... como é que você percebe o público do arrocha?

F: Bom, o pessoal do arrocha, assim.. eu não tenho muito aquela visão de saber, não consigo ainda identificar muito esse pessoal que curte o arrocha. Forró, beleza! É uma coisa que você vê há muito tempo até porque aqui em Aracaju rola muito forró. Pagode você sabe diferenciar. Pagode, forró, rock... até pelo que veste, pelo estilo da pessoa, cabelo, tudo. Então arrocha, acho que o pessoal.. coisa mais simples, eu não sei explicar, não sei explicar, entendeu? Não sei, mas a gente só percebe quando ta tocando o arrocha, o pessoal começa a bater o pezinho ou começa o remelexo, entendeu? Então eu ainda tenho que observar mais essas coisas. A questão do paredão é.. o paredão, o pessoal que curte mais o paredão é o pessoal do funk. Então quem curte funk, com certeza vai curtir o arrocha, vai curtir o pagode. Então acredito que o pessoal que curte paredão normalmente escuta de tudo, porque no paredão, pra você ver, os melhores sons só tocam as piores músicas. Não vou dizer que as músicas ali são de má qualidade, ou seja, se você for procurar algo que fale sobre cultura, eu não vou dizer: poxa, que

música cultural, nossa tem letras belas. Não. Eu não posso dizer isso, porque o arrocha, esses estilos semelhantes são música pra fazer com que as pessoas dançam, cantem, acompanhe aquilo ali, não são música pra pessoa pensar no que é que a letra tá dizendo, não são música de apaixonar ninguém não. É música pro pessoal se divertir, é tipo carnaval, o cara toca, por mais que a música tenha só quatro linhas, o cara vai dançar. É um exemplo é essa daí que surgiu agora da muriçoca. Entendeu? Então pronto, o nosso projeto é meio parecido com o deles. É tanto que quando eles apareceram a gente já tinha isso aqui, esse projeto. Pra você ver, se a gente botasse pra tocar agora no carnaval ia ser meio que uma concorrência com eles. Como surgiu da gente começar a preparar nossas músicas depois, o pessoal já vai dizer que a gente copiou o trabalho deles, entendeu? Porque eles apareceram na mídia primeiro do que a gente. Então, rola muito disso também na música. Entendeu? Se você não lançar logo sua ideia, outro vai e faz. Entendeu? Ou copia. E quando você lançar uma ideia assim não é bom você tá divulgando logo até você criar um nome, até você criar um nome, criar um... como é que se diz.. uma identidade, até o pessoal saber quem realmente vocês são, quem é a pessoa, quem é aquela banda, quem é aquele que toca, quem são. Outra coisa que eu não falei, a banda é formada por três pessoas: o vocalista, o guitarrista e eu no teclado.

D: É.. uma pergunta que eu fiquei com uma dúvida: é que você falou que geralmente essas músicas que tocam mais hoje em dia não é cultural. Então eu fiquei curiosa pra saber qual a sua interpretação de cultura. O que é cultura pra você? O que seria uma música cultural?

F: Então... música cultural, por exemplo, na minha opinião, né? Música cultural são todas, porque música é cultura. Porém tem aquele pessoal que quer falar sobre a cultura, ela usa a música pra falar sobre a cultura. Ou seja, se eu sou daqui de Sergipe, eu vou fazer uma música sobre Sergipe. Ou seja, não quer dizer que eu vou fazer uma música pra Sergipe, posso escolher qualquer tipo de estilo: posso tocar ela em arrocha, posso tocar em pop, posso tocar em reggae, posso tocar em forró, estilo folclore, pífano, o que for. Então, eu acho que a cultura depende de cada um, do que ele vai interpretar com a música. Porque como você sabe, a música é cultura. Quem curte a música, tá assistindo um espetáculo, depende de como ela interpretar ali. É um show. Por mais que ela não preste, você tá vendo uma apresentação. Tá vendo alguém se apresentar. Alguém que se apresenta é artista. Eu não me considero artista, entendeu? Mas cada um tem seu jeito

de se expressar, de mostrar o que tem de melhor, de... como é que se diz... talento, mostrar o dom. Entendeu? É questão de você saber mostrar pro público o que você faz. Até onde você é o melhor. Não que você quer, você é o melhor, você quer só mostrar seu trabalho e saber se as pessoas gostaram. É que nem a gente, a gente faz as besteiras, escreve as besteiras entre aspas, escreve nossas letras e quer saber se o pessoal gostou, se alguém achou engraçado. Quanto mais engraçado, melhor. É a questão, por exemplo, dos Mamonas Assassinas. Entendeu? Qualquer banda que aparecer hoje em dia que queira fazer música irreverente, muita gente vai discriminar, vai interpretar que é uma cópia: Ah, eles estão copiando. Querem ser os Mamonas assassinas do arrocha; os Mamonas assassinas do pop rock; os Mamonas assassinas do forró. Entendeu? A banda realmente fez sucesso, todo mundo conhece, infelizmente deu o acidente né, e acabou, mas pelo menos eles encerraram, mesmo que sem querer, no auge. No auge, entendeu? Então tudo que ta no auge e acaba de vez por algum motivo que nem o deles, vai ficar pra sempre. Vai ficar pra sempre. E se um dia eles continuassem, se não tivesse acontecido isso, se eles tivessem continuado e as músicas dele não fossem mais as mesmas? Entendeu?

D: Uhum. É, queria fazer também outra pergunta, relacionado ao que você falou. Você disse assim: ah, geralmente as músicas que tocam no paredão, o pessoal gosta de botar arrocha ou funk. Você vê alguma relação? O que é que você vê nesses estilos musicais?

F: Na verdade, paredão, o pessoal muitas vezes não quer mostrar o estilo da música, eles querem mostrar as batidas. Quem tem paredão quer mostrar o quanto o som deles são bom. De grave, de agudo, de médio, eles querem mostrar que tem qualidade. Então eles tocam normalmente isso aí porque além de mostrar a qualidade do som, eles querem fazer com que as pessoas curtam o que eles estão tocando. Entendeu? Como arrocha, funk, não vou dizer que não presta, porque por exemplo, isso aí é uma cultura... pronto, aí é onde entra a cultura. Esses estilos são, vem de locais, então é uma cultura regional, é que nem o forró. Forró, entendeu? Forró que eu sei, o forró se não me engano ele se originou na França... não sei isso aí.. quadrilha, é um negócio desse... não sei de onde foi... forró, Luiz Gonzaga, não sei direito. Por mais que eu seja da música, também não procuro saber muito, me aprofundar não, porque tenho outras coisas também pra me preocupar. Apesar de ta vivendo na música, tem muita gente que sabe melhor do que eu, eu sei disso, entendeu? Mas se alguém souber, até mesmo você, você me diga, porque...

eu tô sendo analfabeto nisso aí. Então é aquela questão, a diferença, né? acho que é isso... a cultura regional, por exemplo, se na Bahia o pessoal curte o axé, em Pernambuco o pessoal curte o frevo, é uma cultura regional. É a cultura de Pernambuco, o frevo. Na Bahia a cultura é o axé, é o pagode. Entendeu? No Rio de Janeiro, como é conhecido mundialmente, é a cidade do samba. Então a cultura regional. Entendeu? Então é aí onde entra a cultura, que eu acho assim, né? Acho que entra isso. São Paulo também, que é a cidade do rock e por aí vai. E vários, vários, vários. Se você for em cada lugar do Brasil, cada cidade do Brasil você vai ver uma cultura diferente, tanto na música, quanto a pessoa no modo de se vestir, de andar, de falar. É que nem a questão do sotaque, eu vou pra outra cidade e o cara vai falar do meu sotaque, vai discutir comigo meu sotaque: “ah, você fala engraçado”. Pô vou achar o mesmo jeito, o cara falando engraçado, o cara tem direito de reclamar de mim de quê? Isso é uma cultura regional. É que nem na música, é cultura regional, cada lugar vai ter sua cultura, entendeu? Quer dizer, o arrocha chegou aqui... o arrocha se eu não me engano ele é da Bahia, o arrocha é ritmo baiano, entendeu? E por aí vai, se você for descendo cada lugar desse Brasil você vai encontrar algo diferente...da música gaúcha até o brega, reggae e por aí vai... então isso, isso eu acho que é a cultura, entendeu?

D: É... desde o começo da conversa você tem a preocupação de dizer: “não, mas não é que não presta...” Você acha que tem algum preconceito, você vê algum preconceito...

F: Das pessoas?

D: Com o arrocha... se o arrocha sofre algum preconceito, se você acha isso...

F: Ah não, mas tem! Assim, eu não... de repente eu tenho e não sei, de repente eu tenho e não sei. Porque, por exemplo, existe as pessoas que diz: “vish, o cara que escuta essa é o cara que vive bebendo, só vive sofrendo, tomou gaia...”. Pablo mesmo é o rei da sofrência. Só que o nosso não é arrocha romântico, não é essas coisas não. É uma mistura, o que a gente faz é a batida de arrocha na bateria, com a pegada da guitarra de pagode e axé e pisadinha.

D: É o que chamam de arrechadeira, então?

F: É, pronto. É isso mesmo. Então é uma mistura de axé, pagode e pisadinha. Entendeu? Até no carnaval a gente tem condição de tocar e o pessoal achar que é uma banda de axé. Ou qualquer tipo de festa que o pessoal “porra, os cara tocam axé”. Não. Tem gente que vai ficar sem saber identificar se é arrocha, se é axé, se é pagode. Mas a gente faz

uma mistura, entendeu? Eu acho que é isso, é tentar tirar um pouco de cada um, a influência... eu mesmo, eu curto de tudo, se for pra colocar um dance eu coloco. Porque? Porque eu curto dance, música eletrônica. Se for pra colocar algo eletrônico no teclado pra fazer um ritmo diferente eu vou fazer. O guitarrista, ele curte muito pagode, axé, forró, se ele quiser botar uma batida de forró na guitarra faz, daí a gente vai ter que se adaptar ao que ele faz.

D: E assim, qual o tipo de preconceito você consegue enxergar e por que você acha que o arrocha sofre algum tipo de preconceito?

F: Por essa questão aí das pessoas não saber o que, por exemplo, como eu falei, da sofrência, né.. que hoje o pessoal fala assim. De arrocha ser música de bêbado, do cara que tá sofrendo, que tá morrendo de amor, essas coisas desse tipo. Entendeu? O preconceito também é que arrocha pra muitos é pessoal de nível baixo, inclusive por questão das letras, né.. das letras que hoje em dia, se você for analisar, as letras estão cada vez piores. E aí é onde influencia, isso é uma cultura... quer dizer, isso na verdade não é cultura, você falar do que não presta. Porque se você for comparar até o funk, o funk carioca, não sei se você já escutou, mas tem muita música que fala palavrão natural e criança de 5, 6 anos dança que nem fosse gente grande e... tá pior do que filme pornô. Aí depois vão reclamar: Ah, que as crianças isso... tão tendo filhos mais cedo e tudo mais. Porque muitas vezes, assim como a televisão, as músicas influenciam. Entendeu? Aí tipo, o cara toca ela em funk, aí o outro achou engraçado e diz: não, vamo gravar em arrocha. Aí o que gravou em arrocha toca, o cara que toca em forró diz: não, vamo gravar em forró. A letra deles. É como se fosse uma escada: a mesma letra, a mesma besteira, trocando de ritmo. Entendeu? Ou seja, Pablo estourou com uma música e Ivete regravou, depois os dois cantaram juntos. Ela é cantora de axé, ele cantor de arrocha e por aí vai. Outras bandas de forró gravaram as músicas dele. E assim, se duvidar alguma banda de pop rock já transformou música de arrocha em pop, em rock.

D: então assim, tipo... eu fico questionando, por exemplo... apesar do arrocha ser tão criticado, por que será que faz tanto sucesso? Pra você o que é que agrada?

F: É como eu falei... não agrada. O pessoal gosta do que não presta. O pessoal gosta do que não presta! Porque se você prestar atenção, o pessoal gosta muito de bater lata. Se tiver uma lata batendo lá “tutu.. tu.. tutu.. tu..” por mais que esteja fora do ritmo, o

peçoal vai bater pé, vai dançar. Entendeu? Você tire daí uma passagem de som de uma banda de pagode, tá rolando só bateria e percussão “tu.. tutu.. tuta! tutu.. tutu.. tuta!”.. o peçoal tá lá embaixo dançando. Não tem nem harmonia, mas o peçoal tá ali se quebrando. Qualquer sambão de esquina que tiver o peçoal vai ta no remelexo. Entendeu? Então, acho que é isso aí... a questão do que vai influenciar cada um. É o bate lata, como dizem, né?

D: Bom, então pra finalizar... se você quiser fazer alguma consideração...

F: A não ser que você queira saber algo mais. Porque como eu falei, né... só pra resumir o que eu já disse: não conheço nada do arrocha. Tô vivendo hoje o arrocha por uma brincadeira, que.. só pra acrescentar o que eu não falei que quando eu terminei de... assim, quando eu deixei as bandas, de tocar com a banda, que eu passei um tempo fora, comprei um teclado. Comecei a tocar sozinho e um deles era o arrocha e como o arrocha é fácil de tocar, fui levando na brincadeira, brincadeira... o peçoal gostando, e vi que as pessoas gostavam. Aí cheguei aqui em Aracaju de novo, um amigo meu queria um projeto assim, que fizesse com que as pessoas dançassem e achassem engraçado, juntou com a minha ideia... vamo fazer? Vamo! Pronto. E tamo nessa aí.. tá dando certo até agora, vamo ver até onde vai dar. Assim, a gente não espera sucesso, nem sonha com isso, mas o que a gente quer ver é a brincadeira nossa e ver até onde vai dar. Enquanto tiver engraçado pra muitos, a gente vai ta aí.

D: Entendi. Me veio uma pergunta agora... você tem uma ideia, o que é que você vê das danças

F: Tem danças muito maliciosas. Entendeu? E é por isso que muitas vezes é discriminado. Porque por exemplo, o cara hoje diz pagode. Só que aí ele tem que separar, tem que saber que o pagode não é sempre o mesmo. Eu não gosto de pagode, nunca gostei. Mas por exemplo, tem o pagode fundo de quintal, tem o pagode carioca, tem o pagode mineiro, tem o pagode paulista e por aí vai. E principalmente o da Bahia, então são vários estilos só com o mesmo nome. Se você for pegar aqui, se você mesmo for fazer uma pesquisa sobre isso, você vai ver que são vários estilos, não é um pagode, são vários. Que nem você citou aí Arrochadeira. Começou como arrocha, agora é arrochadeira, porque é misturado o arrocha com a swingueira. É uma coisa mais swingada, uma coisa mais dançante, porque o arrocha começou... tipo, surgiu de uma

seresta, a batida da seresta e foi surgindo um instrumento a mais, a batida da guitarra, um violão, como queira... e foi mudando, só um pouquinho. Então o cara criou o arrocha em cima disso aí, eu acredito que foi assim.

D: Então até na dança do arrocha você vê malícia?

F: Depende do que tá tocando. Por exemplo, nossas músicas, é arrocha. Arrochadeira. Porem, o duplo sentido que a gente toca vai ter malícia, depende de como a pessoa interpretar e como ela vai mostrar aquilo ali. A pessoa dança o que quer, se ela tá entendendo daquele jeito, ela vai entender que a dança é daquele jeito, entendeu? É duplo sentido, então ela vai interpretar como quiser. Se diz que é pra empinar a bunda e encostar na parede o cara vai dizer que... a pessoa, a mulher, sei lá... vai chegar lá e vai encostar a bunda na parede porque a letra diz isso. Mas na verdade não é, é um duplo sentido. Só tô dando um exemplo, mas... entendeu? As vezes não é isso “ah, encosta a bunda na parede”. De repente é outra coisa, é outro termo, é uma gíria de outro lugar. Entendeu? É uma gíria... então, vai depender de como a pessoa interpretar, tanto pra letra como dança. Você tira pelo funk... hoje em dia você vê o pessoal parece que vai quebrar a bunda.

D: Você vê alguma semelhança na dança do funk com o arrocha?

F: Não, é totalmente diferente. Totalmente diferente. O arrocha é mais pra dançar colado, por aí vai. Agora é aquela coisa, cada um dança como quer, se solta como quer. Cada um tem seu jeito de mostrar o que tá sentindo ali na música... mostre o que tá sentindo. Só isso.

ENTREVISTA – TAISA (PRODUTORA MUSICAL)

T: Meu nome é Taisa F., tenho 38 anos, sou produtora de eventos e produtora de banda. Atualmente, eu trabalho com uma banda sertaneja, mas tem 10 anos que eu trabalho com eventos e há 8 mais ou menos com banda, especificamente. Mas banda de arrocha eu vim trabalhar tem 6 anos... mentira, perai... eu já tinha João... então, 4 anos que eu trabalhei com banda de arrocha. Tem 8 no geral, 10 em eventos, 8 com banda e arrocha 4 anos atrás foi que eu trabalhei, mais ou menos eu acho que 1 ano e meio com o cantor Nelton Pyter, que é de arrocha.

D: Então, eu queria saber como é que foi pra você trabalhar com esse estilo musical, né... como é que foi na época que você trabalhou com um cantor de arrocha.

T: Então, foi uma surpresa pra mim, porque na verdade eu não conhecia muito bem assim o arrocha. Eu acho que quando surgiu aqui em Aracaju deve ter sido mais ou menos, eu acho que 2010... não, dois mil... e dez mais ou menos, assim quando veio ficar forte mesmo, deve ter o que... uns dez anos, né? 2000. Não, 2000 não... tá horrível essa coisa. Tá o ó do borogodó. Peraí... 2000. Nós estamos em 2015, então deve ter sido em 2005 mais ou menos, né não? Porque o arrocha começou em 2004 em Salvador, né? Então, Nelton Pyter já tinha trabalhado lá há uns 5 anos. Quando ele veio pra Aracaju foi mais ou menos 2010, isso mesmo. Então Nelton Pyter eu acho que foi o precursor aqui do arrocha em Aracaju. Eu acho que foi a pessoa que mais tocou em termos de arrocha. Foi quando eu conheci ele em 2012... 2012. Já trabalhava com outras bandas em axé, em samba, mas não conhecia bem o arrocha e foi uma surpresa pra mim, porque na verdade eu não ia muito bem não com a cara do arrocha. Eu achava muito brega e não sabia exatamente o que era. Foi quando eu fui convidada por Teo Santana pra trabalhar com Nelton Pyter e aí eu terminei gostando da ideia, fui trabalhar e fui ver realmente o que era, né, o arrocha. E assim, é um estilo musical que eu me adaptei bem e gostei muito.

D: É... quando você fala assim: “não, é que eu não ia com a cara do arrocha, eu achava brega”. O que é brega pra você? Como você define brega?

T: Porque... eu acho que eu era preconceituosa, na verdade. Porque o arrocha, geralmente... quando iniciou, era tipo... eu acho que, tipo... a gente pensa logo em povão. A gente acha que é povão, que é confusão e que é briga. E na verdade, quando eu vim trabalhar com o arrocha foi que eu fui ver que, na verdade, é uma mistura de povo, de multidão. É multidão, é uma mistura de pessoas. Não tem realmente uma classe social, né? Então eu era, na verdade, preconceituosa. E eu achava que a música também não soava muito bem no meu ouvido, porque eu tava já acostumada a outro estilo musical. E aí foi quando eu fui, e fui vendo que realmente o arrocha é uma mistura de pessoas de todas as classes sociais. Gostei de ter trabalhado, foi um estilo musical que me surpreendeu porque eu não vi muita confusão nos shows, o pessoal é muito pacífico, não briga... entendeu? E assim, eles se envolvem muito com o cantor. Eu acho que tem essa parceria entre o cantor e a multidão. Eu acho que eles se identificam muito e todas

as classes sociais, eu acho que não tem preconceito. Então, acho que nas outras linhas existe mais um preconceito de classe social, e no arrocha não, é uma mistura que hoje explodiu. Na verdade, que tem esses cantores agora, da moda, né? Pablo mesmo, que tá estouradíssimo, né... então acho que hoje firmou realmente, não existe classe social. É todo mundo, todo mundo gosta, todo mundo sofre, né? E todo mundo vai pra os shows mesmo, né?

D: Então você acha que inicialmente tinha um preconceito maior quanto ao arrocha do que hoje em dia?

T: Tinha. Bastante. Eu acho que tinha muito preconceito. Porque eu acho que o pessoal achava que era tipo assim mesmo, questão de povão. Questão de baixaria, questão de briga, questão de classe social. Só que aí veio Pablo... Pablo que mostrou pra gente que canta bem, né? Que faz todo tipo de música. Então, Silvano Sales, que veio estourado, Tayrone Cigano. Então esses 3 que pra mim são os mais divulgados e os melhores que existe. Mas tem alguns outros também que assim, eu não sei, não me lembro do nome agora. Ninjas do arrocha, né? Então assim, são vários, mas eu acho que o precursor mesmo, Silvano Sales, Tyrone, né.. e Pablo, que humildemente chegou e agora tá estourado no Brasil inteiro. Então assim, pra mim o arrocha, era um... ele nasceu na Bahia né.. e aí era só nível nordeste, né, praticamente. Mas você vê que agora tá no Brasil inteiro, todo mundo gosta... é uma junção de axé com arrocha. Pablo tá aí, veio pra mostrar. No carnaval mesmo, que ele tocou com várias bandas, né. Então assim, eu acho que hoje o preconceito não existe mais. É uma mistura e tá todo mundo aí querendo, né.. e vai, é guerra pra ver quem tá perto deles.

D: Desde o começo tinha essa relação do arrocha com sofrência, com esse termo que tá usando agora ou como era assim?

T: Eu acho que na verdade sempre teve. Sempre teve. Até porque o Pablo, por exemplo, e Silvano Sales, deve ter uns 5 anos que realmente eles explodiram, né? eu acho que foi uma questão só de as pessoas se adaptarem ao estilo musical mesmo do arrocha. Porque Nelton Pyter por exemplo, que é o que eu mais conheço, ele veio da Bahia, né.. infelizmente não conseguiu estourar, mas assim, muita gente conhece ele e é um cara que a linha é essa de sofrência. Todo mundo gosta, todo mundo sofre, quem não tá sofrendo faz de conta que sofre. Eu acho que o segmento é esse, é liberar o estresse. Deve ser isso, né? Porque...

D: E como é que você enxerga essa relação? Tipo do arrocha com a pessoa ter que sofrer, ter que escutar... é uma música que você escuta pra beber, pra chorar... 6'45''

T: Eu gosto. Eu acho legal. Porque assim, eu acho que todo mundo tem que ser o que realmente é. Tem que fazer o que gosta e não tem que ter vergonha de nada. E eu acho que agora, de 2014 pra cá o pessoal não tem mais vergonha não. A vida é minha e eu vou chorar, eu vou sofrer... porque antigamente era só as mulheres que podiam, né. E agora não, agora tá escancarado, né? O homem tá sofrendo, a mulher tá mais esperta, né... aí o homem já sofre, né? Porque a mulher cansou de ficar em casa. Então eu acho que ela também deve ter contribuído muito pra esse tipo de coisa. Porque ficou mais espertinha, sai mais, homem sofre um pouquinho, né.. a mulher já não aguenta mais tanta coisa do homem... então aí acho que tudo isso, acho que envolve muita coisa, envolve muito o social da pessoa. É.. a sociabilidade é, que fala?... Sociabilidade, né? Eu acho que é uma questão do social mesmo do ser humano. As mudanças de comportamento, eu acho que influenciaram também pra o crescimento. Porque assim, muita gente sofre e acha legal. Você tá ali, é uma música que você canta porque tá feliz, canta porque tá triste, canta porque tá apaixonado, canta porque levou galha, né... porque galha tá na moda... então assim, eu acho que é uma música pra toda ocasião.

D: Então você acha que o que vem acontecendo na sociedade tem a ver com o arrocha? Você disse que tem relação com o social?

T: Eu acho, eu acho que tem a ver sim. Porque eu acho que as pessoas estão mais abertas ao valor dela, ao gosto dela. Então assim, não tem mais vergonha, porque antigamente... na verdade, o sofrimento, acho que todo mundo sofre a vida inteira, né? Mas eu acho que hoje se abriu mais isso, ninguém tem mais vergonha de mostrar seu sentimento, tanto a mulher como o homem. Eles não tem vergonha de falar que tá sofrendo, que levou uma galha. Então acho que o comportamento do ser humano fez com isso, porque por exemplo o axé, axé é alto astral, é alegria, né? O forró também, praticamente, né... é mais você dançar, é mais uma coisa, né? E o arrocha não, o arrocha é uma mistura desses ritmos que é uma coisa mais arrastada, um clima mais romântico que gera esse tipo de sentimentos nas pessoas. E que ninguém tem mais vergonha, na verdade, porque hoje você vê aí os homens tudo chorando... porque levou galha, porque deixou a mulher e se arrependeu. E antigamente não tinha, eu acho que assim, as pessoas estão mais independentes do sentimento. E tão independente assim, a vida é

minha, eu pago minhas contas, então eu faço o que eu quiser. Quem quiser que fale, quem quiser que manguê, mas quem paga minhas contas sou eu, então eu faço o que eu quiser. Então eu acho que esse comportamento fez também com que o arrocha crescesse. Porque você vê, né.. carnaval, axé, alegria; São João, então assim, acho que é uma questão mesmo de cultura, de sorte também, né.

D: Queria saber também um pouco como é que é o ambiente do show de arrocha quando você trabalhava com Nelton Pyter... as diferenças de lugares, quais eram os lugares que vocês costumavam trabalhar.

T: Então assim, a gente trabalhava de lugar top a bairros pobres. Então assim, o que eu via... primeiro, muita até educação, eu nunca vi briga. Eu já trabalhei com outras bandas, como eu já falei anteriormente, e tinha muita confusão. E no arrocha eu acho que as pessoas ficam mais quietas, elas dançam mais, elas ficam mais juntas. Eu nunca vi essa questão assim de muita briga. Já aconteceu, porque acontece, lógico né! Que 100% você também não vai pegar e ter nada perfeito, mas assim, em termos de briga eu acho muito menos, o arrocha é um pessoal mais calmo, mais pacato nesse estilo musical. E assim, isso vai de você tocar num lugar bom, como eu disse, a qualquer bairro mais simples, pessoas mais simples, pessoas mais humildes, eles estão ali mesmo pra escutar a música e pra ficar mais calmo. Que é uma música até que sugere que você esteja ali mais quietinho, né.. não é uma coisa que você enlouqueça, que pule, que empurre mais um povo não, é uma coisa mais civilizada até. Então eu acho que de todos os shows que eu fiz, de todos os ritmos que eu trabalhei, o arrocha foi o mais pacato, em qualquer classe social, do rico ao pobre.

D: Como é que você vê também, pra você, como é que você enxerga a dança do arrocha?

T: Sensual, né. Na verdade, existe pessoas e pessoas. Então assim, o arrocha, porque é uma dança que você... é um ritmo mais calmo, é uma coisa mais junta. Então tanto faz se você dança junta ou separado, você pode ser sensual, né. Então acho que o pessoal também quando quer aproveitar, aproveita disso aí, né.. dessa coisinha mais sensual, e nas outras músicas não tem como, né.. mas eu acho que o forró, hoje assim tá se identificando mais com o arrocha em termos de dança. Então acho que depende muito da cultura e do povo, e do lugar, né... porque tem gente que gosta de escancarar e tem gente que não. Então são os valores, eu acho que a questão não é bem a música, eu acho

que são os valores de cada pessoa e de cada local, né; não é bem assim o que a música realmente é, exceto quando é um outro ritmo, que tem músicas que já é duplo sentido então você já tá escutando e sabe que vai ter baixaria. Mas geralmente o arrocha ele não tem duplo sentido, então a pessoa dança porque quer mesmo, quer sensualizar a coisa.

D: E quando você falou aí de aproveitar essa sensualidade da dança, o que você quis dizer de fato com isso? De se aproveitar disso?

T: Que muita gente, na verdade gosta do ritmo, tem vergonha, mas quando tá no show se solta, né. É questão de liberar, liberar o que gosta de fazer realmente, né. Tem vergonha de chegar em casa, sei lá, ou então não tem oportunidade e quando chega num show desse vai mostrar realmente o que é, quem é: “ah, eu gosto de dançar, eu vou dançar e eu danço assim”. Porque a música realmente sugere a sensualidade, né..

D: Essa questão de tipo: ah, você vai numa festa e dança, quer se liberar, mas fora disso você tem vergonha. Seria uma vergonha de escutar o ritmo? De que vergonha seria?

T: Não, acho que não é mais do ritmo não. Porque eu acho que o ritmo já pegou, e não tem como mais sair. É como eu falei, as classes sociais já aderiram isso e não tem como. Eu acho que é uma questão pessoal mesmo, de chegar e dançar e se liberar, entendeu? Acho que é uma questão pessoal, não é bem uma questão assim, social não. Social não, porque todo mundo vai pra show e hoje mesmo você vai pra um show e vê que o arrocha tá batendo mesmo aí em outros shows que a gente vê no mercado, né.. Aracaju é um exemplo, né.. que você faz um show de samba, tá fraco. Você faz um show de axé, tá fraco. E você vai pra um show de arrocha, as pessoas eu acho que também tão cansadas da violência. Que os outros shows eu acho que eles instigam mais a isso, a você pegar e ser mais violento; e o arrocha não, você é mais pacato.

D: Então o show de arrocha, de certa forma, seria mais seguro?

T: Eu acho que sim. Na verdade, não existe mais segurança em lugar nenhum, né. Mas assim, em termos de confusão, de briga, eu acho que o arrocha tá mais seguro. As pessoas vão pra curtir mesmo, entendeu? Não vão pra brigar. Porque você sabe que a música estimula, né... você sabe, se você escutar uma música agitada, é óbvio que você fica mais agitado; se você escuta uma música mais pacata, você vai ser mais pacato. Então eu acho que a música estimula essas coisas também. Então acho que hoje o arrocha ele tá bom assim, pra você curtir mais um pouquinho. Porque tem muita gente que não vai nem mais pra show hoje com medo da violência. E o arrocha eu acho que

ainda tá um ritmo que você consegue curtir, consegue brincar com seus amigos, com família. é um coisa que você vai realmente pra brincar e não vai pra brigar, né.. como tão fazendo ultimamente.

D: Lá no começo da conversa da gente você falou de uma possível relação do arrocha com a cultura. Como é que você enxerga isso? Dessa possibilidade do arrocha fazer parte da cultura e tal?

T: Eu acho interessante, porque assim, tudo é comportamento, né? Tudo é questão de comportamento. Então assim, o arrocha, eu acho que ele veio pra liberar um pouquinho esse comportamento que eu digo assim. Eu falei da sensualidade, falei assim, do romantismo, da questão da sofrência... então assim, eu acho que o arrocha, ele consegue todos esses sentimentos. Porque como eu falei, o axé você tá eufórico, você tá ali curtindo e tal... e aí eu acho que o arrocha é essa mistura toda, que é uma mistura de ritmos, mistura de músicas e tal, então o que acontece.. eu acho que ela consegue pegar e liberar mais esse tipo de sentimento nas pessoas.

D: Essa, não sei se posso dizer poder, mas enfim, acho que foi a palavra que veio agora. Você acha que esse poder que o arrocha tem de liberar esse comportamento que você falou, você sabe explicar o porquê, na sua visão, o que possibilita isso? Essa liberação de sentimento, de emoção?

T: Eu acho que a letra da música. Eu acho que eles conseguem despertar, conseguem acordar algum sentimento que você tem. Eu acho que a letra, eu acho que o tipo mesmo assim da letra, da música. Porque tem a junção, né.. a letra e a música. Eu acho que esse.. essas palavras, não é aquela.. não são palavras fortes, não são dupla.. duplo sentido. Então eu acho que é a questão mesmo de envolver o momento da pessoa, o momento que ela tá passando, eu acho que consegue mexer com o coração da pessoa. Eu acho que é essa questão de comportamento mesmo, de sentimento, de.. das palavras que tá no arrocha, entendeu? Então eu acho que é por aí.

D: Que no caso seria o arrocha romântico?

T: Isso. É, porque o arrocha ele é mais romântico do que realmente uma coisa mais agitada, do que uma coisa mais duplo sentido, né? Eu não conheço música de duplo sentido de arrocha. Pode ser até que exista, mas assim, eu não me recordo disso aí. Agora assim, no momento, pelo menos eu não sei uma música que eles toquem que realmente seja um duplo sentido, que não seja, é.. que pronto! Eu acho que o arrocha

não é vulgar. Apesar de ter a sensualidade – quando eu falo vulgar, é porque você tem o duplo sentido, você tem músicas hoje que você sabe que realmente são pesadas, né.. então assim, eu acho que o arrocha ele tem esse cuidado. Ele não fala coisas obscenas, por exemplo, que hoje as músicas dizem... ele não maltrata a mulher, ele não maltrata o ser humano. Eu acho que ele fala de um sentimento, sentimentos bons ou ruins. Ruim quando eu digo é porque às vezes a pessoa apronta, né.. e aí ele fala disso também, né, de você valorizar a pessoa que você ama. Eu acho que é essa a questão.

D: Então pra você a sensualidade que tá presente no arrocha não tem relação com o ser vulgar, né?

T: Não, não. Eu acho que é comportamental isso aí. Você sabe que você tá fazendo isso aí, então eu acho assim, que o arrocha pode existir como pode não existir; o axé pode existir como pode não existir. Não é questão da música em si, eu acho que é questão da pessoa, entendeu? Eu acho que é questão da pessoa, porque tem pessoas que são sensuais, mas não são sexuais, né? Elas são... eu digo que a mulher tem que ser sexy, a mulher tem que ser sexy, por exemplo, dançando. Não tem que ser vulgar. Você não precisa dançar e ser vulgar, você pode dançar e ser sexy. Você pode dançar perfeitamente bonito. E tem mulheres que não dançam, elas querem escrachar e chamar atenção, como tem homem também, né. Então assim, eu acho que você tem que ser sexy sendo sensual, não sexual. Então eu acho que isso é comportamento da pessoa mesmo, não é um comportamento que a música em si representa. Agora, tem as músicas que realmente nos apresentam aí que é duplo sentido, então quando você tá dançando você já sabe que a música exige isso, a música é uma música sexual, não é uma música sensual. Então a pessoa já dança, porque quem dança aquelas coisas, é realmente... já sabe que é baixaria. E no arrocha não existe muito isso, no forró não existe essa questão. Então é assim, eu acho que tudo é comportamento, é a pessoa: “ah, eu sou assim, eu vou ser assim, eu vou dançar e tal”. Mas não acho que seja questão da música não. E o arrocha ele é um ritmo que não permite isso.

D: Uma outra questão que eu fiquei com a sua fala foi quando você comentou de que o arrocha, o público era uma coisa mais relacionada ao social, né? Como é que seria essa relação do arrocha com o social pra você?

T: Você fala em termos de poder aquisitivo?

D: O que você vier à cabeça assim, que você lembre, o que vier a sua cabeça dessa relação, essa possível relação do arrocha com o social, como você falou.

T: Ah, o que eu falei no começo. Que eu disse que no começo eu achava que as classes eram mais baixas, né? É.. eu acho que no começo, por se tratar de... eu assim, no meu caso, né? Eu tinha preconceito. Você acha brega, você sabe que você hoje tem uma cultura que você talvez nossos pais, nossos amigos no colégio, ninguém pode ser brega, porque brega é feio, brega não presta. Então acho que você fica muito preso a isso. Eu acho que seu dia a dia, seu comportamento, você pega e termina tendo um preconceito de criação. E depois você vai vendo que não é nada disso, que em qualquer lugar que você vá, não importa classe social, não importa ritmo, não importa nada. Você pode gostar do que for e você tem que aceitar isso. E as pessoas tem que aceitar isso. Então assim, eu acho que hoje não existe mais esse preconceito que existia antigamente. As coisas mudaram, as pessoas acho que mudaram muito também, a vida tá passando, tá voando. Então assim, acho que hoje a gente tem que aproveitar bastante, eu acho que o pessoal tá aberto a isso, ao novo. Então 2015, eu acho que o pessoal tá muito aberto a mudanças. Não só 2015, acho que a partir de 2010 pra cá eu acho que houve uma mudança geral de comportamento. Então acho que todo mundo se abriu a novidade e pegou, né.. e gostaram por causa de vários contextos que a gente já conversou... contexto social, segurança, de tudo que envolve também do seu querer. Então acho que antes existia mais preconceito, hoje eu acho que tá mais voltado a “eu quero, é novo, vamo se descobrir, vamo ver, vamo conhecer”. E como você encontra eu acho esse acalanto – porque eu acho que hoje o pessoal precisa muito de carinho; você termina se envolvendo e gostando, né.

D: Então, na sua visão, o arrocha seria um ritmo que acolhe independente de classe social, tá presente em todas as classes também, de certa forma?

T: Isso, isso. Eu acho. Eu acho que por causa dessa calma que ele representa, eu acho que ele pegou. Pegou. E realmente eu acho que ele vai ficar, porque já são anos, né.. deve ter o que.. 2014, então são mais de dez anos, né.. esse ritmo e não caiu, tem cantores aí que ta na mídia desde que começou. Então eu acho que ele veio pra ficar mesmo, não é modismo não. Eu acho que veio e pegou.

D: Só pra finalizar assim, eu queria que você desse um geral assim da sua visão sobre o arrocha.

T: Então, no geral pra mim o arrocha é um ritmo novo, mas que.. um ritmo novo e não preconceituoso. Então foi um ritmo que apareceu e que não gerou... o cantor, do arrocha pra chegar nas pessoas ele não gerou um preconceito de classe. Nós que tivemos o preconceito em relação ao arrocha. Então eu acho assim, que os cantores que vieram são pessoas que, que.. é, como é que eu vou explicar... são cantores que de certa forma já, eu acho que já cantava até um outro ritmo e aí de repente se identificou com o arrocha e... ai, não sei nem o que falar, agora me perdi, deixe eu ver. (...) Então, é... os próprios cantores, eu acho que eles, é... por ser novidade, por ser novidade, entendeu? E numa geração de 2004 pra cá, então eu acho que eles estavam muito aberto, muito voltado assim: é uma nova experiência, vamos apostar. E eu acho que eles apostaram muito e tá aí, tão aí colhendo os frutos do que realmente eles plantaram. Não foi uma coisa assim, que já existia, como já existia os outros ritmos, né.. que você já entra e já tem sorte e consegue né.. é, como é que se diz... foi horrível isso! Deixe eu ver... eu me perdi aí, vamos voltar. Vamos voltar ao geral do arrocha. Não, então, vamos lá, de volta. (...)

Então, o arrocha, apesar de ser novo, é... eu acho que ele veio pra ficar, veio pra ficar. Ele conseguiu atingir a cultura de todo o pessoal, as classes, né, que eu digo, as classes sociais e eu acho que só tem a crescer. A depender da simpatia do cantor, entendeu? Só tem realmente a crescer. Porque dez anos de trabalho não são dez dias. Então assim, por mais que os outros ritmos tenham 20, 30, 40 anos, mas o arrocha eu acho que ele veio já, é.. como é que se diz... foi uma coisa muito bem - não vou dizer nem elaborada, mas acho que bem plantada. Eu acho que agora tão colhendo os frutos. Porque é aquela coisa, quem realmente inventou eu acho que ele pensou muito bem em atingir essas classes sociais todas: do pobre ao rico, entendeu? Do sofredor ao feliz, entendeu? Então assim, eu acho que essa mistura deu certo. Quem inventou isso aí eu acho que assim, foi muito feliz porque... muito feliz e assim, pensou eu acho numa coisa boa, porque ele atingiu a todo mundo. Né? É uma mistura que tem o axé, tem o forró, tem o samba... então assim, ele não chegou preconceituoso, porque você sabe que hoje ainda existe um preconceito: Ah, eu toco em banda de axé. Ah, eu toco em banda de samba. Ah, então você não pode tocar... tá horrível! Delete isso de novo, vamos nós. (...)

Vamos ver se vai dar certo agora. Então, no geral, o que é que eu digo do arrocha: que é um ritmo novo, que tá enraizado, porque ele conseguiu atingir todas as classes e acho que ele veio pra ficar. Por se tratar de ter atingido todas as classes sociais e assim,

cantores que você vê que tem humildade, cantores que sabem segurar o público, cantores que vem já todo ano com um novo cd, segurando a galera. E assim, eu acho que só tem realmente a crescer. E também porque você vai ter que pensar: ah, é seguro. É legal. Já tem trio elétrico. Então assim, vai amadurecer e eles estão colhendo realmente e... ih, horrível, viu! Comecei tão bonitinho, não foi? Hahahah (...)

Pronto, então no geral, o arrocha atingiu as classes sociais, conseguiu se chegar onde queria e agora é só eles manterem o padrão, entendeu? Não deixar a música se perder, como muitos começam a cantar e se perdem, né.. com vulgaridade, com duplo sentido... então acho que é só manter essa mesma linha que ele consegue se expandir cada vez mais. Pronto, tá bom. Acho que tá bonzinho. Ficou melhorzinho do que os outros, né?

D: Agradecendo, né.. agradecer a participação.

ENTREVISTA: MARCELO BONFÁ (PRODUTOR MUSICAL E RADIALISTA – CONTRATANTE DE PABLO DO ARROCHA E IDEALIZADOR DO ARROCHA VIP EM ARACAJU)

M: Meu nome é Marcelo Carvalho Andrade, sou radialista há 27 anos, no rádio sou conhecido como Marcelo Bonfá. Resido em Aracaju há 15 anos, sou baiano.

D: Então, Marcelo.. eu queria saber assim, o que é que o senhor sabe da história do arrocha?

M: A história do arrocha, nasceu ali em Candeias, né.. muitos consideram como berço. Aquela região ali da Bahia, ali próximo a Salvador. E ali tinha o Asas livres, que o vocalista era o Pablo, muito novo, né.. tinha o Tyrone, a Nara. Foram os nomes que encabeçaram inicialmente esse processo. No início não era arrocha, era uma seresta diferenciada, né.. as pessoas, eles pegavam músicas de Fagner, de Ana Carolina, músicas que estavam na boca do povo, músicas bem executadas no rádio, com bom posicionamento no rádio e colocavam no rimo ali do teclado, que a estética era essa: teclado, uma guitarra e um sax. É como se fosse o Luiz Gonzaga criando o pé de serra, aquela estética do Luiz Gonzaga, né: sanfona, triângulo e zabumba. Tem um pouco disso aí. E aí, o Pablo, que eu acho que é o grande expoente disso tudo, ele até se deslocou desse movimento. Pablo hoje, na minha concepção, Pablo hoje não é mais

arrocha, ele já venceu essa barreira. E o Pablo, nos shows ele falava: “Arrocha! Arrocha”. E eu participei disso desde 2002, quando eu conheci o trabalho do Asas Livres e em Salvador, e eu ouvi a voz do Pablo – uma voz com muito magnetismo, muito bem colocada, muito bem afinada. Eu gostei disso e falei pro Orlando da Pato discos da gravadora – foi quem primeiro lançou um cd gravado com selo, foi essa gravadora chamada Pato discos, do Orlando Barros, lá de Salvador, um grande amigo da gente. E eu falei pro Orlando: “se prepare que isso vai dar muito dinheiro!”. Eu só precisei ouvir uma música: “tudo azul, lindo como a cor do mar, doce como o mel da flor...”, só ouvi essa música só. Aí: “me dê uma cópia que eu vou levar pra Aracaju”. Ele falou: “Não, calma! Isso aqui é a matriz, eu vou mandar pra São Paulo e logo quando chegar eu vou lá em Aracaju pra gente fazer o nosso contrato, eu representar o Asas Livres aqui em Sergipe”. E assim foi. Eu comecei a trabalhar o cd. O Orlando me mandou uma caixa com 25 cds, ele poderia ter mandado uma caixa com mil, dois mil cds e mandou uma caixa com 25 cds. Imagine como o Orlando é mão fechada, viu! E aí.. mas eu fiz, fui fazendo o trabalho. Coincidiu que na época eu tava fazendo campanha política e com a campanha política eu pude viajar o estado todo. E onde eu ia, eu deixava um cd. Muito ceticismo, ouvi muito isso. Ouvi muito: “isso não dura três anos”. Tudo isso eu ouvi, e o povo abraçou esse movimento. Porque eu trabalho com música há 27 anos, eu já vi muitos grupos nascerem, muitos, muitos. Eu tenho um estúdio de gravação também, já vi muita gente chegar querendo gravar um cd, aí vai pra um show, pra uma casa noturna e não consegue vender 200 ingressos. A gente no começo já vendia 1500, 2000 ingressos, 2800 ingressos. O primeiro show de Pablo em Estância, de Pablo não, do Asas Livres, foi em Estância. Eu também não conhecia o show, porque o cd é uma coisa – o cd você tem todo o aparato do estúdio, você tem pessoas, você pode afinar voz, enfim... você tem uma gama de tecnologia e de pessoas à disposição pra produzir um bom cd. Aí eu fui ao show lá em Estancia, eu que vendi o show, aí falei: “eu quero ver o quê que é isso”. E uma coisa que me impressionou, primeiro que vendemos quase três mil ingressos, foi sucesso! O primeiro show em Sergipe foi na cidade de Estancia, na AABB de Estancia – é AABB aquilo ali? – foram quase três mil ingressos vendidos, fora as cortesias, enfim. Foi uma loucura! E quando tocou, quando foi passar o som, aí o tecladista que era Jai – o Jai que é o dono do Asas Livres, é o detentor da marca Asas livres – ele soltou o teclado, “tutu.. tutu.. dois pra lá,

dois pra cá”. O povo endoidou! Só naquilo ali! Eu falei “meu Deus do céu!” e fiquei olhando, eu fiquei bem de frente mesmo, pra mim sentir a reação do povo, pra mim ver, pra mim... entender aquilo ali. Aí quando passou, tá passado e tal, aí tava todo mundo distante do palco. Quando fez isso, o povo já começou a descer. Aí quando o locutor começou a falar “bererê, barara, tal, tal”... aí chamou: “com vocês, o fenômeno Asas Livres!” aí começou e bem com essa música Tudo azul. Eu acho que foi essa, que ele abriu o show com ela. Uma loucura! Eu saí de Estancia extasiado, meu Deus do céu! E a gente saiu de Estancia e vinha fazer um show aqui, em Aracaju. E a gente vivia um problema aqui em uma casa noturna e eu cheguei pros meus sócios e falei: “esse menino aí, pelo que eu vi em Estancia, esse menino vai salvar a gente!”. Descrédito total, ninguém acreditou. Eu costumo dizer assim, uma das coisas que eu sempre agradeço a Deus todos os dias, é que ele me deu uma percepção muito boa, principalmente pra música. Pra música eu tenho essa percepção. E foi isso que eu vi e isso que aconteceu. Hoje quando eu vejo Pablo no Jô, no Danilo, no Ratinho, tem programas que ele nem vai porque a agenda não dá. Eu fico assim: meu Deus do céu, tudo que eu vi naquele dia lá se concretizou e mais do que eu imaginei. Porque eu não imaginava isso, né? Aí teve um dia que eu falei a Orlando, eu falei: Orlando, vamos embora, cara. Isso é sucesso na Bahia, vai ser sucesso no Brasil todo! Porque o povo é povo no Brasil todo! Porque ele se conecta de alguma forma com os meios de comunicação, e hoje mais ainda, com a internet e tal... naquela época a gente não tinha internet, tinha mas muito incipiente. Então foi assim, trilhamos esse caminho, no começo a gente fazia show, entre aspas, pra empregada, era o nosso público, pro servente de pedreiro, pro pedreiro, pro carregador, pro carroceiro e foi, foi, foi... vencemos todas as barreiras, graças a Deus.

D: O senhor falou que Pablo não tá mais no arrocha, né? Onde é agora que Pablo se encontra? Como é que você consegue enxergar?

M: Olha, pela qualidade eu sempre briguei dentro desse processo, porque eu tinha muita abertura com o Orlando. E eu falava: Orlando, Pablo vem e volta, o Asas livres vem e volta, vem e volta e é do mesmo jeito, não muda nada. Vamo botar um “mooving (?)”, vamo botar uma luz, vamo fazer uma cena. “Nada, pra que isso? Isso é gastar dinheiro, não sei o que, bererê... o importante é a voz”. Eu falei: rapaz... Quando Pablo saiu de Orlando, porque ele não soube valorizar o produto que ele tinha na mão, o ser humano também que ele tinha na mão – porque Pablo é um grande ser humano, depois vou te

contar o porquê. Quando Pablo saiu, que foi o Josué que tomou a frente da coisa, pra você ter uma ideia, nessa casa aqui eu recebi a visita de Josué, nós tomamos café ali no quintal – eu, ele e minha ex esposa – e aonde ele falou de tudo: ó, saímos, vamos seguir nossa carreira e queremos você com a gente. Eu falei: não tenha dúvidas, gosto muito do Orlando, mas eu não misturo as coisas, trabalho é trabalho, amizade é amizade. Vou continuar sendo amigo dele, se ele quiser bem, se não quiser não tem problema. Eu tô no mesmo lugar, moro no mesmo lugar, mesmo telefone, mesmo endereço, mesmo tudo, o mesmo Marcelo, não mudei nada! Mas eu opto por ficar com Pablo. E eles estavam buscando justamente um patrocinador. A gente teve encontro com Ivete, teve encontro com produtores de Feira de Santana, com produtores de outras regiões da Bahia, mas assim, nenhuma proposta palpável, nenhuma proposta palpável. Então, Deus quis que Pablo tomasse conta da vida dele, e assim é, hoje ele é dono do escritório dele, tudo é no nome dele. Josué é o procurador, só que Josué tinha essa visão que Orlando não teve, de fazer a coisa crescer. E eu sempre falava, eu falava com Josué, porque eles estavam presos aquela coisa lá do Candeias, aquela coisa do teclado, da guitarra e do sax. Então se ficasse ali a gente não ia evoluir. Eu falava: Josué, porra, próximo cd vá gravar na WR, pra a gente ter um cd melhor. Tem um cara chamado Pereira, esse cara foi quem gravou tudo, foi um cara que contribuiu muito, muito, muito. Mas ele não entendeu o crescimento da coisa, ele foi.. porque assim, você pode ser imediatista – ir ali resolver seu problema naquele momento – ou apostar, meu caso, eu apostei no projeto. Eu tô há 13 anos junto, desde 2002. Dá mais de 13, né? Depois a gente faz as contas. Eu apostei, já teve gente aqui: pegue tal produto. E eu falei: não, gato com dois sentidos não pega rato. Né? Hoje não, hoje eu tenho a produtora, hoje a gente tem uma capacidade, hoje eu tô com Pablo, com Tayrone, quer dizer... se você for olhar assim, fazer uma visão rápida das coisas, são os dois nomes hoje que mais representa isso. Aí porque que o Pablo tá deslocado disso... por imprimir essa qualidade, montou a banda, a banda tá muito boa, a banda já toca junto – essa formação da banda – já toca junto há mais de 3 anos, ele investiu. Se você for ver um show de Pablo, eu fui pro show de Pablo mesmo... quando eu faço aqui eu não vejo. Porque é muita coisa, é muita demanda, então a gente não vê. A gente só escuta o êxtase das pessoas. Mas eu fui a Salvador assistir Pablo e Zezé e não tem nada a ver com o teclado, a guitarra e o sax, é totalmente diferente. E na minha opinião, eu posso estar até enganado, mas é a minha

opinião, o Pablo ele ficou. Se você for no face do Pablo já tem 2 milhões e 100 seguidores, sem fazer muita coisa mas já tem. É um salto muito bacana, então o povo o absorveu, como absorveu Zezé de Camargo e Luciano, como absorveu Leandro e Leonardo, como absorveu Bruno e Marrone. Entendeu? Então assim, já foi... é só administrar agora, e ele faz isso muito bem. Ele se cuida, ele não se empolga com as coisas, tá com o pé no chão, eu sinto isso quando converso com ele, quando a gente se encontra periodicamente. E eu fico feliz, porque ele merece, porque ele é muito talentoso.

D: O senhor também comentou sobre o público. De 13 anos atrás que entre aspas era pra pessoal da classe trabalhadora – empregada, carroceiro e etc. Como é o que o senhor enxerga essa mudança de público? Se houve, de fato, essa mudança?

M: Houve. Houve. Acredito que o sentimento. Todo mundo ama, né? Não tem aquele ditado que diz “Os loucos também amam”? Então todo mundo ama. Aí quando você fala de amor, que é essa coisa da sofência, você fala de amor imprimindo verdade, isso atinge os corações. Eu entendo música como sentimento. Se a música não mexer em alguma coisa comigo, pra mim ela não diz nada. Você vê, as pessoas acham que eu Marcelo, ouço arrocha. Eu não ouço arrocha. Eu ouço James Jop, Jimmy Hendricks, Led Zeppelin, Pink Floyd, Joss Stone... e aí vai. Mas Pablo eu ouço, no meu carro. Às vezes quando eu tô viajando, quando eu canso assim... E gosto! Porque eu vejo verdade, entendeu? Eu vejo verdade. Eu ouço, melhor dizendo. Eu ouço verdade na forma que ele canta, o sentimento é muito forte, é por isso que nasceu essa coisa da sofrência porque mexe. Uma vez veio uma colega minha, pra você ter uma ideia, veio uma colega minha num show que a gente fez no Gonzagão, veio uma colega do Espírito Santo que a gente se conheceu pela internet por causa de Pablo, Mirian Geraldino. Ela acompanha Pablo em vários lugares, ela veio pra cá! Pegou o avião, veio, eu dei toda assistência possível pra ela e ela falou: Marcelo, o povo chora nos shows! Eu falei: sério?? Que eu nunca vi, né... nunca tinha visto. “Chora, Marcelo, chora!” E foi daí que começou essa coisa da sofrência, como o arrocha, ninguém sentou pra dizer assim: vamo fazer um movimento arrocha. Nasceu. Nasceu. Não tem uma pessoa assim, eu acho que o grande responsável é Pablo, mas não foi uma coisa arquitetada, não teve um marketing, a gente não chamou uma agência de publicidade, não chamou um grande publicitário pra fazer isso. Então é aquilo, né.. o que nasce do seio do povo é muito forte. É muito forte.

D: Uma coisa que eu tenho notado é que tipo, o arrocha apesar de estar fazendo tanto sucesso, você ainda escuta uma pessoa ou outra dizendo: ah, não vou a um show desse, não gosto... Como é que o senhor lida com isso ou como é que o senhor enxerga essa, entre aspas, de certa forma, rejeição também, apesar de tanto sucesso, uma crítica de algumas pessoas?

M: Respeito. Respeito. Não tem o que fazer. Tem um ditado popular que diz: questão de gosto não se discute, né? É igual... todo mundo tem o seu.

D: Eu perguntei sobre o estilo da festa, que antes era conhecida como seresta...

M: Tem, tem.. tem muita gente que ainda ta nessa linha aí. Mas hoje o Tayrone, o Pablo, o Silvano, e tem coisas novas chegando também que já vem nessa estética do Pablo, do Tayrone, banda completa, bateria... tem um pessoal de Maceió chamado Pônei do arrocha. Que eu até tô trabalhando com eles. Eu tô trabalhando porque, primeiro eu tenho um grande amigo meu lá e eu gostei disso, da ousadia de já nascer grande, entendeu? Porque tá sinalizado, tá sinalizado já... se alguém quiser trilhar o caminho já vai ter que pelo menos se aproximar do que o Pablo tá fazendo. Eu falo na estética, né... agora, cada ser humano é cada ser humano, cada qual é cada qual. Então eu abracei por isso, mas tem, tem muita gente ainda que vem naquela coisa lá do Candeias, do nascimento. Ainda tem. Como eu te falei, mesmo porque pra fazer a diferença demanda muito investimento, muito, muito, muito investimento mesmo. Músicos bons, experimentados, com sensibilidade, tudo isso é complicado de você aglutinar. Hoje a estrutura, a estrutura hoje que acompanha Pablo é em torno de umas 80 pessoas. Assim, viajando e em escritório, né.. quando, se botar todo mundo acho que dá umas 80 pessoas trabalhando pra carreira dele. Pra coisa funcionar. É muito complicado.

D: Uma coisa que eu percebi é que tem acho que uns dois anos que de fato explodiu assim o nome Pablo junto com consequentemente o nome do arrocha também, né? Então, não tá parando de aparecer nas mídias – seja rádio, seja internet ou televisão – embora exista já há mais de 10 anos, né?

M: Foi exatamente isso: a mudança de mentalidade. É estranho mas acontece, às vezes você tem um produto mas você não sabe lidar com ele. A sua visão não é ampliada, é uma visão, vamos dizer, regional. Lembra que eu falei: “Orlando, isso vai dar certo no Brasil todo, vamo pra cima!”. Mas ele não tinha essa... ele tava preocupado com outros investimentos, ele não tava preocupado no crescimento da coisa, ele não imaginava isso.

Ele não enxergava isso. Ele enxergou muita coisa, num primeiro momento. Pronto, eu acho que ele cumpriu o papel dele, do primeiro momento, de tirar uma coisa lá de Candeias, dar um selo e soltar. Mas ele não soube fazer o upgrade da coisa, aí foi o Josué que fez. Porque o talento tava lá, o talento tava lá. Aí o Josué fez isso. Pra você ter ideia, tem uma história: o Josué foi pro Rio e ficou, disse que lá na Globo, na saída, tinham uns barzinhos, um negócio aonde o povo ia. E ele ficou ali, um tempão ali pra conhecer gente, pra conversar com gente. Ele queria buscar uma pessoa pra cuidar do Pablo lá no sul, no sudeste melhor dizendo, sul e sudeste. E ele encontrou essa pessoa, que é uma menina que trabalha, que faz assessoria de imprensa pra o Zezé de Camargo e Luciano. Entendeu? Ela faz assessoria de imprensa pra o Zezé de Camargo e Luciano e essa menina hoje, o escritório dela trabalha, é quem faz o trabalho de Pablo pro Brasil. Então foi isso, foi mudança de mentalidade, porque as ferramentas elas já existiam, faltava só coragem, sonhar mais alto.

D: Só pra retomar um pouco que eu não sei até onde foi que gravou... pro senhor a única semelhança que tem com o funk quando eu mencionei o que tem descrito no site Portal do arrocha, é a ascensão que vem do povo, né?

M: Do povo. É, pra mim, é. O que eu vejo é isso.

D: Uma outra questão que eu queria tentar entender um pouco: é muito difícil a gente ver uma festa, seja dentro de casa ou na calçada, não tocar uma música de arrocha, né?

M: Isso é bom, né?

D: É muito difícil não ter uma música de arrocha tocando em alguma festa entre amigos.

M: Deixe eu te contar uma história: eu tava no palco da ilha uma vez, Pablo tava tocando lá, acho que tem uns 3 anos isso, 3 a 4 anos. Aqui no palco da ilha, aqui no pré-caju. Aí um colega meu me chamou: Marcelo! Marcelo! Eu falei: diga! Ele: ó, minha namorada, ela pediu pra lhe chamar pra lhe falar isso aqui. Eu falei: pode falar. Ela falou: ó, eu detesto arrocha! - Ela falou mesmo assim - Mas desse menino eu gosto. E eu já ouvi isso de outras pessoas: eu detesto arrocha, mas esse menino é bom. Entendeu? Eu já ouvi isso várias vezes. Então é isso, da mesma forma que o Asas livres foi a ponta de lança da coisa, e aí agora o Pablo foi... porque pra mim a voz é que timbra a coisa. Eu sempre reportei 60% do sucesso de um projeto a quem vai falar, a quem vai cantar. Tem coisas que não, assim: Beatles - sai o Lennon, poderia continuar porque tinha bons nomes ali, mas acho que devido a uma simbiose de Lennon, McCartney,

enfim... e o Pablo foi o grande responsável também por levar isso pra todos esses lares que você tá falando aí. Sempre vai ter um lugarzinho de arrocha ali tocando. É impressionante, é muito impressionante. E assim, quando a gente faz evento mesmo, pessoas que procuram a gente querendo ingresso assim, que você vê – pô, vai pro show de Pablo? – eu fui a Salvador recentemente e encontrei uma galera daqui. Eu falei: vocês vieram por causa de Zezé! Aí um: “não, a gente gosta é de Pablo!”... Então, é um fenômeno! Não tem nada parecido assim, de uns 4 anos pra cá. Não tem. Não tem. Em toda a música dentro do Brasil, ele é um fenômeno.

D: Então, eu queria te agradecer pela oportunidade de tá conversando e saber o que o senhor, se gostaria de acrescentar mais alguma coisa, de finalizar comentando alguma coisa sobre isso que a gente conversou.

M: Não, é isso aí mesmo. No final das contas a gente tá falando de amor. E como eu te falei, né... eu entendo música, eu aprendi isso com Anselmo Costa, um grande locutor da Bahia, trabalhei com ele na Piatã FM. E ele falava pra mim: Bonfá, música é sentimento. E é verdade. Então é isso, música é sentimento. E o amor é, como diz a música: o amor é bom, o amor, enfim.. o amor ele quebra barreiras, o amor ele muda você, o amor ele te faz uma pessoa melhor. E por aí vai...

D: Só pra finalizar... eu tava esquecendo, aí agora eu lembrei. Como fala de sentimento e tudo, eu vejo também e ouço pessoas falando: Ah, isso é música de corno! Será que é de fato? Ou não é? O que é que tem essa relação?

M: Cada um pega a carapuça, né? Tem outra coisa aqui, tem outra coisa que eu queria... que eu esqueci de acrescentar e lembrei agora. Outra grande contribuição pra essa virada foi quando começou a fugir daquela coisa de pegar música dos outros e apostar em coisas desconhecidas. Eu lembro que o cd, o cd Pecado de amor... Pecado de amor? Não, é o cd que tem Fui fiel... não sei se é o Pecado de... é! É porque a Fui fiel saiu solta, entrou no dvd, tem uma confusãozinha aí... e Josué mandou pra mim e eu fui ouvir, viajando eu fui ouvir e falei: caramba! Não tem nada que alguém já gravou! Eu estranhei, mas achei assim, né... fiquei um pouco cético, falei: rapaz, vai dar certo isso?! Naquele momento eu duvidei da força de interpretação do Pablo, de impor, de imprimir sentimento. Então isso também foi muito importante pra mudança: quando ele deixou de cantar música dos outros, música do Caetano, música do Gil, música do Giliardi, música do Fernando José, música do Roupa Nova, música do Milton Nascimento e

começou a cantar, buscar compositores. Hoje Tatau é um grande parceiro dele, Thierry é um grande parceiro dele, faz músicas pra ele. Esse menino que fez Fui fiel – Scandurra, faz sempre. E hoje quem não quer fazer uma música pra Pablo hoje? Né? Se você ver o tanto de ligação que eu recebo, o tanto de música que chega aqui no meu telefone – mande pra Pablo, mande pra Pablo! – só que ele é muito, eu não tinha percebido isso, ele é muito antenado. Tinha que ser, né? Um dia eu mostrei uma coisa pra ele e ele falou bem assim pra mim: Bonfá, se não tocar, se não me tocar eu não gravo. Então é isso, esse foi também um ponto importante pra essa mudança aí também, muito importante.

D: Ta, muito obrigada, viu? Por essa conversa.

M: Ok, espero ter ajudado. (Oi, Flávio. Alô?!- Atende um telefonema)

ENTREVISTA JUNINHO FRANÇA – PORTAL DO ARROCHA

D: Então, Juninho, eu queria saber assim.. como é a história do arrocha, né? O que você pode contar um pouco sobre a história do arrocha.

JR: Bom, é... meu nome é Junior... é.. sou... tenho 23 anos, trabalho há 8 anos com a divulgação do ritmo arrocha, 6 anos a frente criador, né.. e divulgando a frente do site Portal do arrocha, que é um dos principais sites de divulgação do arrocha. O arrocha ele começou em 2001, ele em 2001 teve sua criação na cidade de Candeias. E, pra gente iniciar o papo do arrocha eu acho que a gente tem que ir na raiz, né.. e a raiz é onde tudo começou. O arrocha ele veio influente da música brega, da seresta, da.. da música que já era tocada através de voz e teclado, na época de Valdick Soriano, Fernando Mendes, esses grandes ícones da música, é... da seresta, digamos assim. E começou com um dos cantores que hoje tem uma grande importância no cenário musical brasileiro, que é o cantor Pablo. E o arrocha ele veio, é... a criação do nome, do arrocha veio a partir do momento que o cantor Pablo, ainda cantando na banda Asas Livres, ele.. ele induzia, digamos assim, falando né.. na fala, pra o homem dançar com a mulher no sentido de arrochar, né.. apertar, amassar, mais ou menos assim... e aí veio o arrocha. Aí ele ficava repetindo a palavra arrocha, arrocha, nos shows dele e começou a pegar. E aí como o ritmo ele já vinha da questão da seresta, que é uma seresta, na época chamava de bolero como ainda existe hoje, mas um bolero mais acelerado. Aí foram criados passos novos,

danças novas, é.. tem o tradicional arrocha, que o povo chama de dois pra lá e dois pra cá, que é um rebolado mais ou menos fazendo um, um.. um ângulo de 180 e depois 360 como tem algumas músicas no mercado dizendo sobre isso. Só que começou daí, veio a palavra arrocha, arrocha nos shows e pegou. E o público aderiu a esse ritmo que nasceu em Candeias, é... com Pablo, e veio outros grandes nomes da música do arrocha depois, é.. aprimorando o ritmo e, digamos assim, em relação até a velocidade do bolero, que Pablo ainda cantava um pouco mais lento, veio outros acelerando um pouco o ritmo, fazendo com que o arrocha ficasse mais dançante ainda do que é.

D: É... e pra você, como que você define, o que é que você pensa do arrocha?

JR: Eu acho que o arrocha é hoje um dos principais ritmos musicais brasileiros. É... é importante frisar que ele é muito importante pra cultura nordestina, é... hoje ele, ele vai.. leva a música, a gente chama de baiana, mas é uma música nordestina que a gente sempre... tem que deixar claro que a Bahia não é diferente de Sergipe, de Alagoas, de Pernambuco, é tudo nordeste. E a gente tem que defender a nossa região. E quando o arrocha vai pra região sudeste, vai pra região sul, chegando forte agora no centro oeste, ele é muito querido. Primeiro porque também tem muitos nordestinos lá no sul, né... mas também é muito abraçado, o público gosta muito. E hoje o arrocha é uma grande força nacional. Hoje eu vejo o arrocha como um ritmo que leva a cultura nordestina sim, de certa forma, não com traços tão, tão.. digamos assim, fortes como o forró, que mostra mais a imagem do sertão; o forró tradicional, né... o forró, a forma mais antiga. Só que ele leva sim um pouco do, do.. da questão... eu não sei se a palavra certa seria, é... favela. Mas, é como se fosse um ritmo que veio de um pessoal mais carente, mais... de uma estrutura financeira, digamos assim, menor, que curti isso mais em bairros mais populares, bairros mais pobres. E hoje não se vê isso, hoje vc vê grandes pessoas, grandes artistas principalmente na música nacional, aderindo, botando música de arrocha no ritmo. Tem muito.. muito, hoje você vê muito filhinho de papai, né.. como o povo diz, tocando arrocha no carro, em casa, nos bares... ou seja, é um ritmo que ta crescendo muito, não só cresceu como vai crescer ainda mais na minha opinião dentro desses próximos anos.

D: Aham. E como é que você enxerga assim tipo, essa difusão toda do arrocha, é... por vários artistas que não defendem a bandeira de arrocha, assim, é.. não necessariamente defendem a bandeira do arrocha, mas se definem como sertanejo e tal...

JR: Eu, eu.. a frente do site Portal do arrocha, o portal do arrocha que tem 6 anos de divulgação. A gente leva uma, levanta a bandeira de divulgar o verdadeiro arrocha. O que é o verdadeiro arrocha? O arrocha, ele surgiu através de um ritmo eletrônico de teclado. Hoje vc vê algumas bandas, exemplo dela é Tyrone cigano, que implementaram todo um instrumentário de bateria na banda, fizeram um negócio, digamos assim, mais enriquecido. Só que o arrocha ele é de teclado, é a raiz. Ou seja, hoje.. hoje é importante frisar isso, que esse arrocha sertanejo, digamos assim, como vc abordou, ele é um arrocha que foge um pouco da nossa raiz. E infelizmente, muita gente no sul, na região sudeste do Brasil, não conhece nosso arrocha e pensa que o arrocha é o arrocha que os artistas sertanejos eles tocam, e isso pra gente é ruim. Por que pra gente é ruim? Porque a gente tem que, além de valorizar a criação do ritmo que nasceu aqui, a gente tem que valorizar os artistas da terra. E os artistas da terra eles sempre levaram o arrocha com essa essência do teclado eletrônico. Você vê que tem grandes artistas hoje, como Silvano Salles, por exemplo. Silvano Salles até hoje, apesar da fama, apesar da grande agenda de shows, que eles fazem muitos shows no mês, eles ainda levam teclado pro palco, não tem bateria. Ou seja, é um ritmo eletrônico. Alguns artistas, como o cantor Pablo, depois que fazem, é... no caso, Pablo aconteceu depois que fez o contrato com a Som Livre. Eu acho que talvez tenha sido algum requerimento por parte da produtora, mas eles botaram uma bateria. Só que infelizmente, até através de dados, é... lógico que o artista ele não vai cair bruscamente no mercado, mas ele sofre uma pequena rejeição do público, que é o público do arrocha verdadeiro. E certamente esse público do arrocha verdadeiro ele não vai gostar de um arrocha sertanejo, que a gente chama de arrocha universitário, que é o arrocha com bateria, que é uma difusão mas não é o verdadeiro arrocha. E hoje.. hoje eu posso citar que tem três tipos de arrocha: tem o arrocha romântico, que é o tradicional, que é como cantores Pablo, Asas Livres, como a minha banda também Juninho França e a desejada, que a gente tá com um projeto novo; tem o Arrochadeira, que é um ritmo que veio, digamos assim, da mistura do arrocha com o pagode baiano, que muita gente, muitas pessoas, é...falavam que o nome do ritmo era Pagorrocha, é.. Pagobrega, se não me engano, alguma coisa assim, e a gente com o Portal do arrocha, a gente sempre fortaleceu a ideia que o nome era Arrochadeira, porque tinha que ter arrocha no nome, porque a essência, além da essência ser como eu falei do som eletrônico do teclado, ele também leva a essência do ritmo do arrocha, o

arrocha romântico. Então, tem o arrocha romântico, o arrochadeira e esse arrocha aí agora, o arrocha universitário, que é o arrocha de banda, de bateria.

D: Entendi. É.. então, você falou dessa questão do arrocha sair espalhando pelo Brasil essa bandeira da favela, né... de representar o povo nordestino, bairros de periferia, enfim. E também o ponto negativo desses outros artistas que não carregam essa visão do arrocha tradicional, né? E conseqüentemente isso não mostra totalmente a cara do povo que o arrocha representa. Você acha que tem algum preconceito, alguma coisa relacionada ao arrocha nesse sentido?

JR: Olha, já teve muito preconceito. Muito mesmo. É tanto que se vc ligar seu som do carro com o arrocha, tinha muita gente que gritava “tira esse som aí!”, “esse som não presta!” e não sei o que... há um tempo atrás. Mas hoje isso já mudou completamente de cenário. Ainda existe muito preconceito por parte da mídia, principalmente os grandes veículos de comunicação como tv, como rádio. Você ainda vê um certo, é... não é um preconceito claro, mas é uma certa rejeição. Tudo começou a ser modificado num evento chamado Reino do arrocha, que foi um evento no Parque de exposição de Salvador, eu não me recordo o ano exato, mas foi o Reino do arrocha que reuniu na época as principais bandas e colocou um público no Parque de exposição de Salvador como eu jamais tinha visto. Com até com grandes bandas que já eram famosas na época, que ficaram assim.. a mídia, principalmente a tv, a tv baiana que é afiliada de uma emissora grande do Brasil, ela ficou entusiasmada e ficou impressionada com a quantidade de público. E a partir dali que começou a mudar aquela imagem do arrocha, de ser um ritmo periférico, de ser um ritmo que era só pra um público alvo, que era aquele público o pobre, o periférico. Não, começou a ficar, a mudar tudo ali. Porque infelizmente tudo hoje é mídia, né? Hoje tudo depende da mídia. Então a partir dali, daquele momento, que o preconceito que vc abordou aí começou a diminuir. Hoje ainda existe muito, mas é muito menos do que há uns anos atrás.

D: E esse preconceito seria diretamente ligado a quê?

JR: Seria a rejeição. É...o você, hoje, hoje... eu falo até um lado como artista, como cantor do arrocha, a gente quando vai enfrentar grandes palcos, como eu já tive a oportunidade com minha banda, e vai tocar com o nosso teclado, a gente é visto com aquele olhar assim, de lado... principalmente pelas bandas que tem a estrutura de palco de vários instrumentos, como se o teclado fosse um vilão. Mas não é essa a imagem, a

imagem do teclado é justamente porque a gente quer levar a bandeira do arrocha verdadeiro pra o público, a gente toca um ritmo que a gente gosta, esse instrumento faz parte daquele ritmo que a gente quer levar pra o público. A mesma coisa é o Trio Nordestino, por exemplo, que tem zabumba, sanfona e triângulo. Hoje tem várias bandas de forró com praticamente vários instrumentos, mas nada modifica o som que aqueles três instrumentos fazem. A mesma coisa é o arrocha de teclado, então a gente... esse preconceito que você abordou, como é que acontece? É isso, quando a gente chega em alguns palcos, quando a gente chega em rádio pra falar sobre “ah, como é a sua banda? A estrutura da sua banda?”, a gente diz “não, a gente tem uma estrutura menor em relação a músicos”, mas a gente faz praticamente o mesmo som que outras bandas fazem com maior estrutura, e às vezes fazem, fazemos, alguns artistas, algumas bandas até são maiores e com mais qualidades do que algumas bandas que estão no mercado. Então o preconceito vai mais ou menos por aí.

D: Uhum.. e como é que você define o público? Você falou que como cantor também já teve oportunidade de subir em grandes palcos e tal... como é que você percebe o público do arrocha? Como é o público do arrocha?

JR: O público do arrocha é maravilhoso. Ele é um público, é... que é aquele... a gente costuma dizer assim, que o arrocha ele é diferente de muitos ritmos. Por quê? Porque o público quando ele vai pra um show, ele canta... primeiro porque o arrocha, a tradição do arrocha é... a tradição não, é... o costume do arrocha é tocar principalmente grandes sucessos da música brasileira. Ou seja, a partir do momento que a gente canta músicas de outros artistas, não é que é um erro... mas é uma... a própria cultura do arrocha é essa. E o público canta com a gente, ou seja, ele vai pra um show, ele canta, ele dança sozinho e ele dança acompanhado. Ele vai pra um barzinho, ele escuta a música e hoje tem uma questão que eu acho que é importante a gente até abordar hoje, porque tocou num assunto público, que o público abraçou, que é a questão da sofrência. A sofrência hoje é uma palavra que é uma das mais executadas, que foi uma das mais executadas no final do ano e que com certeza vai ser muito executada agora nesse ano de 2015. Que é a questão do ritmo que você escuta, bota num som pra escutar num barzinho e chora... e sofre... porque tocam músicas românticas, tocam músicas que fazem sentir aquela famosa dor de cotovelo. Ou seja, o público ele abraça muito, ele abraça muito. É um público caloroso, que dança o show todo, que canta o show todo, que leva o cd pra casa

e escuta, que abraça mesmo as bandas. Ou seja, o público do arrocha é maravilhoso. E a tendência é que o público só aumente, porque hoje o arrocha ta tocando nas principais rádios do Brasil, hoje o arrocha ta entrando nos principais veículos de comunicação do Brasil. Ou seja, a questão é que tenham mais adeptos, né... mais fãs do ritmo e façam com que o arrocha seja mais abraçado ainda.

D: Tem um... o texto né, que eu comentei com você no seu site, que é um texto de conceituação, você pincela um pouco a comparação do arrocha com o funk e aí fala que assim como o funk o arrocha vem crescendo, mas é um som que toca em feira, que representa o pessoal da periferia. Como é que você enxerga essa comparação do arrocha com o funk?

JR: O funk... eu não sou muito ligado ao funk pra falar exatamente o que é o funk, mas pelo que eu vejo e acredito que seja, o funk é um ritmo que foi forte em uma região, principalmente se eu não me engano, na região do Rio de Janeiro e que expandiu pelo Brasil. E o arrocha ta indo por esse mesmo caminho: o funk começou em uma periferia, o arrocha começou em uma periferia. Então a comparação vem daí: são ritmos totalmente distintos, não tem nenhuma relação um com o outro, mas são ritmos que como foi abordado no site Portal do arrocha, que foi principalmente veiculados em lugares periféricos, em bares periféricos, ou seja, que começou. Lógico que com o passar dos anos tudo mudou e como está mudando e vai mudar ainda mais. Mas a essência da comparação do arrocha com o funk foi principalmente pelo início.

D: Aham, entendi. É... você comentou da palavra sofrência, né... e realmente foi uma explosão maior agora no final do ano com a imagem de Pablo, o nome dele e tudo o mais. E isso ajuda também no crescimento do próprio ritmo, né? Que chama os outros artistas. Aí eu queria saber de você, essa questão de levar pra o público essa associação da sofrência, do sofrimento, da música pro público, como é que acontece esse fenômeno, assim, pra você? Como é que você enxerga tudo isso?

JR: A gente costuma falar o seguinte: quem nunca sofreu por amor, né? Alguma hora ou outra você na vida você sofre por amor por alguma coisa ou por alguém. E as músicas de arrocha elas são muito melosas: são letras que fazem você lembrar situações já vividas, fazem você sofrer. Eu acho que essa sofrência é um sentimento bom, não é aquele sofrimento de você dizer “ah, vou.. não quero mais viver, não sei o que”, não! São sofrimentos que fazem você chorar, mas um chorar de saudade, chorar de amor, de

paixão, ou seja, é uma sofrência positiva. E essa questão da sofrência, como você até falou aí agora, vai ajudar bastante, principalmente o arrocha romântico. O arrocha romântico que leva músicas românticas, leva músicas de traição de, de.. de dois amores, duas paixões, fala de vários temas. Mas esse arrocha romântico depois desse quesito sofrência, eu acho que vai aparecer mais, muito mais por aí. Muita palavra que distingue alguma banda de ritmo de arrocha, vai ajudar bastante o ritmo a crescer.

D: Uhum... e esse lado do sofrimento, de representar sofrimento, tal... retoma ao início do arrocha, que é o brega, a seresta, né.. que também era muito ligado a isso, a essa música ligada ao sofrimento de traição e etc.

JR: O.. a gente, a gente ainda.. até hoje a gente costuma chamar pelo menos aqui na Bahia, em algumas cidades: “ah, vamo ali pra seresta”. Eu não sei se.. se em outros estados funciona dessa forma, mas a gente “vamo ali pra seresta”, mas na verdade, ali vai rolar um arrocha. Ou seja, então por aí a gente já faz a ligação, que o arrocha em si, ela é uma seresta. Ela é uma seresta, só que é uma seresta modificada. Assim como o arrocha também foi modificado, o arrocha hoje ele foi brutalmente modificado pra algum, como eu falei, arrochadeira, que hoje eu até acho importante a gente falar bastante do arrochadeira, porque o arrochadeira ela tá num momento esplendoroso assim, muito, muito forte. É... teve, teve relatos... teve relato não, teve bandas que chegou a gravar um dvd em Brasília num estádio, se eu não me engano, Mané Garrincha, que foi acho que a banda Luxúria que é uma banda que ta levando um público grande, nesse estilo de arrochadeira. Bandas daqui de arrochadeira indo tocar em Goiânia, num espaço acho que é Vila mix o nome. Ou seja, são eventos que na lógica, o arrocha jamais teria chance de entrar. Ou seja, tudo está mudando no lado do arrochadeira, então é importante frisar, principalmente parabenizar as bandas que estão fazendo desse movimento um movimento que não leva música baixa, é importante frisar isso. Lógico que eles frisam muito a questão de luxúria, de ostentação, mas é um estilo que se eles fazem isso é uma escolha deles, mas não é um ritmo.. não são músicas que difamam a imagem da mulher, como por exemplo, tem muitas bandas do pagode baiano que deu até uma queda aqui na Bahia e perdeu muito espaço principalmente pra o arrochadeira, porque hoje o arrochadeira não tem letras que difamam a imagem da mulher, que tem muita pornografia nas letras. São letras românticas algumas e outras que levam um lado da ostentação da banda, mas é como eu falei, é um direito deles, é

uma escolha deles, mas acho que isso é positivo pra o ritmo: é positivo pra o arrochadeira e pra o arrocha, porque querendo ou não eles tão levando a bandeira do arrocha também pra o Brasil.

D: Essa questão da ostentação também é presente no funk, né? É... isso você tá comentando que o arrochadeira vem crescendo e eles falam dessa ostentação, luxúria e etc... como é que você vê a relação do público com esse tipo de música, essa.. de ostentação?

JR: A gente do Portal do arrocha a gente divulga um artista chamado Neto LX, que ele recentemente teve num programa, se eu não me engano foi Mais você, da Globo, e ele disse que cantava o arrocha funk, ele mesmo denominou, né... que é um arrocha justamente levando por esse lado da luxúria, que é.. da ostentação, que é aqueles cantores com cordões de ouro enormes no pescoço, e que levam músicas também com uma pegada eletrônica semelhante um pouco... não é que seja semelhante, é mais é um pouco que lembra o funk. E até em algumas músicas que a gente chegou a divulgar no site, tinha um começo com a batida do funk, tinha um começo com algumas músicas de funk e depois trazendo pra o ritmo tradicional da banda. Ou seja, tem uma ligação, uma certa ligação do arrochadeira, lógico que é uma escolha da banda. Eu acho que as bandas elas seguem se transformando, elas sempre buscam um... levar ao público o que o público na teoria gosta, né... aí o arrochadeira hoje faz esse trabalho de funk justamente porque acha que é a linha que... não é a linha que.. certa, digamos assim, mas é a linha que o público ta abraçando e ta gostando.

D: Então, tipo, na sua visão, é... esse crescimento do arrochadeira é, de certa forma, um pedido do público, né? Por esse tipo de música.

JR: Não. Não. Eu acho que o arrochadeira ela já vem no mercado há muito tempo batalhando. É.. bandas, muita banda, eu vou dar um exemplo dela é Trio da Huanna, o próprio Dan Ventura, que numa época passou com a banda Bonde do maluco, Quarto de empregada. São bandas que vem batalhando há muito tempo, há muito tempo mesmo, talvez com a mesma quantidade de tempo da criação do arrocha. Não sei exatamente porque eu nunca fui a fundo na carreira deles, mas talvez seja o mesmo tempo, ou seja, eles vem batalhando há um tempo. E esse sucesso agora, esse estouro repentino não é a toa, digamos assim, não é porque o público quer, é porque eles vieram fazendo um trabalho, fortalecendo o trabalho da arrochadeira que é um estilo derivado do arrocha

romântico, mas eles fizeram com o toque de qualidade. Ao passar dos anos foram implementando novas técnicas no ritmo, foram lançando músicas que foram caindo no gosto do público, a exemplo dela teve uma recente que foi a banda Gasparzinho, acho que Cavalinho, que foi uma das músicas mais executadas do ano. Tem outras músicas também que foram trazidas pro arrochadeira e isso fez com que o público abraçasse de uma certa forma, principalmente na Bahia porque tem uma semelhança muito forte com o pagode baiano, e como o pagode baiano deu uma caída bruta... não foi pouca não, foi bruta mesmo o pagode baiano, que a gente aqui chama de pagodão, em outros estados chamam de swingueira o pagode baiano, e deu uma queda muito grande. E esse arrochadeira aproveitou essa queda do pagode e começou a entrar em mercados. Aqui na cidade de Feira de Santana, por exemplo, a maioria das bandas de arrochadeira são daqui de Feira, mas nenhuma delas conseguiam sequer colocar o cd pra tocar na rua, não conseguiam entrar em eventos daqui da cidade, porque o pessoal aqui era fechado com as bandas de pagode de Salvador, principalmente pela proximidade da capital, mas por ser um ritmo que aqui era muito forte, o pagode. Mas a partir do momento que começou a cair, hoje você malmente escuta o pagode baiano, o pagodão, a swingueira, hoje você só escuta na rua o arrochadeira, escuta o arrocha romântico. Ou seja, ele de certa forma, não sei se a palavra certa é engoliu, mas ele superou o pagode baiano em algumas mídias, principalmente aqui na região baiana e em outros estados também.

D: É... então, Juninho, pra finalizar só queria que você falasse um pouco é... sobre o arrocha de forma bem geral só pra gente finalizar assim, e essa relação com o público mais uma vez só pra dar o fechamento da entrevista.

JR: Bom, a gente já falou da raiz, né? Agora acho que a gente...falar um pouquinho do futuro do arrocha. Eu acho que o arrocha, ele tem muito a crescer ainda, ele é um ritmo que na minha opinião ele não vai se limitar só a Brasil, ele vai conseguir chegar a alguns países como chegou o axé, como chegou a música popular brasileira. Acho que não com a mesma intensidade, lógico, da mpb, mas vai chegar em alguns países e não vai ser...não vai demorar muito pra isso acontecer. Por quê? Por que é... o arrocha, ele tá quebrando fronteiras muito rápido, ele é um ritmo que começou é... pequeno, e hoje ele está gigante, mas gigante mesmo, não é uma palavra... não é exagero não, é gigante mesmo, por quê hoje tem artistas que...eu vou tocar num assunto assim...que eu tô meio por dentro por trabalhar com banda também que é a questão do cachê. Hoje o cache de

bandas de arrocha se equivalem a bandas de mpb, se equivalem a bandas de axé e ninguém nunca sonhou com isso, primeiro porque é...o arrocha, com... como veio... eu até esqueci de falar isso, é importante falar que o arrocha com um teclado você faz uma banda. Tem muitas bandas que às vezes nasce no quintal de casa só porque o cara tem um tecladinho bota lá o ritmo de arrocha e começa a tocar, ou seja, o arrocha, ele é um teclado praticamente, o teclado faz todo o som, mas veio aprimorando a partir do momento que entrou um saxofone, entrou uma guitarra, um violão, ou seja, foi enriquecendo o ritmo e chegou a um patamar que hoje ele faz praticamente a mesma sonoridade de bandas grandes, bandas que já tem nome no mercado, artistas que já tem grandes nomes no mercado, ou seja, pra mim o arrocha hoje é uma grande força, não só baiana, como nordestina, mas do Brasil. Tem alguns estados que...a gente tem relatos aqui do Portal do Arrocha do pessoal que entra em contato com a gente. Primeiro alguns mandando mensagens: “ah, eu gosto do Portal do Arrocha”, “é... aqui o Portal do Arrocha tá trazendo o arrocha pra cá.”, e relatos também de bandas que vão fazer mini turnês ou turnês nesses estados mais distantes como Acre, como Amazonas, como Pará que são estados do norte brasileiro mas pela distancia as bandas daqui não tinham expectativa nenhuma de chegar a tocar lá, mas com o Portal do Arrocha, é... algumas bandas foram conhecidas lá através da divulgação e hoje faz muito shows pro lado de lá, assim com já aconteceu no Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul também já chegou algumas bandas pra lá na região sul, ou seja, são regiões que nem...digamos assim, a essência do forró como Luiz Gonzaga conseguiu atingir tão fortemente como o arrocha tá ...tá atingindo hoje, só pra ter uma comparação leve. Não, não... de longe desmerecendo o forró porque o forro é um ritmo maravilhoso e também não se comprara, tem muita gente que costuma comparar o arrocha com o forró, eu não comparo porque são ritmos totalmente distintos, diferentes, cada um tem a sua linha de segmento, tem as suas bandas, logico que as bandas hoje de forro costumam tocar o arrocha também, assim como algumas bandas de arrocha também costumam tocar forro, mas são muito distintos, e o arrocha na minha opinião ele tem muito a crescer, muito a se desenvolver, hoje a gente vê através do site grandes artistas vindo de outros ritmos musicais pra cantar arrocha, pra cantar arrochadeira, pra cantar arrocha universitário...porque? Porque além de ser um ritmo hoje que caiu no, no... na graça do publico, é um ritmo que hoje, é mais fácil você trabalhar, é mais fácil você vender uma

banda, é mais fácil você arranjar shows pra ser contratados, ou seja, isso tá chamando muita atenção dos artistas e com isso o arrocha ganha muito em qualidade, que a gente costumava ver algumas bandas que infelizmente não tinham é, é...qualidade pra vc chegar em alguns eventos grandes, de palco grande pra você desenvolver um trabalho ali, mas hoje não, hoje você vê gente qualificada, grandes maestros, principalmente nas bandas maiores, de maiores estruturas que são maestros mesmo, qualificados, estudados que estão compondo bandas de arrocha, primeiro pra suprir a quantidade de shows e dar qualidade ao ritmo fazendo com que o ritmo seja mais abraçado, seja mais querido, e... e seja mais...muito bem aceito não só pelo publico que é o que acontece, mas pela mídia, pelo, pelo... os outros artistas de outros ritmos como acontece, que outros ritmos sempre tão fazendo questão agora de colocar o arrocha no repertorio, mas porque, porque o publico gosta, então acho que o arrocha só tem a crescer com isso.

D: Uhum, tá certo... É... O crescimento do arrocha, sabendo que hoje em dia é bem mais fácil e tal, até por questão de qualidade... Esse crescimento você detém...é...essa importância do crescimento ao publico, aos artistas, a relação dos dois, como é que...

JR: Aos dois, porque não vai ser só ao artista em si, porque acho que artista nenhum ele vai ter sucesso sem o publico, sem os seus fãs, então é...foi uma união do artista, logico que com uma pitada de sorte, porque sempre você lança, procura lançar musicas pra o publico que as vezes você acha que é uma musica q vai ser sucesso e a musica não é e as vezes você acerta uma musica e aquilo faz com que aconteça o elo, faz que aconteça o elo do artista com o público. É uma união dos dois, ou seja, não tem como ser só o público ou só o artista, é uma união.

D: Tá okay, então, só queria agradecer por você se disponibilizar pra ceder a entrevista, muito obrigada e qualquer duvida você pode falar agora, e se quiser falar mais alguma coisa, quiser perguntar...

JR: Não, queria só agradecer a oportunidade de falar com você, queria desejar sorte nesse trabalho e queria parabenizar porque querendo ou não você tá abordando um assunto que é nordestino, que é da cultura nordestina, que é um ritmo... você é sergipana né? Mas, pela proximidade estamos praticamente no mesmo estado. Ou seja, queria parabenizar, dizer que o portal do arrocha esta a disposição não só sua como de todo o publico que queira conhecer um pouco do ritmo, que eu acho que é importante a gente valorizar o que é da terra, o que é nordestino porque infelizmente os outros estados não

fazem isso com tanta facilidade, só fazem isso quando ou é forçado ou é algo como tá acontecendo hoje q é muito estourado, q é muito bem aceito pelo publico e eles acabam aderindo também, mas eu queria parabenizar você e precisando estamos às ordens.

D: Tá okay, obrigada!

JR: De nada!

APÊNDICES B.1 - ENTREVISTAS VIA E-MAIL

ENTREVISTA - PABLO DO ARROCHA

1) Como você pensa e define o Arrocha?

O arrocha veio de uma expressão que eu falava na Seresta. “Arrocha” para os casais dançarem agarradinho. A partir disso o pessoal deixou de falar vamos na seresta, e sim, vamos ao arrocha. O gênero ficou, e hoje, graças a Deus, expandiu para o Brasil e mundo inteiro.

2) Você pode nos contar um pouco a história do Arrocha? O que você conhece dessa história?

Como falei acima, eu “inventei” o arrocha acidentalmente, há 15 anos atrás na seresta, através de um termo, hoje, virou gênero e está essa explosão. Até outros gêneros, estão adaptando o arrocha ao repertório. Mas, o arrocha original, em minha opinião é o arrocha romântico. Aquele criado em Candeias.

3) Qual é o público do Arrocha?

O arrocha teve uma grande ascensão. Viemos do povo, para a TV, para os grandes eventos. Antigamente, a classe média, classe alta, nem pensava em escutar o arrocha. Era dito como brega. Se é brega falar de amor, então, eu vou continuar sendo, pois amo falar de amor, cantar o amor como ele é, como as pessoas vivem ele. Hoje, fazemos shows em principais eventos, em casas luxuosas, mas eu nunca deixo o meu público que começou comigo de lado. Sigo com as apresentações para o público de outras classes sociais, o povão que me abraçou, e me abraça até hoje, por onde eu passo.

4) Como você define os shows/festas de Arrocha? Quais são os frequentadores desses shows?

Atualmente não tem distinção de classe social. O arrocha conseguiu alcançar todas as classes sociais.

5) Porque você acha que o Arrocha faz tanto sucesso?

O arrocha é um ritmo bem sensual. E fala de amor, como ele deve ser dito, sem rodeios, e com a verdadeira forma de amar e de sentir.

6) Como você enxerga a relação do Arrocha com a palavra “sofrência”?

A sofrência veio recentemente, em uma expressão vinda do povo. A mistura de carência e sofrimento. É engraçada a forma em que o povo atribuiu a sofrência ao arrocha. Certa vez, fui fazer show em Ilhéus, e vi uma faixa imensa: “Pablo- o rei da sofrência”, e então começaram os milhões de vídeos na internet, com criança sofrendo, cachorro sofrendo. Eu acho que existem várias formas de “sofrência”, uma música que toca o coração, uma saudade, a própria dor de cotovelo. Como minhas músicas falam esse verdadeiro sentido do amor, as pessoas se identificam muito com a carência, e o sofrimento.

No site “Portal do Arrocha”, considerado o maior site de acervo audiovisual do Arrocha, no espaço da conceituação do ritmo, podemos ler o seguinte texto:

“...O estilo conquistou público de classes sociais variadas, adolescentes, jovens e pessoas de mais idade. Trata-se de um movimento social focado nas classes inferiores. Assim como no Rio, os bailes de Arrocha acontecem geralmente em clubes sociais de bairros mais humildes de Salvador e das cidades do interior da Bahia e de outros estados do nordeste. Atualmente esse movimento começa a se espalhar também para o centro-sul do Brasil. Por tratar-se de um estilo musical apreciado pela população da periferia, começou logo a ser recriminado pela parte elitizada da sociedade, que marginalizou o Arrocha rebaixando o ritmo/movimento restrito ao povo "ignorante das feiras populares". Esse foi o começo do Arrocha... Hoje, assim também como o Funk no Rio, o Arrocha já conseguiu mais espaço na mídia

e vem ganhando mais adeptos em outras classes sociais principalmente por se tratar de um produto que vende e que faz muito sucesso.” (<http://www.portaldoarrocha.com.br>)

7) O que você acha sobre a comparação entre o arrocha e o funk?

São ritmos que ganharam força no Brasil. O axé foi por muitos anos o mandante de gênero no país, o sertanejo também ganhou muita força. Hoje, o arrocha e o funk se destacam, cada um a seu modo, e a seu público. Fico feliz em saber que o arrocha tenha essa vista de gênero do momento. É o a música da atualidade, mas que já está no mercado há 15 anos. E há muito mais que isso, eu já cantava arrocha(seresta), com meu pai nos barzinhos de candeias(BA), com meus 6 anos de idade.

8) Há preconceito contra o Arrocha e o seu público? Qual preconceito o Arrocha sofre? Por quê?

O arrocha já sofreu muito preconceito, como falei, antes, o arrocha era dito como brega, só a periferia escutava o ritmo. As pessoas com mais recursos, torciam o nariz pra uma banda de arrocha. Hoje, você vê aquelas casas luxuosíssimas, que cantam o arrocha. Hoje, graças a Deus, e a esse público que começou comigo, me dando força, eu estou entre os principais eventos do país. Com propostas de shows em outros países.

ENTREVISTA – NIRA GUERREIRA

1) Como você pensa e define o Arrocha?

Ritmo dançante, alegre, contagiante.

2) Você pode nos contar um pouco a história do Arrocha? O que você conhece dessa história?

O Arrocha é um ritmo musical originário da Bahia ele veio proveniente da seresta, influenciado pela música brega e o estilo romântico, com modificações que o tornaram, segundo seus adeptos, mais sensual. Estilo musical originário da Bahia, nasceu no Distrito de Caroba na cidade de Candeias. Não é necessário ser

tocado por uma banda completa. Normalmente são usados: um teclado arranjador, um saxofone e uma guitarra. O arrocha que tem arrastado multidões reinventou antigos ritmos, com uma roupagem mais, digamos, moderna. É uma reinvenção da música brega, da seresta, do estilo romântico. Conheço também: Surgiu de uma brincadeira que o cantor Pablo na época falava nos shows a palavra " Arrocha Arrocha " aí surgiu a dança.

3) Qual é o público do Arrocha?

Todos, Crianças, Jovens, Adultos, idosos e etc...

4) Como você define os shows/festas de Arrocha? Quais são os frequentadores desses shows?

Casa Cheia, Carinho do público em fim tudo de bom. Os Frequentadores são de todas as faixas sociais, classe baixa, média e alta .

5) porque você acha que o Arrocha faz tanto sucesso?

Pelas letras românticas , por ser aceito pelo povo até os dias de hoje .

6) Como você enxerga a relação do Arrocha com a palavra “sofrência”?

Por ter letras românticas veridicas , onde fala de amor , paixão , traição , amor perdido.

No site “Portal do Arrocha”, considerado o maior site de acervo audiovisual do Arrocha, no espaço da conceituação do ritmo, podemos ler o seguinte texto:

“...O estilo conquistou público de classes sociais variadas, adolescentes, jovens e pessoas de mais idade. Trata-se de um movimento social focado nas classes inferiores. Assim como no Rio, os bailes de Arrocha acontecem geralmente em clubes sociais de bairros mais humildes de Salvador e das cidades do interior da Bahia e de outros estados do nordeste. Atualmente esse

movimento começa a se espalhar também para o centro-sul do Brasil. Por tratar-se de um estilo musical apreciado pela população da periferia, começou logo a ser recriminado pela parte elitizada da sociedade, que marginalizou o Arrocha rebaixando o ritmo/movimento restrito ao povo "ignorante das feiras populares". Esse foi o começo do Arrocha... Hoje, assim também como o Funk no Rio, o Arrocha já conseguiu mais espaço na mídia e vem ganhando mais adeptos em outras classes sociais principalmente por se tratar de um produto que vende e que faz muito sucesso.” (<http://www.portaldoarrocha.com.br>)

7) O que você acha sobre a comparação entre o arrocha e o funk?

Bem parecido, pq assim como o funk o arrocha foi no inicio menosprezado pela classes altas e pela mídia de rádios ,tvs ,jornais e outros .

8) Há preconceito contra o Arrocha e o seu publico? Qual preconceito o Arrocha sofre? Por quê?

Hoje mais não, antes tinha fama de música da periferia , brega , subúrbio etc...

APÊNDICE B.2 – ENTREVISTA VIA SKYPE

2ª ENTREVISTA COM JUNINHO – PORTAL DO ARROCHA

D - Pronto! Posso começar?

J – Pode, sim!

D - Pronto! Então, na última conversa da gente, a gente falou bastante, e tal, acho que deu uns 40 minutos e etc., mas tiveram alguns pontos que, é, foi preciso que eu retomasse pra poder eu entender melhor e enriquecer mais o conteúdo. Então, é, eu vou começar sobre a questão do início, vou retomar pro início do arrocha, quando você fala da palavra, né, do arrocha, que começou lá com a banda Asas Livres, no show, nos shows que Pablo falava arrocha, arrocha. E eu queria saber, é.. como é, de fato, essa,

essa questão da dança do arrocha, né, que você comentou sobre o apertar, amassar que acontece na dança, é... como é que é que você enxerga esse, esse movimento que acontece nas danças do arrocha? Seja dançando junto ou não...

J – Bom, o, a questão de, da palavra arrocha, veio com Pablo, né? A questão da dança, eu não sei, exatamente, como surgiu, mas hoje o arrocha, a dança do arrocha é considerada uma dança que, é muito, é sensual, né? E com certeza veio proveniente, também da seresta, que é um, que são passos bem, bem românticos, principalmente dançados a dois, por um casal, e que veio, basicamente da seresta, só que, lógico, que totalmente modificado, né.. que foi criado, é, o passo, esse passo que é o arrocha, hoje, lógico que sofreu algumas alterações, no decorrer desse tempo, principalmente depois dos ritmos mais dançantes, né.. que a gente chama de arrechadeira, que veio com passos mais elaborados, e agora com essa questão da sofrência, que dança até sozinho, né que o pessoal, a gente costuma dizer, que bota o braço na testa, né, e faz aquele, faz aquele sinal, faz o movimento e dança sozinho. Só que eu não sei dizer como e quem inventou o passo do arrocha, mas é muito parecido com a questão do.. da seresta, né, a antiga seresta de cantores como, Fernando Mendes, é, Altemar Dutra esses cantores assim, que há muito tempo atrás, já faziam esses passos nos bailes, nos shows e o arrochar, a dança arrocha, eu creio que veio, mais ou menos, por aí.

D – É, sobre a seresta. Você vê muita diferença das festas que acontecem hoje em dia, do pessoal que frequenta o arrocha, os bailes de arrocha, festas de arrocha, não sei como é que fala...

J- Assim, ó.. comparado com a seresta, a seresta hoje, aqui na cidade de Feira de Santana mesmo, tem alguns barzinhos que fazem seresta. Só que hoje as serestas são mais frequentadas por casais mais velhos, velhos não, mais experientes. Não mais pelo público jovem. E a questão do público do ritmo arrocha, a questão do público que vai pra o show de arrocha hoje é muito diversificado: tem jovens, tem crianças, tem adultos, tem senhores também, mas agora é que ficou um pouco mais elitizado. Mas por muito tempo, durante esses 15 a 16 anos que o arrocha tá no mercado aí como arrocha, né.. como um ritmo independente, passou muito tempo discriminado e quando você ia pra um evento de arrocha, como até hoje acontece muito que vai um público de classe mais baixa, não vai um público de classe alta e tal, mas hoje tá mudando isso. Hoje, aqui na região mesmo, da Bahia, tem grandes eventos, grandes mesmo os eventos que suportam

um público mais elitizado e que tem como atrações na grade do evento, bandas de arrocha, como Pablo, Silvano Salles, Tayrone Cygano, hoje que vivem um bom momento. E nesse público, é um público mais elitizado que dança o show, que canta com a banda, que interage, ou seja, isso que não acontecia antigamente. Então, sempre sofre alterações em relação ao público, conforme o ritmo vai mudando, a gente vê nas grandes festas aqui da região como micareta, carnaval de Salvador que hoje o público acompanha as bandas de arrocha, fazem questão de cantar, dançar. Eu vi até na última micareta agora de Feira de Santana que aconteceu em abril, que é impressionante como é bonito ver o público atrás do trio de arrocha, que lógico que acontece briga em todos os blocos e não vale a pena esconder isso, mas a forma que o público vai atrás do trio de arrocha é mais em paz, é cantando, é mais romântico, sem muito empurrão, é todos num passo. A gente teve a oportunidade de cobrir um evento aqui de micareta e foi uma questão assim que a gente sempre abordou, que foi a questão da dança, do passo e principalmente do público que você perguntou aí que é um público que sempre tá participando com a banda.

D- É, com relação à discriminação que veio desde a seresta, antes de ser o arrocha de fato, desde a época de seresta... e no começo do arrocha existia uma discriminação, talvez hoje já esteja mudando essa questão. E eu queria saber de você assim, como é que você enxerga essa discriminação, o que é que de fato, talvez, cause ainda a discriminação em relação ao arrocha ou às festas de arrocha?

J- A discriminação sempre é uma palavra triste, né? Discriminação. Quando você discrimina, você tá sendo uma pessoa infeliz. E a discriminação no arrocha acontece pelo fato de o ritmo ter nascido em uma comunidade mais carente, em uma cidade mais... em uma região da cidade mais carente, e até hoje você vê nas favelas, nas cidades não com tanta estrutura, mas que gostam de escutar o arrocha, gostam de ouvir o arrocha, gostam de divulgar o arrocha, gostam de demonstrar que elas curtem e é fã, no caso, do movimento arrocha. Então hoje, é muito fácil pegar e apontar assim: poxa, no passado era discriminado e tal, mas hoje a gente vê as bandas de grande porte, mesmo as que não são do ritmo arrocha cantarem arrocha. Aí por aí a gente vê que isso tá mudando muito. Tem muito a ganhar ainda, mas comparado a anos atrás, hoje o arrocha vive seu melhor momento, um momento que toca em grandes eventos. Hoje você vê as estruturas de bandas de arrocha, não fica atrás de nenhuma outra banda,

principalmente as bandas maiores. Hoje você vê um cantor Pablo, por exemplo, fazer parte da Som Livre, que é uma das maiores produtoras do país. Tem uma música na novela da Rede Globo que isso pra quem acompanhou o ritmo aqui desde seu início, ninguém acreditava, até mesmo as pessoas que trabalhavam que o arrocha, com o teclado, uma guitarra, um sax que era quem tinha na época esse trio de instrumentos tinha a melhor estrutura em relação a músicos e instrumentistas na banda, então ninguém sonhava, até mesmo as pessoas que trabalhavam com o ritmo. Então hoje a gente vê o ritmo crescer cada vez mais no Brasil e com a discriminação muito abaixo do que foi no passado.

D- Entendi. Você como músico, como é que você enxerga toda essa mudança? Ao que você atribui essa mudança, essa evolução do arrocha?

J- Eu acho que devido à procura. A partir do momento que tem contratantes, que tem grandes eventos procurando as bandas de arrocha pelo momento que vive, pelo sucesso que é o ritmo, aí com a procura, lógico que as bandas tendem a pedir cachês mais altos e com esses cachês, com a verba entrando pra produção da banda, propriamente pra os empresários também, eles têm mais liberdade pra poder investir nas bandas. Então hoje as bandas tem melhor estrutura, tem iluminações de primeira, que não ficam atrás de grandes bandas sertanejas, por exemplo, que hoje vivem também... se, na minha opinião, hoje o ritmo sertanejo é o ritmo mais forte nacionalmente falando. Mas que até o sertanejo hoje respira também o arrocha. Você vê que a maioria das bandas, principalmente as bandas sertanejas mais jovens tem que ter o arrocha no repertório do cd. Então hoje o sucesso e as mudanças das bandas é devido a isso: à procura, cachês supervalorizados e merecidos, diga-se de passagem, porque quem faz, quem fez o arrocha crescer, principalmente as bandas aqui sofreu muito, sofreu com o preconceito, sofreu com a discriminação, sofreu com as dificuldades que era você enfrentar grandes palcos com estrutura pequena, então hoje são todos merecedores. E essa mudança, eu acho que tem sempre a crescer ainda mais no mercado. Hoje tem bandas, por exemplo, de arrochadeira, teve recentemente, eu sempre cito ela, que teve recentemente, se eu não me engano a banda Luxúria que gravou um dvd em Brasília, se eu não me engano, num estádio que foi construído pra Copa do Mundo, e dividiu palco com Henrique e Juliano, por exemplo. E hoje Henrique e Juliano é uma das principais vertentes da música sertaneja, uma das principais bandas que arrastam multidões. Então por aí a gente já tira

mais ou menos e compara o momento do arrochadeira e das estruturas de banda com as demais.

D- Entendi. Como você falou dos cantores sertanejos, de levar mais pro sudeste e etc... queria retomar um pouco sobre o que a gente conversou, que você falou da importância do ritmo pra cultura nordestina. Queria que você comentasse um pouco mais sobre isso, o que é que você acha dessa representatividade, dessa possível representatividade que o arrocha possa ter pra cultura nordestina.

J- Eu acho que o arrocha, na minha humilde opinião como divulgador do Portal do Arrocha, como músico, cantor do ritmo também, do movimento, eu acho que ele não chega nem perto da riqueza que é, por exemplo, a música de forró que tem Luiz Gonzaga como grande mestre. Eu acho que não chega perto em termos de cultura, só que diga-se de passagem que é um ritmo que nasceu na Bahia mas que hoje vê, leva a alegria, leva o romantismo e agora, principalmente com essa sofrência, pra criar uma identidade do ritmo pra todo o Brasil. Então a partir do momento que tem algo no nordeste que apesar de não ter, por exemplo, uma vestimenta como a maioria das bandas de forró – eu falo forró pé-de-serra, que hoje também até o forró tá um pouco mais elitizado em relação às bandas de antigamente – mas não tem uma, o arrocha por exemplo não tem uma vestimenta hoje, hoje não tem uma vestimenta que identifica o ritmo, ou seja, não é um ritmo rico em cultura e nem aborda letras que valorizam a cultura nordestina, diga-se de passagem. Mas por ser um ritmo nordestino, então a gente tem que valorizar e tem que sempre bater palmas porque tudo que cresce no nordeste, que leva no caso uma alegria – que não deixa de ser uma alegria – pra o povo brasileiro, pra todas as regiões, a gente tem que aplaudir.

D- Entendi. Então voltando aqui à conversa, queria saber um pouco também sobre a sua opinião com relação a... a gente já falou sobre discriminação e de certa forma leva também ao preconceito. Então queria saber um pouco da sua opinião sobre o preconceito que talvez o arrocha possa passar hoje em dia ou que já passou. Na outra conversa que a gente teve, você comentou que não era um preconceito claro, mas uma certa rejeição. Como é que você enxerga isso?

J- Eu acho que existem dois tipos de preconceitos: o preconceito em relação à estrutura da banda, porque a gente costuma dizer que um teclado hoje pra bandas de arrocha é uma banda, né? Então a gente já vê o preconceito daí de... a gente passa muito – eu

falando do lado músico, né? – a gente passa muito por isso quando o povo fala: “Ah, mas é banda de teclado, é? Tem que botar uma banda”. Então não é porque é banda um ritmo eletrônico que não deixa de ser também uma música, né? E o preconceito em relação ao ritmo é mais devido às escolhas da banda de não priorizarem a criação de músicas próprias, muitas bandas copiam, colocam no repertório músicas da mpb, músicas sertanejas. Então a gente, querendo ou não, dá um motivo pra sofrer um preconceito, musicalmente falando. A partir do momento que a gente não tem bandas – eu trabalho no Portal do Arrocha há 6 anos com divulgação e por minha mão assim, quando a gente postou pra postagem de material, chegou dois ou três ou estourando quatro discos, quatro álbuns com músicas totalmente, 100% autorais. Então isso é muito pouco pra um site, por exemplo, que trabalha com mais de 500 bandas, só aí a gente tem um sinal de alerta, porque a partir do momento que a gente não trabalha músicas nossas, músicas próprias, a gente dá motivo pra sofrer o preconceito também de quem entende de música e de quem acha que entende, né? Mas hoje o preconceito existe em todas as áreas, hoje a gente vê até a questão do rock: tem pessoas que se vestem de preto e tal, de.. com as vestimentas características do rock e elas sofrem preconceito. A mesma coisa os rockeiros que tem preconceito com qualquer outro tipo de música. Então hoje a questão da música, por você não gostar daquele ritmo, você querendo ou não, tem um certo tipo de preconceito. Então eu acho assim, o preconceito ele existe de várias formas, não só em relação ao arrocha, mas tem que existir um respeito. Tem que existir um respeito em relação a um ritmo que nasceu aqui na Bahia, que hoje é um ritmo nordestino, então a gente tem que respeitar, tem que... mesmo que a pessoa não curta, mas não difama, não digamos assim, rebaixe um ritmo que nasceu aqui no Nordeste e que hoje ta crescendo em todo o Brasil.

D- Entendi. Então de certa forma você atribui uma parte do preconceito que o arrocha sofre por questões de gosto?

J-É, como todo ritmo, né Day. Eu acho que todo ritmo existe um certo tipo de preconceito. E também, voltando ao assunto, da questão de ter nascido - isso no passado, lógico, que isso não tem nada a ver com a história atual do arrocha – mas por ter nascido em uma região e ter crescido com adeptos de uma classe mais inferior do que as demais.

D- Entendi. Em outras conversas, com algumas outras pessoas, sobre o arrocha, eu ouvi uma pessoa dizer que Pablo não seria mais, talvez não seja mais arrocha. Você concorda com essa afirmação ou não? O que você acha sobre isso?

J- Olhe... ele sempre vai ser arrocha. Eu não concordo com isso, mas eu particularmente falando, a gente fica um pouco triste – não é triste de uma tristeeza grande, é só lamento mesmo, de lamentar – pela questão de Pablo, por ser um dos idealizadores, de criar o ritmo, levantar o movimento arrocha e hoje não fazer como, por exemplo, há 5, 7 anos atrás ele fazia em relação à banda. Até a questão do teclado mesmo, hoje Pablo não usa teclado. A gente lamenta, mas não acha ruim. Eu particularmente não acho ruim, porque assim, Day, hoje todos os ritmos eles sofrem alterações de estruturamento, de até de musicalidade falando. Você vê a música sertaneja, se você for comparar ao sertanejo raiz com o sertanejo hoje, tá totalmente diferente, mas isso não quer dizer que o sertanejo de antigamente tenha sido esquecido. Lógico que ele sai um pouco da mídia, mas tem artistas que ainda trazem essa bandeira. O próprio Zezé de Camargo mesmo, e Luciano hoje eles se adequaram ao estilo de música atual da música sertaneja. Se você vê um cd de Zezé de Camargo e Luciano antigamente é totalmente diferente do atual. Hoje tá mais com a cara dessa galera jovem, como Luan Santana, Gustavo Lima, ou seja, todo ritmo passa por isso. Aqui falando mais próximo, no Pará, tem um ritmo, se eu não me engano é o tecnobrega, que é um ritmo também eletrônico, como o arrocha é, um ritmo eletrônico, só que também passou por estruturação, mudanças de banda. Ou seja, o arrocha querendo ou não, tava sujeito a sofrer essa mudança também. E com, eu lembro que quando Pablo mudou, a primeira mudança de Pablo... você é música também, você vai entender... quando foi gravar o primeiro dvd dele da carreira solo em Salvador e eles firmaram uma, foi quando eles firmaram o contrato com a Som Livre, que teve participação de Claudia Leitte, aquele cantor do Araketu, se eu não me engano é Tatau, o nome do Araketu. E ali eles já começaram a moldar, a mudar, no caso moldar e mudar, né.. a banda de Pablo, a essência do que tocava. E ali colocou um baixo, um contrabaixo, instrumento que não precisava porque o teclado já fazia o baixo, o som do contrabaixo, mas colocaram o contrabaixo pra dar mais charme à banda. E logo depois começaram a implantar a banda bateria, percussão e hoje tá uma banda completa. E isso vai e já virou tendência, hoje Tayrone Cygano é banda com bateria, tem arranjos mais elaborados; o próprio Silvano Salles que muitos diziam que nunca ia mudar seu estilo,

porque Silvano Salles ele sempre usou o estilo de teclado que dificilmente uma banda chegaria perto daquele som que ele fazia no teclado, as viradas, os ritmos, os arranjos. E até Silvano Salles hoje, ele faz um som com a banda, percussão, bateria e eu até em conversa com a equipe dele, músicos e produção, eles disseram pra mim: “Juninho, a banda hoje a gente mudou, colocou bateria, percussão, tudo completo, só que no cd vai permanecer o teclado”. Então, eles também se preocuparam com a questão da mídia, porque sabem que toda mudança é boa, mas corre seus riscos. Tayrone Cygano é um outro grande exemplo. Tayrone Cygano passou um tempo muito bom na mídia, há alguns anos atrás, todo show que fazia tinha muitos públicos, até em Aracaju, eu acho que ele até chegou a gravar um dvd aí pra uma multidão. Eu não lembro o local exatamente mas é há um tempo atrás. E quando Tayrone resolveu mudar pra banda, que gravou se eu não me engano com o Portal do Arrocha a gente postou, lançou uns 3 ou 4 cds com banda. E nenhum dos 4 cds fez um pouco do sucesso que os outros fizeram quando era banda de teclado. Então Tayrone começou a ser um pouco esquecido da mídia. É lógico que tem o nome no mercado, tinha o nome no mercado, tinha seus shows agendados, mas não tinha um nome forte na mídia como outros naquele momento tinham. E agora, recentemente, Tayrone Cygano voltou a gravar um cd com teclado, com a essência do arrocha e foi aí que Tayrone começou a descontar no mercado. Hoje Tayrone é uma das bandas que mais tocam, que mais rentabilizam sua banda, produção e tal com os shows na região e hoje é aquilo que até os outros músicos do outro cantor, Silvano Salles, falaram: ao vivo vai ser com banda mas o cd vai ser no teclado. Por quê? Porque hoje uma banda, eu já tive oportunidade várias vezes de acompanhar um show de Tayrone Cygano, que é o artista que eu tô falando aqui de exemplo, de perto, com banda. É um show lindo, é um show mais harmonioso, tem mais liberdade pra fazer arranjos de músicas, coisa que com o teclado infelizmente a banda fica um pouco limitada, por ser um ritmo eletrônico que não muda muito, então o show é muito mais complexo, mais completo. Então, hoje essa mudança de ritmo, é tudo uma atualização, uma forma que as bandas encontraram de enriquecer o próprio ritmo de arrocha. Mas, respondendo sua pergunta, eu acho que Pablo ele ainda é arrocha, mas já ouvi conversas nos bastidores que Pablo, ele tinha vontade de cantar música sertaneja. Aí no dia que Pablo lançar um cd que não seja tudo em ritmo de arrocha, como foi esse último, que tiver alguma pegada ou alguma música em ritmo

sertanejo, como aconteceu com o cantor Leo Magalhães, aí sim o pessoal pode falar que Pablo não pertence mais ao arrocha, e sim a música sertaneja, que é um grande desejo dele, que a gente já ouviu nos bastidores. Só que ainda hoje eu creio que ainda é arrocha.

D- Entendi. Você acha que hoje em dia ainda acontece a questão que você comentou na última conversa sobre algumas pessoas no começo do arrocha gritar: “tira esse som daí! Esse som não presta!”. Você acha que ainda acontece com quem coloca um som de arrocha pra tocar em público?

J- Eu creio que aconteça, mas aconteça bem menos. Acho que hoje é um ritmo bastante bem aceito pela, por quem ta curtindo o som em qualquer lugar. Então acho que hoje acontece bem menos.

D- Só pra gente finalizar aqui, tem uma parte da nossa última conversa, quando eu fui aí em Feira de Santana, que é quando você comentou sobre o arrocha ter sido disseminado pro país inteiro, que ele só tende a crescer e que ele é importante pra cultura nordestina e que, de certa forma, ele também levava... aí você falou, não sei se a palavra certa seria favela. Queria que você comentasse um pouco sobre isso, do arrocha ter essa possibilidade de levar não sei se a cultura da favela ou se a representatividade da favela pra o restante do país.

J- Isso. Hoje é muito difícil dizer assim: o arrocha leva a favela consigo, entendeu? Porque é muito diferente de outros ritmos que tocam em letras, que falam da favela, falam da dificuldade, da superação de quem vive em favela. E o arrocha não faz isso. Eu acho que o arrocha, ele leva a simplicidade e hoje a característica principal do arrocha é o romantismo. Hoje existem três tipos de arrocha, né.. que a gente define como arrocha romântico, arrochadeira – que é a mistura do arrocha romântico com o pagode baiano - e o arrocha universitário – que é o arrocha justamente como Pablo, Silvano Salles e Tayrone é com banda, com arranjos mais elaborados. Mas por o arrocha não criar letras em relação à favela e não caracterizar com isso, eu acho que hoje não é um ritmo que leva a favela consigo, diferente de letras como o rap, como o funk, como até o pagode baiano, como existem muitas bandas hoje que a maioria dos cantores vem de comunidades, de favela e que eles sempre tentam representar, sempre tentam levar em letras, em melodias os seus costumes, o dia a dia da favela. O arrocha não faz isso hoje, o arrocha muito pelo contrário, o arrocha hoje se tornou um ritmo, em várias regiões,

bastante elitizado, tanto o arrocha romântico e principalmente a arrochadeira que sempre tá batendo na tecla de ostentação, de riquezas, até mesmo de bandas que tocam nesse assunto e até mesmo não tem essa riqueza toda mas fazem questão de tocar nesse assunto por ser um momento de alta do ritmo. Mas em relação à favela, eu acho que hoje não demonstra muito isso no ritmo, que é uma infelicidade, porque eu acho que todo ritmo quando preza a sua origem, quando preza os seus costumes, do público que lançou seu ritmo, como acontece com outros ritmos brasileiros, é sempre bom de ouvir, é sempre bom de ver.

D- Agora de fato pra encerrar, você tocou no assunto da relação com o funk, então eu queria retomar isso pra poder a gente encerrar e sobre as questões das variações do arrocha. E o arrocha ostentação talvez tenha tido influência do funk ostentação, acredito. Então queria que você comentasse um pouco sobre essa aproximação, não sei, essa aproximação ou semelhança entre o arrocha e o funk.

J- No início, já tinha a comparação com o funk por ser um ritmo que nasceu exclusivamente de um setor mais carente da sociedade, que tinham como adeptos a própria região ali que aconteceu o crescimento do ritmo, então desde o início já tinham comparações. E agora recente, as comparações é justamente pelas bandas de arrochadeira fazerem músicas, fazerem letras que levam à ostentação que é uma das principais características atuais do funk. Eu, particularmente, não acompanho muito o funk, mas a gente sempre vê em tvs, alguns vídeos, internet que eles sempre ostentam dinheiro, riqueza, então a arrochadeira também foi por esse caminho. E até algumas bandas de arrochadeira fala que chamam a arrochadeira de arrocha ostentação, veio devido a esse momento do funk, funk de ostentação, que o pessoal lá na região deles – não só da região deles, mas no Brasil – gostavam muito, e que trouxeram isso também um pouco pra arrochadeira. Então as comparações tem no passado e tem também no presente em relação aos arranjos das bandas.

D- Então, de certa forma, apesar de ritmos diferentes, o arrocha e o funk tem uma certa ligação. Você acha?

J- Total. Acho que total. Por serem ritmos eletrônicos, que o funk também tocou nas comunidades, tem aquela questão de ser um ritmo eletrônico, que não precisavam de muita estrutura de banda e também pela questão de as principais bandas dos ritmos, tanto do arrocha como do funk, serem mais estruturadas. Por exemplo, essas bandas

como Anitta, acho que o cantor – esqueci o nome dele, acho que é Naldo, né? - cantor Naldo, eles vieram do funk, só que com arranjos, com bandas, bateria, justamente como acontece com Pablo, como acontece com Tayrone Cygano. Então, tudo se... é uma semelhança distante, lógico, mas ao mesmo tempo próxima que levam com que os ritmos por serem de regiões totalmente distintas, façam com que eles sempre se assemelhem em relação ao crescimento, em relação à estrutura da banda. E hoje, diga-se de passagem, são ritmos muito queridos não só nas regiões que foram criadas como em todo o Brasil.

D- Muito obrigada, viu, Juninho?

J- Day, tu vai querer falar alguma coisa do site, que a gente tocou bem na questão do arrocha, mas se você quiser falar em relação ao site também que você queira, a gente tira algumas dúvidas. Não que seja longo, mas querendo ou não aproveita e já é uma boa pra divulgar a questão do site.

D- Então, se você quiser comentar um pouco sobre o site... como foi pra você a descrição? Se você pesquisou antes ou se foi de uma vivência sua colocar o histórico do arrocha no site. Quer dizer, o histórico não, o conceito do arrocha no site, quando você coloca: o que é o arrocha? Tem um tópico no site – Portal do arrocha... então queria que você comentasse um pouco sobre isso.

J- É isso, porque quando a gente começou o site... o site hoje tem 6 anos de mercado, que é um período recente só que também tem uma bagagem, por ser o primeiro site de arrocha no mercado. Um site de divulgação, que envolve hoje mais de 500 bandas, que envolve uma imensa quantidade de cds disponíveis gratuitamente pra o público, não só na região da Bahia, mas como em todas as regiões do Brasil. E por ser um site que a gente sempre preza a questão do fortalecimento do movimento arrocha, dando oportunidades pra bandas não só de grande, mas de pequeno porte, a gente também tinha que levar pra o público que, no caso, acessava o site pra tirar uma dúvida, pra conhecer um pouco mais o ritmo. Como muita gente acessa, também é um pouco de informação, também é pra mostrar num breve texto, se não me engano, que tá lá. Já tá até há algum tempo lá, a gente até precisa dar uma atualizada no texto, mas que tá um breve texto, mais ou menos pra o pessoal ter uma noção de como começou o arrocha, o que era o arrocha, não só escutar, mas também ter a oportunidade de ler. Porque todo ritmo hoje você só conhece quando você escuta, né? Mas também é bom ter um certo

tipo de informação e diga-se de passagem, hoje é um site que trabalha com as principais bandas do ritmo. A gente chega a quase 40 milhões de acessos, então, não só é acessado por todas as regiões do Brasil, mas como por vários países, que a gente tem registro aqui de acesso não só de pessoas de fora, mas como brasileiros que vai pra fora, pra arriscar ou trabalhar em outros países que matam a saudade do ritmo escutando o site. Aqui no Brasil também, por exemplo, por ser um ritmo baiano, nordestino, muitos baianos, muitos nordestinos que gostam do ritmo aqui e que vai aventurar, por exemplo, uma vida em São Paulo de trabalho, eles sempre escutam, sempre acessam o site pra matar a saudade, pra recordar. Então a gente sempre tem um registro de mensagens que chegam pra gente, parabenizando o site, graças a Deus é um site que foi muito assim, positivo em relação a ideia que a gente buscava, que inicialmente não era uma ideia grandiosa como é hoje o site. Lógico que a gente começou com a intenção de compartilhar só os arquivos entre alguns amigos que eu tinha, eu tinha algum conhecimento em relação à criação e desenvolvimento de página, e a gente aplicou, mas não tinha essa intenção de atingir a tanta gente, a tanta... a um público tão grande como atinge hoje. Hoje a gente tem ferramentas como a rádio online, que traz convidados, traz bandas que a gente sempre ta abordando o assunto do arrocha, pergunta aos cantores o que eles acham de participarem, de fortalecer o movimento arrocha, de representar o movimento arrocha nas regiões que tocam, ou seja, a gente sempre tem a preocupação de sempre ta tocando na tecla do movimento arrocha, que é um ritmo baiano, não só baiano, mas como nordestino e brasileiro. Então que sempre precisa de um carinho, sempre precisa de uma atenção, sempre precisa de uma divulgação para as pessoas que não conhecem o ritmo passarem a conhecerem e para as pessoas que conhecem o ritmo, terem sempre material, terem sempre conteúdo pra ta sempre acompanhando as novas e grandes bandas do movimento.

D- Entendi. Então parabéns, Juninho, por ter essa iniciativa de divulgar e fortalecer o arrocha e muito obrigada por estar me ajudando nessa pesquisa e por ter se disponibilizado pra engrandecer e somar na pesquisa que eu tô fazendo sobre o arrocha.

J- Eu que agradeço, Day. E parabenizo de novo, né... novamente, por querer abordar esse tema. Eu acho que você até, por sinal, por ser sergipana, hoje o arrocha também eu acredito que respira muito forte aí no estado de Sergipe, mas por ser sergipana, aí que merece ainda mais palmas, porque mostra que tem uma preocupação também com os

assuntos não só baianos ou sergipanos, mas como nordestinos, que a gente sempre ta tocando nessa tecla, porque a gente tem que sempre valorizar o que vem do nordeste, não só a música, mas como a cultura, os costumes. Então, parabéns a você, que Deus abençoe, e precisando estou aqui. Valeu, Day!

APÊNDICE C – DIÁRIO DE CAMPO

DIÁRIO DE CAMPO – ARROCHA VIP

A festa Arrocha Vip teve a sua estrutura montada no mercado municipal de Aracaju, na mesma praça de eventos onde ocorrem os maiores festejos juninos da capital. A festa teve o público dividido entre pista, área vip e camarote. No camarote aconteciam shows de outras bandas, nos intervalos das bandas atrações da festa, dentre as atrações estavam as bandas: Ponney do Arrocha, Alma Gêmea, Rafael Gonçalves e Pablo do Arrocha. Dentro do camarote, os shows foram com a banda Forró dos Vip's e banda X-10.

Fui ao show, sozinha chegando aproximadamente às 21h30 da noite, eu ainda não havia comprado o ingresso da festa, os quais tinham os preços variados entre 30 reais e 70 reais se fossem comprados de forma antecipada, porém, não consegui adquirir o ingresso dessa forma, pois os ingressos do camarote já estavam esgotados nos pontos de venda.

Ao chegar ao local da festa, passei mais ou menos uma hora caminhando entre as barraquinhas de drinks, carrinhos de cachorro quente e espetinhos, observando o movimento daquele lugar. Com um gravador de voz dentro da bolsa, eu procurava atentamente alguém que pudesse demonstrar o mínimo de disponibilidade para que eu pudesse puxar uma conversa, mas até ali, não foi possível. Depois de muito tempo sozinha, vi de longe uma pessoa conhecida, nos cumprimentamos, e a mesma de forma curiosa me perguntou: Veio sozinha? E eu respondi: isso, fazendo pesquisa...

Passei mais uma hora caminhando pelos arredores da festa, observando e captando mesas que vendiam whisky, bebidas caras, pessoas vendendo copos personalizados com a foto de Pablo e o nome de outros artistas de forró ou arrocha. É importante lembrar, que a festa já estava acontecendo, porém, o artista principal da festa, Pablo do Arrocha, só iniciaria o show a partir de 1h30 da manhã.

Naquela movimentação na porta da festa, visualizei alguns homens vendendo ingressos, e como o meu interesse era pelos ingressos do camarote, já que era o único ingresso que me daria acesso aos outros ambientes da festa, atrás dele eu fui. Com muita dificuldade, encontrei apenas ingressos da área vip custando 60 reais, e eu, com medo de não conseguir ingresso algum para o show, decidi comprar aquele mesmo. Continuei então a caminhar e observar o movimento dali, era possível perceber uma diversidade de público, dentre adolescentes e pessoas idosas, travestis também ocupavam aquele espaço. Em meio aos sons de carro e o som da festa que já estava rolando, era fácil ouvir as frases: “ô sofrência” e “arrocha”. As barracas de drinks eram super movimentadas e as pessoas não paravam de chegar. Foi fácil perceber que a grande maioria que ali estava era de origem humilde, pelas vestes ou até pelo jeito simples de falar, de se apoiar frente a um carrinho de espetinhos segurando uma lata de cerveja ou comprando uma dose de whisky ou de vodka na mesa informal de um autônomo. Mulheres com faixas no cabelo estampando o nome “PABLO”, um vendedor informal vendendo flores artificiais e corações de feltro dentro de um balde, catadores de latinha de todas as idades, embriagados deitados no chão e casais dançando.

Passou um homem vendendo ingressos e anunciando em voz alta: “CAMAROTE...CAMAROTE, ÁREA VIP...”, fui até ele e falei: “moço, quanto tá? Eu acabei de comprar o ingresso da área vip por 60, o senhor pode me dar o do camarote e eu te dar a diferença?”. O vendedor relutou e só aceitou fazer a troca comigo se eu desse a ele 30 reais de diferença junto com o ingresso da área vip que custou 60 reais para que eu tivesse acesso ao ingresso do camarote. Tive o gasto de R\$ 90,00 para ter acesso ao camarote do show. Quando fui tentar entrar na festa, fui informada que a entrada do camarote não era por ali, que daquele lado só entrariam as pessoas que compraram os ingressos da pista ou da área vip, sendo então necessário que eu desse a volta por toda a estrutura da festa para ir para a avenida na qual se encontrava a entrada do camarote e

da área vip. Como eu estava sozinha, temi pela minha segurança e hesitei ir sozinha para outra rua.

Depois de mais um tempo sozinha, fui flertada por um rapaz que me pediu um gole da água que eu estava tomando. Dei a água, ele se aproximou, nos apresentamos e ele perguntou o motivo de eu estar sozinha ali. Expliquei que eu estava fazendo uma observação, uma pesquisa para o mestrado sobre o arrocha e de prontidão ele começou a falar que gostava de todos os tipos de música, mas que gostava muito de dançar arrocha. Trabalhador na área de cozinha industrial, R. disse ser morador da Sta Gleide. R. me apresentou aos amigos dele que hora ou outra apareciam no local. Educado e solícito, R. sempre perguntava se eu queria alguma coisa, afirmando que para eu entender o arrocha não adiantava eu apenas ouvir, tinha que sentir na pele, insistindo para que eu dançasse com ele. Desviando das investidas de R. eu mantive o olhar de pesquisa na situação. Começou a chover no local e R., conhecido do dono de uma barraca de drinks, convidou eu e o amigo dele para que ficássemos dentro da barraca até que a chuva passasse. Aceitamos o convite e ganhamos bebidas de R. que sempre falava em ostentação, em valorizar e correr atrás do que se quer, um rapaz aparentemente simples, com tatuagens pelo corpo e uma que continha o seu próprio nome no pescoço, seguido de um “R\$”. Ele abria a sua carteira e mostrava as notas de 50 e 100 reais que “recheavam” o seu bolso. Dançava e segurava um leque de notas altas de reais e dizia: “já gastei mais de 120.000 só em farrá”; “já joguei 40.000 reais no chão, mas são meus, quem quiser que pegue!” - ameaçava R., insinuando que poderia fazer o mesmo ali naquele momento.

O tempo foi passando e eu pedi que R. e o seu amigo me levassem até a entrada do camarote, pois eu não me sentia segura para ir sozinha até a outra rua, e eles disseram que fariam isso quando eu quisesse, mas nesse tempo, uma conhecida que eu havia cumprimentado logo quando cheguei a festa, foi até onde eu estava, a qual vou chamar aqui de C., que é uma psicóloga, puxando assunto sobre a pesquisa e afirmando que não tinha vergonha de frequentar shows de arrocha, mas se chateava por nunca conseguir companhia para os mesmos, e continuou dizendo que gostava da “resenha”, mas que achava bom que o público do arrocha fosse diferente do público dos outros tipos de festa, pois a mesma não gostaria de ter que ficar vendo pessoas daquele tipo em toda festa que fosse, referindo-se ao padrão de beleza daqueles que ali estavam.

Mais tempo se passou, a mesa que vendia as garrafas e doses de whisky e vodka já estava esvaziando e eu permaneci em pé, observando, até que uma moça parou ao meu lado e ao me ver mexendo no celular falou: “vou aproveitar que você teve coragem e vou fazer uma ligação”, referindo-se a suposta coragem que eu tive de mexer no meu celular naquele lugar. Aproveitei a aproximação da moça e após ela terminar a ligação dela, me apresentei e perguntei se ela queria participar da minha pesquisa, conversar um pouco comigo sobre o arrocha para que eu pudesse gravar em áudio. Visivelmente envergonhada, a moça falou que pensaria e em aproximadamente 5 minutos saiu de perto e eu a perdi de vista. Após esse fato, preferi então esquecer da ideia de tentar gravar alguma conversa e me detive a vivenciar aquela situação de forma mais natural.

A festa acontecendo, R. já havia consumido bastante bebida alcoólica e em uma conversa informal entre eu, ele e o amigo dele, o qual chamarei aqui de RD., R. recebeu uma ligação e falou que quatro amigos dele estavam a caminho, mas ele não queria encontrar com os mesmos, pois da última festa que foram juntos, quase mataram um rapaz que “mexeu” com R., só não o mataram por interferência dele, afirmou. Após essa afirmação de R., o seu amigo RD. perguntou: “Você é de briga é rapaz?”, e então R. disse que não, que quando alguém o incomoda, ou ele mata, ou ele manda matar. Desconcertado, R.D. exclamou: “beba menos”, soltando risos para descontrair o clima. R. por diversas vezes chamou R.D. de careta e afirmava não gostar de andar com gente que não gosta de beber.

Comecei a perceber a movimentação do público, pois o show de Pablo já estava prestes a começar, foi então que C. se ofereceu para me acompanhar até a avenida para que eu pudesse entrar no camarote. Percebi que os rapazes não estavam com muita vontade de me levar até lá e aceitei o convite de C. que afirmou que já estava indo embora, pois já havia vendido o seu ingresso da pista por 30 reais e não pagaria mais que isso para tê-lo de volta. Me despedi do pessoal e fui para a área interna do show, fiquei na frente do palco durante o show de Pablo e observei os fãs cantando junto todas as músicas do cantor, muitos desacompanhados, outros abraçados com alguém, presentes lançados e entregues ao cantor, “selfies” a cada minuto, retribuições e agradecimentos do cantor para com o público.

No camarote, assim como em todas as partes do show, o público se mostrava heterogêneo, mas só ali foi possível ver figuras públicas do Estado, como por exemplo,

políticos. Daquele lugar dava para ver a pista, a qual não tive acesso, mas pude observar e tirar algumas fotos daquele local onde as pessoas dançavam, conversavam, bebiam... O vendedor de flores e corações já estava com o seu balde quase vazio, alguns homens dançavam de forma sensual para umas mulheres que estavam ao meu lado no camarote, um grupo de mulheres dançavam entre elas, e duas dessas, pareciam ser um casal homoafetivo, discutiram e se reconciliaram por ali mesmo, aparentemente.

O show de Pablo acabou e começou o show da banda Forró dos Vips dentro do camarote, a qual mesclava no seu repertório músicas próprias, músicas de outras bandas de forró, de bandas de arrocha e músicas de funk, porém em ritmo de forró, o que não impediu o público de dançarem de forma bastante semelhante aos dançarinos de funk, músicas de duplo sentido e coreografias com movimentos pélvicos totalmente valorizados. Ali também estava o vendedor de flores artificiais e corações de feltro com as últimas unidades da sua mercadoria. Já estava prestes a dar mais de 04h da manhã e já iniciava o show da última banda, a banda Alma Gêmea, do camarote avistei uma briga entre pessoas da área vip e pessoas da pista, mas não tive como obter mais detalhes sobre. Passou pouco tempo e a maioria das pessoas começaram a ir embora, e como eu estava sozinha, preferi ir embora antes de acabar a última banda.

APÊNDICE D – FOTOGRAFIAS

Imagem – Vista panorâmica da cidade de Candeias/BA



Fonte: Imagem retirada da internet

Imagem: Compilação dos fatos em Candeias/BA



Fonte: Próprio Autor

Imagem: Show de Pablo no Arrocha Vip – Aracaju/SE



Fonte: próprio autor

Imagem: Comércio informal de bebida alcóolica – lado externo do Arrocha Vip



Fonte: Próprio autor

Imagem: Festeiros na área externa do Arrocha Vip – Aracaju/SE



Fonte: Próprio autor

Imagem: Vendedor de flores no Arrocha Vip – Aracaju/SE



Fonte: Próprio autor

Imagem: Catador de latinhas nno Arrocha Vip – Aracaju/SE



Fonte: Próprio Autor

Imagem: Visão geral da festa Arrocha Vip – Aracaju/SE



Fonte: Próprio Autor

Imagem: Flyer de divulgação da gravação do DVD de Raquel dos Teclados



Fonte: Disponível na internet.

Imagem: Show de gravação do DVD – Raquel dos Teclados em N. Sra. Do Socorro/SE



Fonte: Disponível na internet

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO DISPONIBILIZADO NA INTERNET

O Arrocha

Oi, pessoal!

Estou pesquisando sobre o Arrocha e busco compreender alguns aspectos sobre o ritmo e o seu público. Sou aluna da Universidade Federal de Sergipe e faço parte do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social desta Universidade. Com este questionário busco compreender e identificar melhor o público do arrocha. A sua participação é fundamental para me ajudar a identificar e "mapear" o público do arrocha e as possíveis representações do ritmo na sociedade.

Inicialmente, para me ajudar a "mapear" o público do arrocha, gostaria de saber de você, algumas informações pessoais. NÃO NECESSITA INFORMAR O SEU NOME, informe apenas o que for solicitado.

Desde já, agradeço a sua colaboração.

Abraços!

Dayanne Souza Figueiredo

Qual é a sua idade?

Qual o seu sexo? (Masculino / Feminino)

Qual a sua profissão?

Em qual bairro e em qual cidade você mora?

Você se considera fã do arrocha? Se sim, por quê?

Com que frequência você escuta músicas de arrocha?

O que você sabe sobre a história do arrocha?

Fale um pouco sobre o que você sabe da história do ritmo.

O que te faz gostar e ouvir o ritmo arrocha?

Você vai aos shows de arrocha? Se sim, como são essas festas para você? Se não, o que te faz não ir aos shows do ritmo?

Como você enxerga a relação do ritmo Arrocha com a palavra “sofrência”?

Leia o texto abaixo:

No site “Portal do Arrocha”, considerado o maior site de acervo audiovisual do Arrocha, no espaço da conceituação do ritmo, podemos ler o seguinte texto:

“...O estilo conquistou público de classes sociais variadas, adolescentes, jovens e pessoas de mais idade. Trata-se de um movimento social focado nas classes inferiores. Assim como no Rio, os bailes de Arrocha acontecem geralmente em clubes sociais de bairros mais humildes de Salvador e das cidades do interior da Bahia e de outros estados do nordeste. Atualmente esse movimento começa a se espalhar também para o centro-sul do Brasil. Por tratar-se de um estilo musical apreciado pela população da periferia, começou logo a ser recriminado pela parte elitizada da sociedade, que marginalizou o Arrocha rebaixando o ritmo/movimento restrito ao povo “ignorante das feiras populares”. Esse foi o começo do Arrocha... Hoje, assim também como o Funk no Rio, o Arrocha já conseguiu mais espaço na mídia e vem ganhando mais adeptos em outras classes sociais principalmente por se tratar de um produto que vende e que faz muito sucesso.” (<http://www.portaldoarrocha.com.br>)

O que você acha sobre a comparação entre o Funk e o Arrocha?

Existe preconceito contra o arrocha? Se sim, de que forma isso aparece?

APÊNDICE E.1 - RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO:

Qual é a sua idade?	Qual o seu sexo?	Qual a sua profissão?
19 anos.	Feminino.	Estudante.
24	Feminino	Psicóloga
24	Feminino	Psicóloga
21	Feminino.	Estudante.

29	Feminino	Soldadora
31	Feminino	Estudante
28	Masculino	Funcionário Público
25 anos	Feminino	Estudante
33 anos	Feminino	Estudante
25	feminino	psicologa
25	feminino	enfermeira
15	masculino	Estudante
25	feminino	enfermeira
24	Feminino	Professora
15	feminino	estudante
21.	Masculino.	Estudante
35	Feminino	Domestica
22	Feminino	Estudante
19	Feminino	Estudante
25	Feminino	Psicologa
18 anos	masculino	so estudo o ensino fudamental
25	Feminino	Bióloga
33	Masculino	designer
27	Masculino	Engenheiro eletricista
23 anos	feminino	Estudante
18	masculino	
31	feminino	professora
32	Feminino	Fisioterapeuta/professora universitária
20	M	Estudante
47	Feminino	Pedagoga
27 anos	feminina	dona de casa
44	Feminino	Professora

26	masculino	Profissional de Educação Física
20	feminino	Terapeuta Ocupacional
27	Feminino	
50	Feminino	Secretária
28	Feminino	Ass. Administrativo
27	F	Bancária
24	Masculino	Assistente contábil
20 anos	Masculino	Estudante Universitário
40	masculino	compuzitor
25	Masculino	Empreendedor

Em qual bairro e em qual cidade você mora?

Grageru, Aracaju.
Bairro Grageru - Aracaju
Farolândia/Aracaju
Jardins.
Ilhéus Nelson costa
Getúlio Vargas - Aracaju
Farolândia
Planalto Paulista - São Paulo (SP)
Inácio Barbosa / Aracaju
santos dumont- aracaju
pereira lobo, condomínio praias do atlântico
"Cidade: Recife
Bairro: Jordão Alto"
vermelha, Teresina pi
Atalaia, Aracaju
luzia, aracaju
Farolandia Aracaju.
Mosqueiro
Luzia
Aracaju, santos DuPont
Inacio barbosa
"avenida prencipal joão alves
porto da folha"

"avenida prencipal joão alves
porto da folha"
Augusto Franco-Farolandia/Aracaju
siqueira
Grageru, Aracaju-SE
atalaia velha, aracaju
Atalaia, Aracaju
Atalaia, Aracaju
Sao Conrado, Aracaju
Centro Lagarto
alto alegre fortaleza
Santa Lúcia
Bairro Luzia, Aracaju- SE
Centro - Lagarto/SE
Bugio
Aracaju - bairro América
Jaguarari
Núcleo Residencial Pilar - Centro

Você se considera fã do arrocha? Se sim, por quê?
Sim, pois acho um ritmo divertido, que abrange, sem fazer separação.
Não
Gosto do ritmo, mas não me considero fã.
Não.
Sim muito amo de mas amo as música o ritmo e o meu Pablo do arrocha
Não
Não. Porque é um tipo musical de qualidade muito baixa, em termo de letras e músicas.
Não
Não
um pouco. Gosto de alguns cantores e musicas desse ritmo
N me enquadro no perfil de fã necessariamente mais curto de vez enquando, por ser um ritmo as vezes divertido e bem humorado
Não sou fã do arrocha em geral, apenas fã das músicas de Pablo, não escuto músicas de outros cantores do arrocha, mas Pablo eu escuto o dia inteiro, sou fã dele e gosto muito de suas músicas.
Não. .. eu escuto muito...mas posso viver sem.
Sim, as letras das músicas falam de amor, do sofrer que o amor causa nas pessoas. Principalmente Pablo, sou fã. Gosto de música romântica.
eu escuto mas não sou muito fã
Sim. Nordestino que é nordestino se identifica com o estilo de música altamente

regional e cultural.
Sim
Sim, pois as músicas refletem muito a realidade.
Sim, acho um ritmo bom pra dançar
Nao
so pq eu gosto muito do ritmo doarrocha
so pq eu gosto muito do ritmo doarrocha
Não
não
Não
não
não
Não
Nao.
Naaaaaaaaao!
sim por que e um ritmo contagiante que mexe com os sentimentos da gente
Não.
Não.
Não. Porque costumo apreciar todos os estilos sem me apropriar dum só
Nunca
Não
Sim! Porque e contagiante, envolvente e me faz sentir uma sensação boa tipo: "toca no fundo da alma"! Rss'
Sim
Não
Não.
sim mim faz mas feliz
Sim. A primeira banda de arrocha que ouvi, foi a cantora Nara Costta no ano de 2003 e daí me apaixonei pela voz da artista e assim fã do arrocha.

Com que frequência você escuta músicas de arrocha?
Todos os dias.
Todos os dias, através da minha irmã
Todos os dias.
Nenhuma.
Todos os dia e todos as hora
Nenhuma
De minha escolha, nunca.
Esporadicamente
Pouca.
Festas no final de semana

aos finais de semana
Escuto Pablo todo o dia
No mínimo 2x por semana
Quase everyday
2x por mês no maximo
Diariamente.
Todo dia
Em festas, em reuniões sociais com os amigos, às vezes em casa...
Bastante
Raramente
com festas
com festas
2x por semana, sou ouvinte passiva diante de um vizinho que é um verdadeiro fã de arrocha.
4 vezes por semana ou mais
Uma vez no mês ou em quando vou a festas
Apenas quando os vizinhos escutam
apenas em festas e alguns eventos sociais
Só quando vou a algum ambiente onde está tocando arrocha. Posso dizer a cada 15 dias, em média.
Nenhuma.
Nunca!
todo dia so limpo a casa e lavo as loucas escutando pablo
Semanalmente, pois meu vizinho é sem educação e acha que tenho o mesmo gosto musical que ele.
3 vezes por mês.
Por conta própria, nenhuma
Sempre que meus vizinhos me atormentam
Sempre
Frequente!
Sempre que possível
Pouca
Quase todos os dias
todo dia
3 vezes na semana, depende muito do meu humor.

O que você sabe sobre a história do arrocha?

Sobre a história em si, sei pouco, mas o ritmo começou a ganhar mais respeito depois que o cantor Pablo começou com sua carreira solo, sendo conhecido como O Rei do Arrocha.

Tem origem em Candeias, com o cantor Pablo e tem influência do brega e da seresta.

Só sei que surgiu na Bahia, uma variação do forró e do sertanejo, misturada ao rebolado que os baianos gostam. Lembro que comecei a ouvir o arrocha na voz da Nara Costa, mas os bregas que eu ouvia já eram no ritmo do arrocha, só não eram denominados.
Nada.
Sei que e um ritmo dançante
Não sei nada
Tudo que sei é que começou no interior da Bahia.
Não tenho conhecimento sobre a história do ritmo
Nada.
o arrocha se iniciou com o cantor pablo, quando ele ainda cantava em serestas. Apos algum tempo de carreira o mesmo quis dar mais swing ao ritmo e criou o arrocha que nasceu na Bahia, mais especificamente em Candeias
Nada
Sei que é da Bahia, e sei a historia de Pablo, fora isso sou leiga no assunto kkkkk
Não sei nada
O buzz do arrocha ao meu ver começou com Nara costa. Porém sem muito alarde. Mas tarde, o furacão Pablo popularizou o arrocha agregando o estilo Sofrência.
E um ritmo que surgiu na baia
Sei que surgiu com Nara Costa, em Salvador, mas é uma derivação de ritmos como o "brega" e a seresta.
Sei de nada não
Que vêm do brega e dos corações partidos que embalam as serestas.
eu sei quem um ritmo muita jente gosta do arrocha
eu sei quem um ritmo muita jente gosta do arrocha
Não sei nada.
nadinha
Nada, apenas arriscaria dizer que é uma vertente da seresta...
nada
Quase tudo
ixi... sei nada! :/
Não sei
Nada.
Nada!
nao sei nada hovei gostei e pronto
Nada, mas considero uma falta de gosto musical
Não sei.
Sinceramente? Não sei nada.
Deve ter surgido da mente insana de algum corno "desgraçado", que pra se vingar dispersou essa escória pela terra. Ok... peguei pesado, a culpa é dos meus vizinhos. Creio que foi uma mistura do ritmo "Brega" com o "forró eletrônico".
Nada
Que foi uma mistura de ritmos que originou o arrocha!

Surgiu na nossa Bahiaaaa
Nada
É um ritmo bom pra dançar a dois, bem apaixonante. A principio soub que nasceu no Estado da Bahia
arrocha e paixao sentimento faz o homem voltar atraz do seu grande amor
Que ritmo nasceu na cidade de Candeias, por volta do ano 2001. Lá surgiu a primeira banda chamada Asas Livres, sob o comando de Jailton Barbosa e que tinha como vocalista Pablo. Depois veio Nara Costa, Márcio Moreno, Silvano Salles e Tayrone Cigano. No principio o arrocha sofria o preconceito, mas foi devido a um show organizado pela Tv Bahia o famoso "Reino do Arrocha", que lotou o Parque de Exposições. Acredito que a partir daí o ritmo passou a ser abraçado pela grande mídia.

O que te faz gostar e ouvir o ritmo arrocha?
Sobre a história em si, sei pouco, mas o ritmo começou a ganhar mais respeito depois que o cantor Pablo começou com sua carreira solo, sendo conhecido como O Rei do Arrocha.
Em festas, isso se torna divertido. A dança e a "sofrência" contagiante são peculiares e engraçadas.
O próprio ritmo em si, a possibilidade de dançar sozinha ou acompanhada e a irreverência das letras, além da sofrência que, hoje em dia, é cômica.
Não costumo ouvir.
Tudo na minha vida
Nada me faz gostar e ouvir, acho bizzaro
Insanidade
Ouvir: Festas, comemorações em que terceiros colocam para tocar. Gostar: Nada.
O ritmo
o ritmo de alguns bem humorado e a sensualidade
o que me faz gostar são as músicas do Pablo
as letras das músicas.... pq tem uma letra
É animado e ao mesmo tempo sofredor, vc sente vontade de dançar chorando kkkk
ver o povo sofrer
O ritmo, a proximidade cultural local dos arranjos, toque, e claro, a maneira de dançar altamente NORDESTINA.
A dança e as letras
O ritmo na maioria das vezes é contagiante, algumas letras são engraçadas e me trazem boas recordações de vivências com os amigos.
As letras das musicas
Pessoas que ouvem e eu acabo ouvindo
raquel dos teclados
raquel dos teclados
Não gosto de ouvir, mas na rua e com um pouco de bebida fica mais interessante.

Não gosto, mas os vizinhos escutam quase diariamente... Isso me faz ouvir mesmo sem gostar.
O arrocha é um ritmo divertido para se dançar e as letras melosas às vezes chamam atenção por serem toscas/engraçadas
Não gosto e não escuto por vontade própria.
Letras, ritmo e voz dos cantores
Só escuto arrocha quando estou com amigos, por ser engraçado e levar a várias brincadeiras e piadas
É empolgante, dá vontade de dançar
Nada.
Não gosto
achu que as letras
Eu não suporto arrocha
Festa com amigos
Algumas letras são engraçadas, a dança é legal!
Não gosto.
Ouçó porque não posso evitar.
Acho que a sensação que ela tras!
A simplicidade, a diversão do ritmo
Ouçó apenas quando estou reunido com amigos, tomando cerveja
É GOSTOSO DE OUVIR. UM RITMO MEIO ACUSTICO O QUE MAIS ME AGRADA
a voz da raquel
Pra relaxar ou as vezes tomar uma cerveja.

Você vai aos shows de arrocha? Se sim, como são essas festas para você? Se não, o que te faz não ir aos shows do ritmo?
Vou. Estas festas geralmente têm um público mais humilde, é bem divertido.
Não vou. Algumas músicas são legais, mas em grande quantidade enjoam. A mesma batida o tempo inteiro, mudando só a letra. Acho chato.
Sim. Adoro as festas...dou muita risada.
Não.
Sim vou amo
Não. Porque não gosto deste ritmo
Meu senso estético não permite
Não. Não me identifico com as músicas
Sim. Com pouca frequência, mas vou por que sou convidada por amigos e geralmente são divertidas.
Ja fui para festas que iam tocar bandas de arrocha. Nao vou quando e so de arrocha porque geralmente sao em ambientes de alta periculosidade
Vou, na verdade n vou a shows específicos do arrocha, mais de atrações como o forró e a presença do arrocha acaba sendo secundário e a gnte acaba curtindo

Sim. .. São ótimas
Raramente vou a um show. shows são sempre lotados, na verdade não frequento show de nenhum tipo de música.
ja fui, são boas e engraçadas
Sim. São culturais, agrega valor ao nosso Forró, é divertido e propício a ter a cachaça como companhia.
Não por ser mas a noite e eu tenho filhos pequenos
Já fui em shows de Pablo e de Trio da Huanna (banda regional bem popular no sul da bahia), mas não faço isso com frequência. As festas que fui tinham um caráter diferenciado, pois foi em ocasiões festivas como São João e festas de fim de ano, onde o clima é mais propenso a ser animado.
Não pq a minha mãe não deixa
Não , não curto
eu frequento muito festa de arrocha
eu frequento muito festa de arrocha
Não.
não vou, já basta escutar sempre pela rua
Não...apenas me deparo com o ritmo em festas de aniversários ou eventos do tipo, mas nada grande aberto para o público.
Não costumo ir aos shows por achar que não valha a pena gastar meu dinheiro com isto
Não vou. O que me leva a não ir é o fato de gostar do estilo musical.
Não! Não me atrai musicalmente
Às vezes. É divertido para dançar e cantar junto. E também para me divertir com os amigos.
Nao.
Não vou.
so ainda nao fui por que tenho filhos pequenos mas procuro fica sabendo de tudo sobre o show
Deus me livre dessa hora.
Não. Geralmente a banda de arrocha é secundária. Vou na intenção de outra banda.
Não. Não costumo ir a shows.
Não. Ainda não cheguei no limite da loucura.
Não
Sim! Porque o show ao vivo tras mais emoção!
Sim.... é divertido
Não, estou presente apenas quando a festa tem mais de uma atração, quando a principal não é arrocha
Claro que vou. As festas são bastantes cheias e as pessoas vão pra esse ambiente pra paquera já que o ritmo propor mais ou menos isso.
chego feliz saiu feliz mim faz amar mas minha mulher
Sim. São legais.

Como você enxerga a relação do ritmo Arrocha com a palavra “sofrência”?
Acho que a sofrência pode ser uma "ramificação" do arrocha, mas não um novo ritmo.
A meu ver, "sofrência" foi uma derivação de "sofrimento", ao que as músicas se referem... um termo utilizado mais pra o marketing do que, de fato, pra fazer apologia a algum sentimento negativo.
Acho cômico demais essa sofrência mencionada no arrocha... Arrocha é pra se dançar, curtir, brincar.. Mas tem dado atenção a uma vertente mais sofredora e tem sido bem sucedido porque as pessoas se identificam e começam a curtir sua própria dor.
A relação está nas letras, que em sua maioria, são sobre casos amorosos mal resolvidos.
Sim
Enxergo algo muito bizarro e fútil. Sem conteúdo também.
Total.
A meu ver, a "sofrência" designa uma forma de expressão do ritmo Arrocha
Modismo.
Não uniria essas palavras, já que nem todos os cantores de arrocha cantam a denominada "sofreniac
pela letra das músicas que sempre remete aos amores q de uma certa forma n deram certo
Geralmente os fãs desse ritmo são pessoas que já sofreram por amor (nem todas as pessoas), e tentam afogar as magoas escutando esse ritmo, por isso a relação com a palavra "sofrência"
Pq as músicas só falam de traição troca de amores. .. etc
Totalmente relacionado um com o outro. As músicas do arrocha falam do amor sofrido, de rompimentos, de traição e tudo mais. Isso seria a sofrência.
sofrenia vem de sofrimento e as músicas de arrocha normalmente falam sobre traição ou amor não correspondido
Hoje é praticamente sinônimos.
Pq quem mas curte são pessoas que teve ou tem um amor na vida
Existe uma parte do arrocha que se relaciona bem com o termo, mais especificamente com os derivados da "seresta", mas outra parte do arrocha que se mistura um pouco mais com o pagode e axé não combinam muito com esse nome.
Acho engraçado
O ritmo que embala as dores de cotovelo
e uma musica fala que sempre e verdade
e uma musica fala que sempre e verdade
Acredito que a relação que exista é que as gravações e regravações nesse ritmo sempre estão relacinadas com o tema amor. Geralmente amor perdido, sofrido, bandido...kkkkkk E principalmente pelo cantor Pablo que elevou o ritmo com canções que fazem com que muita gnt lembre dos seus problemas amorosos.
ao meu ver grande parte da população sente a necessidade de rotular e se adaptar a tudo que aparece. Se é moda eu vou ouvir independente do estilo e vou procurar rotular.
Acho coerente
São sinônimos

Arrocha é um gênero romântico da Bahia e sofrência é apenas um termo. Sofrência aplicada na música é toda música romântica, músicas que faz lembrar outras pessoas. Arrocha é o gênero da sofrência pq a maioria das letras falam de desilusões amorosas
arrocha é um ritmo musical que suas letras falam mt sobre sofrimento e decepções amorosas. Deve ser isso
É verdadeira, porque as músicas falam sobre rompimentos amorosos, pessoas que estão sofrendo por amor...
Uma dança melancolica.
Não rxerigo
muito legal
Sufrência de quem tem que ouvir por causa dos outros
Modismo
Haha, é porque muita canção desse ritmo fala de pessoas que se deram mal nos relacionamentos.
Impossível não sofrer quando tenho que ouvir meus vizinhos tocarem em um volume ensurdecedor. Talvez seja isso, ou talvez porque as musicas traz um certo romantismo e geralmente suas letras abordam algum caso de amor que não deu certo.
Não é a mesma coisa?
Uma esta ligada a outra!
Irônico... engraçado
Não vejo nenhuma relação
Por ser um ritmo apaixonante liga-se a sofrência pela falta de um amor ou perda de um. já que algumas pessoas começam a ouvir ou ouvi mais depois de uma decepção amorosa.
so sofre por amor quem nao t dinheiro pra beber
Na verdade sofrência é uma modinha. Pra mim o arrocha é o legítimo romantismo.

O que você acha sobre a comparação entre o Funk e o Arrocha?
Acho uma comparação justa, desde que o parâmetro de comparação seja a classe social de quem aprecia os ritmos.
São dois ritmos bem afins, com características muito semelhantes. Ambos voltados a atender um público considerado "inferior", por conta do padrão econômico desfavorável. E que acabam tomando grandes proporções no país inteiro, por retratar nas letras situações que independem de classe social.
Acho coerente, tendo em vista a semelhança na história dos dois ritmos, apesar da diferença de localidade e cultura onde foram disseminados. Gosto do funk, apesar de que tem apelado muito para o lado sexual e a ostentação. O arrocha é mais brando nesse sentido.
A comparação se dá porque os dois ritmos são populares e nasceram nas periferias, apesar deste ponto de convergência, vejo que há diferenças, o funk nasceu também como um símbolo de resistência nas favelas cariocas, refletindo o dia a dia na comunidade e exaltando os guetos; já o arrocha é o símbolo do romantismo das periferias baianas, com influência dos ritmos bregas e das serestas
Não tem nada a ver oxiiii funk não e música e um safadeza isso sim
Gosto um pouco de funk, quando não leva para o lado bizarro como no arrocha

Se assemelha em alguns aspectos, pela baixa qualidade e grande difusão nas classes mais populares, principalmente.
Vejo como uma consequência da classe de origem, descrito no texto como "classes inferiores".
Pertinente.
So os relacionariam com relação ao ganhar espaço no mercado. O funk, em sua maior parte, continua vulgarizando e denotando baixaria. Já o arrocha em muitas canções fala de assuntos mais aceitáveis e cabíveis
Talvez pela sensualidade
Péssima... o arrocha tem letra... fala de amor... o funk em sua maioria é uma apologia à baixaria.
São ritmos que sofrem o preconceito pela origem pobre. Se é funkeiro ou arrocheiro sempre há um preconceito por ser admirado, em sua maioria, por pessoas de baixa renda.
são muito diferentes
A nível cultural pode ser aceito, porém, o funk utiliza-se de argumentos eróticos, diferente do arrocha.
Válida. Os dois têm tudo a ver.
Ridículo uai, tem nada a ver uma coisa com a outra
Na perspectiva de serem ambos das classes pobres e serem marginalizados sim!
eu acho muito diferente
eu acho muito diferente
Acho que são coisas muito diferentes. O funk geralmente é depreciativo com mulheres principalmente. Já o arrocha fala de amor.
Concordo com a comparação, morei no rio e era obrigado a ouvir funk nos meios de transportes ou pela vizinhança, eles prezam pelo prazer de incomodar, acham que todos devem escutar a mesma coisa que eles, incluiria nisso algumas igrejas evangélicas. Para mim que viveu os dois lados a falta de educação é predominante.
Talvez eu concorde com o fato de ter se espalhado a partir das classes inferiores. No mais, acho que o funk tornou-se um movimento muito mais abrangente que o arrocha, uma vez que este último serve apenas como diversão para a maioria das pessoas. Já o funk trata de vários temas.
São ritmos diferentes, porém atingem uma classe social bem parecida.
Ruim. Arrocha é gênero romântico
Muito diferente... o funk surgiu em um movimento diferente! Os pobres e excluídos usaram esse ritmo como forma de comunicação e de desabafo tb. Seja o funk ostentação ou o funk mais "vulgar" são formas de romper com um padrão social de que o pobre não pode ter coisas de marca e a mulher tem que ser submissa ao homem, inclusive sexualmente. Ainda não parei para analisar melhor esse movimento do arrocha, mas a Patrícia Polayne diz que é um movimento social/musical válido esse daqui a alguns anos isso vai ser cultura. Vamos esperar para ver
Não sabia sobre a história do arrocha, mas a comparação fez sentido para mim.
Achando inválido, uma vez que o texto relata exatamente quem o maior público-alvo do ritmo, assim como o início do funk.

Semelhança de dança ritmo
nada a ver. por que [o arrocha fala de coisas lindas de amor paixao] nada contra o funk nao todas mais a maioria das letras de funk e so palavrao imoralidade que tem certas ocasioes. que agente fisa com vergonha.
É pertinente, uma vez que os dois ritmos não tem nada de belo
Acho válido, pode ser que se torne a mesma coisa.
Típica de pessoas que se dizem intelectuais. Distinguir os ritmos por causa de classe social ou dizer que arrocha não é cultura é preconceito!
Concordo que ambos são ritmos populares, que ambos sofrem "preconceitos", assim como outros estilos musicais, axé, pagode, rock e etc... Esqueceram de citar que ambos os ritmos exploram a sexualidade em sua dança, ambos se autorreferenciam como de classe baixa, e se autodiscriminam. Por exemplo no arrocha é comum músicas como "O corno diferente" (Balbeboy do arrocha); "Dor de corno" (central do arrocha).
Apropriada
Talvez pelo fato de os dois terem sido apreciados inicialmente pelas periferias tem isso em comum. Mas sao estilos bem distintos! Que transmitem mensagens bem diferentes!
Sem sentido
São totalmente diferentes, porém, ambos conquistaram a mídia nacional
Penso que não seja pertinente essa comparação. Já que o Funk foi sim por motivos sociais e criticas a diferença de classes. Já o Arrocha na minha concepção não seja tão impactante pelo lado de classes e criticas as diferenças delas, mas sim um ritmo pra apaixonados e adeptos ao espirito de boa convivência.
o fank nao tem sentido o arocha e tudo
Não tem nada haver.

Existe preconceito contra o arrocha? Se sim, de que forma isso aparece?
Sim. É tratado como um ritmo "inferior", não é de aceitação geral e sempre tem quem argumente que não é um tipo de cultura.
Sim! Especialmente pela associação ao público, considerado "inferior", "menos culto", por diferirem do padrão estipulado pelas classes de nível econômico mais elevado. Há uma relação direta com o que se ouve, por exemplo, uma pessoa que ouve Chico Buarque já está "culturalmente" em vantagem se comparada a quem ouve funk ou arrocha, embora todos eles façam parte da nossa cultura.
Sim. Como mencionado no texto, é tido como algo baixo, de pessoas sem cultura, e os lugares que são destinados à shows de arrocha são, muitas vezes, associado à marginalidade.
Sim, os críticos e intelectuais consideram o estilo musical pobre de criatividade;
Eu acho que não
Deve existir, assim como em qualquer coisq. Pelo pouco que sei, existe o preconceito porque associam o arrocha às classes menos favorecidas.
Sim. Presume-se que quem aprecia esse estilo musical tem algum problema grave, seja de ordem social, psicológica, cognitiva, entre outras. Já eu acredito que mau gosto qualquer um pode ter, por mais "normal" que seja.
Sim. Creio que o ambiente de origem do ritmo faz com que muitas pessoas designem o ritmo como pertencente a uma determinada classe, dificultando sua dinamização e

fazendo com que pessoas ditas "cultas" não se permitam conhecer o ritmo.
Sim. Quando associam o ritmo às classes menos favorecidas, como se estas não tivessem bom gosto e que os ritmos a serem valorizados são os elitizados e chamados cults.
Se existe, apenas com relação ao público que chama em lugares de periculosidade como disse anteriormente. Apenas
sim, apesar de q hj muitas pessoas de classe econômica considerada boa estão à curtir esse ritmo, mas o preconceito existe, talvez pela sua origem, nas periferias baianas
Sim... Dizem que só quem escuta é quem sofre de amor...
Claro. Arrocha é coisa de empregada doméstica e pedreiro. Arrocha é coisa de puta que vai pros "bar" se "esfrefar" "nozomi" casado. Ouço isso sempre, fora outras inúmeras piadinhas sobre o arrocha, e quando digo que gosto todos parece se espantar, ou achar que to 'tirando onda'
sim, pessoas mais idosas nao gostam da "sofrença" e odeiam fenômenos como pablo
Talvez, entretanto, não chega até mim, pois, todo meu círculo de amizade tem o mesmo gosto, e ouvir arrocha é estar atualizado.
Sim, na verdade existe um preconceito contra a maioria dos movimentos oriundos de classes econômicas baixas, e com o arrocha não é diferente. Algumas letras de arrocha podem ter o mesmo conteúdo que algumas letras de Caetano Veloso, Chico Buarque, Marisa Monte e etc, mas no momento a maioria das pessoas que conheço julgam o arrocha como um ritmo baixo, de "Baixa qualidade" e pobre musicalmente.
As pessoas riem de quem curte esse ritmo
Sim , na correlação a pobreza
quem nao gosta
Existe. O público de um show de arrocha msm que contendo outras bandas q possuem outros ritmos é de uma galera mais classe baixa. Tem gnt de outras classes tbm, mas a maioria é baixa. Assim cm pagode, arrocha chama o povão.
existe um conceito, é só andar pelas ruas para notar que a música é espalhada de forma desordenada e gritante a quem quer escutar e a quem não quer. Infelizmente esse conceito termina prejudicando quem gosta e escuta só pra si.
Sim. Embora tenha se popularizado, muitos ainda enxergam o arrocha como um estilo de música inferior aos demais.
não
dizem q é brega
Sim... qnd retratam esse ritmo como música de empregada ou pobre em geral
Acho que existe mais preconceito em relação a alguns lugares específicos em Aracaju que tocam arrocha e são frequentados por pessoas de diversas classes sociais, mas não em relação ao ritmo.
Sim. Em forma de piadas, ironizando o estilo.
Acho que não é preconceito é gosto, estilo musical
sim
tem gente que acha que o arrocha e musica de corno

Sim. Quem gosta de arrocha geralmente não tem acesso a estilos musicais como MPB, música erudita, rock progressivo, dentro outros.
Não.
Existe, bastante! Muitas pessoas, como o próprio Portal do Arrocha alegou, desmerecem o ritmo tão somente por não vir de um contexto histórico tão "politizado" como as músicas populares brasileiras (MPB) ou até mesmo a bossa nova. No entanto, ela tem representação social e isso a caracteriza como parte da cultura, ter preconceito frente ao ritmo é, em meu ponto de vista, boçalidade e desrespeito ao gosto musical do outro.
Existe. Como existe em outros estilos musicais. Acho que isso aparece mais quando aqueles que gostam obrigam os outros a ouvirem também, o que é de costume, eles colocam o som bem alto... mas se você falar mal estará sendo preconceituoso? Independente do ritmo creio que cada um ouve o que quer, mas não se pode obrigar alguém a ouvir o que não quer. E desde que não agrida o outro (como eu fiz eu uma questão anterior, desculpa) cada um tem o direito expressar sua opinião sobre algo.
Nao sei
Acredito que não. Existe pessoas que não gostam desse ritmo, da mesma maneira que não curte outros ritmos.
Não
Não vejo esse preconceito. Esta ai outra diferença com o Funk que sofre muito preconceito tanto pela dança quanto pelas letras.
so tem preçoçito quem nao sabe o que musica
Hoje não mais.